



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA**

**BRUNO MÁRCIO GOUVEIA**

**ESCRITOS E PRÁTICAS NA TRAJETÓRIA DO MÉDICO OCTÁVIO DE  
FREITAS NO RECIFE**

**RECIFE  
2017**

BRUNO MÁRCIO GOUVEIA

**ESCRITOS E PRÁTICAS NA TRAJETÓRIA DO MÉDICO OCTÁVIO DE FREITAS  
NO RECIFE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Cunha Miranda

RECIFE  
2017

Catálogo na fonte  
Bibliotecária: Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

G719e Gouveia, Bruno Márcio.  
Escritos e práticas na trajetória do médico Octávio de Freitas no Recife /  
Bruno Márcio Gouveia. – 2017.  
204 f. : il. ; 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Carlos Alberto Cunha Miranda.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2017.  
Inclui Referências e anexos.

1. História. 2. Freitas, Octávio de, 1871-1849. 3. Medicina – História. 4.  
Medicina – Biografia. I. Miranda, Carlos Alberto Cunha (Orientador). II.  
Título.

981 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-226)

BRUNO MÁRCIO GOUVEIA

**ESCRITOS E PRÁTICAS NA TRAJETÓRIA DO MÉDICO OCTÁVIO DE FREITAS  
NO RECIFE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em: 14/07/2017.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Pro. Dr. Carlos Alberto Cunha Miranda (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Flávio Weinstein Teixeira (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carolina Pinheiro Mendes Cahu (Examinador Externo)  
Secretária de Educação do Estado de PE

Dedico esta dissertação à minha mãe, por todo amor, suporte e dedicação ao longo de minha trajetória.

## **AGRADECIMENTOS**

A minha família pelos laços de amor construídos: minha mãe Miriam, minha avô Maria, minhas irmãs Danielle e Michelle, e meus sobrinhos Gabi, Samara, Bianca e Felipe.

Ao programa de Pós-graduação, seus funcionários, professores e alunos que permitiram a vivência de momentos muitos frutíferos nessa jornada.

Aos Professores Flávio Weinstein Teixeira e Carolina Pinheiro Mendes Cahu pela leitura atenta e contribuições para o aperfeiçoamento deste trabalho.

Ao meu orientador Carlos Alberto da Cunha Miranda pelo acolhimento e possibilidade de um aprendizado tão maravilhoso que é a história da saúde.

Aos amigos pelos bons momentos vivenciados nos intervalos entre uma escrita e outra. Em especial a Pollyana Cortez pelo incentivo quase diário à escrita da dissertação. Amanda Alves, Tatiana Queiroz e Priscila Malaquias por bons momentos vivenciados no cotidiano.

Aos colegas de trabalho da Biblioteca setorial do Centro de Biociências na UFPE. Em especial a minha coordenadora, Teresa Lucena, pelo apoio, e a bibliotecária e amiga Elaine Barroso.

Aos funcionários do Arquivo Público Estadual Jordão Eemereciano pela gentileza e acolhimento no atendimento ao pesquisador.

À Associação Médica de Pernambuco, em especial ao bibliotecário Nelson Júnior e a Presidente Helena carneiro Leão.

À biblioteca do Centro de Ciência da Saúde-UFPE, em especial aos funcionários do Setor da Coleção Especial, onde se localizava a maior parte dos documentos para a realização da minha pesquisa.

A todos que contribuíram, direta ou indiretamente para a realização deste projeto.

## RESUMO

Esta dissertação tem o objetivo de investigar a trajetória de Octávio de Freitas, médico piauiense radicado no Recife, enfatizando as nuances que o tornam uma figura emblemática da história da saúde pernambucana. A partir de sua vasta produção em textos escritos, é possível compreender os diversos fragmentos de sua trajetória profissional. Utiliza-se o conceito de campo operado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu para analisar quais foram as estratégias utilizadas para a inserção e os possíveis deslocamentos que realizou na prática da medicina experimental, campo em construção no Brasil dos finais do século XIX e início do XX. Para a execução da pesquisa é realizado o cruzamento de diversas fontes: autobiografias, biografias, periódicos, atas, ofícios e regulamentos de higiene. Com essas fontes o trabalho divide-se em três partes. O primeiro, “Nos fios da memória: o homem e o seu tempo”, tem como proposta ressaltar os fragmentos biográficos do respectivo médico. Apresenta elementos essenciais de sua trajetória e analisa as construções elaboradas em torno de sua figura pela sua autobiografia e pelos seus memorialistas. O segundo momento, “Octávio de Freitas e o contexto da ciência brasileira”, objetiva contextualizá-lo dentro da dinâmica da ciência brasileira no final do século XIX e início do XX, destacando sua atuação à frente do Instituto Pasteur de Pernambuco e da Liga Pernambucana Contra a Tuberculose. É abordado também, o processo de articulação percorrido para o funcionamento da Faculdade de Medicina de Recife. No Terceiro, “Recife: o saber médico de Octávio de Freitas em tempos de modernização urbana”, procura entender as relações construídas entre a medicina sanitária e higienista, e a modernização urbana no Recife nas primeiras décadas do início do século XX. Destaca-se sua atuação na Diretoria de Higiene e no combate à epidemia da Gripe Espanhola em 1918. A pesquisa indica que Octávio de Freitas, por meio de seus escritos e práticas, contribuiu para o processo de autonomização do campo da medicina científica no Brasil.

**Palavras-chave:** Freitas, Octávio de, 1871-1949. Medicina – História. Medicina – Biografia.

## ABSTRACT

This dissertation aims to investigate the Octávio de Freitas' trajectory, a doctor from Piauí and settled in Recife, emphasizing the nuances that make him an emblematic figure in the Health History of Pernambuco. From his writings, we were able to understand the several fragments of his professional path. We used the concept operated by the French sociologist Pierre Bourdieu to understand the strategies applied for the insertion and the possible displacements that he performed in the practice of experimental medicine, a new segment in Brazil the late 19th century and early 20th century. For our research, we analyzed the cross-referencing of several sources: autobiographies, biographies, periodicals, minutes, circular letters and hygiene regulations. With these sources we divided this work into three chapters. The first, "In the threads of memory: the man and his time", brings as proposal, evidence of biographical fragments from the doctor. Introduce essentials elements of his trajectory and analyzes the elaborated constructions around his figure by his autobiography and his memorialists. The second moment, "Octávio de Freitas and the context of Brazilian Science", highlights his performance in front of the Instituto Pasteur de Pernambuco [Pasteur Institute of Pernambuco] and the Liga Pernambucana contra a Tuberculose [Pernambuco's League against Tuberculosis]; contextualizing it within the dynamics of Brazilian science in the late 19th century and early 20th century. Here, is also discussed the articulation process for the operation of the Faculdade de Medicina do Recife [Recife's Medical College]. In the third, "Recife: Octávio de Freitas' medical knowledge in times of urban modernization", seeks to understand the relationships built between sanitary and hygienist medicine, as well as the urban modernization in Recife in the first decades of the early 20th century. Noteworthy his performance in front of the Health Board and combating the epidemic of Spanish flu in 1918. The research indicates that Octávio de Freitas, by means of his writings and practices, contributed to the empowerment process of the scientific medicine in Brazil.

**Keywords:** Freitas, Octávio de, 1871-1949. Medicine - History. Medicine – Biography.

## LISTA DE FIGURAS

|  |     |
|--|-----|
| <b>Figura 1</b> – Frequência anual do Dispensário Octávio de Freitas (1904-1908).....                | 114 |
| <b>Figura 2</b> - Igreja do corpo Santo, 1913.....   | 132 |
| <b>Figura 3</b> - Travessa do Corpo Santo,1913.....  | 132 |
| <b>Figura 4</b> - Arco da conceição, 1905.....   | 133 |
| <b>Figura 5</b> - Drainage Company – Estação das cinco pontas - Matriz de São José – Pernambuco..... | 143 |

## LISTA DE QUADROS

|  |     |
|--|-----|
| <b>Quadro 1</b> – Principais eventos na história da Saúde durante a transição para o século XX.....                          | 79  |
| <b>Quadro 2</b> – Relações dos professores e cadeiras da futura Faculdade de Medicina do Recife.....                         | 97  |
| <b>Quadro 3</b> – Reorganização do quadro docente dos professores catedráticos da Faculdade de Medicina do Recife.....       | 99  |
| <b>Quadro 4</b> - Contribuições das Ligas estaduais brasileiras para o Terceiro Congresso Médico Latino-americano, 1907..... | 108 |
| <b>Quadro 5</b> - Primeira Diretoria da Liga pernambucana Contra a Tuberculose.....  | 111 |
| <b>Quadro 6</b> - Relação da segunda diretoria da Liga Pernambucana Contra a Tuberculose.....                                | 112 |
| <b>Quadro 7</b> - Questionário do Dispensário da Tuberculose.....  | 112 |
| <b>Quadro 8</b> – Divisão dos distritos sanitários no Recife.....  | 140 |

## LISTA DE TABELAS

|  |     |
|--|-----|
| <b>Tabela 1</b> – Arejamento das casas dos pacientes atendidos pelo Dispensário da Tuberculose (1904-1908).....      | 115 |
| <b>Tabela 2</b> – Abastecimento de água das residências dos pacientes atendidos pelo Dispensário da Tuberculose..... | 115 |
| <b>Tabela 3</b> – Atuação das delegacias de saúde no Recife em 1918.....   | 148 |
| <b>Tabela 4</b> - Mortalidade diária pela gripe no Recife em 1918.....   | 170 |

## SUMÁRIO

|              |   |            |
|--------------|---|------------|
| <b>1</b>     | <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>13</b>  |
| <b>2</b>     | <b>NOS FIOS DA MEMÓRIA: O HOMEM E O SEU TEMPO.....</b>  | <b>23</b>  |
| 2.1          | DA INFÂNCIA AO RIO DE JANEIRO.....  | 26         |
| 2.2          | A FORMAÇÃO ACADÊMICA .....  | 30         |
| 2.3          | A TRAJETÓRIA MÉDICA.....  | 37         |
| <b>2.3.1</b> | <b>A introdução na vida profissional.....</b>   | <b>38</b>  |
| <b>2.3.2</b> | <b>A construção da carreira pública.....</b>  | <b>41</b>  |
| <b>2.3.3</b> | <b>A sociedade de Medicina de Pernambuco.....</b>   | <b>57</b>  |
| <b>2.3.4</b> | <b>Traços eugenistas.....</b>   | <b>60</b>  |
| 2.4          | O CRONISTA.....   | 65         |
| <b>3</b>     | <b>OCTÁVIO DE FREITAS E O CENÁRIO DA CIÊNCIA BRASILEIRA.....</b>                              | <b>74</b>  |
| 3.1          | O DEBATE HISTOIOGRÁFICO SOBRE A HISTÓRIA DA CIÊNCIA NO BRASIL<br>.....                        | 74         |
| 3.2          | A CONSTRUÇÃO DO CAMPO MÉDICO NO RECIFE.....   | 84         |
| <b>3.2.1</b> | <b>A medicina <i>versus</i> outras práticas de cura.....</b>                                  | <b>85</b>  |
| <b>3.2.2</b> | <b>A fundação da Faculdade de Medicina do Recife.....</b>                                     | <b>92</b>  |
| 3.3          | PRÁTICAS INSTITUCIONAIS DA MEDICINA EXPERIMENTAL.....   | 103        |
| <b>3.3.1</b> | <b>O Instituto Pasteur de Pernambuco.....</b>   | <b>103</b> |
| <b>3.3.2</b> | <b>A Liga Pernambucana Contra a Tuberculose.....</b>  | <b>105</b> |
| <b>4</b>     | <b>RECIFE: O SABER MÉDICO DE OCTÁVIO DE FREITAS EM TEMPOS DE<br/>MODERNIZAÇÃO URBANA.....</b> | <b>126</b> |
| 4.1          | AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS NO RECIFE.....  | 126        |

|     |  |            |
|-----|--|------------|
| 4.2 | A CIDADE INSALUBRE: A REORGANIZAÇÃO DA DIRETORIA DE HIGIENE NA GESTÃO DE OCTÁVIO DE FREITAS..... | 145        |
| 4.3 | A EPIDEMIA DA GRIPE ESPANHOLA EM 1918.....   | 157        |
| 5   | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>177</b> |
|     | <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>179</b> |
|     | <b>ANEXO A – OCTÁVIO DE FREITAS (1871-1949).....</b>   | <b>202</b> |
|     | <b>ANEXO B – MEMORIAL DA MEDICINA DE PERNAMBUCO.....</b>   | <b>203</b> |
|     | <b>ANEXO C – INSTITUTO PASTEUR NA RUA DO HOSPÍCIO .....</b>                                      | <b>204</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A partir da pesquisa sobre a modernidade no Recife, realizada durante a especialização em História e Jornalismo, na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), percebemos como o saber médico instrumentalizava as ações de cunho sanitárias implantadas na cidade durante o início do século XX. Diante disso, pudemos compreender que um dos principais personagens históricos que contribuíram para o desenvolvimento do saber médico no Estado de Pernambuco foi o médico Octávio de Freitas, com formação acadêmica realizada entre as Escolas de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro.

Ao ser despertado o interesse pelo respectivo médico tivemos contato com o livro de cunho memorialístico sobre sua trajetória. Essa obra teve origem a partir de uma cerimônia realizada no Centro Médico Octávio de Freitas, no ano de 1991, antiga Liga Pernambucana Contra a Tuberculose, onde foram inauguradas novas instalações com a implantação das clínicas de endoscopia digestiva, ultrassonografia, ecocardiografia e o serviço de eletroencefalografia. Nessa ocasião, com público composto por funcionários, médicos e convidados, todos puderam conhecer os novos espaços da instituição. Geraldo Távora, presidente do Centro Médico em 1991, pronunciou as seguintes palavras sobre o patrono da instituição:

Venha mestre. Entre professor Octávio de Freitas. A casa é sua. O senhor, com seu acendrado espírito público inovador, que todos exaltamos, a concebeu e, com pertinácia rompendo barreiras não exasperadas a construiu. Apoiado na obstinada determinação de deixar um marco de sua força criadora fundou a Liga Pernambucana Contra a Tuberculose e, por anos a fio, a dirigiu com zelo e redobrado carinho<sup>1</sup>.

Nesse mesmo discurso, Geraldo apontou os avanços da biotecnologia e das ciências médicas, que deram novas dimensões ao exercício da prática científica no mundo. Pontuou também as mudanças positivas para a vida em sociedade, que as novas tecnologias da comunicação e informação proporcionaram.

---

<sup>1</sup> TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas**: um homem à frente de seu tempo. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993. p. 333.

Essa homenagem a Freitas iria se contemplar com a publicação de uma obra, com diversos depoimentos, relatos e narrativas, escritas por diversas personalidades médicas, incluindo alguns de seus contemporâneos. Intitulada, *Octávio de Freitas: um homem à frente de seu tempo*, se constitui na verdade de uma homenagem da classe médica e científica, motivada pelo centenário da carreira profissional do respectivo médico. Entendemos que as comemorações e as homenagens, promovem em certo sentido a imortalidade de Octávio, que além de dar nome ao Centro Médico, também batiza o Hospital Octávio de Freitas, antigo Sanatório do Sancho, localizado no Bairro de Tejipió, na cidade do Recife.

Subtítulo da obra comemorativa, Octávio de Freitas é visto por seus memorialistas como “um homem à frente de seu tempo”. Nas palavras de um dos ex-diretores do Centro, Octávio de Freitas

Era um moderno, numa época em que a modernidade não fazia parte da linguagem corrente como hoje acontece. Somente a leitura atenta de sua obra será capaz de revelar, o quanto foi grande esse arauto da medicina de nossa terra. Nenhum médico, de sua geração, ligou-se tanto a vida do Recife neste meio século como Freitas<sup>2</sup>.

Para enfatizar a figura de um homem moderno, seus memorialistas fazem questão de ressaltar que o primeiro automóvel a circular no Recife, de que se tem notícia, era de propriedade de Octávio, no ano de 1907.

Constatamos que Freitas deixou um legado documental bastante extenso, por meio da publicação de vários livros nos quais diversos pesquisadores tanto da área de história como também das ciências da saúde, já se utilizaram para compreender os diversos fenômenos que envolviam seus objetos de pesquisa. Nosso objetivo aqui é investigar a trajetória de Octávio de Freitas no campo da saúde pública, buscando compreender as nuances que o transformaram numa figura emblemática na história da medicina pernambucana.

Ao realizarmos buscas nas principais livrarias constatamos que os livros de Freitas não tiveram edições recentes, com exceção da obra *História da Faculdade de*

---

<sup>2</sup> AGUIAR, Antônio Soares. Octávio de Freitas: um homem à frente do seu tempo. In: TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas: um homem à frente do seu tempo**. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993. p. 100.

*Medicina do Recife*, reeditado, em 2010, pela Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recorremos também ao site da Estante virtual<sup>3</sup>, no qual localizamos e adquirimos alguns livros de sua autoria.

Para este trabalho de dissertação, várias instituições foram pesquisadas. Reunimos livros, biografias, autobiografias, relatórios, jornais, legislações, atas e ofícios para compor a trajetória de Octávio de Freitas<sup>4</sup>. Em cada instituição visitada encontramos as especificidades dos acervos pertinentes à nossa investigação. A Biblioteca do Centro de Ciências da Saúde, na UFPE, foi onde localizamos a maior parte dos documentos necessários à execução da nossa pesquisa. O setor de coleção especial possui um acervo específico sobre Octávio de Freitas. Digitalizamos por cerca de vários meses os livros de sua autoria, biografias, autobiografias e relatórios.

Além disso, debruçamo-nos também sobre o Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE), no qual localizamos os códigos sanitários vigentes em Pernambuco no fim do século XIX e início do XX. Encontramos também ofícios referentes à atuação de Freitas quando exerceu, em 1918, o cargo de diretor de Higiene do Estado. Todos esses documentos foram igualmente digitalizados. Nessa direção, na Associação Médica de Pernambuco, encontramos os manuscritos das atas das sessões da instituição no período em que Octávio foi membro e presidente por várias vezes. Igualmente digitalizamos o respectivo material.

Na Fundação Joaquim Nabuco, alguns documentos já se encontravam em formato digital, em base de dados on-line. Por meio do site <http://villadigital.fundaj.gov.br/> tivemos acesso a fotografias e artigos sobre o Recife do início do século XX, com os quais pudemos compreender melhor as transformações urbanísticas que a cidade passou durante a virada para o século XX. No site da Biblioteca Nacional pesquisamos na base da Hemeroteca Digital, no seguinte endereço eletrônico <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>, o acervo de periódicos do período estudado. Os seguintes jornais recifenses foram consultados: *A Província*, *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Recife*, *O Pequeno* e *o Diário da Manhã*.

---

<sup>3</sup> A estante virtual é uma rede de sebos que se estende a todo Brasil, onde os usuários podem realizar compras on-line dos livros cadastrados pelos sebos. O acesso se dá pelo seguinte site: <https://www.estantevirtual.com.br/>.

<sup>4</sup> Optamos por atualizar a ortografia dos documentos investigados.

Além desses três periódicos, também utilizamos o Jornal *O Paiz*, publicado no Rio de Janeiro.

Paralelamente a esta pesquisa documental, realizamos o levantamento da bibliografia pertinente a nossa temática sobre a história da saúde e da doença, bem como sobre o Recife de fins do século XIX e início do XX.

Diante da documentação encontrada, deparamo-nos com o desafio de como narrar essa trajetória, diante da diversidade de atividades profissionais desenvolvidas por Octávio, dentre as quais podemos destacar: médico, higienista, sanitarista, demografista, cronista e professor. Escreveu livros, frutos de pesquisas médicas, obras que discutem o papel do médico na sociedade, história da medicina e também sobre aspectos culturais que permeiam a história de Pernambuco. Nosso protagonista parecia ter a necessidade, ou o desejo de descrever, narrar e fabricar memórias para a posterioridade.

Perante dessa diversificação de atividades e publicações é preciso esclarecermos que o nosso trabalho não tem a intenção de esgotar as análises sobre o respectivo médico. Procuramos selecionar, a partir dos vestígios do passado, elementos que consideramos importantes para narrar e analisar a trajetória de Octávio de Freitas, sob a perspectiva dos meandros em torno de sua contribuição e importância na história da medicina pernambucana. Desse modo, concordamos com Dosse ao afirmar que “sem dúvida, a ânsia de dar sentido, de refletir a heterogeneidade e a contingência de uma vida para criar uma unidade significativa e coerente traz em si boa dose de engodo e ilusão<sup>5</sup>”.

O livro *Minhas Memórias de Médico*<sup>6</sup> foi o ponto de partida para nos aprofundarmos. Por ser uma obra autobiográfica é preciso compreender que ela está carregada de estratégias discursivas, que tem como nuances as intenções do autobiografado ao narrar suas memórias.

A partir de meados da década de 1990, o gênero relacionado à escrita de si tem feito sucesso no ramo editorial brasileiro. Estamos falando de diários, correspondências, biografias e autobiografias. As influências dos temas ligados à vida

---

<sup>5</sup> DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma história de vida. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2009. p. 14.

<sup>6</sup> FREITAS, Octávio de. **Minhas memórias de médico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

privada, ao estudar a vida de homens e mulheres comuns, ressaltou a necessidade em se privilegiar as práticas da escrita de si enquanto documento histórico. Vários trabalhos têm surgido para discutir e problematizar questões relacionadas ao fazer biográfico e autobiográfico. François Dosse, Pierre Bourdieu, Ângela de Castro Gomes e Benito Bisso Schmidt,<sup>7</sup> são bons exemplos das pesquisas recentes nesse campo.

Nesse sentido, Benito Bisso nos coloca questões importantes para pensar sobre a escolha de escrever uma biografia histórica e compreender a relação entre indivíduo e sociedade: “Como escrever uma biografia evidenciando o seu caráter ao mesmo tempo social e particular. De que maneira dar conta do feixe de relações que determinam as características e ações de todo o indivíduo sem reduzi-lo a elas?”<sup>8</sup>.

Dessa forma, surgiram questões importantes. Quem é o autor que se apresenta na autobiografia? De onde ele veio? Como foi sua formação acadêmica? Como ingressou na área da medicina sanitária? Como construiu sua carreira pública? Quais são os deslocamentos que realizou dentro da prática higienista? Como ele se insere no contexto da ciência da época?

Sobre a prática autobiográfica Artieres aponta que “[...] a escolha e os acontecimentos determinam o sentido que queremos dar a nossas vidas”<sup>9</sup>. E é nesse sentido que a prática autobiográfica passa pelo processo de subjetivação. Partindo dessa prerrogativa, constatamos que Octávio de Freitas se utilizou de discursos que o projetassem como uma autoridade médica bem-sucedida na carreira pública, incluindo relatos de elogios que recebia na imprensa, homenagens e premiações decorrentes de sua atuação profissional. A produção de sua memória teve como protagonista o próprio Octávio, ou seja, ao longo de sua trajetória, com palavras e ações, ele criou marcos basilares para a construção e perpetuação de sua memória.

---

<sup>7</sup> As obras dos autores a quais nos referimos são: DOSSE, 2009. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Ferreira Marieta de Moraes (org.). **Usos e abusos de História oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191. GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004. SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

<sup>8</sup> BISSO, 2012, p. 197.

<sup>9</sup> ARTÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida/escrita da história. **Estudos históricos**, n. 21, 1998. p. 10.

Os respectivos marcos, repetidos sistematicamente, pautaram narrativas nas fontes escritas sobre o médico.

Partindo desse ponto de vista, os relatos autobiográficos se diferenciam do gênero ficcional, diante do compromisso em que teriam em ser aproximar o máximo possível da realidade narrada. Sobre essa questão Lejeune se utiliza do conceito de “pacto biográfico<sup>10</sup>”, na qual as narrativas autobiográficas estariam balizadas. O autobiografado deverá se fazer presente ao longo de sua narrativa, pontuando o momento de sua escrita e problematizando os diversos limites que permeiam a sua elaboração.

A escrita de si<sup>11</sup> se constitui de uma escrita do tempo, das experiências do homem no tempo. Desse modo, como essa escrita também é uma narrativa de acontecimentos no tempo, e o mesmo tem a característica de ser múltiplo e simultâneo, nossa pesquisa se debruça sobre as narrativas que foram elaboradas em diferentes tempos e espaços<sup>12</sup>. Partindo dessa premissa, compreendemos que o sujeito que se apresenta em sua autonarrativa não pode ser percebido como homogêneo ao longo de sua (re)construção memorialística.

A memória, a princípio parece ser individual, mas ela também é um fenômeno coletivo. Michel Pollak<sup>13</sup> indica os traços dessa relação: ao passo que no primeiro momento temos os acontecimentos vividos pessoalmente e em segundo plano os acontecimentos vividos por tabela, ou seja, aqueles acontecimentos experienciados pelo grupo ao qual o sujeito se sente como integrante.

Outra obra importante, para a composição de nossa pesquisa, foi o livro memorialístico, tendo em vista a importância para a nossa investigação em perceber as nuances que tornam Octávio de Freitas um personagem emblemático no campo

---

<sup>10</sup> LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

<sup>11</sup> Foucault aponta que a escrita de si não deve ser vista apenas como uma relação de introspecção, visto que nesse exercício da escrita existe a preocupação com outro, na medida em que “escrever é portanto se mostrar, se expor, fazer aparecer seu próprio olhar sobre o outro”. Ver: FOUCAULT, Michel. *A escrita de si*. In: \_\_\_\_\_. **Ética: sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e escritos V).

<sup>12</sup> Cf. BRANDIM, Ana Cristina Menezes de Souza. **Escrita de movimentos interiores**: escrita de si e construção de uma trajetória de intelectualidade e distinção em A. Tito Filho. (1971-1992). 2012. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

<sup>13</sup> POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

da saúde pública. Assim, perguntamo-nos quais são as contribuições para a cristalização de determinadas imagens que se buscaram associar ao nosso protagonista até hoje? Tanto os relatos autobiográficos como as narrativas memorialísticas sobre o sanitarista irão nos ajudar a compreender melhor o seu percurso.

Ao realizar a leitura de suas obras percebemos que várias delas possuem traços autobiográficos. Neste trabalho de dissertação teremos o conhecimento acerca não só da juventude de nosso personagem, por meio de suas angústias, ansiedades e alegrias, mas também teremos o conhecimento sobre o Octávio maduro e suas percepções sobre o mundo, ou seja, a medicina, a ciência, a cidade do Recife, e acima de tudo, as suas percepções sobre si mesmo. Dessa maneira, buscamos entender essa documentação como caminhos que indicam possibilidades de compreensão e interpretação de uma trajetória intelectual e profissional, considerando os seus projetos de ordem pessoal, político e profissional.

Aproximamo-nos do conceito de campo operado por Bourdieu. O sociólogo entende o campo de produção como um espaço de relações objetivas a partir das tomadas de decisões, de acordo com as posições hierárquicas que os respectivos componentes de um determinado campo ocupam nesse espaço<sup>14</sup>. Para nossa pesquisa, torna-se importante compreender como Octávio estava inserido dentro do campo científico e intelectual, que estava em construção, no Brasil do início do século XX. Dentro dessa prerrogativa, torna-se relevante para nossa investigação a questão da construção da autoridade científica, que nos permitirá refletir melhor sobre os deslocamentos realizados pelo higienista, ao longo de seu percurso profissional.

Os caminhos traçados por Nara Brito<sup>15</sup> foram semelhantes aos nossos. Mencionado isso, buscamos identificar a questão da legitimidade científica na

---

<sup>14</sup> Bourdieu opera com a noção de campo, seja ele artístico, literário, intelectual ou científico. Cf. BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

<sup>15</sup> A pesquisadora Nara Brito aponta que a legitimidade científica ficou ofuscada nos estudos sobre as relações entre a medicina e a sociedade no Brasil, do século XIX e início do XX. A maioria das pesquisas se pautaram em categorizar à medicina como poder disciplinar e os médicos como formuladores de instrumentos para organizar as populações urbanas, dentro das novas demandas oriundas das relações capitalistas vigentes. Cf. BRITO, Nara. **Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

trajetória de Octávio de Freitas e compreender os elementos que possibilitaram a construção de um personagem emblemático na história da medicina científica.

Nossa abordagem também se aproxima da história social, buscando entender a doença e as percepções sobre a saúde, como fenômenos socialmente construídos. A historiografia brasileira da saúde e das doenças vem se consolidando por meio de periódicos, pós-graduações, grupos de pesquisas e congressos. Os trabalhos de Sidney Shalhoub, Cláudio Bertolli Filho e João José Reis<sup>16</sup> contribuíram bastante para essa área do conhecimento, a partir de uma história social.

O programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde da Fiocruz, Casa de Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, tem contribuído bastante para a consolidação desse campo de pesquisa no país. A produção intensa de seus professores e alunos desvendam muitos capítulos ainda desconhecidos da nossa história da saúde e da medicina<sup>17</sup>.

A criação do Grupo de Trabalho Nacional de História da Saúde e das Doença, coordenado atualmente pela professora Dilene Raimundo Nascimento, tem congregado esforços para viabilizar o intercâmbio, entre as diversas práticas de pesquisa no país sobre essa temática, organizando e coordenando eventos anualmente<sup>18</sup>.

A historiografia pernambucana, por sua vez, também vem dando sua contribuição ao campo de estudo da História da Saúde e da Doença, principalmente por meio da orientação dos trabalhos de mestrado e doutorado pelo professor Carlos Alberto Cunha Miranda, no Programa de Pós-graduação em História da UFPE, vinculado a linha de pesquisa de *Relações de Poder, Sociedade e Ambiente* da qual nosso trabalho faz parte.

Tendo isso em vista, pesquisas recentes, que se aproximam de nossa temática, foram importantes para a execução de nosso estudo. Nesse sentido, os trabalhos

---

<sup>16</sup> Nos referimos aos seguintes trabalhos: CHALLOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. BERTOLLI FILHO, Cláudio. **A Gripe espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2003. REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

<sup>17</sup> Para conferir a produção acadêmica dos professores e as dissertações e teses do programa de Pós-graduação, acessar o seguinte site: <http://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/index.php/br/>.

<sup>18</sup> Para conferir os objetivos, participantes e as atividades organizadas pelo respectivo GT de História da Saúde e das Doenças acessar o seguinte site: <http://www.historiasaudeedoencas.com.br/>.

sobre a modernidade no Recife, de Antônio Paulo Rezende e Flávio Weinstein Teixeira<sup>19</sup>, elucidaram-nos sobre as prerrogativas de um desejo de modernidade que inebriava a cidade, em princípios do século XX. Os trabalhos de Noêmia M. Q. P. Luz e Frederico de Oliveira Toscano<sup>20</sup> também foram importantes ao abordar aspectos que envolveram as nuances do ideal de modernidade no período estudado.

Seguindo essa lógica, os estudos de Cátia Lubambo e Fernando Diniz Moreira,<sup>21</sup> ao enfatizar, respectivamente, a reforma do Porto e as intervenções modernizadoras na década de 1920, deram-nos suporte para a nossa investigação. Ainda em relação as mudanças urbanísticas, temos os estudos sobre o engenheiro Saturnino de Brito de André Luis Borges e Juliana Bandeira Burger<sup>22</sup>.

\*\*\*

Diante do acervo documental ao qual nos debruçamos, buscamos contar essa trajetória profissional em três partes. **Nos fios da memória: o homem e o seu tempo** tem como proposta ressaltar os fragmentos biográficos do respectivo médico. Apresentamos elementos essenciais de sua trajetória, constituindo como ponto de partida a autobiografia, *Minha Memórias de Médico*, analisada sob a ótica da construção e escrita de si. Buscamos também compreender as construções elaboradas em torno de sua figura pelos seus memorialistas.

---

<sup>19</sup> REZENDE, Antônio Paulo. **O Recife**: histórias de uma cidade. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002. TEIXEIRA, Flávio Weinstein. **As cidades enquanto palco da modernidade**: o Recife em princípios do século. 1994. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1994.

<sup>20</sup> Luz, Noêmia Maria Queiroz Pereira. **Os caminhos do olhar**: circulação, propaganda e humor, Recife (1880-1914). 2008. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. TOSCANO, Frederico de Oliveira. **À francesa**: sociabilidade e práticas alimentares no Recife (1900-1930). 2013. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

<sup>21</sup>LUBAMBO, Cátia Wanderley. **O bairro do Recife**: entre o corpo Santo e o Marco Zero. Recife: CEPE / Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1991. MOREIRA, Fernando Diniz. **A construção de uma cidade moderna**: Recife (1909-1926). 1994. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1994.

<sup>22</sup> LOPES, André Luís Borges. **Sanear, prevenir e embelezar**: o engenheiro Saturnino de Brito, o urbanismo sanitário e o novo projeto urbano do PRR para o Rio Grande do Sul (1908-1929). 2013. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. BURGER, Juliana Bandeira. **A paisagem nos planos de Saturnino de Brito**: entre Santos e Recife (1905-1917). 2008. (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

No segundo momento, **Octávio de Freitas e o contexto da Ciência Brasileira**, objetivamos contextualizar Freitas dentro da dinâmica da Ciência brasileira, no fim do século XIX e início do XX, abordamos sua atuação, inserção e contribuição no campo científico, em construção no país, com destaque para a fundação da Faculdade de Medicina do Recife. Analisamos suas atividades realizadas à frente do Instituto Pasteur de Pernambuco e da Liga Pernambucana Contra a Tuberculose. Instituições essas em que o respectivo médico imprimiu sua identidade profissional.

Na última parte, **O saber médico de Octávio de Freitas em tempos de modernização urbana**, procuramos entender as relações construídas entre a medicina sanitarista e higienista e a modernização urbana no Recife, nas primeiras décadas do início do século XX. Destacamos, em 1918, sua atuação na Diretoria de Higiene e no combate à epidemia da Gripe Espanhola.

Esperamos, com nossa pesquisa sobre Octávio de Freitas, contribuir para a historiografia da história da ciência, especialmente da história da medicina, ao narrar e analisar a trajetória de uma das personalidades mais importantes na construção do campo da medicina experimental em Pernambuco.

## 2 NOS FIOS DA MEMÓRIA: O HOMEM E O SEU TEMPO

Objetivamos neste capítulo refletir sobre os principais aspectos da trajetória do médico e sanitarista Octávio de Freitas. Procuramos entendê-lo como elemento constituinte do campo da medicina científica em construção no país. Temos como ponto de partida a sua autobiografia, compreendida em nossa perspectiva, como uma produção memorialística, relacionando-a aos relatos construídos pelos seus memorialistas e outras fontes arquivistas, que nos deram viabilidade para narrar, fabricar, fragmentar e organizar de forma textual a trajetória deste médico.

A partir da constatação do reconhecimento por médicos, cientistas e pesquisadores, Octávio de Freitas constrói sua narrativa autobiográfica, a partir de um relato linear, em que destaca à sociedade suas contribuições para o desenvolvimento da saúde pública em Pernambuco. Entretanto, o respectivo médico também pontua suas angústias e tristezas durante sua trajetória biográfica.

As narrativas da escrita de si, que aqui são investigadas, são compreendidas como resultado de construções sociais e da formação intelectual, política e cultural que permeiam a sua juventude e que, ao serem lembradas pelo Octávio amadurecido, ganham outras dimensões, mediante estratégias discursivas que pautam esse tipo de texto memorialístico.

Publicada em 1940, pela Companhia Editora Nacional, a autobiografia de Freitas é resultado de um questionário que Gilberto Freyre havia enviado a vários brasileiros que se destacaram na sua vida pública com mais de cinquenta anos, e compunham o cenário de intelectuais da Primeira República. Octávio nessa fase da vida ainda se mostrava preocupado com o campo da medicina, principalmente em relação às questões higienistas e sanitaristas de Pernambuco.

O prefácio da obra foi elaborado por Gilberto Freyre, um intelectual de destaque na época, e reflete a importância adquirida por Octávio não só em nível local, como também em nível nacional. Dessa maneira, Freyre elogia a atuação do respectivo médico diante da “defesa sanitária do Brasil e até do continente”<sup>23</sup>. O sociólogo

---

<sup>23</sup> FREITAS, 1940, p. 5.

destaca também a contribuição para a história da medicina com as publicações *Os nossos médicos e a nossa medicina* e a obra *Doenças africanas no Brasil*, que foi elaborada a pedido de Freyre para o Congresso Afro-Brasileiro de 1934.

Logo após o prefácio de Gilberto Freyre, Octávio escreveu também em algumas páginas o seu próprio prefácio, no qual ele aponta quantos fatos foram esquecidos<sup>24</sup> e/ou transfigurados devido aos anos que se sucederam. Tomando-se por base a leitura desse trecho inicial fica evidente a intenção do médico em construir a imagem de homem justo e bondoso, que por sinal permeia toda a sua autonarrativa, ao afirmar que: “eu não sei guardar ódio de ninguém e com isso vou conservando o meu fígado sem ingurgitamentos e o meu cérebro isento de paixões<sup>25</sup>”. Ainda nessas primeiras linhas busca deixar explícito que também cometeu injustiças, contudo, ele enfatiza que foram resultados de atos falhos que ele se desvinculou, logo ao perceber os equívocos que porventura houvesse cometido.

A escrita de si, ou a escrita auto-referencial, se constitui também de uma escrita daquilo que se pode selecionar a partir de experiências pessoais, parte da complexidade que é a subjetividade dos sujeitos históricos. Ao colocar em palavras suas memórias, o indivíduo projeta imagens<sup>26</sup> e desejos, mas ao mesmo tempo, oculta de forma intencional ou não, lembranças que não estão em sintonia com os traços em que busca delinear sobre sua personalidade ou, ainda, em desalinho com aquilo que ele supostamente tenha se tornado.

Para Paul Ricoeur<sup>27</sup> a lembrança torna presentes as coisas ausentes do passado, todavia, o historiador não tem acesso ao passado como realmente foi em sua totalidade, mas a partir de representações que se figuram entre o “passado ausente e sua imagem presente”<sup>28</sup> que o permitem elaborar construções sobre o passado.

---

<sup>24</sup> Nietzsche aponta o esquecimento não como uma atividade meramente passiva, pelo contrário, considera-o como uma força ativa primordial. Ver: NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

<sup>25</sup> FREITAS, 1940, p. 13.

<sup>26</sup> Segundo Eclea Bosi “a lembrança seria a sobrevivência do passado conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens-lembranças”. Ver: BOSI, Eclea. **Memória e sociedade**: lembranças de velho. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 5

<sup>27</sup> RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. trad. Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

<sup>28</sup> LORIGA, Sabrina. A tarefa do historiador. In: GOMES, Ângela de Castro Gomes; SCHIMDT, Benito Bisso (orgs). **Memórias e narrativas autobiográficas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 24.

É crucial perceber como Octávio de Freitas se utiliza da escrita de si para se construir como o sujeito narrador de sua trajetória, objetivando empreender um relato hipoteticamente verdadeiro. O higienista descreve sua trajetória de médico diante do lugar social a que se vincula, por meio de suas memórias, silenciamentos e escolhas, e pretende dessa forma imortalizar justamente aquilo que ele almeja ser lembrado. Dessa maneira, ele empreende a fabricação de um lugar de autoridade ao discorrer sobre suas memórias.

A memória cria base para novas experiências, assim como funciona como um suporte para a emoção e se constitui de um elemento essencial para a criação de um sentimento de identidade, seja no sentido micro da individualidade, seja no sentido macro da coletividade. A memória, portanto, não é fixa, ela é alterada e ressignificada ao decorrer do processo histórico, constituindo a representação de nós mesmo e da coletividade como algo datado historicamente.

As memórias também são povoadas por sujeitos, personagens, que, assim como os acontecimentos por tabela<sup>29</sup>, existem personagens nessa mesma diretriz e se tornam praticamente conhecidos para o indivíduo, mas com que ele não teve relação direta ou até mesmo que estão fora da experiência espacial e temporal dos sujeitos. Outra prerrogativa importante da memória é aquilo que poderíamos chamar de *lugares de memória*, lugares atrelados a uma lembrança pessoal, mas que também pode não se ligar ao tempo cronológico. São lugares que ainda permanecem presentes na memória independentemente da data que aconteceu. Existem também os lugares de apoio da memória, que se dão na vida pública. São lugares de comemoração, que estão relacionados às experiências que a pessoa realmente vivenciou ou ainda experienciou por tabela.

Ao considerarmos as intenções e as escolhas na escrita de si, observamos a inviabilidade da elaboração de uma memória completa. De acordo com Bourdieu<sup>30</sup>, para se analisar uma trajetória biográfica é necessário perceber as relações objetivas construídas por esse indivíduo e outros agentes dentro de um campo específico. O sociólogo entende essa condição prévia como parte importante para o que ele denomina de “superfície social”, na qual se levam em conta as diferentes posições

---

<sup>29</sup> POLLAK, 1992.

<sup>30</sup> BOURDIEU, 2006, p. 190.

ocupadas simultaneamente por um indivíduo e que funciona como base para atuação em outros campos.

Ao narrar suas memórias, Octávio optou por fazê-la em 53 curtos capítulos, por meio da sucessão cronológica dos acontecimentos, que na sua concepção são partes importantes para o conhecimento de sua trajetória biográfica e profissional. Os respectivos capítulos não possuem títulos e ele relata desde suas memórias de infância, passando pela sua formação acadêmica, até a construção de sua carreira no campo da medicina, destacando sua atuação na esfera da saúde pública em Pernambuco. Concordamos com Benjamin ao afirmar que as narrativas sobre o passado não apresentam a reconstrução do passado como realmente foi, mas sim “significa apropriar-se das reminiscências, tal como ela relampeja num momento de perigo”<sup>31</sup>.

## 2.1 DA INFÂNCIA AO RIO DE JANEIRO

Octávio inicia seu relato memorialístico a partir de suas lembranças da infância. O sanitarista não era natural de Pernambuco e nasceu em Terezina a 24 de janeiro de 1871. Era filho de José Manoel de Freitas, que exercia a função de magistrado e também de político<sup>32</sup>, propiciando dessa forma o deslocamento da família Freitas pela região Norte e Nordeste. Com poucos meses de nascido, a sua família se mudou para o Maranhão, residindo na Vila do Rosário, Cidade de Caxias. Com a ascensão do Partido liberal, o seu pai que já havia sido presidente da província do Piauí, teve que regressar à capital Terezina, junto com sua família para concorrer como deputado da Assembleia Geral.

---

<sup>31</sup> BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica: arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1. p. 224.

<sup>32</sup> Exerceu o cargo de presidente da Província de Pernambuco entre 1883 e 1884. Cf. Senhores membros da Assembleia Legislativa da Província, p. 3. In: Falla com o exm, sr. presidente, desembargador José Manoel de Freitas, abriu a sessão da Assembleia Legislativa Provincial de Pernambuco no dia 1 de março de 1884. Recife, Typ. De Manoel Figueira de Faria 7 Filhos, 1884. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/701/>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

Da sua infância no Piauí ele se recorda das suas primeiras lições educativas<sup>33</sup>. Suas primeiras impressões são negativas devido a um professor que se utilizava da palmatória como punição para os alunos que não haviam feito ou estudado a lição. Outro professor em sua infância lhe causou melhor impressão, era o escravo de seu pai, chamado Antônio, que, além de não se utilizar da palmatória como punição, dava-lhe doces como estímulo aos estudos, ao fim de cada lição.

Com a dissolução da Câmara dos Deputados, a família de Octávio teve que regressar para São Luiz. Parte dessa viagem foi feita a cavalo e a outra parte num vapor fluvial. Ele se recorda de um senhor chamado Gabriel Luiz Ferreira que tinha o desejo de estudar o curso de Direito no Recife. Esse jovem dizia saber prever o destino a partir da leitura das mãos das pessoas. Vários passageiros que estavam a bordo quiseram então saber os seus respectivos destinos, inclusive Freitas, que ouviu “a sua vida é curta, menino: você não chegará aos quinze anos”<sup>34</sup>. Certamente esse leitor de futuros falhou em sua previsão.

Em São Luiz a família Freitas foi morar num casarão que ficava próximo a uma quitanda que inebriava a casa com o cheiro de peixe frito. Durante o período carnavalesco Octávio relembra que cabacinhas d’água coloridas entravam pelas janelas quebradas da casa, danificando muitas vezes os móveis da residência. Ele costumava comer os doces das pretas quitandeiras que passavam nas ruas próximas à sua casa vendendo seus quitutes com tabuleiros em cima da cabeça<sup>35</sup>.

Em relação a sua formação inicial, ainda na sua infância no Maranhão começou a estudar em colégios, porém, por problemas de adaptação, como em relação ao Colégio do Sr. José Augusto Correia, em que utilizavam a palmatória e variados castigos para punição, o seu pai decidiu que a educação do filho deveria ser feita de forma domiciliar com respectivos professores que lhe ensinaram matemática, português, ciências e latim<sup>36</sup>. Seu pai também achou necessário que o filho aprendesse algum ofício, caso futuramente necessitasse utilizá-lo para trabalhar.

---

<sup>33</sup> FREITAS, 1940.

<sup>34</sup> Ibid., p. 26.

<sup>35</sup> Ibid.

<sup>36</sup> Nesse período o aluno poderia cursar o chamado curso secundário com um professor de sua preferência sem ter que obrigatoriamente se vincular a uma instituição de ensino, todavia, os exames só poderiam ser realizados nos cursos anexos onde tivesse ensino superior ou por meio de bancas examinadoras nomeadas pelo governo imperial.

Dessa forma, o filho foi estudar tipografia na empresa *O Paíz*, que se constituía de um jornal de destaque na época.

A respectiva família chegou ao Recife em 1880, Octávio tinha, portanto, nove anos de idade indo morar na Rua do Sebo, que recebeu posteriormente o nome de Barão de São Borja. Eles moravam numa casa com a fachada em azulejo e um terreno com variados pés de frutas e que dava para uma campina do lado da Avenida Manoel Borba, onde as crianças costumavam brincar e se divertir. Ao contar sobre suas primeiras memórias na cidade do Recife, relembra que

Guardo também viva a lembrança dos bondezinhas puxados a burros, uns burricos muito magros, munidos de uns guizos que produziam um zunido especial e característico. Estivéssemos onde estivéssemos, nos nossos primeiros dias de Recife, logo que ouvíssemos o barulho dos guizos, vínhamos todos correndo para a janela ou para o portão ver as lindas carruagens passarem pela frente de nossa casa<sup>37</sup>.

Nesse mesmo ano, em dezembro, a família de Freitas foi veranejar numa casa de praia em Olinda, próximo à Praia dos Milagres. Ele recorda com alegria dessa temporada regada a banhos de mar e noites alegradas por rodas de música e poesias. “Chupava-se cajus; bebia-se água de côco; comia-se mel de engenho. Tudo deliciosos”<sup>38</sup>. Ao narrar sobre suas memórias da infância fica evidente o sentimento de saudade que envolve essas memórias.

Em Recife recebeu o preparatório das disciplinas que faltavam e teve mais uma vez professores em sua residência para instruí-lo. No ano de 1885, terminado os preparatórios, ele prestou os seus exames no Colégio de Artes, anexo à Faculdade de Direito do Recife. Entusiasmado com a vontade de entrar no curso de medicina, o futuro médico mandou imprimir na Livraria e Papelaria indústria vários cartões que tinham a seguinte inscrição, “acadêmico de medicina”, entretanto, ao pegar os cartões, nem chegou a distribuí-los, por refletir melhor e achar pedante tal comportamento<sup>39</sup>.

---

<sup>37</sup> FREITAS, 1940, p. 29.

<sup>38</sup> Ibid., p. 31.

<sup>39</sup> Ibid., p. 39.

Aos 14 anos, completando o ensino secundário, o jovem não seguiu logo de imediato para a Faculdade de Medicina. Ingressou no curso de Medicina na Bahia no ano de 1886, entretanto, permaneceu naquela instituição por apenas um ano e se transferiu no ano seguinte para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

As matérias que ele estudou no primeiro ano de medicina na Bahia foram: física, química mineral e orgânica, mineralogia, botânica e zoologia. Reprovado na disciplina de física, o jovem estudante se sentiu injustiçado, visto que essa foi a matéria, segundo ele, que mais havia estudado. Esta situação foi decisiva para que ele decidisse ir cursar medicina no Rio de Janeiro. O apoio de seu pai também o influenciou a tomar essa decisão após a leitura da seguinte carta que lhe enviou:

Todos lhe fazem justiça. Estude e caminhe para frente. Não se lembre mais que aí existe um homem que lhe fez injustiça. Force-o mais tarde, a ser justo com o exemplo e perseverança. Dou-lhe plena liberdade de ficar aí na Bahia ou de seguir para o Rio de Janeiro: já ou quando quiser<sup>40</sup>.

O senso de justiça que perpassa todo o relato autobiográfico de Octávio, também se faz presente na narrativa de seus memorialistas, que o definem como homem justo e prudente, tanto na vida pública como na vida privada. É dentro dessa ótica, que se torna perceptível que essa prerrogativa da personalidade do biografado seria postura herdada da sua família. Dessa maneira, Theofilo José de Freitas, ao abordar sobre Octávio de Freitas na família, ressalta justamente os atributos de seu pai ao afirmar que José Manoel de Freitas, Pai de Octávio, “Homem austero, honrado, de elevado senso de justiça, foi o primeiro a insurgir-se contra a pena de açoite aos escravos por considerá-la infamante”<sup>41</sup>. Já as qualidades consideradas como herdadas de sua mãe seriam a “moderação, serenidade e reflexão”<sup>42</sup>.

Essa passagem da formação inicial e outros trechos em que ele narra os percalços durante sua trajetória nos permitem a aproximação com o conceito de “ilusão biográfica<sup>43</sup>”, criado pelo sociólogo Pierre Bourdieu, na medida em que

---

<sup>40</sup> FREITAS, 1940, p. 45.

<sup>41</sup> FREITAS NETO, José Theofilo de. Octávio de Freitas na família. IN: TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas: um homem à frente de seu tempo**. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993. p. 317.

<sup>42</sup> Ibid., p. 317.

<sup>43</sup> BOURDIEU, 2006.

geralmente costuma-se entender as trajetórias biográficas como um percurso linear e unidirecional, desconsiderando os imprevistos que podem redirecionar as trajetórias dos indivíduos.

A ideia de que o relato autobiográfico é construído a partir uma lógica coerente sobre um desenvolvimento necessário é enganosa, na perspectiva de que essa construção narrativa é intencional e varia segundo a posição e a trajetória dos indivíduos. São selecionados fatos de sua vida em que se elaboram conexões que vão dar sentido aos acontecimentos, diante da noção de que esses fragmentos do passado se referem a uma intenção mais global que o autobiografado deseja construir sobre si<sup>44</sup>.

## 2.2 A FORMAÇÃO ACADÊMICA

O jovem estudante seguiu para o Rio de Janeiro para cursar medicina, morando na Travessa do Desterro, na Lapa, em uma república na qual teve como um dos colegas o Nina Rodrigues<sup>45</sup>. Fazia o percurso a pé de sua moradia até a Faculdade de Medicina, dispensando o bonde Lapa-Riachuelo-Praça Onze de Junho, que custava cem reais. Com essa economia diária ele preferia comprar o jornal o *Paíz* e com o restante do dinheiro, tomava café na Rua do Ouvidor, em que tinha predileção pelo Café do Rio ou Café de Londres<sup>46</sup>.

Era comum nesse período os pais, geralmente de famílias com mais condições financeiras, mandarem seus filhos para estudar em cidades maiores, como era o caso da Faculdade de Direito do Recife ou a Faculdade de Medicina da Bahia. Ao irem morar sozinhos ou em pensões, esses jovens viviam experiências impactantes em sua juventude, criavam laços de amizade e se adaptavam a rotinas de estudo, vivenciando os primeiros contatos com a futura vida profissional.

---

<sup>44</sup> BOURDIEU, 2006.

<sup>45</sup> Nina Rodrigues (1862-1906) tornou-se professor da Faculdade de Medicina da Bahia. Alcançou destaque no campo da medicina legal e da antropologia criminal influenciado pelas teorias raciais. Formou vários discípulos ficando conhecido como a “Escola de Nina Rodrigues”. Cf. SCHWARCZ, Lila Moritz. As faculdades de medicina ou como sanar um país doente. In: \_\_\_\_\_. **O espetáculo das raças: instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 247-312.

<sup>46</sup> FREITAS, 1940.

O Futuro médico teve que regressar ao Recife em outubro de 1887, devido à gravidade de estado de saúde de seu pai, que veio a falecer. Voltando ao Rio de Janeiro, hospedou-se temporariamente numa pensão localizada no Largo da Lapa, onde passou curta temporada, mudando-se para a casa de um amigo de seu pai, o dr. Fábio Bayma, na Rua do Riachuelo. Obteve também ajuda de outro amigo da família, com os livros que lhe deu o farmacêutico Eugênio Marques de Holanda.

Ao entrar pela primeira vez no anfiteatro de anatomia, Octávio teve um estranhamento, visto que no primeiro ano de medicina ele tinha cursado disciplinas que versavam sobre a vida. O que o chamou mais a atenção foi o letreiro em um dos portões "*Nosce te ipsum*", (conhece-te a ti mesmo). A prática da anatomia causava um certo desconforto para ele, ao contrário de outros colegas, que segundo Freitas realizavam tal prática de forma bem aficionada.

O seu relato autobiográfico é permeado por várias menções ao contexto histórico do país. O higienista rememora que participou de várias passeatas e depois dos festejos em relação ao processo abolicionista, como representante eleito dos estudantes do segundo ano do seu curso de medicina no Rio de Janeiro. Os festejos duraram vários dias que se seguiram após a assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, pela Princesa Isabel, que abolia oficialmente o regime escravista do país. Compreendemos que nosso personagem busca em suas narrativas fabricar uma personalidade vinculada às questões decisórias consolidadas como corretas.

Nesse mesmo ano de 1888, Octávio regressou ao Recife para desfrutar de suas férias acadêmicas, fundando um jornal quinzenal intitulado *JAV*,<sup>47</sup> que tinha esse nome devido à junção das iniciais das letras do seu nome com o seu irmão Victor e um amigo chamado Astrolábio. Foi a partir dessas experiências que ele afirma ter percebido seu gosto pela comunicação jornalística.

Alguns textos de cunho autobiográfico são permeados por um sentimento de nostalgia em relação ao seu tempo de jovem estudante, ao relembrar que

Em março de 1890 desempenhamos todos nós o alto e importante papel de internos do hospital de São João Batista, de Niterói, título por demais longo e

---

<sup>47</sup> ABATH, Guilherme Montenegro. José Octávio de Freitas e a universidade. IN: TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas**: um homem à frente do seu tempo. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993.

correndo parselhas com a distância enorme que separava da Faculdade de Medicina...

É verdade que nós tínhamos ali casa (uns quartitos muito bem arrumadinhos, onde nada nos faltava) e comida.

Ah! Como eram gostosos os acepipes, todos principalmente os bifes amanteigados com que o seu Barreto, o musculento cozinheiro, nos brindava com uma precisão matemática, às oito horas menos dez minutos<sup>48</sup>.

Para Octávio o seu terceiro ano na Faculdade foi difícil devido às dificuldades relativas às disciplinas cursadas que necessitavam de um empenho maior para sua devida aprovação, todavia, o jovem estudante obteve êxito em todas as disciplinas nos exames finais. Não obstante, em suas crônicas sobre a vida estudantil ele narra também dificuldades durante a sua formação acadêmica, escrevendo de forma descontraída sobre os percalços do aprendizado na medicina, descrevendo em um dos seus textos que

O primeiro ano Calouros que nós éramos (aguentamos o diabo...). O Pizarro com sua carranca dura não tinha dó de nos ensinar uma botânica e uma zoologia com os mais arrevesados e difíceis termos, somente para ter, o gosto de dizer lá fora que nós nada havíamos compreendido...

O Ferreira dos Santos era mais humano com as suas multiplicadas reações químicas e o Martins Teixeira suavizava tudo com suas belíssimas preleções de física. Atarracadinho (gordo) muito maneiroso, ele enchia uma aula sem que nós dormíssemos....

(Isso é um maior elogio que um aluno pode fazer ao seu professor...) <sup>49</sup>.

O ano de 1889 foi um momento decisivo para os rumos do país, diante das diversas lutas travadas para a proclamação da República. Os futuros médicos criaram no Rio de Janeiro o Clube Republicano da Faculdade de Medicina, do qual faziam parte quase todos os estudantes daquela instituição. Diversas vezes esses jovens foram ameaçados pela polícia e pela guarda negra. Freitas relata o clima de tensão desse momento no país em que ele atuou diversas vezes:

Certa vez estávamos reunidos no Clube Brasileiro situado na Rua Visconde de Rio Branco, ouvindo um meeting de Silva Jardim, quando sentimos a aproximação dos capoeiras. Munimo-nos de garrafas e com elas conseguimos a fuga dos assaltantes que ficaram nos espreitando um pouco mais adiante, de modo que, ao sairmos, eles investiram contra nós, com uma fúria de loucos. Eu refugiei-me no laboratório Holanda e daí vi o Lopes

<sup>48</sup> FREITAS, Octávio de. **De calouro a médico**. Recife: Imprensa industrial, 1915a. p. 30-31.

<sup>49</sup> Ibid., p. 86-87.

Trovão, prudentemente, esconder-se num mictório na rua do Regente, escapando, assim, a fúria dos truculentos desordeiros<sup>50</sup>.

A partir desses episódios abolicionistas tanto quanto republicanos, é preciso destacarmos um elemento importante da trajetória de Octávio de Freitas, que se reporta ao fato de que suas preocupações não se restringiram somente às questões médicas e sanitárias do país. Tanto na autobiografia como os relatos de seus memorialistas buscam ressaltar esta característica e narram que como “[..] amigo de Raul Pompéia e José Patrocínio desfilou com eles nas Ruas da capital Federal saudando o raiar dos novos tempos<sup>51</sup>”. Esse contato com Raul Pompéia e José Patrocínio, importantes intelectuais no processo abolicionista do país, durante sua estadia no Rio de Janeiro, destaca para a posterioridade suas preocupações com as questões políticas do Brasil, colocando-o dentro de um contexto de intelectuais que estiveram circunscritos nas lutas e entraves de fins do século XIX e início do XX. É preciso destacar que uma das problemáticas em relação aos estudos sobre os intelectuais se refere justamente ao engajamento político desse grupo de indivíduos<sup>52</sup>. Sendo assim, denotamos que Freitas se posicionou durante sua juventude nos episódios históricos do país, durante as últimas décadas do século XIX.

Em meio a um clima de tensão, a propaganda republicana seguia seu percurso em 1889, inclusive com o apoio vindo do Exército Nacional, como resposta as perseguições que o império realizou ao General Manoel Deodoro da Fonseca. No dia 15 de novembro em meio a essa agitação e instabilidade política deu-se a proclamação da República brasileira. Nesse dia o jovem Octávio estava realizando seus exames do terceiro ano médico e os boatos de uma transformação radical no país chegavam constantemente às dependências da Faculdade. Ao término dos exames o acadêmico foi apressadamente para a Rua do Ouvidor e nos relata a sensação que teve naquele 15 de novembro:

---

<sup>50</sup> FREITAS, 1940, p. 61.

<sup>51</sup> AGUIAR, 1993, p. 102.

<sup>52</sup> Sirinelli aponta a problemática na definição de intelectual e destaca a polissemia do respectivo termo indicando duas acepções principais: “uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os mediadores culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. In: SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: REMOND, Rene (org.). **Por uma história política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 242.

Em meio desta confusão, desta barafunda sem fim, proclamaram a mudança do regime semi-secular, sem protestos, sem ameaças e até mesmo com a tácita sanção dos antigos políticos de ambos os partidos da monarquia os quais repetiram, uns para os outros, a frase que depois se tornou clássica e samsaborana: - A República é um fato consumado<sup>53</sup>.

Essa sensação de Octávio no evento da proclamação da República nos permite dialogar com autores como Celso Castro<sup>54</sup>, que define o evento de 15 de novembro de 1889 como um golpe militar de Estado, na perspectiva de que na preparação para esse ato houve pouca participação dos republicanos civis, e, mesmo nos segmentos militares, não havia um consenso para deliberar tal acontecimento. Para Ângela de Castro Gomes<sup>55</sup>, a questão da surpresa e a inexistência de uma reação do governo imperial viabilizaram que o golpe obtivesse sucesso imediato. Todavia, é preciso esclarecer que seria incorreto pensar que não houve resistências, visto que ocorreram diversas reações contrárias logo em seguida, vindas de diversos segmentos militares de baixa patente no país. José Murilo de Carvalho<sup>56</sup>, por sua vez, enfatiza a ausência de participação popular na proclamação da república.

Assim, ao recordar sobre esses acontecimentos compreendemos que eles possibilitaram a criação de um lastro de experiência<sup>57</sup> para o nosso protagonista, que durante sua juventude teve contato com importantes questões políticas do país. Essas experiências vão possibilitando a construção de suas expectativas em relação ao desejo do homem em que almejava ser, nas suas diversas dimensões ligadas às questões de ordem pública.

---

<sup>53</sup> FREITAS, 1940, p. 67.

<sup>54</sup> CASTRO, Celso. **Proclamação da República**. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PROCLAMA%C3%87%C3%83O%20DA%20REP%C3%9ABLICA.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2016.

<sup>55</sup> GOMES, Ângela de Castro; PANDOLF, Dulce Chaves; ALBERTI, Verena. (coords.). **A república no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2002.

<sup>56</sup> CARVALHO, José Murilo. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>57</sup> Segundo Kosseleck "A experiência é o passado atual, aquele no qual os acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam estar mais presentes no conhecimento". KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora; Editora PUC Rio, 2006. p. 310.

Logo após o episódio da proclamação da República, Freitas viajou mais uma vez de férias para o Recife. Nessa temporada na capital pernambucana, ele fundou em conjunto com alguns acadêmicos da Faculdade de Direito do Recife, a revista literária “*O Nome*”. Essa revista acabou por funcionar também como um instrumento de críticas sociais.

Ao regressar de suas férias, ao Rio de Janeiro, em 1890, o futuro médico buscou emprego para facilitar o custeio de seus estudos. Procurou Ruy Barbosa, dentre outros que eram amigos de sua família, mas não conseguiu encontrá-los para pôr em prática seus objetivos. Destarte, o acadêmico conseguiu uma vaga de interno do Hospital São João Batista, localizado em Niterói, por meio da intermediação do General Malett. Foi a partir dessa experiência que ele começou a se interessar pela clínica, apesar de seu primeiro orientador, o dr. Ferreira da Silva não ter sido, em sua visão, um bom instrutor<sup>58</sup>. Nesse trecho de sua narrativa autobiográfica percebemos a elaboração de um Freitas perseverante e vencedor, ao enfatizar a superação dos obstáculos que apareceram em sua trajetória estudantil.

Ocupou posteriormente a função de acadêmico interno da cadeira de clínica médica do renomado Professor Francisco de Castro. Antes, o estudante ocupou a cadeira de oftalmologia ministrada pelo professor Hilário de Gouveia, perdurando nessa condição por cerca de uma semana, na medida em que ele observou uma grande quantidade de cirurgias realizadas pelo médico e, segundo ele, não suportou a forma rude com que os procedimentos cirúrgicos eram realizados<sup>59</sup>. Nesse episódio Freitas constrói, mais uma vez, a definição de sua personalidade como homem justo e prudente.

Interno de clínica médica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Octávio foi eleito sócio do Grêmio Interno dos Hospitais do Rio de Janeiro. Nesse período a recém proclamada República vivia momentos de adaptações e conflitos. Os atos de cunho militaristas de Deodoro da Fonseca não satisfaziam mais os denominados republicanos históricos; dessa forma, como eles constituíam maioria na câmara dos Deputados e do Senado, buscavam ir contra aos atos do governo. A partir desse conflito desencadeou-se a dissolução do Congresso, em 3 de novembro de 1881, por

---

<sup>58</sup> FREITAS, 1940.

<sup>59</sup> O professor Francisco de Castro exerceu bastante influência na formação acadêmica de Octávio de Freitas.

Deodoro da Fonseca. Em meio à instabilidade que se instalara, e o perigo iminente de uma guerra civil, Deodoro renunciou e quem assumiu a presidência foi o General Floriano Peixoto, destituindo os governadores que haviam sido eleitos. Freitas relembra que todos esses acontecimentos sobre a instabilidade republicana se constituíram de pautas durante as refeições dos internos do Hospital de São Joao Baptista, de que alguns acadêmicos de medicina faziam parte junto com ele<sup>60</sup>.

Em março de 1892, Octávio, em conjunto com outros 27 alunos do último ano de medicina, viajou para São Paulo, com objetivos de auxiliar os médicos daquele Estado no combate à epidemia da febre amarela, que naquele ano vinha deixando um alto número de mortos. Os estudantes eram agrupados em trio nas localidades mais atingidas pela doença. Freitas foi enviado para a cidade de Pirassununga e pôde constatar o luto presente na população em decorrência da morte de inúmeras pessoas<sup>61</sup>. A população, logo ao saber da notícia de que os médicos estavam na cidade, correram em direção ao hotel para pedir ajuda. Segundo Freitas, muitas pessoas foram salvas, porém, um grande número também não resistiu à gravidade da febre amarela, dizimando famílias inteiras em alguns casos. Para Octávio, enquanto jovem acadêmico, esse episódio foi uma oportunidade para os estudantes de medicina colocarem em prática de forma mais efetiva os aprendizados durante os anos anteriores, que vinham acumulando.

Com o controle da epidemia, o governo Paulista pagou aos médicos e acadêmicos pelos serviços prestados. Com esse pagamento, Octávio de Freitas finalizou seus estudos, sem necessitar nesse ano da ajuda financeira de sua mãe que estava em Recife, adquirindo, desse modo, independência para finalizar seus estudos na capital carioca. Nesse mesmo ano escreveu sua tese com o título de *Estudo Gráfico do Pulso*, obteve aprovação dela e, por conseguinte, concluiu em 1892 o seu curso de medicina. A escolha desse tema teve influência do Professor Francisco de Castro e de seu assistente, o professor Pedro de Almeida Magalhães. Utilizou-se da esfigmografia, que se constituía de um método semiótico que versava sobre a construção de um traçado gráfico “[...] com fumaça de canfora inflamada; dar corda no instrumento de relojoaria que regulava os movimentos do esfigmógrafo”<sup>62</sup>. Ao

---

<sup>60</sup> FREITAS, 1940.

<sup>61</sup> Ibid.

<sup>62</sup> CARDOSO, Edmilson. Cem anos de uma tese médica. In: TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas**: um homem à frente de seu tempo. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993.

analisar os resultados dos pacientes, o acadêmico procurou correlacioná-los com a literatura existente sobre aquela temática. Objetivou provar que esse método poderia complementar com satisfação o método palpatório e, dessa forma, possibilitar a interpretação do pulso arterial em suas múltiplas formas.

### 2.3 A TRAJETÓRIA MÉDICA

As narrativas sobre Octávio de Freitas fabricam uma memória positiva sobre sua trajetória profissional, destacando seu pioneirismo, competência e integridade. São utilizadas frases superlativas para descrevê-lo. Todavia, ao nosso olhar há um processo de tentativa de “heroificação” ao escrever sobre sua atuação na vida pública, considerando-o inclusive como “um divisor de águas na história da medicina pernambucana”<sup>63</sup>. Nessa construção da memória, todos os discursos articulam, ou pelo menos parecem articular a mesma coisa ao falar sobre a história de vida de Octávio. Visto como um homem perseverante e de franca sinceridade, nas palavras de seus memorialistas “era um tanto ousado, quase afoito quando tinha algo a realizar”<sup>64</sup>. Dessa maneira, Orlando Parahym,<sup>65</sup> um de seus memorialistas, utiliza as seguintes palavras para descrevê-lo com grandiosidade:

Quanto a mim, eu vos confesso que é sempre tocado de suma gratidão, de maior reverência, da mais profunda admiração que relembro o nome, a figura, a obra magistral daquele médico que se chamou, no século, José Octávio de Freitas. **Do seu trabalho de educador, de seu heroísmo de médico consciencioso, infatigável, abnegado**, Deus foi a melhor das testemunhas. Que ele o tenha na sua justiça e na sua glória<sup>66</sup>.

Na perspectiva de José Murilo de Carvalho o processo de tornar um indivíduo considerado um herói “[...] inclui necessariamente o processo de transmutação da

<sup>63</sup> AGUIAR, 1993, p. 100.

<sup>64</sup> MARQUES, Ruy João. Octávio: um obstinado realizador. In: TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas**: um homem à frente de seu tempo. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993.

<sup>65</sup> Membro da Academia Pernambucana de Letras, da Sociedade Brasileira de Mestres Escritores – Regional Pernambuco e da Academia Pernambucana de Medicina.

<sup>66</sup> PARAHYM, Orlando. Octávio de Freitas, o escritor. In: TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas**: um homem à frente de seu tempo. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993. p. 128. (grifos nossos).

figura real a fim de torná-la arquétipo de valores ou aspirações coletivas”<sup>67</sup>. Entendemos que há um processo de tensão entre o que é real e o que é fruto de um processo de idealização nessas narrativas elaboradas em torno de uma personagem emblemática como Freitas. “[...] A superposição do real e imaginário constitui, talvez, o mistério e o fascínio destes fenômenos sociais que, assim como a lenda, ocultam quanto de real e de invenção contém”<sup>68</sup>. Nesse sentido, a perpetuação de uma memória desse intelectual, agênciava a produção de diversas possibilidades no processo de criação de uma figura emblemática.

### 2.3.1 A introdução na vida profissional

Octávio de Freitas narra que voltou para o Recife, em 1893, para iniciar a sua atuação profissional. Recebeu várias propostas para permanecer pela região sul ou sudeste, para dar início a sua prática médica, entretanto, recusou todos os convites, incluindo o do Professor Francisco de Castro para permanecer no Rio de Janeiro, que, além de diretor da Faculdade de Medicina, era Inspetor geral da Saúde Pública na capital federal. Devido ao falecimento de seu pai e ao sentimento de vínculo, que ele enfatiza ter criado por Pernambuco, decidiu voltar ao Recife para permanecer ao lado de sua mãe, Teresa Carolina da Silva Freitas, e ingressar na carreira médica.

A bordo do vapor São Salvador, vários recém-formados voltavam para as suas cidades de origens e todos discorriam sobre os respectivos planos para o futuro. O jovem médico então argumentou: “Eu disse-lhes muito convencido, serei antes de tudo médico. E quanto possível, procurarei exercer a medicina preventiva. Médico de saúde, de preferência a medico de doença”<sup>69</sup>. Tal relato demonstra suas intenções em cristalizar seu papel como sanitarista, elemento esse presente nos textos escritos por seus memorialistas, que enfatizam que a medicina preventiva se constituía do norte de sua atuação profissional<sup>70</sup>.

---

<sup>67</sup> CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 14.

<sup>68</sup> BRITO, 1995, p. 17.

<sup>69</sup> FREITAS, 1940, p. 95.

<sup>70</sup> FREITAS, Celso Arcoverde de. Octávio de Freitas na Saúde Pública. In: TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas**: um homem à frente de seu tempo. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993.

Freitas afirma que não recorda muito bem do seu primeiro cliente e hesita entre vagas lembranças. Recorda de um homem muito alto que morava nos arredores do bairro de Campo Grande e que o atendeu no início do ano de 1893, ao mesmo tempo em que hesita entre a lembrança de uma criança que morava num casebre no bairro do espinheiro, ou um rapaz de 16 anos que morava no palácio Suassuna, no bairro do Pombal, local esse, em suas palavras habitado por “catimbozeiros”<sup>71</sup>. A partir desse discurso denotamos a construção de um lugar de verdade pautado na ciência e que começa a olhar com estranheza as ditas práticas populares, ou seja, consideramos que Octávio empreende uma luta pelo monopólio da competência científica.

Nas palavras de Bourdieu, o que está em jogo no campo científico seria a disputa pelo monopólio da autoridade científica. Desse modo, é preciso esclarecer que o processo de legitimidade científica é também composto por um conjunto de interesses, que inclusive podem ser oriundos das demandas de outros campos<sup>72</sup>.

De forma quase anedótica relata sobre seu primeiro dia de consultas no seu gabinete, na Rua do Bom Jesus, no Recife, número 55. Freitas colocou 12 cadeiras e um sofá na sala de espera que ele sonhava em estar lotado. Ironicamente ele descreve que quando chegou para o seu primeiro dia como médico já havia quatro pacientes à sua espera:

Imagina tu, caro amigo, que o primeiro consulente vinha oferecer-se para ser meu cobrador, o segundo queria, a fina força, vender um bilhete de loteria; o terceiro solicitava uma esmola por menor que fosse; e o quarto o mais cruel de todos, um fiscal filauscioso e arrogante, vinha prevenir-me que ia ser multado por ter colocado a minha placa de médico no portal, sem prévia licença da prefeitura<sup>73</sup>!

Apesar dos entraves nos primeiros dias de sua atuação profissional, Octávio teve inúmeros pacientes pobres atendidos em domicílio, que, apesar de não puderem pagar pela consulta, esses indivíduos, na sua visão, proporcionaram-lhe aprendizados importantes na prática médica de um recém-egresso da Faculdade de Medicina. No

<sup>71</sup> FREITAS, Octávio de. **Meus doentes, meus clientes**. Recife: Imprensa industrial, 1923. p. 11.

<sup>72</sup> BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. Org. Renato Ortiz; trad. Aula Monteiro e Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1998.

<sup>73</sup> FREITAS, 1940, p. 12-13.

atendimento que fazia em domicílio ele se utilizava como meio de transporte o bonde e em vários momentos necessitou realizar longos percursos caminhando. Dessa maneira, Freitas revela a construção de si como um homem simples e desprendido de bens materiais. Em um de seus escritos de cunho memorialístico ele narra os obstáculos encontrados na vida recém-egressa do curso médico:

Sete horas da noite chego em casa morto de fadiga.  
 Ah! quanto eu trabalhara eu naquele dia!  
 Em casa me aguardavam visitas de amizade da minha família, que estavam justamente elogiando as vantagens da minha profissão, na qual havia lugar para todos “ganharem muito dinheiro e com máximo de independência”.  
 -Bravos disse uma delas quando me viu. Este que é um homem feliz começou ontem a vida prática e já não tem mãos a medir. Em breve estará capitalista!...  
 E eu sorridente e feliz com aquelas manifestações que me envaideciam, apalpei a minha carteirazinha nova, onde não entrara um só real naquele dia, e fiz um gosto meio de importância, meio de usura...  
 São estes os louros e os lucros do médico que vai iniciando na clínica<sup>74</sup>.

Assim, ao narrar o retorno a Recife, Octávio revela o quanto é difícil o processo de negociação para integrar-se à carreira médica, delineando aspectos da medicina sem “romantismos”. Ao longo do ano de 1893, diante da situação financeira difícil, ele relembra que tentou, sem sucesso, um emprego que lhe possibilitasse uma estruturação financeira. Diante da respectiva situação ele aceitou a proposta de seu amigo Florentino Santos para se aventurar no atendimento médico na Vila Amargy. Essas redes de amizades evidenciam com quais estratégias ele se utilizava de seu capital social<sup>75</sup> para se inserir no interior do campo da medicina científica.

No atendimento do seu primeiro cliente, o médico recém-chegado já conquistou fama ao curar um reumatismo de maneira rápida e eficaz, diante da prerrogativa que já haviam sido ministrados vários remédios pelos farmacêuticos da localidade<sup>76</sup>.

<sup>74</sup> FREITAS, 1915a, p. 109-110.

<sup>75</sup> Nos ancoramos no conceito de capital social definido por Bourdieu como “O conjunto de recursos reais ou potenciais que estão ligados à uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento mútuos, ou, em outros termos à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por outros mesmo), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis”. BOURDIEU, Pierre. O capital social: notas provisórias. In: CATANI, A. & NOGUEIRA, M. A. (Orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 67.

<sup>76</sup> FREITAS, 1940.

Octávio aponta que, apesar de sua fama se alastrar pela cidade como um bom médico, ele não permaneceu muitos dias naquela Vila, visto que, ao lhe ser oferecido um passeio a cavalo ele na hora de montá-lo caiu do animal e se machucou de forma brusca. Diante disso, percebeu que não conseguiria ser médico naquela região, utilizando tal meio de transporte; decidiu, então, regressar para a capital pernambucana.

O tempo passou e o jovem médico não conseguiu obter retorno financeiro. Desse modo, decidiu ir para a Europa por intermédio de um colega, na função de médico de bordo de um navio da Companhia Mala Real Portuguesa. Em outubro de 1893, ele partiu a bordo do paquete Rei de Portugal. Ao aportar em Lisboa, os tripulantes foram informados que a companhia havia falido, de modo que todos as pessoas que haviam trabalhado durante os dez dias de viagem não puderam receber pelos devidos serviços prestados. Com poucos recursos, Octávio decidiu ainda permanecer alguns dias em Lisboa e chegou a conhecer a cidade de Madrid. Nesse período, desfrutou do carnaval Lisbonense e visitou hospitais e teatros. Na sua estadia em Paris conheceu clínicas e hospitais e visitou o instituto Pasteur, regressando a Recife em fevereiro do ano seguinte.

### 2.3.2 A construção da carreira pública

Logo que chegou ao porto da capital pernambucana, em 1894, de sua estadia na Europa, o Inspetor da Saúde dos Portos ofereceu a Octávio de Freitas o cargo de seu ajudante, entretanto, este último recusou tal oferta, pois julgava ser uma função de alta periculosidade. Não obstante, poucos dias após o seu regresso o médico conseguiu a almejada vaga de adjunto no Hospital Pedro Segundo<sup>77</sup>.

---

<sup>77</sup> Essa instituição médica foi inaugurada em março de 1861 e se constituiu “da primeira construção no Recife destinada especificamente à área da saúde”. O surgimento desse hospital emergiu num momento em que despontava a efervescência urbana e a construção da percepção do hospital como instrumento de cura. O seu estilo arquitetônico seguia diretrizes do médico francês Jaques René Tenon, que, dentre as instruções, preconizava a construção em blocos que convergissem para um pátio com jardim. Posteriormente, com a inauguração da Faculdade de Medicina, Octávio viabilizou aos alunos a realização da prática médica nesse hospital. PEREIRA, Geraldo. O traço francês na arquitetura do Recife: o hospital Pedro II. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 18, sup. 1, dez. 2011, p. 303. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v18s1/17.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2016.

Associou-se também na Associação Medico-Farmacêutica e foi nomeado Ajudante do Superintendente de Higiene Municipal. Todas essas conquistas em poucos dias da sua volta de viagem, no entendimento de Freitas, devem-se ao fato de que a sua ida à Europa criou uma expectativa de que ele havia bebido do arcabouço científico Europeu. Elevou-se, portanto, o seu status profissional; todavia, Freitas ponderou que “daquela estadia nos grandes centros do velho mundo, eu não trouxera cabedal científico maior do que o que levara daqui”<sup>78</sup>.

Ao narrar as dificuldades que teve como recém-egresso do curso de medicina, Octávio busca construir a imagem de que obteve sucesso na sua carreira profissional, mesmo tendo passado por diversos obstáculos no início de sua carreira. Entendemos que o higienista estava influenciado pelas diferentes práticas vinculadas pela clínica, higiene e medicina experimental, elementos que constituem o campo médico.

Ao ocupar o cargo municipal que lhe foi oferecido, Freitas era o primeiro a exercer a respectiva função, mesmo a sua criação ter sido realizada há cerca de um ano. Cabia ao ajudante, de acordo com a legislação<sup>79</sup> vigente, substituir o Inspetor geral durante a sua ausência, realizar o trabalho externo e auxiliar o Inspetor em todas as atribuições deste. Todavia, Egydio Montenegro, Inspetor Geral, realizava todo o trabalho de fiscalizar os serviços dos fiscais e das guardas municipais em relação à higiene, bem como as visitas aos açougues, matadouros e mercados com a aplicação das multas previstas, além da inspeção da limpeza pública. De acordo com Freitas, o respectivo inspetor adquiriu fama de ser muito rigoroso nas suas vistorias, ao ponto de que, num episódio no Mercado Público de São José, os comerciantes que trabalhavam nesse estabelecimento se juntaram na entrada para criticá-lo ironicamente, entoando “olha a casaca do homem”<sup>80</sup>.

Octávio aponta que, na medida em que o Inspetor Geral realizava todo o serviço, este não deixava nenhuma atividade para o seu ajudante realizar. Insatisfeito com tal situação, o seu auxiliar propôs realizar o levantamento estatístico demográfico-sanitário dos sepultamentos realizados no Cemitério de Santo Amaro em Recife. Após seis meses de investigação nos livros de registros dos enterros, o demografista

---

<sup>78</sup> FREITAS, 1940, p. 131.

<sup>79</sup> PERNAMBUCO. Regulamento para os serviços de higiene Pública do Estado de Pernambuco, 1894. p. 6. APEJE. Secretária de Saúde do Estado de Pernambuco (1845-1997). Caixa 5, Regulamentos diversos.

<sup>80</sup> FREITAS, 1940, p. 133.

elaborou dois estudos: um se refere a estatística detalhada do ano de 1894 e o outro sobre as moléstias zigmóticas, no Recife de 1852 a 1894<sup>81</sup>.

Ao publicar no *Jornal do Recife*, o primeiro trabalho, em 20 de fevereiro de 1895<sup>82</sup>, Octávio de Freitas recebeu suas primeiras críticas na imprensa, em exercício de cargo público. A querela se deu ao fato de que ao elaborar sua investigação, ele teve que referenciar outros estudos estatísticos já realizados na cidade e acabou por criticá-los, na sua percepção, por várias inconsistências. Não obstante, uma das críticas a um recenseamento realizado em 1893, por Eugenio Moscoso, causou um mal-estar, na perspectiva de que, de acordo com nosso protagonista, ele tinha prestígio no governo, além dos títulos que possuía. Desse modo, Moscoso publicou no Diário de Pernambuco, em 24 de fevereiro, sua insatisfação com as análises sobre seu recenseamento: “O que pretendo é protestar contra o injusto conceito emitido pelo senhor Octávio de Freitas acerca do modo como foi ultimamente feito e parte sob minha direção o recenseamento da população do Recife”<sup>83</sup>. Mostrando-se ofendido e indignado, pontua na carta que

Não há que hesitar, ou S. S. escreve esses trechos com o ânimo deliberado de agredir de forma inconvenientíssima e injusta aos funcionários que se encarregam do malsinado recenseamento, ou quis provocar protestos e cabidas represálias, que infalivelmente teriam de aparecer, com o fim de atrair a curiosidade do público legente para o seu trabalho. Mas, *todo o mundo o sabe*, não era preciso ultrapassar certos limites. Em qualquer das hipóteses, outra poderia ter sido sua linguagem; e assim, o trabalho de S. S. teria o espaço que devia e merecesse, sem que ninguém se lembrasse, de atribuí-lo ao prurido de reclame, que perturba o cérebro, de muita gente, uma vez que há pouco saiu da Escola do Rio e ainda não pode criar numerosa clientela<sup>84</sup>.

Em resposta a essas palavras, Freitas, em 26 de fevereiro, fez então publicar uma nota no *Jornal do Recife*:

---

<sup>81</sup> FREITAS, 1940.

<sup>82</sup> FREITAS, Octávio de. Estatística demógrafo-sanitária da cidade do Recife pelo doutor Octávio de Freitas, ajudante da Superintendência de Higiene. **Jornal do Recife**, Recife, anno XXXVIII, n. 4, p. 2-4, 20 fev. 1895. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 30 ago. 2017. Grifos do autor.

<sup>83</sup> MOSCOSO, Eugenio. Ao público. Diário de Pernambuco, Recife, anno LXXI, n. 46, p.4, 24 fev. 1895. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

<sup>84</sup> *Ibid.*, p. 4.

Sem deixar de reparar o modo pouco tendencioso e um tanto insólito com quem sempre a mim e ao meu trabalho dirigiu-se o sr. Dr. E. Moscoso, vou mostrar a S.S. a sua sem razão.

Considerando pouco ou nada escrupuloso o recenseamento que se procurou realizar, sem personificar a quem quer que fosse, parece-me que não ultrapassei os certos limites que o sr. Dr. Moscoso pretende marcar para o uso da linguagem.

Fazer uma coisa qualquer sem escúpulo é não ser cuidadoso nem precioso<sup>85</sup>.

De acordo com Octávio, posteriormente o respectivo recenseador admitiu em conversa particular que o seu estudo fora realmente descuidado<sup>86</sup>.

Na nossa concepção, o encontro de Octávio com essas críticas indica a presença de dificuldades em recepcionar comentários negativos acerca de sua atuação profissional. Portanto, esses registros deliberam a construção de ressentimentos e insatisfações na introdução de sua vida pública.

Por outro lado, esses episódios demonstram também a disputa pelo exercício da autoridade científica, dentro do campo da saúde pública no qual Octávio estava circunscrito. Outro dispositivo que consideramos importante é o processo de sociabilidade<sup>87</sup>, que possibilita a fabricação de elementos subjetivos em relação à formação de uma rede de convivência de intelectuais, tanto para o estabelecimento de trocas positivas como também para situações de conflitos. De toda forma, os estudos demográficos o inseriram no campo da saúde pública, tornando-o reconhecido pelos seus pares.

Seguindo com suas pesquisas de caráter demográfico, Octávio iniciou uma publicação de um boletim mensal de estatísticas demográfico-sanitário, que por sinal era um dos serviços pioneiros no país. A convite do Governador Barbosa Lima, em reconhecimento ao trabalho que vinha desenvolvendo, o jovem médico tomou posse do cargo de demografista da Inspetoria Geral de Higiene, que tinha como anexo o

---

<sup>85</sup> FREITAS, Octávio de. Estatística demógrafo-sanitária da cidade do Recife. **Jornal do Recife**, Recife, ano XXXVIII, n. 47, p. 3, 26 fev. 1895. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

<sup>86</sup> FREITAS, 1940, p. 34-138.

<sup>87</sup> A sociabilidade também pode ser entendida sob o ponto de vista do intercruzamento entre o plano afetivo e o ideológico. As redes apresentam “microclimas”, nas quais os intelectuais desenvolvem atividades e comportamentos semelhantes. Em vista disso, a palavra sociabilidade assume um duplo sentido, posto que ao mesmo tempo em que essas redes estruturam o microclima, elas configuram um “microcosmo” intelectual específico. Ver: SIRINELLI, 2003. p. 231-269.

instituto vacinogênico, conseqüentemente acumulando os dois cargos a partir de dezembro de 1895. O serviço de vacinação só teve seu efetivo funcionamento a partir dessa nova diretoria que assumia.

Em janeiro do ano seguinte, Octávio de Freitas cita que já estava em mãos com um relatório detalhado sobre os serviços sanitários demográficos que continham as relações das variáveis do clima, casamentos, nascimentos e óbitos que se sucederam durante o ano de 1895 na cidade do Recife. Ele relata que foi pessoalmente mostrar o seu trabalho ao Governador Barbosa Lima e que o governante prontamente autorizou a publicação. Esse trabalho foi publicado no *Jornal do Recife* e também em formato de livro sob o título de *Anuário de estatística demógrafo-sanitária da cidade do Recife, ano 1895*.

Compreendemos que, em certa medida, Freitas havia herdado prestígios relacionados à sua origem familiar. Em suas memórias, por exemplo, ele relata que possuía uma “relação afetiva” com esse governador ao narrar um episódio em que um de seus irmãos esteve envolvido na Revolta da Armada e, ao retornar anistiado pelo governo ao Recife, o almirante foi trabalhar provisoriamente na Repartição de Obras Públicas do Estado; entretanto, foi denunciado ao governador que um participante da Revolta havia sido nomeado para aquele órgão. O governador respondeu a essa situação com o seguinte posicionamento:

A revolta já passou e eu fazendo a nomeação deste moço, visei antes de tudo, uma circunstância que o senhor talvez desconheça. Ele é filho de um homem que prestou os mais relevantes serviços a Pernambuco. Assim sendo, ele merece tudo para o meu governo<sup>88</sup>.

Não queremos aqui negar a importância da atuação do respectivo sanitarista na saúde pública em Pernambuco, contudo, pretendemos chamar a atenção para a problemática da criação de um mito em torno de Octávio de Freitas, que em nossa percepção acaba por esvaziar de historicidade as tensões que permeiam uma história de vida. Encontramos, portanto, em sua trajetória, a presença de laços construídos e que lhe permitiam facilitar o trânsito na elite política e intelectual local.

---

<sup>88</sup> FREITAS, 1940, p. 173.

Na concepção de Octávio, a demografia era “uma arma poderosa”<sup>89</sup> para a higienização do Recife. O anuário circulou por outros Estados do Brasil e também de forma inesperada fora do país. Apesar de receber inúmeros elogios, o demografista não gostou da apreciação vinda do dr. Faidherbe, que ocupava o cargo de diretor de Higiene de Roimbox e lecionava na Faculdade de Medicina de Paris. A sua visão sobre o Brasil desagradou ao médico brasileiro, uma vez que depreciava o país com a seguinte afirmação:

Seu trabalho dizia ele, cheio de ricos e minuciosos dados estatísticos, rivaliza com os melhores trabalhos que eu conheço, neste gênero e eu chego a ficar sem compreender como ele pôde ser executado num país semicivilizado e semibárbaro como é o Brasil<sup>90</sup>.

Em 1889, Freitas assumiu o cargo de Inspetor Geral de Higiene de Pernambuco. Algumas questões graves surgiram durante sua gestão, como epidemias de varíola e a notificação de doentes com febre amarela. De toda forma, o caso mais polêmico remete à questão das águas contaminadas da Companhia Beberibe, gerando controvérsias dentro da classe médica e na imprensa. Desde os anos de 1895 começaram a existir vários relatos de cólicas, acompanhadas de prisão de ventre ou vômitos. Os casos se multiplicaram pela cidade, e o médico Alfredo Gaspar, junto com Raul Azevedo, presumiram que tal problema poderia ser decorrente das obras saturninas. As águas foram coletadas para a análise e o exame químico realizado por Octávio comprovou a existência de sais de chumbo com o seguinte resultado:

1ª água do laboratório de higiene: 0,0041g de chumbo metálico por litro; 2ª água da casa do dr. Miguel Castro, em Apipucos, Dois irmãos: 0,033g por litro; 3ª Água do Hospital Pedro Segundo 0,gr0042 por litro.  
A média desses cálculos, favorecida pela diminuição verificada pela água do prédio do dr. Miguel Castro [...] atinge a 0,038g por litro, que se não produzem a morte, causam graves perturbações no organismo<sup>91</sup>.

---

<sup>89</sup> FREITAS, 1940.

<sup>90</sup> Ibid., p. 176.

<sup>91</sup> ÁGUA envenenada. **A província**, Recife, anno XXIII, n. 28, p. 1, 7 fev. 1900. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 9 maio 2016.

Uma reunião, em 10 de fevereiro de 1900, foi realizada em uma das salas da Inspetoria de Higiene com vários médicos, a fim de avaliar os resultados obtidos com as águas da Companhia Beberibe. Várias propostas foram realizadas e discutidas, sendo admitida a proposta do dr. Ermírio Coutinho, junto com os acréscimos do dr. Raul Azevedo. Uma comissão especial foi formada para deliberar sobre essa propositura. Dessa forma, algumas orientações provisórias foram concebidas, enquanto a comissão não dava o seu julgamento final:

1º Que se evite tirar diretamente dos canos de chumbo a água que se tiver de beber e com a qual se houver de preparar os alimentos; 2º que antes de usar dela deixar sempre correr ou perder-se a água que ficar dessorada nos encanamentos de chumbo; 3º Que se coe sempre a água, deixando-a demorar durante 24 horas em jarros, barris ou outros quaisquer depósitos; 4º Que se filtre sempre a água, antes de bebê-la ou preparar alimentos<sup>92</sup>.

Em artigo publicado no Jornal *A província*<sup>93</sup>, Ceciliano Mamede, dono da Companhia Beberibe, questionou os procedimentos de coleta e análise das águas da companhia, enfatizando que o material coletado não foi realizado por Octávio de Freitas, visto que essa atividade deveria ser realizada pelo próprio analista ou por outra pessoa que seja especialista para a devida coleta. Contudo, diante de tal resultado, as suspeitas da classe médica haviam se comprovado em relação à contaminação das águas, entretanto, a troca oficial do governo por Gonçalves Ferreira inviabilizou uma resolução imediata desse problema sanitário.

O entrave sobre a questão das águas se agravou ainda mais com a visita que Octávio recebeu em sua repartição do dr. Ceciliano Mamede, que tentou intimidá-lo a realizar outros exames, além dos que já tinham sido feitos, no intuito de modificar os resultados vigentes. O higienista irritou-se com determinada postura e se dirigiu ao gabinete do novo governador Gonçalves Ferreira, com intuito de obter o seu devido apoio, fato esse que não ocorreu, visto que o governante lhe proferiu as seguintes palavras: “Mas ele tem razão. Os exames devem ser suspensos, realmente. Eles estão agitando demais a opinião pública e, assim, é de bom alvitre suspendê-los”<sup>94</sup>.

---

<sup>92</sup> A PROVÍNCIA, Recife, anno XXIII, n.32, p. 1, 11 fev. 1900. <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 9 maio 2016.

<sup>93</sup> MAMEDE, Ceciliano. Questão da água. **A província**, Recife, ano XXIII, n. 89, p. 1, 22 abr. 1900. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 10 maio 2016.

<sup>94</sup> FREITAS, 1940, p. 225.

Após esse episódio, Freitas pediu demissão do cargo de Inspetor Geral de Saúde, e sob o título de “Manda quem pode”, o jornal *A província* publicou uma matéria sobre a respectiva demissão, definindo tal situação como uma atitude fruto de um “jogo de interesses mesquinhos”<sup>95</sup> da política vigente. Nesse incidente fica perceptível o Freitas de brios feridos ao ser contrariado.

Desse modo, no dia seguinte, Octávio enviou uma carta que foi publicada também no jornal *A província*<sup>96</sup>, com intuito de esclarecer os motivos de sua demissão que teria sido resultado de toda essa querela que se criou em torno da contaminação das águas. Ele enfatiza que foram realizadas várias análises químicas para que se pudessem comparar os resultados, porém, durante o interstício dos resultados das novas análises, foi convocada uma nova reunião na inspetoria com os médicos, sem que ele fosse consultado ou devidamente informado sobre a pauta da reunião. Conseqüentemente, todo esse conflito soou ao inspetor como um desrespeito ao trabalho que vinha desenvolvendo à frente da Inspetoria de Higiene do Estado, culminando com o seu desligamento voluntário do cargo que exercia.

O sucessor do cargo de inspetor de higiene se pôs a favor da Companhia Beberibe, provocando um desconforto da classe médica com essa postura. Desligado da carreira pública, Freitas decidiu colocar em prática seu projeto de criação de uma Liga Pernambucana Contra a Tuberculose<sup>97</sup> e marcou uma reunião para as pessoas interessadas nessa proposta. A reunião ocorreu a 19 de julho de 1900 e elegeu uma diretoria provisória, na qual Octávio foi escolhido para ser o presidente e o novo inspetor, o vice-presidente. Publicado no dia seguinte nos jornais<sup>98</sup> o resultado do colóquio, a classe médica se mostrou insatisfeita com a escolha da vice-presidência, visto que na eleição definitiva o atual inspetor de higiene, que substituiu Freitas, obteve “três votos, numa assembleia de setenta e cinco eleitores”<sup>99</sup>.

Ao narrar sobre os entraves durante sua carreira, fica explícito a sua intenção em construir uma imagem de profissional competente e justo. Ao mesmo tempo, os

<sup>95</sup> MANDA quem pode. **A província**, Recife, ano XXIII, n. 103, p. 1, 10 maio 1900. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

<sup>96</sup> A PROVÍNCIA, Recife, p. 1, ano XXIII, n. 104, p. 1, 11 maio 1900. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

<sup>97</sup> A atuação da Liga Pernambucana Contra a Tuberculose será discutida em 3.3.2.

<sup>98</sup> A PROVÍNCIA, Recife, ano XXIII, n. 161, p. 1, 20 jul. 1900. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

<sup>99</sup> FREITAS, 1940, p. 239.

seus memorialistas, ao abordarem os conflitos como esse da questão das águas, reforçam essa imagem; todavia, é necessário compreender as intenções do sanitarista dentro das prerrogativas do campo de que fazia parte, diante da noção de que ele sofria influências dos anseios do universo político, e que, dessa maneira, influenciaram seus posicionamentos na vida profissional. Não pretendemos aqui realizar uma distinção entre uma narrativa supostamente verdadeira de uma narrativa supostamente falseada, sobretudo, o que nos interessa em nossa pesquisa é entender melhor essas construções simbólicas que foram elaboradas em torno da sua trajetória.

Nessa direção, compreendemos que a escrita autobiográfica é resultado de um exercício de invenção de um passado que busca selecionar e organizar as lembranças que estão dispersas em diversos tempos e espaços. Essa narrativa procura “compor nossas reminiscências” e dar sentido a uma trajetória de vida. Thomson<sup>100</sup> aponta que a composição do passado implica na elaboração de um passado em que possamos conviver. Ao mesmo tempo, ao compor nossas memórias, buscamos adequá-las ao que é socialmente aceito. A partir dessa perspectiva, nos importa compreender como Octávio interpreta seu passado e como se utiliza de estratégias de memória para se inserir na história da medicina científica do país e nas suas redes de sociabilidades.

Ainda sobre a construção de sua carreira na prática higienista e sanitarista, temos a sua segunda passagem, a partir de agosto de 1905, de forma interina, à frente da Inspetoria de Higiene. Na sua primeira substituição ele esteve envolvido com a famosa questão das águas contaminadas, dessa vez, seu esforço maior esteve voltado para o combate à epidemia da varíola, em curso naquele ano. O respectivo inspetor interino escreveu a seguinte assertiva sobre a moléstia:

A falta de vacina em larga escala é o principal motivo da grande mortalidade da varíola entre nós e instituída a vacinação sistemática de todos a moléstia forçosamente cederá:- a varíola é moléstia que não resistem ao coz-pow.

---

<sup>100</sup> THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre as relações entre história oral e as memórias. **Proj. história**, São paulo, n. 15, abr. 1997. p. 57-58. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11216>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

Nos países onde há leis severas e bem executadas, regulamentando a vacinação e a revacinação obrigatória, a varíola ou não existe nas estatísticas mortuárias, ou nelas se fazem representar em resumidíssimas proporções<sup>101</sup>.

Apesar da existência de leis municipais sobre a vacinação e revacinação, o número de pessoas que eram submetidas a esses procedimentos era ainda inexpressivo. Com o objetivo de modificar essa situação, Freitas transformou as visitas domiciliares de rotinas em visitas de vacinação<sup>102</sup>. Quase que diariamente eram notificados na imprensa o resultado dessas visitas e das desinfecções realizadas pela Inspetoria.

Esse ano, na sua percepção, foi bastante extenuante, devido ao confronto contra a varíola, que em 1906 já estava praticamente controlada. Sobre esse evento ele resume nas seguintes palavras: “Este esplendente resultado foi muito comentado por toda a imprensa desta capital, recebendo eu, ao deixar o cargo, as mais honrosas demonstrações de simpatias de todos os meus colegas, meus devotados colaboradores da inspetoria de higiene”<sup>103</sup>.

Assim sendo, o *Diário de Pernambuco*, em 15 de novembro de 1905, publicou uma apreciação sobre a atuação do sanitarista diante da epidemia da varíola:

Folgamos em reconhecer que a interinidade do sr. Octávio de Freitas não opôs solução de continuidade ao plano de medidas energicamente dispostas pelo honrado inspetor efetivo. O digno dr. Freitas, chefe do instituto Pasteur, pôde orgulhar-se de haver estendido com denodo e eficácia a campanha contra a epidemia das varíolas, que hoje está reduzida a proporções mínimas, se não extintas<sup>104</sup>.

Ao narrar sobre o êxito do combate à epidemia, e enfatizar os elogios vindo da imprensa e da classe médica, Octávio de Freitas busca construir a imagem de sua

---

<sup>101</sup> DIÁRIO de Pernambuco. Recife, anno 81, n. 179, p. 1, 10 ago. 1905. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>>. Acesso em: 13 set. 2017.

<sup>102</sup> Ibid., p. 1.

<sup>103</sup> FREITAS, 1940, p. 281.

<sup>104</sup> REPARTIÇÃO de Hygiene. Diário de Pernambuco, anno 81, n. 258, p. 1, 15 nov. 1905. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>>. Acesso em: 13 set. 2017.

competência enquanto médico higienista e sua autoridade no campo da saúde pública pernambucana.

Após deixar o cargo de inspetor interino, Octávio afirma que seguiu para Europa para descansar, porém, era também participante de uma comissão pelo governo do Estado, com o intuito de aprofundar-se nos conhecimentos médicos e em práticas laboratoriais.

Ao chegar em Lisboa, o sanitarista realizou visitas a hospitais e apontou<sup>105</sup> que o fato de ter chegado a poucos dias do encerramento de um grandioso congresso médico impulsionou a abertura de novos serviços e a reforma de instituições médicas. Os serviços sanitários de Portugal haviam mudado desde a sua última estadia no país. No Instituto Central de Higiene havia a preparação de profissionais técnicos, ou seja, médicos e engenheiros, como também a realização de trabalhos práticos referentes às análises laboratoriais, que se faziam importantes na nova medicina experimental. Em anexo ao instituto havia o Posto de Desinfecção e o Real Instituto Bacteriológico de Lisboa.

De Lisboa, Freitas foi para Paris, onde seu filho mais velho foi operado de adenoide. Levou uma carta de recomendação do governador do Estado Sigismundo Gonçalves para o embaixador brasileiro, no intuito de conseguir uma das vagas nos disputados cursos do famoso Instituto Pasteur de Paris. Trabalhou sob a coordenação do professor Marcouch e recebeu conhecimentos sobre a microbiologia francesa, anatomia e histologia, durante o período de 5 meses<sup>106</sup>. O higienista visitou também hospitais para analisar melhor a prática da medicina francesa. Em dezembro de 1906, Octávio relata que retornou para a capital pernambucana com todo material necessário para a montagem do laboratório de análises clínicas e microscópicas, que instalou na Rua do Hospício, constituindo o primeiro laboratório do gênero em funcionamento no Recife<sup>107</sup>.

Em maio de 1908, Octávio assumiu interinamente a Inspetoria Geral de Higiene do Estado, visto que o dr. Constâncio Pontual necessitou tirar licença. Nessa passagem a varíola, que outrora havia conseguido controlar, voltava a assolar a

---

<sup>105</sup> FREITAS, 1940.

<sup>106</sup> Ibid., p. 294.

<sup>107</sup> Ibid.

sociedade pernambucana. O gestor interino baixou então a seguinte portaria no combate à epidemia:

Recomendo aos senhores comissários que nas visitas a serem feitas de agora em diante, nas habitações domiciliares, tomem as seguintes instruções.

1º. proceder ao registro sanitário da habitação, respondendo ao questionário que a este acompanha.

2º. declarar se a visita feita foi de vigilância médica ou polícia sanitária.

3º. vacinar e revacinar a todas as pessoas que manifestarem o desejo de se prevenir contra a varíola, aconselhando mesmo aos recalcitrantes, mostrando-lhes as vantagens de tal meio profilático.

4º. Tomar em muito consideração as medidas higiênicas determinadas em nosso regulamento, aplicando-as e aconselhando-as todas as vezes que se fizerem necessárias<sup>108</sup>.

Nessa sua passagem como diretor de higiene ocorreu uma desavença em relação a sua gestão. A morte de um famoso jornalista e político, redator do *Jornal do Recife*, devido a um episódio em que foi solicitada a remoção de uma criança chamada Hermínia, diagnosticada com varíola, residente no mesmo prédio que ele, para efeito de evitar mais contaminações. Todavia, Octávio de Freitas não autorizou tal procedimento, na medida em que ele entendia que a criança se encontrava num estágio muito avançado da doença e posteriormente acabou por falecer. Essa situação causou um desconforto para o higienista, visto que a imprensa local, em que o falecido jornalista trabalhava, publicou um artigo, em 29 de julho, culpabilizando a Inspetoria pelo ocorrido:

Há pouco tempo, há uns oito dias mais ou menos, numa das ruas mais frequentadas da cidade, adoeceu de varíolas uma criança que veio a falecer poucos dias depois.

A higiene teve conhecimento do fato, isto é, do óbito e, entretanto, o cadáver esteve exposto, visitando-o homens e mulheres, crianças, todo mundo, enfim, e, o que é mais, às 2 horas da tarde, saía o féretro precedido de acompanhamento, sem que tivessem, aplicado os princípios higiênicos que o caso exige.

Se se tratasse de uma cidade onde não houvesse uma repartição de Higiene o caso era muito natural; porém entre nós, aqui no Recife, onde existe tudo

---

<sup>108</sup> HIGIENE pública. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 84, n. 126, p. 2, 3 jun. 1908. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

necessário para tal fim, o fato além de altamente extraordinário, é digno de todas as censuras.

Chamamos a atenção do sr. Octávio de Freitas e, ao mesmo tempo, um apelo aos srs. médicos que não se descuidem de notificar os casos de varíolas e de outras moléstias semelhantes, na repartição competente, sem os que estarão desvirtuados de sua nobre e magnânima profissão<sup>109</sup>.

Em resposta as acusações do *Jornal do Recife*, Freitas enviou um ofício no mesmo dia ao secretário Geral, dando a sua versão sobre o episódio ocorrido. Publicado no *Diário de Pernambuco* do dia seguinte, o documento afirmava que, ao ser notificado no dia 23 de agosto que a criança estava contaminada com a varíola, foi enviado um comissário para resolver a situação da seguinte maneira: enviar o enfermo para o hospital, com o consentimento da família ou, caso contrário isolar o prédio. Como a família não autorizou a remoção foi determinado o isolamento do prédio, entretanto, a criança veio a falecer no dia seguinte e, segundo Octávio, foi determinado o procedimento de desinfecção do prédio, onde também funcionava uma quitanda<sup>110</sup>. O *Jornal do Recife*, no dia seguinte, 31 de agosto, se posicionou contrário ao ofício:

Acreditamos piamente nas palavras de s.s., mas permita-nos dizer que esta interdição não foi feita, senão depois de ter o cadáver saído para o cemitério, portanto, antes do óbito e durante o tempo em que o mesmo esteve em casa, não houve absolutamente a menor interdição, a não ser a interdição *sui generis* de que ontem falamos<sup>111</sup>.

Nesse mesmo artigo, objetivando passar uma ideia de imparcialidade, o *Jornal do Recife* também se defende sobre o teor das críticas feitas a Octávio ser resultado de o episódio ter envolvido um deus jornalistas, afirmando, portanto, que seria dado o mesmo grau de atenção se tal situação tivesse ocorrido em outro lugar.

O fato é que essa situação gerou um desconforto na imprensa e Octávio foi atacado em artigos subsequentes, pelo *Jornal do Recife*, mesmo após a retomada do

<sup>109</sup> HIGIENE. *Jornal do Recife*, Recife, Anno LI, n. 170, p. 1, 29 jul. 1908. De Relance..., p. 1. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>>. Acesso em: 17 set. 2017.

<sup>110</sup> HIGIENE Pública. *Diário de Pernambuco*, Recife, Anno LI, n. 172, p. 1, 30 jul. 1908. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>>. Acesso em: 17 set. 2017.

<sup>111</sup> HIGIENE. *Jornal do Recife*, Recife, Anno LI, n. 172, 31 jul. 1908. De relance..., p. 1. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>>. Acesso em: 17 set. 2017.

dr. Constâncio Pontual. Utilizando palavras de tom agressivo e ironias, o periódico publicou textos como esse:

O sr. Dr. Octávio de Freitas o menino malcriado e cheio de ridículo, cuja voz, mal comparando, se assemelha ao fon-fon de seu automóvel, não se podendo defender, mesmo porque a obtusidade de seu cérebro não o permite, das acusações as mais justas e verdadeiras que lhe atiramos, lançou uma chuva de epítetos injuriosos ao nosso colega<sup>112</sup>.

O artigo se referia ao texto publicado no *Diário de Pernambuco* em que Octávio se dirigia diretamente a um dos redatores do *Jornal do Recife*, Francisco Cabral:

Muito embora, a raiva que se apoderou do sr. Dr. Cabral, fique s.s. sabendo que continuarei a dirigir-me de preferência ao governo do Estado todas as vezes que tiver de justificar atos praticados pela repartição de higiene interinamente a meu cargo, quando eles forem injusta, ou descabidamente atacados, mesmo de *relance*, por quem quer que seja. Ao governo cabe julgar-me e não a s.s. cuja competência desconheço até agora, em qualquer assunto<sup>113</sup>.

Mesmo tendo tido um ano conturbado, devido a essa querela, em relação a morte do jornalista, Freitas faz questão de destacar em seu relato memorialístico o apoio que recebeu da Sociedade da Medicina numa sessão no mês de setembro, ocasião em que foi nomeado médico do Colégio São Joaquim, pela Santa Casa de Misericórdia. Foi também escolhido para ser secretário do Comitê Pernambucano no IV Congresso Latino Americano, realizado no Rio de Janeiro, e presidente do Comitê Brasileiro do Congresso Médico Pan-americano, que se realizou na Guatemala. Ao citar essas nomeações na sequência da história da morte do jornalista, entendemos que se constitui de uma atitude de autoafirmação, ao frisar as redes de suportes profissionais em que estava circunscrito.

---

<sup>112</sup> O INSPECTOR de Hygiene dos Honyhuhms. **Jornal do Recife**, Recife, Anno LI, n. 174, 2 ago. 1908. De Relance..., p. 1. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>>. Acesso em: 17 set. 2017.

<sup>113</sup> FREITAS, Octavio de. Ao sr. dr. Francisco Cabral. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 4, n. 174, p. 2, 1 ago. 1908. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>>. Acesso em: 17 set. 2017. (grifos do autor).

É preciso compreender que em sua autonarrativa o senso de justiça inabalável é parte de sua construção de si; por outro lado, devemos destacar que denotamos em sua fala dificuldades para assumir suas possíveis falhas ou compreender os limites do saber médico, denominado por ele de “divina ciência, revelando, assim, o lugar social em que fala, enquanto cientista, ao reivindicar a posição do pronunciamento de uma suposta verdade.

Nesse sentido, em sua autobiografia, Octávio não menciona o nome da criança, tampouco o nome do jornalista. Portanto, é importante frisar que a memória é extremamente seletiva: ao mesmo tempo em que coloca em relevo personagens e lugares situados num tempo, ela exclui outros de suas lembranças. Polak sugere que: “ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação, em função do outro<sup>114</sup>”. Para esta pesquisa nos importa que esquecer, ocultar e silenciar é parte do processo de construção de si, que nosso protagonista empreende.

Igualmente, seus memorialistas também fazem questão de ressaltar o seu reconhecimento dentro da classe médica, destacando inclusive o prestígio que adquiriu em outros ramos do saber, como na ocasião em que o higienista foi homenageado na Faculdade de Direito do Recife em 1940<sup>115</sup>.

Em 1909, Octávio, em conjunto com outros médicos, conseguiu que se realizasse o Primeiro Congresso Médico Pernambucano; entretanto, na data da abertura do congresso os seus dois filhos vieram a falecer de febre amarela<sup>116</sup>, causando-lhe bastante tristeza. Toda a programação do congresso, no que toca a parte científica, foi realizada como prevista, entretanto, as atividades de lazer foram canceladas, em respeito ao luto pelo que um dos principais idealizadores do congresso estava passando. Abatidos, o médico e sua esposa decidiram viajar para Europa, no mês de maio daquele ano, com intuito de se recuperar emocionalmente. O casal passou um

---

<sup>114</sup> POLLAK, 1992, p. 204.

<sup>115</sup> PORTO, Valdêncio. Octávio de Freitas na casa de Tobias. In: TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas**: um homem à frente do seu tempo. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993.

<sup>116</sup> Octávio de Freitas teve outro filho em 1920. José Octávio de Freitas Júnior se formou em medicina, em 1943, pela faculdade de Medicina do Recife e se especializou em psiquiatria. BASTOS, Othon. José Octávio de Freitas Júnior: uma apresentação aos jovens psiquiatras. TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas**: um homem à frente do seu tempo. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993.

mês de repouso num sanatório na Suíça, de onde seguiram para visitar vários países: Paris, Londres, Bruxelas e Berlim.

Entendemos que, ao lembrar um momento delicado, como a morte dos seus filhos, podemos perceber a ruptura na linearidade de sua biografia e isso nos revela a diversidade de experiências de um indivíduo, ou seja, evidencia a humanidade de Freitas colocando em destaque aquilo que ele não pode controlar e nem omitir. Situações como essa nos permitem visualizar os limites que há em relação à imagem que lhe foi atribuída de homem de ciência competente, que perpassa tanto sua autonarrativa como também é parte do discurso dos autores que abordam sobre sua trajetória.

Nessa passagem pela Europa o higienista aproveitou para fazer cursos e visitar instituições científicas. Em Paris o respectivo médico realizou um curso em que o possibilitou a realização da “prática das reações de *Wassermann* em Pernambuco”<sup>117</sup>. Seus memorialistas destacam que nosso protagonista “teve contato com figuras importantes do universo médico do período como Dieulafois, Lavessan, Metchnikoff, Levaditi, Roux, Pasteur”<sup>118</sup>. No nosso ponto de vista, ao realizar cursos e visitas às instituições ligadas à medicina científica e à saúde pública, Octávio estaria acumulando capital científico que o ajudaria no processo de construção de uma autoridade científica. Esses elementos viabilizariam as tomadas de posições e deslocamentos dentro do campo dos possíveis<sup>119</sup> em que estava inserido.

Octávio de Freitas se utilizava de diversos mecanismos para negociar sua introdução no campo da medicina científica. Além do capital científico e intelectual, elaborado com engenhosidade, possuía uma rede de contatos em influentes cargos políticos, inclusive herdados por sua família, que lhe possibilitava um maior suporte à sua atuação profissional. Todavia, é válido ressaltar a capacidade do jovem médico em manter os laços que vinha construindo durante sua trajetória.

Ao fazer uma reflexão sobre a classe médica no Recife o higienista pondera que

---

<sup>117</sup> FREITAS, 1940, p. 305.

<sup>118</sup> AGUIAR, 1993.

<sup>119</sup> Ancoramo-nos nas prerrogativas de Pierre Bourdieu sobre o campo científico.

O estímulo que recebemos é todo negativo e bem pode ser caracterizado pelo abandono e desprestígio que nos cumularam nas questões do saturnismo e da peste bubônica onde ao desinteresse e patriotismo com que abraçamos a causa dos oprimidos contra seus algozes poderosos, responderam uns e outros com chufas e ridículos. Quando não com desaforos e ameaças.

No entanto, somos uma corporação produtiva e os nossos esforços não têm sido em pura perda, representam um fator produtivo de adiantamento, quer de ordem intelectual e moral, quer de ordem material na nossa capital<sup>120</sup>.

Em torno dessas palavras, evidenciamos os conflitos e intrigas que marcaram alguns episódios de sua carreira profissional, mas ao mesmo tempo, ele enfatiza o valor das relações construídas pelos profissionais da medicina. Essas questões são partes constituintes do campo científico em que estava inserido, no qual se criam laços em redes de sociabilidades, porém, as intrigas e disputas também se fazem presentes nesse espaço de produção científica.

### 2.3.3 A Sociedade de Medicina de Pernambuco

Octávio de Freitas também participou ativamente da Sociedade de Medicina de Pernambuco. Ao regressar ao Recife, recém-formado, havia na verdade uma associação Medico-farmacêutica, em substituição a primeira Sociedade da Medicina, à qual ele se associou em 1895. Todavia, o médico relata que começou a frequentar a associação com mais assiduidade, somente a partir de 1897, quando Rodolpho Galvão também passou a frequentá-la<sup>121</sup>, que, além de ser seu amigo, era alguém por quem Freitas possuía bastante estima pelo seu trabalho. Foi nessa gestão que se decidiu a mudança do nome para Sociedade de Medicina de Pernambuco, como havia sido antes. Após a mudança de nomenclatura foi elaborado um novo estatuto e iniciou-se a publicação de uma revista, *Os Annaes*, a que Octávio contribuía como redator<sup>122</sup>.

<sup>120</sup> FREITAS, Octávio. **Os nossos médicos e a nossa medicina**. Recife: s.n., 1904. p. 9-10.

<sup>121</sup> Médico bacteriologista, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, exerceu cargos importantes em Pernambuco. Esteve na direção da Inspeção de Higiene do Estado e no posto antirrábico de Pernambuco alcançando prestígio no campo da medicina científica. Cf. PEREIRA, Cosme de Sá. A pedidos: ao ilustre professor bacteriologista Dr. Rodolpho Galvão. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno77, n. 45, p. 2, 14 jun.1901. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

<sup>122</sup> FREITAS, 1940.

Em 1898, Octávio foi reeleito como secretário e o médico e professor Constâncio Pontual, como presidente da Sociedade da Medicina de Pernambuco. Ao ser eleito, o novo presidente comprometeu-se em realizar uma palestra sobre a temática da sífilis e do casamento. Com um assunto polêmico para o período, essa conferência nunca ocorreu devido a rumores de que haveria pessoas para avaliar os seus conceitos e concepções. Nas palavras de Freitas acerca dessa falta de Pontual, “não era de seu feitio [...] a função de gladiador”<sup>123</sup>. Por esse motivo o presidente não compareceu no dia marcado para a sessão e nem para as outras subsequentes.

Diante dessa circunstância, em conjunto com outras questões, a sociedade da Medicina foi extinta e despejada em 1900, por ordem do governo do Estado. Após esse acontecimento, Octávio ofereceu no instituto Pasteur uma sala para acondicionar todo o imobiliário, livros e documentos da extinta instituição. Ele passava horas lendo e relendo várias obras daquele acervo, com destaque para livros que pertenciam aos antigos médicos do Recife, sendo que muitos deles possuíam anotações com informações dos pagamentos referentes aos atendimentos médicos. Foi com base no contato com essa documentação que foi possível a escrita de sua obra *Os nossos médicos e a nossa medicina*.

Após dois anos de hiato, Freitas em conjunto com parte do antigo grupo de associados, decidiram em 1902 construir uma nova Sociedade da Medicina com o mesmo nome da que fora abolida. Nas reuniões discutiam-se conteúdos práticos e debatiam-se propostas em relação ao saber médico e as questões de cunho social.

Octávio de Freitas assumiu pela primeira vez a presidência da Sociedade da medicina no ano de 1908. Mesmo quando não esteve à frente da presidência era um associado assíduo, como consta nas atas das sessões em que esteve presente, participando ativamente dos debates<sup>124</sup>, por meio de temas relacionados aos seus estudos sobre os problemas sociais de Pernambuco ligados à saúde, discorrendo sobre variáveis como a sífilis e o alcoolismo<sup>125</sup>. Integrou comissões, como a de Higiene<sup>126</sup> da respectiva instituição, tema esse constante em sua carreira profissional.

---

<sup>123</sup> FREITAS, 1940, p. 257.

<sup>124</sup> SESSÃO ORDINÁRIA DA SOCIEDADE DA MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1911, Recife. **Ata...** Recife, 1 abr. 1913.

<sup>125</sup> SESSÃO DA SOCIEDADE DA MEDICINA DE PERNAMBUCO, 11., 1914, Recife. **Ata...** Recife, 20 jul. 1914.

<sup>126</sup> SESSÃO DA SOCIEDADE DA MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1911, Recife. **Ata...** Recife, 3 abr. 1911.

Constata-se que as sessões científicas da respectiva entidade, permitiam a circulação do saber médico no Estado de Pernambuco e também de outras regiões, visto que havia vários professores convidados de outros Estados para a exposição de suas pesquisas, como a ocasião da visita do Professor da Faculdade de Medicina da Bahia, José Carneiros de Campos, que presidiu a sessão de 16 de agosto de 1910, “proferindo palavras de agradecimento e fazendo honrosas referências à classe médica de Pernambuco”<sup>127</sup>.

Durante os anos de 1914 a 1916 exerceu a função de presidente da Sociedade da Medicina de Pernambuco, na qual pode elaborar o II Congresso médico Pernambucano, que se realizou em 1916.

É válido destacar a importância e a visibilidade que a agremiação foi adquirindo no Estado, recebendo convites em variados eventos que compunham o círculo da sociedade pernambucana das primeiras décadas do século XX.

Ao participar de instituições importantes, como a Sociedade da Medicina, Octávio estava em contato direto com importantes profissionais do campo médico e se trocavam saberes relativos à medicina científica, que estava se configurando no país. Desse modo, compreendemos a importância do discurso em relação ao lugar social em que esses sujeitos ocupavam no campo da medicina e que deu a esses profissionais suporte para os seus deslocamentos, nos diversos espaços institucionais em que transitavam.

Em outras palavras, ao ocupar por diversas vezes cargos importantes, em diferentes instituições ligadas à higiene e à saúde pública, não podemos deixar de destacar que, numa instituição como a Sociedade de Medicina, havia a construção de uma rede de amizades e contatos que evidenciam com quais estratégias nosso protagonista se utilizava do seu capital científico<sup>128</sup> para a execução de seus projetos profissionais e pessoais. Assim, compreendemos melhor com quais moedas Freitas negociava seus deslocamentos na área da medicina higienista.

---

<sup>127</sup> DIÁRIO de Pernambuco, Recife, anno 86, n. 206, 18 ago. 1910. Vida social, p. 2. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

<sup>128</sup> BOURDIEU, 1998.

### 2.3.4 Traços eugenistas

Encontramos no pensamento de nosso personagem a presença da eugenia. Essa teoria, criada por Francis Galton, em 1883, influenciou os intelectuais e cientistas brasileiros do início do século XX. O respectivo conceito defendia o melhoramento da raça, na perspectiva de produzir seres mais evoluídos, seja física ou mentalmente. Ao recordar sobre suas ações enquanto higienista, Freitas a firma que

Evitamos a varíola, a raiva, a difteria e outras pelas vacinas; nos acautelamos contra as viciações dos meios, contra os excessos de trabalho impedindo o aparecimento da tuberculose e outros males consultivos; procuramos melhorar a raça pela eugenia<sup>129</sup>.

A partir do trecho acima fica evidente que higienistas e evolucionistas cooperaram para a biologização da sociedade. Os higienistas receberam influência direta da teoria de Lamarck, elaborada no século XVIII, conhecida como a lei dos caracteres adquiridos. Essa teoria postulava que o meio ambiente e o comportamento contribuem para os caracteres hereditários; dessa forma, os higienistas se aproximaram desse conceito para formular políticas sanitárias<sup>130</sup>.

Foi na cidade de São Paulo, em 1917, onde emergiram as primeiras organizações eugênicas brasileiras. O nome de Renato Ferraz Kehl é considerado como o personagem principal responsável por articular esse movimento, que culminou com a criação da Sociedade Eugênica de São Paulo. Tal instituição atuou por meio de reuniões, palestras e propagandas, no entanto, sua existência perdurou somente até 1919. Todavia, posteriormente o movimento eugenista se rearticulou no Rio de Janeiro vinculando-se à atuação da Liga Brasileira da Higiene Mental, fundada em 1922.

Lília Schwarcz, ao analisar a produção intelectual durante o período de 1870 a 1930, tomando como base os estudos de diferentes instituições, aponta que é possível

---

<sup>129</sup> FREITAS, 1923, p. 6.

<sup>130</sup> DIVAN, Pietra. **Raça pura**: uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2007. Ver também: STEPAN, Nancy Leys. **A hora da eugenia**: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

delinear como cada órgão tentou responder à problemática da miscigenação e ao futuro da nação, que implicaria na construção de uma identidade nacional. A pesquisadora investigou essa prerrogativa nos Institutos históricos, nos museus etnológicos, nas faculdades de direito e medicina, que estavam sendo implantadas no século XIX<sup>131</sup>.

Diante disso, o discurso médico, de fins do século XIX e início do XX, estava inserido no contexto de conflitos de projetos dos saberes profissionais, na medida em que implicava na construção de visões sobre o futuro da nação. Para a medicina era necessário curar o país enfermo, a partir de uma concepção eugênica na elaboração de uma população sadia e livre de imperfeições.<sup>132</sup>

Em linhas gerais, as prerrogativas da teoria eugênica encontraram terreno fértil dentre diversos intelectuais brasileiros, seja de forma explícita ou implícita, em diferentes mecanismos de comunicação, como analisa Nancy Stepan:

De acordo com uma bibliografia sobre eugenia elaborada por Kehl (1933), entre 1897 e 1933, 74 importantes publicações sobre eugenia apareceram no Brasil. Sua lista deixa de fora muitos livros e panfletos sobre temas eugênicos (como livros sobre higiene mental, por exemplo, bem como muitos periódicos influenciados pela eugenia). A bibliografia de Kehl incluía 24 teses de alunos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, por exemplo, mas deixa de fora sete outras teses surgidas entre 1919 e 1937 na Escola de Medicina de São Paulo em cujos títulos indicava-se especificamente a 'eugenia'. Na verdade, Kehl representou de forma literal toda a produção cultural do Brasil sobre a eugenia, deixando de lado [...] muitas obras que não se enquadravam em sua definição de eugenia, como por exemplo, alguns dos escritos de Octávio Domingues<sup>133</sup>.

Em vista disso, uma obra que nos possibilita visualizar com maior clareza a aproximação de Octávio com teorias raciais é o Livro *Doenças Africanas no Brasil*<sup>134</sup>, publicado em 1935 pela Companhia Editora Nacional. Essa obra foi realizada a convite de Gilberto Freyre para compor o quadro de estudos para o I Congresso Afro-

<sup>131</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>132</sup> Ibid.

<sup>133</sup> STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego. **Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. p. 342.

<sup>134</sup> FREITAS, Octávio de. **Doenças Africanas no Brasil**. Rio de Janeiro Companhia Nacional, 1935.

Brasileiro, que ocorreu entre os dias 11 e 16 de novembro de 1934, no Teatro de Santa Isabel, na capital pernambucana.

O *Diário de Pernambuco* publicou uma nota divulgando a publicação do livro de Octávio e evidenciou seu prestígio nesse veículo de informação com as seguintes palavras:

**O nosso antigo colaborador** sr. Octávio de Freitas a quem muito se deve o desenvolvimento da ciência médica entre nós, autor de diversas monografias sobre assunto de higiene acaba de publicar um trabalho dos mais vivo interesse documentário “Doenças africanas no Brasil”<sup>135</sup>.

Octávio trabalha com a tese de que várias doenças introduzidas no Brasil foram originárias do continente africano, a partir da população escrava; essas doenças encontrariam aqui condições propícias para proliferar devido ao clima semelhante. Aborda que o Brasil era elogiado pelo cronistas e viajantes, citando Jean de Lery, Padre Manoel da Nóbrega, Pedro de Gandávo, dentre outros, como uma terra salubre antes da chegada dos europeus, que trouxeram inúmeras doenças, até então desconhecidas entre os nativos. Ele cita vários autores que falam sobre a saúde em Pernambuco, nos tempos coloniais, e aponta que o clima da cidade do Recife era elogiado em relação às influências endêmicas, que, quando atingiam outros países assumiam outras gravidades. Assim, constatamos que ele se impregna de uma visão eurocêntrica para fazer um quadro nosológico das doenças no Brasil. O higienista concorda com a visão de que os nativos eram poucos obedientes ou preguiçosos e que os negros africanos trazidos para o Brasil, durante o período colonial, eram mais aptos a suportar a duras jornadas de trabalho. Considera a colonização como “a grande culpada dos maiores males e desconcertos sanitários porque ele passou, nos seus tempos coloniais”<sup>136</sup>.

Nessa obra, Octávio apontou a escassez de fontes para a pesquisa sobre as condições de saúde do país, nos primeiros anos de colonização. Ele cita as Crônicas

---

<sup>135</sup> DIÁRIO de Pernambuco, Recife, n, 49, anno 111, 28 fev. 1936. Várias, p. 3. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 15 fev. 2017. (Grifos nossos).

<sup>136</sup> FREITAS, 1935, p. 16.

da *Companhia de Jesus do Estado do Brasil* e as primeiras epidemias, logo após o contato com os Europeus:

Eu sei e proclamarei bem alto que não foi ele o culpado desta infestação de nossas terras, pelas doenças de que foi portador involuntário, e sim os que, por cobiça e por interesse pecuniários, conduziram atabalhoadamente os pretos africanos para as nossas pragas, sem exame prévio de suas condições de saúde e sem o menor cuidado. E isto é, com maior franqueza que declaro<sup>137</sup>.

O higienista realizou um inventário das doenças que ocorriam no continente Africano e que se apresentaram no novo mundo: as boubas, o gandu, a frialdade, bicho da Costa, ahium, o bicho dos pés, disenteria mansoneana, alastrim, fliarias e mosquitos africanos. Ele se utilizou como fonte de pesquisa os tratados médicos, teses das faculdades de medicina e manuais de médicos.

Havia uma dificuldade na documentação em relação às descrições das doenças, diante da problemática de que o conhecimento médico, que se tinha durante o século XVIII e boa parte do XIX buscava destacar os sintomas e os diagnósticos que eram bastantes imprecisos<sup>138</sup>. Octávio destaca essa problemática em uma das doenças em que aborda:

Eu nunca tive conhecimento de enfermidade que possuísse maior, ou mesmo tanta fartura de nomes para designá-la. Frialdade, opilação, cansaço, inchação, amarelão, cachexia, africana e quantos outros termos populares eram denominações que lhe davam, baseados quase somente num sintoma ou noutro, observados nos vitimados por esta implicantíssima doença, cujos portadores ainda, estigmatizam com os nomes de opados, empalamados ou amarelados de Goyanna, último apelido este de frequente uso, até pouco tempo, na cidade do Recife<sup>139</sup>.

Consideramos que Octávio de Freitas ao mesmo tempo em que se aproxima de teorias raciais, em outros momentos lança mão de uma flexibilização sobre essas teorias e eleva a importância do ambiente; no entanto, não perde o horizonte de suas

<sup>137</sup> FREITAS, 1935, p. 30.

<sup>138</sup> FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. As doenças dos escravos: um campo de estudo para a história das ciências da saúde. In: CARVALHO, D. R.; CARVALHO, D. M.; MARQUES, R. C. **Uma história brasileira das doenças**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

<sup>139</sup> FREITAS, op. cit., p. 88.

análises relacionando-as às questões raciais, mesmo que em alguns trechos de sua narrativa ele destaque os elementos sociais, como exemplo, ao dizer:

Doença sobretudo peculiar ao povo baixo, aos ‘sem sapatos’ aos trabalhadores rurais, aos plantadores de cana-de-açúcar, é ela muito mais frequente nos homens que nas mulheres. Isto devido antes às condições de vida ou, melhor, à profissão exercida pelos homens, que a qualquer outro motivo<sup>140</sup>

Octávio cita os estudos de Artur Neiva e Belisário Penna<sup>141</sup> para refutar a crença de uma anemia fisiológica própria de populações de climas tropicais. Ainda aponta os trabalhos que a Fundação Rockefeller vinha fazendo no saneamento das zonas rurais no Brasil, mapeando as estatísticas das verminoses, a partir da realização de exames nas populações afetadas, verificando que cerca de 92% da população examinada estava contaminada com ovos de vermes, em suas respectivas fezes. A partir destas evidências Freitas concluiu suas análises sobre a frialidade com o seguinte fechamento: “Diante deste número de indivíduos anemiados em consequência das infestações pelos nematóides, associados tantas vezes aos helmintos, para que nos iludirmos com uma anemia essencial, atribuída, falaciosamente aos calores tropicais<sup>142</sup>”

Abordou ainda sobre a frialidade e o estereótipo eternizado na obra literária de Monteiro Lobato:

Pouco a pouco se vai debuxando neste tipo de indivíduo o tipo clássico do Jeca Tatu, tão bem descrito por Monteiro Lobato, que apenas se esqueceu de focalizar, com exatidão e para diminuir um tanto a responsabilidade de nossas terras, o seu berço de origem. Com efeito, este Jeca não seria absolutamente o representante do nosso sertanejo ou do nosso matuto, se o mal trazido do continente negro não se tivesse nele introduzido, inclementemente, pela ignorância e pelo descuido dos colonizadores<sup>143</sup>.

---

<sup>140</sup> FREITAS, 1935, p. 89.

<sup>141</sup> Cf. PENNA, Belisário. **Saneamento do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro, 1923.

<sup>142</sup> FREITAS, op. cit., p. 113.

<sup>143</sup> Ibid., p. 89-90.

Acontece que muitas das pesquisas apresentadas no I Congresso Afro-brasileiro possuíam uma posição ambígua; mesmo alguns intelectuais, ao se utilizarem do conceito de cultura, em substituição aos fundamentos biológicos da raça, ainda lançaram mão da noção de superioridade em relação à raça ou à cultura<sup>144</sup>.

De fato, o período entre guerra foi marcado de muita instabilidade, ocorrendo graves crises econômicas, como a queda da bolsa de Nova York, em 1929, que gerou desemprego, violência e inúmeras agitações sociais. Os argumentos ideológicos, eugênicos e racistas articulados pelos nazistas, influenciaram também os intelectuais e a imprensa brasileira. Ao mesmo tempo realizava-se no Recife o Congresso Afro-brasileiro, idealizado e organizado por Gilberto Freyre, que à sua maneira, procurava abordar os aspectos positivos da miscigenação.

Em vista disso, o posicionamento de Freitas nessa obra pode ser entendido dentro do quadro teórico em que as ideias raciais estavam circulando entre os cientistas e intelectuais no país. Dessa maneira, apresentou, no dia 14 de novembro de 1934, um texto resumindo as doenças africanas no Brasil, que viria a ser publicado posteriormente em formato de livro sob o título de *Doenças africanas no Brasil*<sup>145</sup>.

## 2.4 O CRONISTA

O médico Octávio de Freitas publicou crônicas nos principais jornais diários da cidade, que foram reunidas nas seguintes obras: *Meus, doentes, meus clientes; Problemas médicos; Dietas e remédios; De calouro a médico e Ideias e conceitos*. Publicou 725 crônicas sobre temas diversos<sup>146</sup>.

---

<sup>144</sup> SKOLAUDE, Mateus Silva. Identidade Nacional e historicidade: o 1º congresso Afro-brasileiro de 1934. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA ANPUH / RS, 12., 2014. São Leopoldo. **Anais...**São Leopoldo: UNINISNOS, 1994. Disponível em: <[http://www.eeh2014.anpuh-rs.org.br/resources/anais/30/1404752235\\_ARQUIVO\\_Texto-MateusSilvaSkolaude.pdf](http://www.eeh2014.anpuh-rs.org.br/resources/anais/30/1404752235_ARQUIVO_Texto-MateusSilvaSkolaude.pdf)>. Acesso em: 8 jan. 2017.

<sup>145</sup> 1º CONGRESSO Afro-brasileiro. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 253, n. 109, p.2, 15 de nov. 1934. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

<sup>146</sup> HORA, Bionor. Octávio de Freitas na literatura não médica. IN: TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas: um homem à frente do seu tempo**. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993.

Seus memorialistas afirmam sua importância no universo da escrita e nos sugerem que suas ideias possuíam uma boa circulação<sup>147</sup>. Sobre essa questão Waldemir Miranda<sup>148</sup> reflete que “De higienista convicto ao amor às letras de que precisava como arma de comunicação, foi apenas um passo. De doutrinador em palavras e impressos, ora em revistas, ora em livros de memória e biográfico, fez escritor dos mais lidos no nordeste brasileiro”<sup>149</sup>.

Os intelectuais que faziam uso de suas redes de sociabilidade no Recife do início do século passado possuíam formação acadêmica nas Faculdades jurídicas ou médicas. Esses indivíduos estavam ligados a alguma instituição, como a Academia Pernambucana de Letras, Faculdade de Direito do Recife e o Instituto Arqueológico Histórico de Pernambuco<sup>150</sup>. Octávio, por sua vez, estava vinculado a diversas instituições que o permitiram fabricar estratégias para que suas ideias circulassem em materiais impressos. Integrou ao longo de sua carreira 37 sociedades científicas, inclusive estrangeiras<sup>151</sup>. Foi membro também da Academia Pernambucana de Letras<sup>152</sup>.

Assim, os homens de letras do Recife do início do século XX estavam vinculados aos espaços de produção de saber e faziam suas ideias circularem por meio de textos em jornais literários, impressos em gráficas locais e publicações nos jornais diários da

---

<sup>147</sup> É importante ressaltar que o acesso à instrução e à leitura, no Recife do início do século XX, era muito restrito, na medida que em 1920 o número de analfabetos chegava a 74% sobre o total da população maior de 15 anos. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Repertório estatístico no Brasil, quadros retrospectivos**. Rio de Janeiro: IBGE, 1986. v. 1. p. 13. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv17983\\_v1.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv17983_v1.pdf)>. Acesso em: 14 abr. 2017.

<sup>148</sup> Membro da Academia Pernambucana de Letras, da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, Regional de Pernambuco e da Academia Pernambucana de Medicina.

<sup>149</sup> MIRANDA, Waldemir. Octávio de Freitas na Academia Pernambucana de Letras. In: TAVORA, José Geraldo (org.). **Octávio de Freitas: um homem à frente do seu tempo**. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993. p. 217.

<sup>150</sup> OLIVEIRA JÚNIOR, Rômulo José F. Intelectuais à pernambucana. Literatura, Direito e História nos periódicos locais (1865-1914). ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** Rio de Janeiro, RJ, 2012. Disponível em: <[http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338515054\\_ARQUIVO\\_INTELECTUAIS\\_APERNAMBUCANA.pdf](http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338515054_ARQUIVO_INTELECTUAIS_APERNAMBUCANA.pdf)>. Acesso em: 14 fev. 2017.

<sup>151</sup> BASTOS, Nilo de. Octávio de Freitas, meu patrono. In: TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas: um homem à frente do seu tempo**. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993. p. 163.

<sup>152</sup> Atualmente nas obras raras da biblioteca da instituição encontra-se o livro em manuscrito *Histórico da Luta Antituberculosa em Pernambuco*, datado de 1948, com o prefácio do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre.

cidade<sup>153</sup>. Muitos periódicos tiveram vida efêmera; alguns, edições únicas<sup>154</sup>. A imprensa nesse período era a grande dominante no campo intelectual em formação. Segundo Souza Barros<sup>155</sup>, as atividades de divulgação dos trabalhos dos intelectuais se davam pela imprensa. Esses indivíduos acabavam por exercer uma atividade jornalística, seja de forma direta ou indireta, como colaboradores nos veículos de comunicação. O reconhecimento do status de intelectual passava, portanto, obrigatoriamente via imprensa.

Os periódicos desempenharam um papel crucial na divulgação de ideias, nos entraves políticos e literários e no funcionamento de grupos de intelectuais. A relação dos intelectuais com a imprensa, por diversos momentos, foi permeada por conflitos e tensões<sup>156</sup>.

Nos primeiros anos da República a maior parte das obras de escritores brasileiros era ainda impressa na França e Portugal, no entanto, com o desenvolvimento do mercado sul-americano foram inauguradas filiais das editoras francesas no Brasil e Argentina<sup>157</sup>.

Nosso protagonista, no que lhe diz respeito, igualmente se utilizava desses suportes para circulação de suas ideias. Várias obras de sua autoria foram impressas nas gráficas locais, como a Imprensa Industrial, a Typografia a Vapor e a Escola Typografia Salesiana. Por outro lado, outros textos foram publicados pela Companhia Editora Nacional, que possuía projeção nacional.

Na Primeira República o que se constata é que as relações sociais são extremamente importantes para a inserção no campo intelectual, seja por meio de esforços vindos da esfera privada ou das instituições ligadas à classe dominante, todavia, quanto mais esse campo começa a ganhar autonomia, os elementos de

---

<sup>153</sup> Robert Darnton aponta a importância em compreender como as ideias circulam por meio da imprensa e o impacto que os textos impressos acarretam no pensamento e no comportamento das sociedades. Cf. DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>154</sup> Sobre a variedade de jornais e revistas no Recife desse período cf. LUZ, 2008.

<sup>155</sup> BARROS, Souza. **A década de 20 em Pernambuco**: uma interpretação. Rio de Janeiro: s.n., 1972.

<sup>156</sup> SIMÕES JÚNIOR, Alvaro Santos; CAIRO, Luiz Roberto; RAPUCCI, Cleide Antônia (orgs). **Intelectuais e imprensa**: aspectos de uma complexa relação. São Paulo: Nankin, 2009.

<sup>157</sup> MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

formação escolar e cultural vão ganhando destaques nas disputas que se formulam dentro dele<sup>158</sup>.

Nos anos 1920 houve uma renovação no campo literário e intelectual com a inserção de recém-egressos dos cursos superiores. Esses indivíduos estavam “cheio de idealismo, ingressando de peito abertos nas lides incrustas do pensamento e da ação, a serviço da comunidade<sup>159</sup>”. Os escritores profissionais desse período estavam se adaptando a gêneros oriundos da imprensa francesa, como é o caso da crônica. Em várias capitais, médicos, semelhantes a Octavio de Freitas, exerceram atividades de caráter literário e obtiveram reconhecimento dentro desse campo de produção intelectual.

As crônicas possuem relação com a história, na perspectiva que ambas fabricam memórias; diante disso, elas necessitam ser interpretadas, pois são também tramas textuais. Esses textos são documentos e, segundo a historiadora Regina Beatriz,

O documento é a apresentação/representação aquilo que se escreveu sobre, mas aquilo que se escreveu sobre só ganha estatuto de acontecimento, importância e significado histórico, a partir do momento em que ele é narrado, pertencendo a outra rede discursiva: ligado a uma série de referentes<sup>160</sup>.

Ao reunir as suas crônicas publicadas em jornais, em formato de livro, o cronista revela a intenção em organizar essas narrativas para a posterioridade de maneira sistemática, diante da noção de que os temas reunidos em cada obra dialogam entre si, dando um ritmo próprio a cada conjunto de textos que foi publicado.

Nesse sentido, o conjunto de textos contidos no livro *Problemas médicos* é resultado de crônicas médicas que foram publicadas no *Diário de Pernambuco*. Freitas aponta a importância da medicina preventiva e higienista. Nessas crônicas seu objetivo era justamente divulgar alguns conceitos importantes da medicina para a população. Dessa maneira, ele defendeu em seu prefácio que

---

<sup>158</sup> Miceli aponta que “o estudo da vida intelectual brasileira em seu período de formação constitui uma ocasião privilegiada de compreender as modalidades com que a produção literária contribuiu para o trabalho de dominação, contribuição que assume formas mais complexas e dissimuladas num campo intelectual dotado de maior autonomia relativa”. In: MICELI, 2001, p. 17.

<sup>159</sup> BARROS, 1972, p. 177.

<sup>160</sup> GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Trajetórias de vida, trajetórias de ofício. [Entrevista]. João Pessoa (PB). **Revista de História: Saeculum**. n. 23. jul. /dez. 2010. p. 175.

Este será o ideal supremo da medicina que caminha sempre e sempre para positivar-se em higiene, o seu último estágio. Eu penso, entretanto, que somente veremos realizado este desiderato quando se difundirem pelo grande público conceitos e ideias médicas, até hoje encantonados nas academias e círculos científicos a respeito do homem sadio e do homem doente, das causas e meios de propagação das moléstias e, finalmente, dos meios de evitar os males de toda a ordem e conservar a saúde<sup>161</sup>.

Nas crônicas médicas abordou diversas doenças, como a tuberculose, a doença de chagas, o câncer, dentre outras. A primeira crônica que selecionou para esse livro foi sobre o câncer. Octávio abordou essa doença mostrando os limites e as incertezas que pairavam na ciência sobre ela; em dissonância com as doenças microbianas, para essa doença a medicina ainda não havia conseguido realizar a cura dos doentes. Ele descreveu algumas características da enfermidade:

Moléstia eminentemente metastática e migratória, se por um meio qualquer é obstada de proliferar num território orgânico, de pronta e sem delongas, muda-se ela para outro departamento quase sempre mais importante, acarretando consequências mais graves e desastrosas<sup>162</sup>.

Impregnado dos conhecimentos microbiológicos, em profunda efervescência no início do século XX, o higienista põe em cheque a teoria que defende o câncer como resultado exclusivo da transmissão hereditária:

No entanto de a muito vem se demonstrando a falsidade deste conceito. O câncer é contagioso; ele longe de ser um mal estacionário, tem vindo pouco a pouco alastrando os seus malefícios; o número de suas vítimas vai aumentando de ano a ano, e o que é mais importante, certas localidades são mais contaminadas que outras pelo desolador flagelo [...]. Têm-se notado a presença de pequeninos ácaros nos indivíduos cancerosos. Serão talvez esses os responsáveis; serão talvez os percevejos, como têm outros observado, o elemento, o fator intermediário, tal como se verifica para outras muitas formulas microbianas - o paludismo, a tripanossomíase, a febre amarela, a erisipela, por exemplo. O que resuma de tudo isto: é a presença de um germe nas afecções cancerosas; é a existência desses germens nos solos das habitações: é a contaminação do indivíduo são pelo indivíduo doente; é a pouca influência da herança na transmissão da moléstia<sup>163</sup>.

---

<sup>161</sup> FREITAS, Octávio de. **Problemas médicos**. Recife: Imprensa industrial, 1912.

<sup>162</sup> Ibid., p. 5.

<sup>163</sup> Ibid., p. 7-11.

Citando inclusive algumas pesquisas recentes sobre o câncer, o cronista buscou popularizar o conhecimento sobre essa doença que ainda estava bastante obscura para os saberes médicos da época. Não obstante, em seu ponto de vista esse mal deveria ser combatido como uma moléstia social e não familiar. Diante disso e dos estudos que estavam sendo feitos, ele apontou a importância dos registros sanitários das habitações e o registro patológico da doença para que se criassem mecanismos de combate à enfermidade.

Nesse sentido, é perceptível nas suas crônicas a relação entre o conhecimento médico e as questões sociais que ele buscava tecer. No seu texto sobre o leite, Octávio evidencia suas preocupações sociais a partir da defesa da manutenção de uma boa alimentação para toda a população, independente das condições sociais, desse modo, argumentou que

[..] O leite bom não pode deixar de ser relativamente caro, o que para logo se estabelece uma antinomia entre o ponto de vista higiênico, que não pode ser satisfeito senão com um argumento notável dos preços, e o ponto de vista sociológico, que exige, ao contrário, preços compatíveis com as bolsas minguadas da classe média e do proletariado<sup>164</sup>.

Compreendemos que as questões sociais embasavam seus argumentos sobre a higiene e a medicina preventiva da população. Imerso num período de grandes transformações urbanísticas, seus escritos se contaminam com as questões sociais em destaque nos princípios do século XX.

Em outra crônica, intitulada *Embaraço gástrico*, ele relaciona o tema da alimentação com as questões cotidianas da saúde da população e enfatiza a importância dos bons hábitos alimentares:

Ali, um outro, amante do indicioso baco, que abusou das bebidas espirituosas.  
Além mais outro que se utilizou de comidas muito, ou esquisitamente condimentadas - pimentas, mostardas e quejandos irritantes -; que se afastou por motivos vários do seu regime alimentar de todos os dias; fumou demasiadamente, entregou-se finalmente, a grandes vigílias e grandes fatigantes trabalhos, quer físicos, quer intelectuais<sup>165</sup>.

---

<sup>164</sup> FREITAS, 1912, p. 11-14.

<sup>165</sup> Ibid., p. 92.

Visto por seus memorialistas como ético e destemido<sup>166</sup>, em uma de suas crônicas Octávio criticou a indústria de medicamentos, que segundo ele “despejam as diversas fábricas de produtos farmacêuticos, estrangeiras e nacionais[...]”<sup>167</sup>. O cronista tece aqui claramente uma crítica a explosão do uso de remédios com o desenvolvimento da medicina experimental e as engrenagens de funcionamento da fabricação medicamentosa. Busca alertar a população com essa narrativa sobre os bastidores da produção farmacêutica e expõe que

Temendo que os médicos e farmacêuticos deixem no cesto de papeis imprestáveis os seus livretos de aspecto bonito, são invadidos os consultórios clínicos pelos caixeiros viajantes cheio de drogas e mesinhas que impregnam... para nós impingimos aos nossos doentes<sup>168</sup>.

Nessa mesma diretriz, no prefácio de suas crônicas, reunidas em *Dietas e remédios*, o escritor reitera sua visão cautelosa sobre as diversas drogas inventadas e adverte aos seus leitores

Que eles repassem todas as minhas RECEITAS e ao chegarem à última exclamem justamente orgulhosos: - “Felizmente nenhuma delas carecemos”. Assim, ficaremos todos muito contentes e amigos porque meus leitores não experimentando senão por leitura os **Remédios** e as **Dietas** nunca terão motivos de falar mal deles, pois é um axioma muito conhecido em terapêutica e muito verdadeiro, que uns e outras têm as suas indicações e as suas contraindicações<sup>169</sup>.

Em vários textos, nosso protagonista busca divulgar os saberes da microbiologia decorrente das pesquisas de Pasteur, inclusive estudos recentes no Brasil, ao abordar algumas descobertas, como a do barbeiro:

Aos mosquitos, as moscas, e as diversos outros sugadores de sangue veio se juntar mais um cruel inimigo do homem, descoberto e proficientemente estudado por um colaborador dos mais inteligentes dessa jovem e já escola medica experimental de Manguinhos, o operoso dr. Carlos Chagas<sup>170</sup>.

---

<sup>166</sup> HORA, 1993.

<sup>167</sup> FREITAS, 1912, p. 100.

<sup>168</sup> Ibid., p. 100-104.

<sup>169</sup> FREITAS, Octávio. **Dietas e remédios**. Recife: Imprensa Industrial, 1915b. p. 6-7. (grifos do autor)

<sup>170</sup> FREITAS, op cit., p. 190.

O cronista ainda indicou aos seus leitores interessados em saber mais sobre essa doença, a leitura de revistas nacionais e estrangeiras, como o *Brazil Médico* e os *Anais do Instituto Oswaldo Cruz*. No nosso ponto de vista, Freitas se utiliza desse tipo de narrativa não só para popularizar os conhecimentos da medicina experimental, mas também empreende assim estratégias discursivas para se inserir dentro do campo da medicina científica.

Para escrever suas crônicas, Octávio se utilizava de suas experiências em que vivenciou na sua atuação profissional<sup>171</sup>, ou mesmo fazia uso do recurso de se aproximar do leitor, ao narrar práticas que ele afirma realizar em sua vida pessoal. Na crônica abaixo, intitulada “*Água fervida*”, ele compara o uso da água fervida e da água filtrada avaliando que:

Superior a água fervida é, sem dúvida alguma, a água filtrada em velas Chamberlard ou Berkefeld.

A água filtrada por qualquer um desses meios está completamente isenta dos germens patógenos, conservando as suas qualidades organolépticas intactas sem prejuízos de suas propriedades bioquímicas. É água filtrada a que eu uso em minha casa e esta é a que eu aconselharei aos consulentes, por que ela não nos faz mal e não sabe muito bem<sup>172</sup>.

Num contexto em que era recorrente a contaminação por ingestão de água e alimentos contaminados, essa crônica reflete a preocupação da classe médica com as diversas moléstias que assolavam o Recife, como a cólera e a disenteria. Nas páginas dos principais jornais locais eram recorrentes a publicação de artigos sobre essa problemática. A Sociedade de Medicina, por exemplo, da qual Octávio fazia parte, recomendava a população no início do século XX “filtrar toda a água da alimentação”<sup>173</sup>.

---

<sup>171</sup> Na sua obra *De calouro a médico* foram reunidas 18 crônicas que representam fatos ocorridos durante a sua vida de estudante e da carreira médica. O cronista busca mostrar o seu ponto de vista da formação médica. Narra seus primeiros dias na atuação clínica, com os respectivos obstáculos do processo de inserção no mercado profissional. Seu primeiro insucesso na profissão e sua reflexão sobre a importância da necessidade contínua de estudo, em face ao incessante progresso dos saberes da medicina e da ciência. Cf. FREITAS, 1915a.

<sup>172</sup> FREITAS, 1915a, p. 43-44.

<sup>173</sup> SOCIEDADE da Medicina. *Diário de Pernambuco*, Recife, anno 80, n. 77, p. 2, 7 abr. 1904. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

A publicação de seu livro *Dietas e remédios* foi avaliada pelo *Diário de Pernambuco*, que não poupou elogios, não só do ponto de vista do conteúdo, mas também em relação a estética linguística de sua obra:

Octávio de Freitas é conhecidíssimo como um dos mais perfeitos e infatigáveis propagandistas da ciência médica. De sua já extensa vida de publicidade, quase nenhum assunto relevante ele tem descurado e de todos sempre tratou com a mais impressionante clareza.

Nos seus escritos nada de termos técnicos, palavras empoladas. A sua proficiência ele a revela, em linguagem simples, mas precisa. E por isso mesmo o que escreve é lido com agrado e assimilado proveitosamente. Para, portanto, comentar um livro de Octávio de Freitas basta dizer que é uma continuação da sua obra de imprensa, com a mesma nitidez e o mesmo saber que até agora tem caracterizado<sup>174</sup>.

Em vista de suas obras serem avaliadas positivamente pela imprensa, isso nos possibilita compreender como a mesma agenciava a construção de imagens sobre nosso personagem, construindo elementos que o figuram como um profissional de prestígio no campo intelectual, pontuando os meandros estéticos que envolvem os seus escritos. Igualmente, os seus memorialistas buscam elaborar representações semelhantes sobre sua faceta de escritor, elogiando “à sua maneira de escrever com simplicidade e sem exageros”<sup>175</sup>.

---

<sup>174</sup> DIETAS e remédios de Octávio de Freitas. Recife, imprensa industrial. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 90, n. 171, p. 1, 2. Jul. 1914. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

<sup>175</sup> MIRANDA, 1993. p. 217.

### 3 OCTÁVIO DE FREITAS E O CENÁRIO DA CIÊNCIA BRASILEIRA

Neste capítulo buscaremos entender melhor qual o cenário da ciência brasileira em que Octávio de Freitas estava inserido. Para isso lançaremos mão do debate historiográfico sobre o desenvolvimento da ciência no país, situando os contornos que delinearão a medicina experimental. Desse modo, buscamos investigar a construção do campo médico no Recife. Escolhemos analisar a atuação de nosso protagonista à frente de duas instituições importantes em Pernambuco, o Instituto Pasteur e a Liga Pernambucana Contra a Tuberculose, visto que estas entidades foram celeiros no processo de divulgação e aplicação de conhecimentos microbiológicos no Estado.

#### 3.1 O DEBATE HISTORIOGRÁFICO SOBRE A HISTÓRIA DA CIÊNCIA NO BRASIL

O final do século XIX e início do XX, é um período considerado crucial para a história da saúde no Brasil, diante do processo de mudança da situação da saúde da população, bem como das políticas sanitárias e dos respectivos conhecimentos médico-sanitário. Houve um desenvolvimento da ciência experimental e a formulação de novas tecnologias médicas. A historiografia tradicional sobre o percurso da prática científica no país, até a década de 1970, não sinalizava a devida importância dos institutos de pesquisa como locus de produção de saberes científicos, preferindo enfatizar a importância das universidades como lugares privilegiados do exercício da ciência. Todavia, é a partir da década de 1980 que se inaugurou uma mudança desse tipo de historiografia, na perspectiva de investigar a relevância dos institutos de pesquisas brasileiros no delineamento da prática científica no país.

Alguns pesquisadores da história da ciência no Brasil se utilizaram do modelo proposto por George Bassalla<sup>176</sup> para explicar a difusão da ciência ocidental. Tal modelo entendia o desenvolvimento da ciência a partir de três fases evolutivas: a primeira seria a fase de exploração geográfica, a segunda se constituía do período da

---

<sup>176</sup> BASSALA, George. The spread of western Science. **Science**, vol. 156, n. 156, 5 may 1967. p. 611-622. Disponível em: <<http://faculty.rmu.edu/~short/research/science-centers/references/Bassala-G-1967.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2016.

ciência colonial e a última fase seria a constituição de uma tradição científica independente e consolidada. O autor relaciona a difusão do conhecimento científico ocidental europeu para outras regiões como a América, Austrália, África e países da Ásia. Esse modelo recebeu críticas por se constituir de uma visão de cunho eurocêntrica e que projetava uma estrutura de análise rígida sobre o desenvolvimento das atividades científicas.

Nancy Stepan<sup>177</sup>, por sua vez, influenciada pelo modelo evolutivo da ciência proposto por Bassala, assinala a criação do Instituto Oswaldo Cruz como o marco da ruptura para a prática científica no país. Seguindo essa diretriz, o Brasil, em fins do século XIX, ainda estaria na fase da ciência colonial; entretanto, Stepan aponta falhas ao modelo elaborado por Bassala, na perspectiva de que ele não destaca o caráter de interdependência científica entre os países considerados desenvolvidos, assim como também não pontua a possibilidade de certa dependência dos países em desenvolvimento, em relação às nações que possuem um aparato tecnológico e científico mais elaborado.

Schwartzman<sup>178</sup>, seguindo uma abordagem próxima a de Stepan, defende que no Brasil, as atividades de caráter científicas realizadas até o acontecimento da independência eram feitas de modo descritiva, em sua maior parte, pelos cronistas e viajantes estrangeiros. Essa prerrogativa, segundo o autor, deve-se ao fato de que diferente de outras nações europeias, que transferiam algum tipo de ciência colonial para os territórios sob seu domínio, o Império Português não havia desenvolvido uma tradição científica consolidada, ao mesmo tempo em que o tipo de colonização predatória foi também um dos fatores que contribuíram para esta debilidade científica no país, até o início do século XIX. A ciência imperial teve a participação do próprio imperador, com o despontar inclusive de uma educação superior. Schwartzman, classifica, então, a ciência praticada até o início da república, como uma ciência “extremamente precária”<sup>179</sup>.

---

<sup>177</sup> STEPAN, Nancy. **Gênese e evolução da ciência brasileira**. Oswaldo Cruz e a política de investigação científica e médica. Rio de Janeiro: ArteNova: Fundação Oswaldo Cruz, 1976.

<sup>178</sup> SCHWARTZMAN, Simon. **Formação da comunidade científica no Brasil**. Brasília: Ministério da Ciência e da tecnologia, 2001. Disponível em: <<http://www.schwartzman.org.br/simon/spacept/espaco.htm>>. Acesso em: 16 maio 2016.

<sup>179</sup> Ibid., p. 20.

Os autores citados acima interpretam que a ciência praticada no Brasil, até o século XIX, era uma reprodução do arcabouço científico europeu e que a inauguração de uma ciência moderna no país se deu com a fundação de Manguinhos no Rio de Janeiro. Entretanto, vários trabalhos<sup>180</sup> têm problematizado essa visão e proposto uma reavaliação, na perspectiva de pontuar o limiar de atividades científicas, mesmo no período colonial<sup>181</sup>. Edeler aponta justamente que a historiografia tradicional produz uma visão de que os médicos brasileiros do século XIX não possuíam apreço pelas observações sistemáticas e a prática do empirismo científico. O pesquisador critica pesquisas como a de Stepan,<sup>182</sup> que vê na fundação do Instituto Oswaldo Cruz como “o momento de ruptura com os valores e práticas anticientíficos herdados da medicina do Império”<sup>183</sup>.

Flávio Edeler<sup>184</sup> ainda pontua que a divisão entre uma fase da medicina brasileira de caráter metafísico, no século XIX, e outro período de caráter científico, baseada em fenômenos positivos e experimentais, foi aceita mesmo por críticos do positivismo. O respectivo historiador chama atenção para o fato de que boa parte dos documentos utilizados para as pesquisas sobre a história da medicina brasileira são de reivindicações dos médicos sobre a necessidade de reformas na legislação em torno das questões de natureza sanitárias e do ensino médico no país. Dessa maneira, os significados dessas reclamações devem ser compreendidos como mecanismos de atingir o governo imperial e não necessariamente atribuir à prática médica como defasada.

A diversidade de propostas que foram elaboradas na virada do século XIX e início do XX tinha objetivos de atingir o poder estatal no campo da saúde coletiva,

<sup>180</sup> Maria Amélia Dantes, junto com o professor Shozo Montayama, fundou o programa de Pós-graduação em História das Ciências na USP, que tem orientado, desde então, inúmeras pesquisas que buscam elucidar os caminhos percorridos pela ciência Brasileira. Consultar a seguinte obra organizada pela autora: DANTES, Maria Amélia (org.). **Espaços da ciência no Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

<sup>181</sup> CARRETA, José Augusto. “**O micróbio é o inimigo**”: debates sobre a microbiologia no Brasil (1885-1904). 2006. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) - Universidade de Campinas, Campinas, 2006. p. 2-3.

<sup>182</sup> STEPAN, 1976.

<sup>183</sup> EDLER, Flávio Coelho. Medicina brasileira no século XIX: um balanço historiográfico. **Asclépio**, v. 2, 1998. p. 169-186. Disponível em: <<http://asclepio.revistas.csic.es/index.php/asclepio/article/view/341/339>>. Acesso em: 25 maio 2016.

<sup>184</sup> EDLER, Flávio Coelho. O debate da medicina experimental no Segundo Reinado. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v. 3, jul./out. 1996. p. 284-299. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v3n2/v3n2a05.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2016.

visto que algumas concepções partiam de grupos fora da esfera estatal, como é o caso da Escola Tropicalista Baiana ou as associações de médicos clínicos. Madel Luz<sup>185</sup> relaciona as conexões estabelecidas entre o conhecimento científico, o Estado, as políticas sociais e os movimentos sociais, na perspectiva de entender as disputas das diversas pautas sobre o conhecimento medico-sanitário que buscava exercer seu domínio não apenas sobre o indivíduo enfermo, mas sobre todo o corpo social que atuava.

Um elemento importante para entender a dinâmica da ciência brasileira no período estudado diz respeito a introdução da microbiologia com as teorias de Pasteur e Koch no debate e nas práticas médicas sanitárias do país, diante das reformulações do conceito de doença infecciosa<sup>186</sup>. Foi somente a partir do século XVI que se começaram a formular teorias sobre as doenças, com intenções do ponto de vista científico. Aos poucos foram sendo produzidas duas concepções principais: a teoria da constituição epidêmica e a teoria do contágio. A primeira foi ganhando destaque e se consolidou no século XVIII como a teoria miasmática<sup>187</sup>, graças aos estudos da química pneumática<sup>188</sup>, enquanto que a última, considerada até meados do século XIX como um conhecimento especulativo, foi resgatada e adquiriu destaque com as mudanças vinculadas à medicina moderna e contribuiu para os caminhos que levaram a elaboração do conceito de transmissão<sup>189</sup>. Esse conceito deslocou a estrutura perceptiva centrada no olfato e no tato para a visão.

Ao assumir o cargo de Diretor de estudos científicos da École Normale, Pasteur em alguns anos conseguiu abrir um laboratório com uma boa estrutura para garantir a realização de suas pesquisas, que viabilizaram a construção de sua autoridade

---

<sup>185</sup> LUZ, Madel. **Medicina e ordem política brasileira: políticas e instituições de saúde (1850-1930)**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

<sup>186</sup> CZERESNIA, Dina. **Do contágio à transmissão: ciência e cultura na gênese do conhecimento epidemiológico**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.

<sup>187</sup> Anteriormente ao desenvolvimento das teorias microbianas, as causas das doenças não eram definidas, dificultando a prevenção das enfermidades. As epidemias, portanto, eram consideradas resultado de impurezas existentes no ar, denominadas de miasmas. Muitas das medidas de natureza sanitária e higiênica foram praticadas mesmo antes da teoria bacteriológica graças as concepções miasmáticas.

<sup>188</sup> Alan Corbin afirma que nesse período o olfato ganhou centralidade com a preocupação com ares pútridos presentes na atmosfera e que acarretaram mudanças, não só do ponto de vista das ações das autoridades públicas, mas também transformações importantes no imaginário social. In: CORBIN, Alain. **El perfume o el miasma: el olfato e lo imaginário social siglo XVIII y XIX**. trad. Carlota Vallée Lazo. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

<sup>189</sup> CZERESNIA, op. cit.

acerca da teoria microbiana da fermentação<sup>190</sup>. Os trabalhos do cientista francês sobre a teoria germinativa da fermentação possuíam também contribuições importantes para a aplicação industrial, como a elaboração de medidas para a esterilização, que foi batizada de “pasteurização”.

Uma questão relevante das pesquisas de Pasteur eram seu caráter sigilosos. Ele possuía manuscritos detalhados de suas pesquisas em laboratório. Durante sua vida, o cientista protegeu suas anotações detalhadas sobre os experimentos que realizava e mesmo após sua morte a família manteve sob sigilo, durante várias décadas, seus cadernos de pesquisas.<sup>191</sup>.

Ao realizar pesquisas na área da veterinária e da médica, Pasteur conseguiu sucesso ao formular estudos sobre a imunidade e profilaxia de doenças microbianas com a fabricação das vacinas. A aplicação da vacina antirrábica, aplicada em humano com êxito em 1885, viabilizou a confluência de recursos financeiros, o que culminou com a abertura do Instituto Pasteur de Paris alcançando fama mundial.

Na década de 1870, os estudos de Pasteur e outros cientistas tinham avançado, contudo, ainda era necessário o desenvolvimento de técnicas para a manipulação dos microrganismos. Robert Koch (1843-1910), em seus experimentos sobre o antraz, conseguiu pela primeira vez comprovar a origem microbiana de uma doença. Durante as duas décadas seguintes aos anos de 1870 houve avanços rápidos e significativos no estudo das bactérias. Dessa maneira, na década de 1880 foi descoberto o agente de várias doenças infecciosas, tomando-se por base os métodos criados por Koch<sup>192</sup>.

A partir de 1887, a Bacteriologia Francesa, sob o expoente de Pasteur e seus colaboradores, buscou identificar como as infecções bacterianas se produziam, a sua prevenção e consequência, ou seja, estava surgindo um conjunto de saberes epidemiológicos. Outro ponto importante foi a manipulação dos micróbios para a produção de vacinas, que impactou no desenvolvimento da imunologia e o conjunto de ações da saúde pública. Houve, dessa forma, o desenvolvimento da ciência experimental com a necessidade de formular novas tecnologias médicas. Paralelo a essas novas diretrizes, ocorreu também o aperfeiçoamento de ciências correlatas,

---

<sup>190</sup> GEISON, Gerald. **A ciência particular de Louis Pasteur**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

<sup>191</sup> Ibid.

<sup>192</sup> ROSEN, George. **Uma história da saúde pública**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

como a física, a química e a biologia. Várias descobertas e eventos no campo da microbiologia na Europa, que destacamos no quadro abaixo, impulsionaram a necessidade de reorganizar as diretrizes para a saúde pública.

**Quadro 1** – Principais eventos na história da Saúde durante a transição para o século XX

| ANO  | EVENTO  |
|------|---|
| 1880 | Laveran descobre o agente etiológico da malária                     |
| 1882 | Finlay – aponta a relação entre o mosquito e a febre amarela        |
| 1882 | Roberto Koch anuncia a descoberta do bacilo causador da tuberculose |
| 1885 | Pasteur aplica a vacina anti-rábica                                 |
| 1888 | Roux cria a soroterapia antidiféptica                               |
| 1894 | O agente causador da peste é identificado                           |
| 1900 | Behring – imunização passiva  |
| 1905 | Descoberta do agente etiológico da sífilis por Schaudin             |

Fonte: SINGER, 1978.

Com esses eventos, no campo da saúde, foram estabelecidas bases experimentais e empíricas da teoria bacteriana e elaboradas as prerrogativas da medicina científica, que impulsionaram a elaboração dos novos instrumentos para a implantação de medidas médico-sanitárias.

No Brasil, após 1860, houve expansão das mudanças econômicas com a concentração na região centro-sul do país. Surgiu uma classe média urbana, com implementação de novas redes de transportes e investimentos no setor industrial, mudanças essas que proporcionaram novos direcionamentos para a saúde no país<sup>193</sup>. A partir da década de 1870 se introduziu no Brasil a noção da medicina experimental, na qual a classe médica buscou forjar o estabelecimento de uma uniformidade nos novos conceitos que essa medicina postulava. Os poucos periódicos médicos foram um dos principais lócus para a divulgação desses saberes.

É necessário compreender a importância dos antecedentes do paradigma da revolução pasteuriana no Brasil, que foi representada pela fundação dos institutos de

<sup>193</sup> SINGER, Paul. CAMPOS, Oswaldo; OLIVEIRA, Elizabeth M. **Prevenir e curar**: o controle social através dos serviços de saúde. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

pesquisa. Esses antecedentes perpassam a elaboração de algumas prerrogativas como “[...] o prestígio do médico como detentor de um saber especializado, e a crença inabalável no poder preventivo e inabalável da medicina científica [...]”<sup>194</sup>. Flávio Edler questiona a divisão do saber médico entre a teoria miasmática e os estudos dos agentes etiológicos como modelos estáticos e, dessa forma, essa interpretação não daria conta da complexidade que envolvia as controvérsias em torno da medicina acadêmica do século XIX e nem dos respectivos entraves da prática médica em vigor<sup>195</sup>.

Benchimol<sup>196</sup>, do mesmo modo, também defende que a medicina científica brasileira não começou com a criação de Manguinhos e a atuação de Oswaldo Cruz. Para endossar essa ideia, poucas são as menções aos trabalhos experimentais de natureza laboratorial e de médicos brasileiros antecedentes a esse período, considerado por boa parte da historiografia tradicional da medicina como momento inaugural da medicina experimental no nosso país. O pesquisador enfatiza que seria necessário retroceder no mínimo duas gerações, para melhor compreender as experiências científicas, sob a égide da microbiologia pasteuriana no Brasil e que deram bases para qualificar a atuação de Oswaldo Cruz e de outros cientistas de sua época.

Os estudos sobre os institutos de pesquisa, e sobre a evolução da saúde pública no Brasil, permitem vincular a febre amarela como um elemento norteador para encontrar os rastros das primeiras práticas e da respectiva implementação dos princípios da microbiologia. Em fins do século XIX, houve vários debates em torno da etiologia e da profilaxia da febre amarela e, por consequência, várias disputas em torno dessa questão. A fabricação de vacinas, segundo Benchimol, gerou problemáticas, que na realidade brasileira possuíam uma dupla faceta:

De um lado, para obter o reconhecimento das instituições biomédicas hegemônicas no plano internacional; de outro, para conquistar lugar e legitimidade para este programa no cenário interno, ainda dominado por um

---

<sup>194</sup> EDLER, 1996, p. 285.

<sup>195</sup> Ibid.

<sup>196</sup> BENCHIMOL, Jaime Larry. **Dos micróbios aos mosquitos: febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Editora UFRJ, 1999.

ou mais paradigmas que conferiam grande força de inércia às instituições, mentalidades e práticas sociais de médicos leigos<sup>197</sup>.

É importante destacar que a assimilação das teorias microbianas vindas da Europa, não ocorreu de forma passiva na realidade brasileira, foram necessários devidos ajustes e possíveis adaptações dos discursos médicos-científicos para tentar resolver as doenças tropicais que assolavam o país, com o destaque para a epidemia da febre amarela.

Nesse sentido, as figuras de Domingos José Freire e João Batista Lacerda lançaram as prerrogativas da microbiologia no Brasil diante das problemáticas, tanto do ponto de vista teórico quanto prático, no combate à febre amarela e de outras epidemias que acometiam as populações urbanas da região sudeste. Benchimol ressalta que o “desaparecimento” de Freire da história da ciência brasileira se deu a partir da geração da década de 1890, que colocou Oswaldo Cruz como a liderança de maior êxito no campo da medicina experimental no país, deslocando, dessa forma, as outras experiências anteriores para o ostracismo<sup>198</sup>.

Nesse contexto, a partir da República, criou-se uma dualidade administrativa entre as esferas federais e estaduais, visto que não havia na primeira constituição de 1891 uma distinção clara dos objetivos sobre as atribuições e áreas de atuação dos serviços de saúde de cada instância governamental. O surto de peste,<sup>199</sup> iniciado em Santos, em 1899, e que depois atingiu a capital Paulista e o Rio de Janeiro, propiciou a visibilidade da fragilidade da atuação dos serviços de saúde no país, na medida em que se percebeu que a maioria dos Estados não possuíam uma estrutura médica sanitária para o combate das diversas epidemias que atravessavam o país.

Criado em 1899, o Instituto Soroterápico de Manguinhos pertencia à tutela municipal da capital federal, que ficou sob a direção de Oswaldo Cruz, recém-chegado do Instituto Pasteur de Paris, de onde trazia os conhecimentos e técnicas sobre a microbiologia.

---

<sup>197</sup> BENCHIMOL, 1999, p. 12.

<sup>198</sup> BENCHIMOL, Jaime Larry. Domingos José Freire e os primórdios da bacteriologia no Brasil. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, II, Mar. / Jun. 1995. p. 67-98. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v2n1/a05v2n1.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2016.

<sup>199</sup> SINGER, 1978.

Em julho de 1900, o Instituto de Manguinhos foi transferido para a esfera federal. Apesar da fabricação da vacina, a peste continuava a ser notificada na cidade do Rio de Janeiro. O governo transferiu os serviços municipais de higiene com os seguintes decretos de nº 4.463, de 12 de junho de 1902, e o decreto nº 966, de 2 janeiro de 1903.

Em 15 de novembro de 1902, assumiu a presidência da República Rodrigo Alves, que iniciou uma série de obras públicas para o remodelamento e saneamento da cidade do Rio de Janeiro. Foi aprovada a lei especial, em 29 de novembro de 1902, que adiava as eleições do conselho municipal e conferia ao prefeito plenos poderes. Assumiu a Prefeitura Pereira Passos, que realizou inúmeras medidas de demolições afetando os hábitos da população pobre e da classe média, gerando vários protestos<sup>200</sup>.

Os serviços sanitários ficaram sob a direção de Oswaldo Cruz, a partir de 1903, que iniciou o combate à epidemia da febre amarela no perímetro urbano. Nesse mesmo ano foi criado o Serviço de Profilaxia da Febre Amarela, que começou a se concentrar no Hospital São Sebastião, com o isolamento dos doentes. O hospital São Sebastião foi fundado em 1889 constituindo um dos últimos atos de D. Pedro II antes da proclamação da república. Esse foi um dos primeiros hospitais criados no Brasil especializado no isolamento de uma enfermidade específica. Os hospitais estão também circunscritos no processo de estruturação dos mecanismos de institucionalização da saúde pública, sob a influência das teorias oriundas da microbiologia pasteuriana<sup>201</sup>.

De acordo com Singer<sup>202</sup>, foi justamente na figura de Oswaldo Cruz, por meio do Instituto Soroterápico Federal, que se deu o processo de nacionalização da medicina experimental. Esse órgão veio a se tornar o maior centro de pesquisas do

---

<sup>200</sup> BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira passos**: um Haussmann tropical: a renovação da cidade urbana do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretária municipal de Cultura, Turismo e Esporte; Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992. Sobre conflitos na capital federal decorrentes de novas medidas médico-sanitárias ver: SEVCENKO, Nicolau. **A revolta da vacina**. São Paulo: Brasiliense, 1984. CARVALHO, José Murilo de Carvalho. Cidadãos ativos: a revolta da vacina. In: **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 91-139.

<sup>201</sup> OLIVEIRA, Paula Maria de. **Hospital São Sebastião**: um lugar para a ciência e um lazarento contra as epidemias. 2005. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, Rio de Janeiro, 2005.

<sup>202</sup> SINGER, 1978.

país na época, com professores e pesquisadores que passaram a influir profundamente sobre o ensino médico, bem como o desenvolvimento de novas práticas médico-sanitárias, que começaram, aos poucos, a projetar o país internacionalmente no universo da prática científica.

Como observamos, a perspectiva de uma ruptura abrupta nos caminhos da ciência brasileira, tem sido rediscutida, com a constatação de elementos que indicam continuidades entre a medicina praticada no século XIX, e aquela exercida a partir da criação de institutos de pesquisa no início do século XX<sup>203</sup>.

Ainda sobre o desenvolvimento da medicina experimental no país, a pesquisadora Nara Brito<sup>204</sup> busca em seus estudos desconstruir o mito criado em torno de Oswaldo Cruz, investigando a “heroificação” do sanitarista, iniciada com a sua morte e associada ao movimento sanitarista de 1918, com a criação da Liga Pró-saneamento no Brasil. Brito analisa a construção do mito de Oswaldo Cruz a partir do prisma da elaboração de uma estratégia de legitimação da prática médico-científica, do ponto de vista institucional, representada pelo Instituto Oswaldo Cruz, que visava a superar as disputas que existiam no campo da medicina científica.

Nesse contexto da ciência que estamos abordando, a fundação dos Institutos Pasteur no Brasil são também relevantes para entender a dinâmica do desenvolvimento das ciências biomédicas no país, sob a égide da revolução dos estudos microbiológicos. No Brasil, o primeiro Instituto Pasteur foi inaugurado em 25 de fevereiro de 1888, no Rio de Janeiro, no entanto, sua submissão à Santa Casa de Misericórdia acarretou, nos primeiros anos de seu funcionamento, um caráter mais clínico do que relacionado à pesquisa científica<sup>205</sup>.

Em 1903 foi criado o Instituto Pasteur de São Paulo, que buscava se espelhar na organização do Instituto Pasteur de Paris, sendo o ato de sua criação visto com

---

<sup>203</sup> Alguns trabalhos, como o de Chyara Advíncula, concluem que algumas décadas de estudos comprobatórios das teorias microbianas não foram o bastante para causar uma ruptura tão abrupta numa tradição construída em saberes miasmáticos, a ponto de aniquilar com as práticas populares imbuídas desse tipo de conhecimento. Cf. ADIVÍNCULA, Chyara Charlotte. **Entre miasmas e micróbios:** a instalação de redes de água e esgoto na cidade da Parahyba do Norte (PB) e outras medidas de salubridade (1910-1926). 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

<sup>204</sup> BRITO, 1995.

<sup>205</sup> TEIXEIRA, Luís Antônio. O Instituto Pasteur de São Paulo: uma contribuição à história das instituições biomédicas do país. **Physis** – Revista de Saúde Coletiva, v. 3, n. 1, 1993. p. 147-180. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v3n1/08.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2016.

bons olhos pela imprensa da época. Nos anos seguintes à sua criação, aos poucos, o órgão foi se desenvolvendo no campo da pesquisa, fabricação de vacinas e do tratamento antirrábico<sup>206</sup>.

Assim, Miranda de Sá<sup>207</sup>, ao refletir sobre o início do século XX, aponta o processo de especialização das atividades intelectuais do Brasil e da necessidade do “cientista” nessa construção da especialização dos saberes. A autora ainda destaca que a produção literária e científica dessa primeira República possuía um diálogo profundo com a Europa e viabilizou a ênfase no cientificismo, que se constituiu como parte de um projeto político e intelectual para o Brasil.

Nessa perspectiva, as fundações dos institutos de pesquisa, sob as premissas da medicina experimental, evidenciam o surgimento de um campo científico que estava em construção no país, em torno de diversas disputas travadas, diante das controvérsias, em torno do novo saber médico-científico que estava se desenvolvendo no Brasil em fins do século XIX e início do XX.

### 3.2 A CONSTRUÇÃO DO CAMPO MÉDICO NO RECIFE

Na virada para XX, os preceitos da medicina científica começavam a ser aplicados em várias cidades brasileiras, proveniente de instituições ligadas à saúde. Contudo, é necessário questionarmos quais outras visões destoantes desse saber científico se faziam presentes no Recife daquele período? Nesse sentido, Octávio de Freitas, em sua trajetória, foi um grande comunicador e disseminador dos conhecimentos microbiológicos, todavia, o mercado profissional dos serviços terapêuticos, nesse contexto, era marcado por disputas entre os médicos diplomados e os profissionais populares, relacionados à formação cultural brasileira.

---

<sup>206</sup> É válido destacar a importância da trajetória do Instituto Pasteur de São Paulo na promoção da ciência no Brasil que possibilitou a criação de bases para o surgimento de uma indústria farmacêutica no país, visto que muitos cientistas em meados da década de 1920 se desligaram desses institutos e fundaram empresas relacionadas à fabricação de medicamentos. RIBEIRO, Maria Alice Rosa. Lições para história da ciência no Brasil: Instituto Pasteur de São Paulo. **História, ciências – Manguinhos**, n. 3, nov. 1996 / fev. 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v3n3/v3n3a05.pdf>>. Acesso em: 2 jun. 2016.

<sup>207</sup> MIRANDA DE SÁ, Dominich. **A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)**. Rio de Janeiro: 2006.

### 3.2.1 A medicina *versus* outras práticas de cura

Ao folhear os principais periódicos em circulação no Recife, do início do século XX, não é difícil encontrar artigos e notícias relacionados aos conhecimentos bacteriológicos<sup>208</sup>. Em torno dessa temática, o *Diário de Pernambuco* publicou um artigo, sob o título de *A questão do micróbio*, em 8 e 14 de dezembro de 1901. Nesse texto fica latente a importância que os conhecimentos microbiológicos vinham adquirindo na cidade do Recife. O artigo considera o micróbio como uma das questões mais temerosas daquele período e que, dessa forma, dominava as páginas da imprensa e a formação de especialistas na área da saúde. Os medos, forjados com base nos novos conhecimentos médicos-sanitários, são pontuados por meio da necessidade da aquisição de novos hábitos, explicitados nas seguintes palavras:

A transmissão se faz de mil modos sorrateiros, por intermédio os insetos familiares e da vestimenta, pelo beijo e aperto de mão [...]. E se manda esterilizar pelos ácidos as saladas e outros legumes, que uma rega impura pode ser contaminado.

É ortodoxo não comer, não beber, não respirar senão com precauções anti sépticas. É preciso a todo mundo proibir excretar a saliva, a não ser em uma escarradeira de algibeira individual - modelo estampilhado - ou em escarradeiras públicas, tossir ou espirrar[...].

A barba e a cabeleira, receptáculos abundantes de micróbios, devem ser raspadas e as unhas, cuidadosamente cortadas. É preciso prescrever inúmeras desinfecções, em ponto grande e em detalhe, regulamentar rigorosamente a lavagem de roupa e proibir o funesto hábito que tem os profissionais de sacudi-la por ocasião de contá-la... Os lenços devem ser suprimidos e substituídos por pequenos quadrados de papel à moda chinesa, que serão incinerados, sem demora, logo depois de servidos<sup>209</sup>.

Assim, as condutas exigidas pelas novas regras da higiene diziam respeito, tanto a esfera da vida pública quanto da vida privada. Nesse caminho, seja por meio da escrita de livros, artigos e crônicas, ou conferências e palestras, a comunicação era uma constante na atuação de Octávio na vida pública. A divulgação dos saberes da medicina experimental, como abordado ao longo deste trabalho, era uma de suas

<sup>208</sup> Devemos considerar que o acesso à leitura era ainda extremamente restrito nesse período.

<sup>209</sup> A QUESTÃO do micróbio. *Diário de Pernambuco*, Recife, anno 78, n. 191, p. 1, 8 dez. 1901. . Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

grandes preocupações na carreira médica. Sobre essa assertiva seus memorialistas relembram que

Certa vez, pronunciou uma conferência sobre Pasteur, promovida pela Sociedade de Farmácia de Pernambuco, com tal riqueza de detalhes que a todos impressionou. Revivendo os trabalhos daquele mestre, em relação ao papel dos germes anaeróbicos interferindo na qualidade de vinhos, discorreu sobre o processo de fabricação da cerveja, do vinagre e das doenças do bicho-da-seda, problema que ocasionou sérios prejuízos à economia francesa<sup>210</sup>.

As narrativas construídas sobre o sanitarista buscam, sobretudo, aproximar a trajetória de Octávio de Freitas à atuação de Oswaldo Cruz e utilizam as seguintes palavras: “Nunca esqueceu as quatro palavras, lema de seu contemporâneo e amigo Oswaldo Cruz: saber querer, poder, esperar”<sup>211</sup>. Dessa maneira, no discurso do Acadêmico Phócion Serpa<sup>212</sup>, proferido no Rio de Janeiro, em homenagem as bodas de ouro profissional do higienista, essa aproximação a Cruz é reiterada pelos seus colegas de profissão contemporâneos:

Manuseei com emoção e respeito, o número do *Jornal de Medicina de Pernambuco*, de dezembro de 1942, que lhe foi dedicado, publicação essa que deve a sua fundação e orientação a Octávio de Freitas e, há trinta e oito anos ininterruptos, vem servindo à cultura médica do glorioso Estado nordestino.

Seria curioso respingar dessas páginas, onde o louvor se entrelaça ao respeito e à admiração de seus pares, as notas mais interessantes, abonadoras de sua conduta e de seu interesse pelo bem coletivo, assim como referir que, entre os discípulos de Octávio de Freitas doutorandos de 1893, se inclui o nome aurealeado de Oswaldo Cruz o percurso admirável da medicina experimental brasileira, pelo brilho da inteligência, pela perseverança de ação e devotado amor ao Brasil<sup>213</sup>.

<sup>210</sup> AGUIAR, 1993. p. 117.

<sup>211</sup> CARVALHO, Gilberto da Costa. Um pernambucano de ação. In: TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas: um homem à frente de seu tempo**. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993. p. 24.

<sup>212</sup> Phócion Serpa (1892-1967) se graduou pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1919. Ocupou cargos públicos importantes na área da saúde, como inspetor sanitário rural em 1921 e como a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP). Escreveu obras literárias, artigos científicos e biografias, com destaque para a obra sobre Oswaldo Cruz. Cf. Inventário - Phócion Serpa. Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Disponível em: <<http://arch.coc.fiocruz.br/downloads/phocion-serpa-2.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

<sup>213</sup> TÁVORA, 1993, p. 192-193.

É interessante pontuar que a construção do campo da medicina experimental passa pela disputa dos espaços de cura. As oposições, encontros e desencontros entre os “doutores” e os denominados “charlatães”<sup>214</sup> eram uma realidade no Recife das primeiras décadas do início do século XX. Sylva Costa Couceiro<sup>215</sup>, por exemplo, aponta em seus estudos, que os conflitos e convivências entre o saber médico científico e os conhecimentos populares ainda eram recorrentes no Recife da década de 1920.

No entanto, não temos a intenção de analisar as práticas de cura de origem colonial detalhadamente; mencionado isso, pretendemos identificar quais outros saberes concorrentes se faziam resistir na cidade do Recife, passada algumas décadas da revolução bacteriológica e de quase um século das primeiras instituições do ensino médico superior no Brasil.

Nesse sentido, Octávio de Freitas se preocupava com a prática médica, de acordo com os novos preceitos da medicina experimental. Dessa maneira, denunciou, por diversas vezes, as condições insalubres que se encontrava a cidade do Recife, ainda no início do século passado. Nos seus escritos *Os nossos médicos e a nossa medicina* o sanitarista elenca, em sua visão, os principais nomes na medicina que contribuíram para a história da higiene na capital pernambucana. Ele se referia aos seguintes profissionais: Joaquim de Aquino Fonseca, Pedro de Athayde e Rodolpho Galvão. Como gestores, na instância sanitária, esses médicos, segundo Freitas, realizaram melhorias nas condições sanitárias da cidade e contribuíram para criação de mecanismos referentes ao campo da saúde pública em Pernambuco. Desse modo, compreendemos que Octávio se sentia herdeiro de uma tradição higienista que vinha se construindo no Recife, desde meados do Século XIX, ao avaliar que

O Recife de hoje, embora ainda não tenha chegado ao alvo almejado em matéria de higiene urbana, não se pode comparar ao Recife de meados do século passado, nem mesmo dos primeiros anos, do seu último quartel; ele

---

<sup>214</sup> Esse termo, nesse contexto, se refere as práticas populares relacionadas aos indivíduos populares dedicados à saúde, como curandeiros, benzedeiros, milagreiros, ou seja, praticantes de saberes vinculados à religião e à magia.

<sup>215</sup> COUCEIRO, Sylvia Costa. “Médicos e charlatães”: conflitos e convivências em torno do poder de ‘cura’ do Recife dos anos 20. **Clio – Revista de Pesquisa Histórica**, v. 2, n. 24, 2006. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistaclio/index.php/revista/article/viewFile/645/491>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

está muito modificado para melhor e a classe médica em grande parte se devem estas benéficas reformas<sup>216</sup>.

De fato, sua preocupação com o exercício da prática médica, de modo oficial, constituía-se de uma das principais vertentes, presentes em seus escritos. Nessa diretriz, na sua obra *Medicina e costumes do Recife Antigo*<sup>217</sup>, publicada em 1943, fica evidente seu posicionamento contrário aos indivíduos praticantes de elementos de cura, que não se vinculassem à formação oficial dos profissionais ligados à medicina. Por sete capítulos, ele aborda sobre temáticas e personagens relacionados às práticas de cura no Recife. No primeiro, dessa sequência de capítulos, “*O homem da Rua Padre Muniz*”, ele já sintetiza seu posicionamento em torno dessa questão, tão importante para o saber que ele representava, esboçando que

O Recife, foi sem contestação, durante largo tempo do século XIX, um viveiro dos mais desabusados curandeiros que viviam entre nós com toda a tranquilidade, empanturrando com as suas drogas a um número considerável de indivíduos os quais, uma vez achacados por qualquer doença, preferiam procurá-los a recorrerem aos médicos de verdade. Paula Portão, o Homem do Dedo, o Bento Milagroso e uns quantos outros da mesma catadura fizeram boa colheita no Recife<sup>218</sup>.

Percebemos aqui a elaboração de estratégias discursivas para desqualificar as práticas populares ligados à cura. Freitas, assim como a imprensa da época, utilizava-se de termos depreciativos, como embusteiros, feiticeiros e charlatões para se referir a esses personagens.

Dentre as práticas de cura que circulavam no Recife havia o espiritismo que começava a ganhar adeptos. O *Diário de Pernambuco*, em 22 de abril de 1904, comentou a repercussão de uma carta publicada no dia anterior pelo Jornal *O Pequeno*, de uma senhora que se dizia curada de uma solitária que a atormentava há mais de oito anos e, tendo recorrido a vários tratamentos, só conseguiu se curar ao consumir um medicamento receitado por um centro espírita. O *Diário* teceu comentários em defesa da classe médica, entretanto, nesse artigo, o jornal também se mostrava preocupado com as consequências desses episódios no Recife:

---

<sup>216</sup> FREITAS, 1904, p. 3.

<sup>217</sup> FREITAS, Octávio. **Medicina e costumes do Recife Antigo**. Recife: Imprensa Industrial, 1943.

<sup>218</sup> Ibid., p. 164.

Nos nossos tempos três curandeiros já escandalizaram a clínica médico-cirúrgica e agora vem ainda o espiritismo abalar mais o prestígio dos discípulos de Hipócrates”.

Se o caso da tênia agora se divulgar convenientemente, pobres médicos do Recife! Somente depois de mortos conseguirão aumentar a clientela...<sup>219</sup>”

Além de Octávio de Freitas, outros médicos no Recife se posicionaram contra as práticas de cura supracitadas. O médico Alcides Codeceira, em *A profilaxia da Loucura*, contido nos *Anais do I Congresso Médico de Pernambuco*, em 1909, opinava do seguinte modo:

Indivíduos ignorantes, grosseiros, muitas e muitas vezes sem as preocupações do trabalho, que vivifica e revigora o corpo, cedem ao medo, ao terror e ao contato das práticas de bruxaria, do sonambulismo extra-lúcido, do espiritismo e do hipnotismo. As vítimas mentais dessas ideias místicas aí estão a engrossar o coeficiente dos frequentadores de manicômios, mormente os indivíduos do sexo feminino [...].

[...] para a prática da feitiçaria e do espiritismo, que vão devastando de modo assustador as camadas menos cultas de nossa sociedade, só vejo um meio de lhes abster o progresso em que caminham: é a aplicação severa e rigorosa das leis penais, que proíbem essas práticas desarrazoada e imundas<sup>220</sup>.

O discurso desse médico pernambucano serve de suporte intelectual para o descredenciamento dos saberes populares ligados à saúde. Sua fala, do ponto de vista da psiquiatria, buscava colocar o “misticismo” dentro do rol de patologias mentais e assinala uma clivagem social ao associar esses tipos de práticas como pertencentes às camadas populares da sociedade, desprovidas de formação intelectual. Diante desses pressupostos, os médicos e outros segmentos das elites desprezavam as práticas de cura alternativas nesse período, desconsiderando os saberes acumulados por tais indivíduos. Havia, portanto, a construção de um imaginário sobre essas atividades populares.

<sup>219</sup> NOTAS indiscretas. Diário de Pernambuco. Recife, anno 80, n. 90, p. 1, 22 abr. 1904. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

<sup>220</sup> CODECEIRA, Alcides. Da profilaxia da loucura. In: CONGRESSO MÉDICO DE PERNAMBUCO 1., 1910, Recife. Annaes.. off. Typ. Diário de Pernambuco, 1910. p. 330-343.

Sobre essa questão da clivagem social no usufruto dos serviços de saúde alternativos no Recife, Couceiro aponta que se constitui de uma visão simplista, em vista de que tal condição não condiz com a realidade, na perspectiva de que não era somente a população pobre que recorria aos mecanismos de cura alheios à medicina oficial, havia a presença de vários membros das elites que buscavam esses serviços oferecidos por práticos populares,<sup>221</sup> como pais e mães de santo dos cultos afro-brasileiros que atendiam nos subúrbios da cidade<sup>222</sup>.

Desse modo, como exemplo, há uma notícia publicada no *Diário de Pernambuco*, em fevereiro de 1906, sobre o Homem da Rua Padre Muniz. É relatado nesse artigo uma visita feita pelo Diário à residência do famoso curandeiro, com a intenção de entrevistá-lo:

- O Senhor nos desculpará, comecei eu. Nós somos do Diário de Pernambuco e todo jornalista é bisbilhoteiro. O senhor está sendo o homem mais falado no Recife. Por toda a parte as suas curas repercutem depois do homem do dedo é o senhor o mais famoso curandeiro...  
 - Sim, eu tenho feito muitas curas, interrompeu-me, sem deixar o seu sorriso prazenteiro. Há muito tempo que me dedico a isso, a curar a humanidade. Agora mesmo recebi uma carta do Major Manoel da Rocha Ferraz, que me agradece o restabelecimento, dizendo que nada conseguiu da medicina. Devolvi a carta porque tem umas agressões aos médicos e eu quero apenas o atestado da eficácia dos meus remédios. Não desejo ofender a ninguém...<sup>223</sup>

Essa entrevista, concedida pelo ex comerciante, Jeremias de Palma Lima, conhecido como o Homem da Rua Padre Muniz, revela o uso desses serviços terapêuticos também pela elite, assim como implica no entendimento de posicionamentos contrários à medicina oficial pela população leiga.

Mesmo com a proibição do ponto de vista oficial, presente inclusive no código penal de 1890, essas práticas mencionadas continuavam a resistir na cidade do Recife, em suas primeiras décadas do século passado. No artigo 157 desse código

<sup>221</sup> Nesse contexto, em outras cidades, como na capital federal, Rio de Janeiro, a utilização de práticas alternativas de saúde, por classes sociais diversas, era igualmente recorrente. Cf. PEREIRA NETO, André. **Ser médico no Brasil: o presente no passado**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

<sup>222</sup> COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer no Recife dos anos 1920**. 2003. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

<sup>223</sup> DIÁRIO de Pernambuco. O homem da Rua Padre Muniz, Recife, anno 82, n. 39, p. 1, 18 fev. 1906. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

prévia punição para quem praticasse o espiritismo, magia e práticas similares, destacando as questões relacionadas à cura de doenças. No mesmo sentido, o artigo 158 previa punições para os denominados curandeiros que prescrevessem qualquer fórmula ou substâncias com a intenção de tratamento de saúde<sup>224</sup>.

Sobre essa questão legal, é interessante ressaltarmos que, com a República no Brasil, as modificações legislativas descortinaram a transição de uma identidade liberal nas relações entre Estado e sociedade para uma conduta que objetivasse a regulação e o intervencionismo. Portanto, os crimes considerados contra a saúde pública estavam na pauta das questões em tela desse contexto.

No que toca a legislação local, constata-se um refinamento dos códigos sanitários de Pernambuco, durante o final do século XIX e início do XX, sobre a fiscalização do exercício dos profissionais da área da saúde. O artigo 555, do Regulamento do Serviço Sanitário de Pernambuco de 1913, previa a permissão para o exercício da prática médica somente às pessoas diplomadas pelas faculdades de medicina<sup>225</sup>. Outras profissões também possuíam legislações específicas nesse código: obstetrícia (capítulo LVII, artigos 563 a 568), dentista (capítulo LVIII, artigos 579 a 571), farmacêuticos (capítulo LVIX, artigos 572 a 606)<sup>226</sup>.

Sobre essas práticas coercitivas, temos como exemplo uma notícia publicada pelo *Diário de Pernambuco*, em 1 de outubro de 1902, acerca da prisão de 30 pessoas, entre feiticeiros e assistentes, que se reuniam para práticas de cura, na Rua 7 de setembro, Bairro da Boa Vista. Na ocasião da prisão ocorria o seguinte procedimento: “A sessão era presidida por Manoel Francisco de Souza e Maria Joaquina da Conceição, os quais, por bruxaria, procuravam curar de uma ferida a João Veloso Cintra”. Interrogados no Posto policial da Boa vista, os indivíduos presos nessa ação policial foram encaminhados para a Casa de Detenção. Esse episódio indica que mesmo sob a força da lei e da repressão policial, os praticantes de saberes

---

<sup>224</sup> BRASIL. Congresso. Senado. **Código Penal (1890)**. Decreto 1847, de 11 de outubro de 1890. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

<sup>225</sup> PERNAMBUCO. **Regulamento do serviço sanitário do Estado de Pernambuco**. A que se refere o decreto legislativo n. 1201 de 12 de junho de 1913. Recife: Emp. D'O Tempo, 1913. p. 77. APEJE. Secretária de Saúde do Estado de Pernambuco (1845-1997). Caixa 5, Regulamentos diversos.

<sup>226</sup> Ibid. p. 79-85.

populares ligados à saúde resistiam diante dos novos preceitos da medicina microbiana<sup>227</sup>.

Enfim, é inegável que o curandeirismo e o espiritismo se apresentavam como atividades terapêuticas concorrentes no mercado de serviços de saúde no Recife daquele período.

Percebemos aqui uma produção discursiva que, de forma abrangente, delineou-se proveniente dos médicos a partir de estratégias escriturísticas persuasivas em defesa da preservação do mercado dos serviços terapêuticos. Os suportes de informação e comunicação que essas narrativas se encontravam eram em livros, periódicos especializados da área médica e jornais diários.

Diante disso, pudemos compreender melhor quais os atores que constituíam o cenário das práticas de cura no Recife em princípios do século XX. Octávio de Freitas, com outros profissionais da saúde de seu tempo, empreendeu estratégias para consolidar o exercício dos saberes da medicina experimental, que começavam a ser aplicados e difundidos nos espaços institucionais da esfera da saúde, na capital pernambucana, em meio às estratégias de resistências em questão.

Octávio encerra sua obra *Medicina e Costumes do Recife Antigo* acreditando que, com a Fundação da Faculdade de Medicina do Recife, iniciava-se um novo capítulo na consolidação dos ideais da medicina científica, a qual ele denominava de “divina ciência<sup>228</sup>”. Todavia, os saberes populares ligados à saúde encontraram caminhos para resistir e se reinventar, atravessando séculos e se fazem presentes até hoje.

### **3.2.2 A fundação da Faculdade de Medicina do Recife**

Desde o período colonial a cidade do Recife foi vítima de inúmeras epidemias. As condições precárias de higiene e a falta de uma medicina oficial<sup>229</sup> e segura fizeram

<sup>227</sup> DIÁRIO de Pernambuco, Recife, anno 78, n. 223, 1 out. 1902. Movimento Policial, p. 2. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

<sup>228</sup> FREITAS, 1943, p. 203.

<sup>229</sup> No Brasil colonial havia ausência de um projeto de medicina coletiva que assumia uma dupla faceta em relação tanto a higiene pública quanto a medicina no âmbito privado. Foi somente com a vinda da família real, em 1808, que se tornou possível vislumbrar novos horizontes para o desenvolvimento da

da cidade um foco de doenças em diversos momentos. De acordo com o historiador da medicina, Leduar de Assis Rocha, “da segunda metade do século XIX até 1900, noventa e quatro surtos epidêmicos, vários de considerável amplitude, com significativo número de mortos, foram registrados em Pernambuco [...]”<sup>230</sup>.

Geraldo Pereira<sup>231</sup> aponta que desde o século XVIII que vinha se tentando em Pernambuco o estabelecimento do ensino da medicina. No ano de 1798 houve uma solicitação à Rainha D. Maria I para a criação de um hospital na cidade do Recife, juntamente com as cadeiras de anatomia e cirurgia, entretanto, tal tentativa não logrou êxito. Outra tentativa em relação ao ensino médico foi a fundação do Hospital militar pelo Dr. José Eustáquio Gomes e a criação de uma escola cirúrgica prática, que apesar de sua contribuição para sociedade pernambucana, teve sua existência finalizada durante o ano de 1828.

A partir de 1840, buscou-se no Recife uma tentativa de normatização das práticas médicas, passando-se a exigir o registro de parteiras, médicos, cirurgiões e farmacêuticos. Criou-se, então, o curso de arte obstetrícia para as mulheres que funcionou até o ano de 1856<sup>232</sup>.

Na realidade, em Pernambuco não havia até 1840 nenhuma associação referente à medicina. Foi somente em abril de 1841 que foi fundada a Sociedade de Medicina de Pernambuco, um espaço de debate para a matéria médica no Estado, que publicou o primeiro jornal da medicina no Recife, o denominado *Annaes da*

---

medicina brasileira, na medida em que foram criadas as escolas médico-cirúrgica, em Salvador e Rio de Janeiro, que mais adiante tronar-se-iam academias e faculdades. Devido à falta de profissionais habilitados na colônia para o exercício da medicina, a população teve que recorrer, na maioria das vezes, aos instrumentos de cura pertencentes ao universo mágico, ou seja, bruxas, curandeiros e rezadores. Na realidade, a população colonial possuía medo da medicina oficial diante da ausência de bons profissionais. As perseguições inquisitoriais aos praticantes de bruxaria, no exercício da cura de enfermos, durante a visitação do santo ofício ao Recife, em finais do século XVI e início do XVII, fizeram que os feiticeiros fossem substituídos pela noção de benzedeiros e santos milagreiros no século XVIII. Sobre essa temática ver: MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **A arte de curar nos tempos da colônia: limites e espaços de cura**. 3. ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2017; SANTOS, Lycurgo Filho. **História geral da medicina brasileira**. São Paulo: Hucitec; Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

<sup>230</sup> ROCHA, Leduar de Assis Rocha. **História da medicina em Pernambuco (século XIX)**. Recife: Arquivo Público Estadual, 1962. p. 242-243.

<sup>231</sup> PEREIRA, Geraldo. A medicina e os médicos de Pernambuco: o pioneirismo na ciência e a procrastinação. Recife, **Clio – Revista de Pesquisa histórica**, n. 24, v. 2, 2006. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistaclio/index.php/revista/article/viewFile/655/499>>. Acesso: 18 maio 2016.

<sup>232</sup> ROCHA, Leduar de Assis. **Instituição do ensino médico de Pernambuco**: achegas à sua história. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1974.

*Medicina Pernambucana*; no entanto, essa associação perdeu forças mais adiante, retomando suas atividades de forma definitiva, só em abril de 1903, sob a tutela de Octávio de Freitas<sup>233</sup>.

Para narrar acerca da fundação da Faculdade de Medicina do Recife, Octávio de Freitas publicou, em 1944, um livro narrando a trajetória da instituição da qual ele foi um dos grandes responsáveis por esse feito. O lançamento da segunda edição dessa obra deu-se em 2010, por meio da Academia Pernambucana de Medicina, em parceria com a Editora Universitária – UFPE. Octávio narra sobre as epidemias, os poucos médicos que haviam em Pernambuco e a necessidade de um curso médico para o desenvolvimento da saúde no Estado. O prefácio dessa segunda edição foi escrito por Rostand Paraíso, médico e membro da Academia Pernambucana de Medicina, autor de obras sobre história da medicina. O prefácio da primeira edição lançada foi escrito pelo médico Aníbal Bruno, que, dentre elogios e outras palavras ressaltou, em sua ótica, que o fio condutor dos projetos do respectivo médico

Era a medicina que ele queria entre nós desenvolvida nos moldes mais altos que a ciência moderna podia oferecer. O alvo final havia de ser a criação de um centro de estudos médicos, que disciplinasse e estimulasse nossa vida profissional e lhe desse aquele sentido<sup>234</sup>.

Octávio inicia seu relato memorialístico sobre a Faculdade de Medicina apontando que a fundação da instituição era parte da concretização de um sonho seu, inclusive como foi apelidado pelos seus contemporâneos, “o sonho de Octávio”. O título do primeiro capítulo “*A minha faculdade*”, revela que a trajetória da instituição se confunde com a dele, como protagonista dessa história.

Freitas narra a trajetória da Faculdade de Medicina tendo o ano de 1895 como representativo em relação aos procedimentos necessários para a fundação dessa instituição no Recife. Durante o governo de Barbosa Lima, a educação recebeu alguns investimentos importantes, inclusive a preocupação com o ensino médico, por meio

---

<sup>233</sup> Ver 2.3.3.

<sup>234</sup> FREITAS, Octávio de. **História da Faculdade de Medicina no Recife: 1895-1943**. Recife: Ed. Universitária, 2010. p. 11.

da elaboração de um projeto de número 111 que objetivava a criação da faculdade de medicina. Os dispositivos eram os seguintes:

Artigo 1.º - Fica autorizado o governo do Estado a criar nesta capital uma Faculdade de Medicina, dispensando para isso a quantia necessária.

Artigo 2.º - Os atos praticados pelo chefe do poder executivo em virtude da presente lei, bem como o regulamento expedido para sua execução ficarão dependentes da aprovação do Congresso do Estado.

Artigo 3.º - Revogam-se as disposições em contrário.

Câmara dos Deputados, 14 de junho de 1895. José Marcelino da Rosa e Silva presidente; Celso Florentino Henrique de Sousa, primeiro secretário; Júlio Antero, servindo de segundo secretário<sup>235</sup>.

Aprovado no congresso, o projeto foi enviado para o senado onde teve o seu congelamento; todavia é preciso destacar que a medicina pernambucana continuou a realizar progressos no fim do século XIX e início do XX. Como contribuições para o saber médico houve a criação do Instituto Vacinogênico e a inauguração do laboratório de análises químicas e bromatologia da Inspetoria de Higiene. O Instituto Pasteur fundado em 1989<sup>236</sup>, teve também uma grande contribuição para a instrução médica, na medida em que foram ofertados inúmeros cursos práticos para os alunos de medicina do Brasil.

Durante o I primeiro Congresso Médico Pernambucano, em 1909, o dr. Durval de Brito, incumbido por Octávio, apresentou a proposta da criação de uma escola livre de medicina no Estado. Nesse episódio, os colegas e médicos Arnóbio Marques e Joaquim Loureiro se opuseram à realização desse projeto<sup>237</sup>. Freitas relata que esse episódio lhe causou um desapontamento. Tendo isso em vista, compreendemos que esse desentendimento indica disputas no interior do campo médico.

Por certo, os congressos médicos realizados em Pernambuco, o primeiro em 1909 e o segundo em 1916, foram importantes para o desenvolvimento da medicina

---

<sup>235</sup> FREITAS, 2010, p. 37.

<sup>236</sup> Ver 3.3.1.

<sup>237</sup> De acordo com Martha Almeida, a realização dos congressos médicos científicos na América Latina do início do século XX se constituía de estratégias de legitimação e persuasão da produção científica, com vistas à construção de um lugar de verdade no exercício da prática médica, perante não só a comunidade especializada e as autoridades governamentais, mas também em relação à toda sociedade. Cf. ALMEIDA, Marta de. Circuito aberto: ideias e intercâmbios médicos-científicos na América Latina nos primórdios do século XX. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v. 13, n. 3, p. 733-757, jul. /set. 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3861/386137991010.pdf>>. Acesso em: 2 jun 2016.

pernambucana, na perspectiva de que reuniram profissionais naquele contexto, onde se trocaram ideias e experiências dos diversos profissionais envolvidos nos eventos. No primeiro Congresso, por exemplo, ocorrido entre abril e maio de 1909, houve apresentações de trabalhos ligados aos temas da cirurgia, higiene, terapêutica e a medicina no geral. Foram também realizadas visitas às principais instituições ligadas à saúde no Recife: Hospital Pedro II, Instituto Vacinogênico, Dispensário Octávio de Freitas e o Hospício de Alienados<sup>238</sup>.

Foi na Fundação da Escola de Farmácia do Recife, no ano de 1903, que se teve um dos elementos importantes no percurso para o ensino do saber médico no Recife. Apesar de sua intenção de realizar progressos para a medicina, a instituição teve sua vida útil encerrada em 1905, retomando suas atividades em 1910. O seu fechamento foi mais uma barreira para a criação da Faculdade de Medicina.

Aos poucos, a Escola de Farmácia começou a receber mais investimentos e Octávio de Freitas foi convidado para lecionar na respectiva instituição, onde, em 1914 apresentou um projeto à congregação da escola, propondo a criação da Faculdade de Medicina e obtendo aprovação com unanimidade. Em 1915, Freitas tornou-se diretor da Escola buscando reorganiza-la com a mudança de sua sede da Escola de Engenharia para um prédio espaçoso, onde foram instalados mobiliário e laboratório necessários para as atividades educacionais propostas. De acordo com seu relato “Em pouco tempo instalou-se a Escola, com este material importado, os laboratórios de microbiologia (oferta minha), de Farmácia (oferta de Braga Guimarães), de Física, de Química, de Higiene e de Bromatologia”<sup>239</sup>. Foram, então, selecionados professores para lecionar na instituição.

Dessa maneira, Octávio procurou corrigir as debilidades técnicas e administrativas da Escola, equiparando-a a uma Escola Superior de Farmácia, de acordo com as diretrizes Federais. Como diretor, anunciou, portanto, os nomes dos seus colegas (ver quadro 2) para ocupar as respectivas cadeiras da futura Faculdade de Medicina do Recife.

---

<sup>238</sup> CONGRESSO MÉDICO DE PERNAMBUCO 1., 1910, Recife. **Annaes...** Recife: Off. Typ. Diário de Pernambuco, 1910.

<sup>239</sup> FREITAS, 2010, p. 53.

**Quadro 2** - Relação dos professores e cadeiras da futura Faculdade de Medicina do Recife

| <b>Professor</b>                                   | <b>Cadeira</b>   |
|--|--|
| <b>Hermano Bandeira de Siqueira Campos</b>         | Física   |
| <b>Eusébio Almeida de Martins Costa</b>            | Química  |
| <b>Alfredo cordeiro de da Fonseca Medeiros</b>     | História Natural   |
| <b>Edgar Altino Correia de Araújo</b>              | Anatomia   |
| <b>Arsênio Luiz Tavares da Silva</b>               | Histologia   |
| <b>José Octávio de Freitas</b>                     | Microbiologia  |
| <b>Alexandre dos Santos Selva Júnior</b>           | Terapêutica geral, especial, clínica, e arte de formular |
| <b>José Agripino Regueira Costa</b>                | Farmacologia e matéria médica                            |
| <b>Constâncio dos Santos Pontual</b>               | Higiene  |
| <b>Ascânio dos Guimarães Peixoto</b>               | Medicina legal   |
| <b>Alfredo Felipe da Costa</b>                     | Anatomia médico-cirúrgica                                |
| <b>Paulo de Aguiar</b>                             | Operações e aparelhos                                    |
| <b>João Paulino Marques e José Gomes de Amorim</b> | Clínica médica   |
| <b>Alfredo Arnobes Marques e Frederico Curio</b>   | Clínica cirúrgica  |
| <b>José Bandeira de Melo Filho</b>                 | Clínica obstetrícia                                      |
| <b>Tomé Isidoro Dias</b>                           | Clínica ginecológica                                     |
| <b>Antônio Carlos Soares de Avelar</b>             | Clínica óculo-otorrino-laringológica                     |
| <b>José Inácio D'ávila</b>                         | Clínica  |
| <b>Francisco Clementino Carneiro da Cunha</b>      | Clínica sífilo-dermatológica                             |
| <b>José de Arruda Souto Maior</b>                  | Clínica das vias urinárias                               |
| <b>Manuel Gouveia de Barros</b>                    | Clínica de moléstias nervosas                            |
| <b>Alcides d'Ávila Codeceira</b>                   | Clínica psiquiátrica                                     |
| <b>Mário e Ramos e Silva</b>                       | Patologia geral, anatomia e histologia patológicas       |

Fonte: FREITAS, 2010, p. 54-55.

Em 5 de abril de 1905 ocorreu a primeira reunião da congregação da Faculdade de Medicina, na Escola de Engenharia, na Rua do Hospício, onde funcionava a Escola de Farmácia. Consta na ata da reunião a presença dos seguintes “doutores”:

Octávio de Freitas, presidente; Arsênio Tavares e Tomé Dias, secretários; Gouveia de Barros, Alfredo Medeiros, Hermano Brandão, Paulo Aguiar, João Amorim, Vieira da Cunha Filho, Martins Costa, Raposo Pinto, Frederico Curio, Bandeira Filho, Edgar Altino, Mário Ramos, Selva Júnior, Souto Maior, Lins e Silva, Ascânio Peixoto [...] <sup>240</sup>.

O motivo da reunião era discutir as ideias sobre os mecanismos necessários para a instalação da Faculdade de Medicina do Recife. Foram apresentadas cinco propostas, mas só a última, assinada pelos professores Gouveia de Barros, Fernando Curio e Raposo Pinto foi aprovada com unanimidade:

1 - Que a congregação da Escola solicite do Congresso a criação de um imposto sobre fábricas de bebidas alcoólicas e fumos e casas comerciais que que explorem esse ramo da indústria, destinando o respectivo rendimento durante cinco ou dez anos, para o patrimônio da Faculdade; 2 - a comissão organizadora solicite de todos os municípios do Estado uma contribuição para o patrimônio, pois uma escola de medicina interessa à simultânea população do Estado e dos municípios <sup>241</sup>.

Essa proposta, apesar de ser aprovada não seguiu adiante. Nesse sentido, em sua narrativa sobre os caminhos para a instalação da Faculdade de Medicina, Otávio deixa claro que foi um percurso turbulento com várias posições contrárias a esse projeto. Assim, o médico Raul Azedo, diretor de instrução Pública no Estado foi um dos que se posicionaram contra a criação da Faculdade. Em artigo publicado, em 23 de dezembro de 1914, Freitas buscou argumentar contra as palavras de Azedo, ao discorrer que a fundação de uma faculdade de medicina: “[...] seria de consequências maléficas para a classe médica e para o país, quer do ponto de vista econômico, quer

---

<sup>240</sup> FREITAS, 1910, p. 57

<sup>241</sup> Ibid., p. 58.

do ponto de vista intelectual, quer do ponto de vista moral [...]”<sup>242</sup>. Octávio respondeu que esses argumentos de Azedo se concentravam nas questões econômicas, considerando que a classe médica possuía privilégios do ponto de vista da remuneração e que a abertura da nova faculdade poderia acarretar problemas de desemprego com a quantidade de médicos no Estado. Freitas defendeu, então, a importância do funcionamento de um curso de medicina, em vista de que, em relação a outros países, o número de médicos em Pernambuco naquele momento era ainda muito reduzido, não se justificando, portanto, em seu ponto de vista, a sustentação dos argumentos do diretor de instrução pública.

Todos esses debates e entraves para a fundação da Faculdade de Medicina do Recife evidenciam os difíceis processos de negociação no campo da medicina experimental, em construção, em torno da disputa pelo monopólio da atividade científica. Apesar disso, não se deve esquecer a influência de outros campos, como o da política, nesse processo de fabricação do espaço de formação do corpo médico no país.

Em 1915, após a reunião da I Congregação da Faculdade de Medicina, Octávio de Freitas reclamou da ausência de outras reuniões para a concretização do projeto da criação do respectivo curso de Medicina. Somente em 1920 que foi convocada uma nova reunião da congregação. Nessa sessão foi constatado que o quadro de professores estava incompleto, devido ao falecimento de alguns de seus membros que haviam sido nomeados na última reunião em 1915. Dessa forma, foi aprovada uma reorganização dos respectivos professores. O quadro abaixo mostra essa reorganização do corpo docente:

**Quadro 3** - Reorganização do quadro docente dos professores catedráticos da Faculdade de Medicina do Recife

| <b>Professor</b>          | <b>Cadeira</b>          |
|---------------------------|-------------------------|
| <b>Oscar Coutinho</b>     | Física médica           |
| <b>Raposo Pinto</b>       | Química médica          |
| <b>Alfredo Medeiros</b>   | História natural médica |
| <b>Luiz de Góes</b>       | Anatomia descritiva     |
| <b>Monteiro de Moraes</b> | Histologia              |

<sup>242</sup> FREITAS, Octávio de. Faculdade de Medicina. **Jornal Pequeno**, Recife, anno XVI, n. 294, p. 1, 23 dez. 1914. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 23 maio 2017.

(continuação)

| <b>Professor</b>            | <b>Cadeira</b>  |
|-----------------------------|---|
| <b>Gilberto Fraga Rocha</b> | Fisiologia  |
| <b>Octávio de Freitas</b>   | Microbiologia   |
| <b>Selva Júnior</b>         | Terapêutica clínica e experimental e arte de formular |
| <b>Mário Ramos</b>          | Patologia geral                                       |
| <b>Regueira Costa</b>       | Farmacologia  |
| <b>Alfredo Costa</b>        | Anatomia médico-cirúrgica e operações                 |
| <b>Costa Carvalho</b>       | Higiene   |
| <b>Ascânio Peixoto</b>      | Medicina Legal  |
| <b>João Marques</b>         | Clínica médica (1ª cadeira)                           |
| <b>João Amorim</b>          | Clínica médica (2ª cadeira)                           |
| <b>Edgar Altino</b>         | Clínica médica (3ª cadeira)                           |
| <b>F. Simões Barbosa</b>    | Clínica médica (4ª cadeira)                           |
| <b>Arnóbio Marques</b>      | Clínica cirúrgica (1ª cadeira)                        |
| <b>Frederico Cúrio</b>      | Clínica cirúrgica (2ª cadeira)                        |
| <b>Paulo Aguiar</b>         | Clínica cirúrgica (3ª cadeira)                        |
| <b>Bandeira Filho</b>       | Clínica obstetrícia                                   |
| <b>Tomé Dias</b>            | Clínica ginecológica                                  |
| <b>Isaac Salazar</b>        | Clínica oftalmológica                                 |
| <b>Arthur de Sá</b>         | Clínica otorrinolaringológica                         |
| <b>Lins e Silva</b>         | Clínica médica e infantil                             |
| <b>Inácio D'Ávila</b>       | Clínica pediátrica cirúrgica e ortopédica             |
| <b>Francisco Clementino</b> | Clínica dermatológica e sifilográfica                 |
| <b>Ulisses Pernambucano</b> | Clínica psiquiátrica                                  |
| <b>Gouveia de Barros</b>    | Clínica neurológica                                   |

Fonte: FREITAS, 2010, p. 80-81.

Octávio selecionou a maioria dos professores, entretanto, de acordo com Salomão Kelner<sup>243</sup>, alguns dos selecionados não apresentavam qualificação adequada para ministrar algumas cadeiras do ciclo básico. Todavia, esses profissionais possuíam prestígio nos seus respectivos campos de atuação.

<sup>243</sup> KELNER, Salomão et al. **História da Faculdade de medicina do Recife (1915-1985)**. Recife: UFPE, 1985.

Sendo assim, em 1920, a Faculdade de Medicina do Recife abriu inscrição para seu exame seletivo. O número de candidatos inscritos foi alto, e apenas 15 conseguiram aprovação para compor a primeira turma do curso, sendo que boa parte deles já eram formados nas escolas de direito, farmácia e odontologia.

Octávio de Freitas solicitou ao dr. Alfredo Medeiros a concessão da cadeira de história natural médica, no intuito de ministrar, no ano de 1920, as primeiras lições do curso de medicina no Recife. Freitas realizou um emocionado discurso na aula inaugural do curso:

Meus prezados discípulos!  
Eu sinto um prazer inigualável e uma alegria infinda ao dirigir-vos a palavra, neste momento.  
É que minha presença, entre vós neste dia, significa muito mais do que proporcionar uma simples lição de mestre para discípulos queridos.  
Ela quer dizer, na sua maior gentileza que temos praticamente realizado nosso sonho dourado de tanto tempo; que se acha real e definitivamente fundada a Faculdade de Medicina do Recife.  
Sonho dourado de tanto tempo!  
Efetivamente, não é de hoje o anelo de todos nós, médicos residentes em Pernambuco, de possuímos semelhante instituto de ensino. [...]  
Todo mundo hoje sabe que esta obra ingente de patriotismo da classe médica que resolveu desvendar, clara e categoricamente, a triste verdade – o interior do Brasil é um vasto hospital – um celeiro impuro de germes de doenças várias que aí proliferam sem o menor entrave, para infeccionar os nossos campos, de reiterar os nossos centros de população e inferiorizar, definhando e estiolando, não sei quantos milhões de brasileiros<sup>244</sup>.

A faculdade funcionou de forma provisória em alguns prédios: primeiro na Escola de Engenharia, posteriormente transferida para a rua do Riachuelo e depois teve suas atividades realizadas na Rua Barão de São Borja, onde funcionava a Escola de Farmácia e Odontologia. Somente em abril de 1927 que a Faculdade de Medicina do Recife se instalou em sede própria no bairro do Derby.

Em 24 de dezembro de 1925 ocorreu a colação de grau dos primeiros médicos formados em terras pernambucanas. Os seis formandos eram os seguintes: “Porfírio de Andrade Sobrinho, Benedito Alves de Carvalho, Aníbal Bruno de Oliveira Firmo, João da Silva Correia de Oliveira Andrade, Argemiro Costa Filho e Antônio Inácio de

---

<sup>244</sup> FREITAS, 2010, p. 84; p. 91-92.

Barros Ribeiro<sup>245</sup>". Freitas dirigiu a Faculdade de 1915 a 1935, com apenas uma interrupção.

Iniciando as atividades da Faculdade de Medicina, a discussão de fusão com a Escola de Farmácia e Odontologia ganhou visibilidade novamente. Em 1922 as duas antigas Escolas foram unificadas e somente em 1925 que foi aceita a fusão das três escolas, com a devida comunicação ao Departamento Nacional de Ensino. Octávio de Freitas reclamou da ausência de um inspetor único para a faculdade, devido à demora do Departamento Nacional em executar o despacho definitivo do pedido da fusão das três escolas, que acabou ocorrendo efetivamente em 1926.

Consideramos, que ao projetar e implantar, junto com outros médicos pernambucanos, a Faculdade de Medicina no Recife, Octávio de Freitas e esses respectivos profissionais estavam contribuindo para o processo de autonomização do campo da medicina científica no país.

Nessa perspectiva, as narrativas escritas sobre a Faculdade de Medicina do Recife centralizam o papel de Octávio no processo de fundação da instituição. Assim, a abertura do Memorial da Medicina de Pernambuco<sup>246</sup>, inaugurado em 27 de novembro de 1995, no antigo prédio no bairro do Derby, que foi sede da instituição até o ano de 1958, realiza guarda de acervos relacionados à história da saúde pernambucana, promove eventos e exposições que visam à preservação e à divulgação dos processos históricos relevantes no Estado.

O Memorial abriga as seguintes instituições ligadas à cultura médica: Sociedade Brasileira de Médicos Escritores Regional de Pernambuco, Associação dos EX Alunos da Faculdade de Medicina do Recife, Instituto Pernambucano de História da Medicina, Instituto de Pesquisas e Estudos da 3ª Idade, Academia de Artes e Letras de Pernambuco e o Museu da Medicina de Pernambuco.

Essa instituição, é, portanto, um lugar de memória; nas palavras do historiador Pierre Nora, esses espaços "[...] nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar

---

<sup>245</sup> FREITAS, 2010, p. 105.

<sup>246</sup> Para saber mais sobre a instituição acessar o seguinte site: <https://www.ufpe.br/memorial/memorial2.html>; Ver anexo B.

celebrações, pronunciar elogios fúnebres [...]”<sup>247</sup>. Dessa forma, entendemos que esse órgão é um dos instrumentos que possibilitam, à sua maneira, a imortalização da personalidade do médico Octávio de Freitas no campo da medicina experimental no Brasil.

### 3.3 PRÁTICAS INSTITUCIONAIS DA MEDICINA EXPERIMENTAL

No cenário da construção do campo médico no Recife houve a implantação de importantes instituições ligadas à aplicação dos saberes microbiológicos, a saber, o Instituto Pasteur de Pernambuco e a Liga Pernambucana Contra a Tuberculose. Octávio de Freitas, portanto, esteve envolvido nesse processo de elaboração de novos mecanismos necessários à medicina científica que se delineava no país, por meio da atuação desses órgãos de saúde.

#### 3.3.1 O Instituto Pasteur de Pernambuco

Inserido dentro da dinâmica da medicina experimental, a partir de institutos, Octávio de Freitas esteve à frente do Instituto Pasteur de Pernambuco<sup>248</sup> durante 30 anos, consolidando e imprimindo sua identidade à instituição. Foi inaugurado a 31 de janeiro de 1899, sob a direção de Rodolpho Galvão e tendo como auxiliar Octávio, que logo assumiu a direção do órgão, devido ao convite feito a Rodolpho para assumir a cadeira de microbiologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Várias turmas de estudantes da Faculdade de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro visitaram o instituto para a prática da microbiologia laboratorial. O higienista<sup>249</sup> destaca que

---

<sup>247</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Proj. História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993. p. 13. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>>. Acesso em: 29 maio 2016. p. 13.

<sup>248</sup> Ver anexo C.

<sup>249</sup> FREITAS, 1940.

dessas atividades surgiram diversos temas para a elaboração das teses de muitos estudantes que por ali passaram.

No início de seu funcionamento O instituto Pasteur de Pernambuco atendia a vários Estados: Amazonas, Pará, Maranhão, Alagoas, Sergipe e Bahia, por ser o único posto antirrábico nessa região do país. Para ter ideia da dimensão do atendimento do instituto, no ano de 1901 houve um aumento considerável no tratamento antirrábico com o número de 201 pessoas atendidas, em contraponto aos números de 81 e 41 pessoas tratadas durante 1899 e 1900, respectivamente<sup>250</sup>. É preciso ressaltar que apenas 163 pacientes atendidos concluíram o tratamento, visto que vários deles haviam sido mordidos por animais que não estavam contaminados pela raiva. O número de homens atendidos no posto antirrábico naquele ano foi bem superior em relação ao número de mulheres atendidas. Cerca de 70% dos pacientes eram do gênero masculino<sup>251</sup>.

Em relação aos locais de origem das pessoas atendidas em 1901, o Recife se configura como o maior número de atendimentos. No que se refere a freguesia, a Boa Vista se constituiu como o maior número de pacientes residentes naquela localidade<sup>252</sup>. No início do século XX, o respectivo bairro era bastante residencial e, ao que parece, segundo as palavras do Jornal *A Província*, “os cães vagabundos são em grande número”<sup>253</sup> pelas ruas dessa região da cidade.

Em 1904, ocorreu o primeiro insucesso no tratamento da raiva no instituto. O caso se refere a uma criança chamada Paulo que havia realizado o tratamento de 16 dias, como era realizado no posto antirrábico e que após dois meses foi notificado que a criança estava com os sintomas da hidrofobia<sup>254</sup>.

A importância da microbiologia pasteuriana e da nova medicina científica nos Institutos de pesquisa aponta que o saber médico, ao longo do século XIX e início do

---

<sup>250</sup> FREITAS, Octávio de. Relatório dos trabalhos havidos em 1901 no Instituto Pasteur de Pernambuco. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 78, n. 6, p. 2, 14 fev. 1902. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

<sup>251</sup> FREITAS, 1902, p. 1.

<sup>252</sup> Ibid., p. 1.

<sup>253</sup> A PROVÍNCIA, Recife, anno XXXII, n. 20, p. 1, 26 jan. 1904. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 03 abr. 2017.

<sup>254</sup> FREITAS, 1940, p. 210-213.

XX, foi mudando de status. Sobre esse período Roberto Machado<sup>255</sup> avalia que a medicina social do século XIX se constituiu de um saber especializado ligado a uma prática política que visava regular os indivíduos e a população, tanto do ponto de vista da natureza como dos elementos sociais que compõe a vivência urbana. Houve, portanto, um processo de tentativa de medicalização da sociedade ao procurar intervir nos diversos aspectos da vida em sociedade. Essa nova medicina implicou “a existência de um Estado epistemológico - que não pode dispensar os procedimentos de produção de verdade sobre si mesmo e a sociedade - é uma característica constitutiva do projeto de medicina social”<sup>256</sup>. Contudo, é preciso esclarecer que a construção do exercício de autoridade da figura médica, não se deu de forma pacífica, na medida em que existiram diversos espaços de debates e conflitos em torno das novas teorias médicas, que em diversos momentos eram vistas com desconfianças, tanto pela esfera estatal quanto pela população em geral, ou mesmo por discordâncias dentro da própria categoria médica.

Em virtude disso, os institutos científicos no Brasil buscaram justamente institucionalizar a medicina experimental, sob a égide dos conhecimentos microbiológicos. Em relação a nossa pesquisa, Octávio de Freitas se insere dentro desse contexto, em que as aplicações de métodos e técnicas da medicina científica eram vistas como necessárias para dar novos rumos à saúde pública no Estado de Pernambuco.

### 3.3.2 A Liga Pernambucana Contra a Tuberculose

A partir do contato com as descobertas e avanços da epidemiologia da Tuberculose, no final do século XIX, doença que tinha um alto índice de mortalidade, foi possível a criação por Octávio de Freitas da Liga Pernambucana Contra a Tuberculose (LPCT).

---

<sup>255</sup>MACHADO, Roberto et al. **Danação da norma**: constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

<sup>256</sup> Ibid., p. 158.

Freitas aponta que, de acordo com as estatísticas de 1852 a 1918, a tuberculose foi a doença que mais levou os pernambucanos a óbitos, totalizando 49.417 mortes decorrentes dessa enfermidade<sup>257</sup>. O sanitarista enfatiza que várias doenças tiveram investimentos do poder público, como a peste, a varíola, a febre amarela, enquanto que a tuberculose continuava esquecida pelo Estado, constituindo a figura do médico Joaquim de Aquino Fonseca e as reclamações da Associação Pernambucana de Medicina, umas das poucas vozes que tinham visibilidade e se preocuparam no combate a essa doença. Fonseca em 1849, quando ocupava a direção do Conselho Geral de Salubridade da Província de Pernambuco, proferiu as seguintes palavras:

A tuberculose tem se tornado, depois de alguns anos, d'uma frequência espantosa; e coisa notável, esta frequência espantosa; e coisa notável esta frequência não está em proporção com o aumento da população; e, coisa ainda mais notável, uma marcha cada vez mais se torna rápida, de sorte que não há ninguém que se não ausenta por uma outra razão<sup>258</sup>.

Joaquim de Aquino publicou essas palavras num folheto em que estudava o tema da tuberculose. Apesar da importância dessa questão para a saúde em Pernambuco, não houve nenhuma mobilização por parte do governo e nem da classe médica. O tema da tuberculose só foi retomado, a partir de 1894 por Octávio de Freitas, decorrentes de suas experiências como médico assistente na enfermaria do Hospital Pedro II e como demografista da Repartição de Saúde Pública.

Com base em uma pesquisa realizada durante vários meses nos arquivos públicos do Cemitério de Santo Amaro e com a junção com outros dados, Octávio pôde estabelecer dados mensais e anuais sobre a mortalidade da tuberculose em Pernambuco, traçando os seguintes perfis: “sexo, idade, estado civil, nacionalidade e localizações nos diversos tecidos e órgãos do corpo humano<sup>259</sup>”. Apesar desse estudo ter sido feito no ano de 1895, o demografista não pôde publicá-lo nesse ano, entretanto, sua intenção com a respectiva investigação era chamar a atenção sobre a periculosidade para a saúde pública, a alta taxa de mortalidade da tuberculose no Estado.

---

<sup>257</sup> FONSECA, 1849 apud FREITAS, Octávio de. **Os trabalhos de hygiene em Pernambuco**: relatório apresentado ao secretário geral do Estado. Recife: Oficinas Graphicas da Imprensa Oficial, 1919.

<sup>258</sup> FREITAS, Octávio de. **Histórico da Luta antituberculosa em Pernambuco**. Recife: o autor, 1948. Manuscrito. Lapeh-UFPE.

<sup>259</sup> FREITAS, Octávio de. **A luta anti-tuberculosa em Pernambuco**. Recife: Typ. A Vapor, 1909. p. 8.

Com a república brasileira nascente, a saúde pública ganhou destaque no processo de definição de uma identidade nacional, preocupada com as questões raciais e sanitárias da sociedade brasileira. As intervenções governamentais no setor da saúde se deram, principalmente, nos grandes centros urbanos, onde passou a se concentrar uma grande massa populacional.

Como nosso protagonista havia destacado, diversas epidemias tiveram a confluência de recursos, dentre elas se destacaram a febre amarela, a varíola, a peste bubônica e a febre tifoide. A tuberculose, no entanto, parecia esquecida pelos poderes públicos. Diante desse descaso, coube à sociedade se organizar de forma associativa para realizar assistência aos infectados pela tuberculose nos aglomerados urbanos, em ascensão no início do século XX.

Aos poucos, a respectiva moléstia foi ganhando atenção nos centros médicos avançados europeus e influenciou outros continentes, como a América Latina. No início do século XIX, ainda era defendido a indicação de que as regiões litorâneas e campestres, ou o isolamento em quartos fechados, eram os ambientes propícios para o tratamento dos tuberculosos. Na virada para o século XX a medicina experimental de Claude Bernard e os postulados teóricos da microbiologia de Pasteur elaboraram novas explicações sobre a tuberculose, todavia, não obtiveram de imediato mecanismos mais eficazes para o tratamento da doença. A resposta de maior sucesso foi a fabricação da vacina BCG, que foi criada em 1906, mas só foi inoculada em crianças e adolescentes na década de 1920. Houve uma grande oposição pública em relação a vacinação.

Foi no Congresso Médico, realizado em janeiro de 1901, na Cidade de Santiago no Chile, que foi possível a criação de uma comissão internacional de caráter permanente para o estabelecimento de medidas profiláticas para a tuberculose. O presidente e responsável por articular colaboradores por toda a América Latina foi o médico e higienista renomado na época, Emilio Coni, que passou a divulgar as diversas contribuições sobre a tuberculose nos vários países da América Latina, possibilitando, dessa forma, uma rede de conhecimentos para dar suporte ao combate mundial à tuberculose. No III Congresso Médico latino-americano, realizado em 1907 no Uruguai, o Brasil enviou contribuições com estudos de vários Estados de acordo com as ligas estaduais contra a tuberculose (ver quadro 4) e que Coni apresentou em conjunto com a divulgação de outras pesquisas realizadas em vários países.

**Quadro 4** - Contribuições das ligas estaduais brasileiras para o III Congresso Médico Latino-americano, 1907

| Estado         | Presidente da liga |
|----------------|--------------------|
| Rio de Janeiro | Azevedo Lima       |
| São Paulo      | Clemente Ferreira  |
| Minas Gerais   | Eduardo de Menezes |
| Pernambuco     | Octávio de Freitas |
| Bahia          | Alfredo Brito      |

Fonte: ALMEIDA, 2006, p. 747.

O aperfeiçoamento dos saberes clínicos e epidemiológicos sobre a tuberculose, em conjunto com a proliferação dos sanatórios em regiões da Europa, viabilizaram no final do século XIX a formulação de políticas de cunho oficial contra a tísica. Chegou-se inclusive a cogitar que a espécie humana estaria correndo risco de extinção, conseqüentemente, médicos e leigos se uniram com objetivos de reivindicar a formulação de políticas no combate à enfermidade. Nesse contexto também surgiram formulações sobre a doença relacionando-a como consequência da desorganização social<sup>260</sup>.

Após a criação da Comissão Internacional Permanente para a Profilaxia da Tuberculose, foi criada, no Rio de Janeiro, a Liga Brasileira Contra a Tuberculose, sob a influência do dr. Hilário Gouveia, recém-chegado da Europa, onde o debate sobre o combate a essa enfermidade já se dava de forma contundente. Na realidade, a primeira campanha nacional contra a tuberculose se deu na cidade de São Paulo e teve como mentores o higienista Emílio Ribas e o clínico carioca Clemente Ferreira. Foi criada, então, em 1899, a Associação Paulista de Sanatórios Populares para Tuberculosos, que tinha como presidente Clemente Ferreira.

Devido à dificuldade de recursos, a associação paulista redirecionou a sua atuação e se voltou para a construção de um dispensário especializado na assistência aos tísicos. Em 1903, a instituição mudou de nome e passou a ser denominada de Liga Paulista Contra a Tuberculose. As ações seriam justamente centradas no isolamento dos enfermos nos espaços sanatoriais. A Liga Paulista passou por

<sup>260</sup> BERTOLLI FILHO, Cláudio. **História social da tuberculose e do tuberculoso**: 1990-1950. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

diversas dificuldades durante sua trajetória, no entanto, a instituição serviu de inspiração para o combate à tuberculose em outros Estados do Brasil<sup>261</sup>.

Em 1901, na formação da Liga Carioca não havia somente a classe médica, mas também incluíam outras categorias sociais, como jornalistas e advogados. A atuação da Liga se deu mediante a criação de propagandas pela imprensa e a realização de conferências, com o intuito de instruir a população sobre o perigo e as medidas profiláticas da enfermidade, ao mesmo tempo em que se criavam as ligas em outros Estados do país. Paralelo aos movimentos regionais no combate à peste branca, as iniciativas federais e estaduais mantinham-se rarefeitas e as exigências de mudanças no combate à tuberculose, pelo poder estatal, foi crescendo ao longo da primeira república pela classe médica<sup>262</sup>.

Nesse caminho, Freitas, em junho de 1900, publicava, em folheto, finalmente o resultado de sua pesquisa, realizada em 1895, sob o título de *A tuberculose no Recife*. Após a publicação dessa obra, a classe médica pernambucana começou a se mobilizar no sentido de combater a tuberculose e, em 19 de julho de 1900, foi realizada a primeira reunião em uma sala da Inspetoria de Higiene, com o objetivo de criar a Liga Pernambucana Contra a Tuberculose. Estiveram presentes nesse encontro os seguintes médicos junto com Octávio: “Arnóbio Marques, João Marques, Lopes Pessoa, Frederico Curio, Thomaz de Carvalho, Bernadirno Maia, Alfredo Costa, Ribeiro Martins e Ascânio Pessoa”<sup>263</sup>. A 19 de agosto foi inaugurada a Liga Pernambucana numa cerimônia solene no Teatro Santa Isabel.

Foi organizado o Estatuto da LPCT e no artigo I constavam as seguintes definições dos objetivos da instituição:

- a) Estudar a tuberculose em todas as suas formas, as suas causas mais frequentes entre nós e o meio de removê-las.
- b) Estudar sua profilaxia indicando os meios mais simples e eficazes de praticá-la ao alcance de todos, como sejam: - os melhoramentos do meio

---

<sup>261</sup> BERTOLLI FILHO, 2001.

<sup>262</sup> Um primeiro movimento de cunho governamental partiu de Oswaldo Cruz, no ano de 1907, por meio de proposta de uma lei que determinasse a obrigatoriedade da notificação dos doentes com a tuberculose, a criação de um serviço de assistência especializado a tísica e a ocupação de um sanatório em Campos do Jordão, que na verdade não havia sido construído de fato. Apesar da influência e do prestígio do sanitarista, o projeto foi vetado para não seguir adiante no Congresso Nacional. BERTOLLI FILHO, 2001.

<sup>263</sup> FREITAS, 1909. p. 12.

- de vida e de trabalhos dos operários, combater o alcoolismo e as demais causas diretas e indiretas da produção da tuberculose.
- c) Divulgar por meio de conferências populares, publicações em folhetos ou pela imprensa diária ou periódica, as instruções profiláticas que devam ser por todos cumpridas em benefício próprio, da família e da sociedade.
  - d) Solicitar dos poderes municipais e estaduais a execução de medidas gerais contra a propagação e desenvolvimento da enfermidade.
  - e) Promover quanto antes a fundação de sanatórios populares para tuberculosos em localidades convenientemente escolhidas, devendo para isto solicitar dos poderes públicos do Estado e municípios, auxílios pecuniários para a sua fundação e sustento.
  - f) Promover subscrições públicas em todo Estado, quermesses, espetáculos diversos, etc.
  - g) Conceder recompensas aos autores de aparelhos, instrumentos, etc, de utilidade no tratamento da tuberculose, de acordo com o juízo de um júri para tal fim designado<sup>264</sup>.

Em relação as categorias de associados da LPCT, o estatuto da instituição enumerava 4 perfis diferentes de membros, de acordo com o tipo de contribuição financeira realizada para o funcionamento da associação. As categorias eram as seguintes, de acordo com o artigo 3º do regulamento:

- a) efetivos, os que contribuirão mensalmente para os cofres sociais com quantia nunca inferior a 1\$000.
- b) remidos, os que oferecerem de uma só vez 100\$000.
- c) benfeitores, os que derem de uma só vez 500\$000 e os que contribuirão por meio de subscrições ou por outros donativos por eles promovidos, com quantia a estas correspondentes.
- d) beneméritos, os que ofertarem de uma só vez 1.000\$000 e os que prestarem a Liga serviços de alto valor material, intelectual ou moral e considerados relevantes pela diretoria<sup>265</sup>.

A primeira diretoria eleita para gerir a LPCT era composta pelos seguintes médicos de acordo com quadro a seguir:

---

<sup>264</sup> FREITAS, 1909, p. 13-14.

<sup>265</sup> ESTATUTO da liga Pernambucana Contra a Tuberculose. **A Província**. Recife, anno XXVI, n. 111, p.2, 19 maio 1903. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

**Quadro 5** - Primeira Diretoria da Liga Pernambucana Contra a Tuberculose

| Cargo           | Responsável        |
|-----------------|--------------------|
| Presidente      | Octávio de Freitas |
| Vice-presidente | Antônio Castro     |
| 1º Secretário   | Costa Ribeiro      |
| 2 Secretário    | Martins Sobrinho   |
| Tesoureiro      | Bernardo Maia      |

Fonte: FREITAS, 1909, p. 12.

Essa primeira diretoria enviou cartas para capital e para o interior do estado, no intuito de arrecadar fundos para a Liga, principalmente no que se referia ao projeto de construir um hospital para tuberculosos em Pernambuco que atendesse a população pobre. Poucas foram as pessoas que deram uma resposta positiva à LPCT. Do total de três mil cartas enviadas, obteve somente o apoio das seguintes pessoas: “o exm. Sr. Governador do Estado, o sr. Coronel Santos Dias e o sr. Clementino de Farias Tavares”<sup>266</sup>. Todavia, com o apoio de figuras importantes na imprensa, como Gonçalves Maia, do jornal *A província* e Oswaldo Maia, do *Jornal do Recife*, por meio de subscrições e emissões de cupons em favor de angariar recursos, foi possível dar novos rumos para a construção do hospital voltado para a população com poucos recursos financeiros<sup>267</sup>. Aos poucos, outras instituições, como a Ferro Carril<sup>268</sup> e lojas comerciais, fizeram campanhas para ajudar financeiramente o trabalho da Liga Contra a Tuberculose.

A LPCT começou a perceber que, para uma melhor atuação do órgão, seria necessária a inclusão de outros setores da sociedade para gerir a instituição. Dessa forma, após o fim do primeiro mandato da diretoria, se elegeu uma comissão diretora (ver quadro 4) composta de outros segmentos da sociedade pernambucana; fato semelhante ocorreu no Rio de Janeiro.

<sup>266</sup> FREITAS, Octávio de. Liga contra a tuberculose. **A província**, Recife, anno XXIV, n. 163. p. 1, 21 jul. 1901. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

<sup>267</sup> Id., 1948, p. 11-12.

<sup>268</sup> A empresa pagaria a Liga Pernambucana Contra a Tuberculose a quantia de 2 réis a cada quitação de passageiros. In: CABRAL, Silva. Companhia Ferro Carril de Pernambuco. **A província**, Recife, anno XXIV, n. 169, p. 2, 28 jul. 1901.

**Quadro 6** - Relação da segunda diretoria da Liga Pernambucana Contra a Tuberculose

| <b>Cargo</b>              | <b>Responsável</b> | <b>Profissão</b>      |
|---------------------------|--------------------|-----------------------|
| <b>Presidente</b>         | Octávio de Freitas | Médico                |
| <b>1º Vice-presidente</b> | Lino Braga         | Negociante            |
| <b>2º Vice-presidente</b> | Alberto Fernandes  | Comerciante           |
| <b>1º secretário</b>      | Costa Ribeiro      | Médico                |
| <b>2º Secretário</b>      | Oswaldo Machado    | Advogado e jornalista |
| <b>Orador</b>             | Martins Sobrinho   | Médico                |
| <b>Tesoureiro</b>         | Manuel Medeiros    | Banqueiro             |

Fonte: FREITAS, 1909, p. 14.

A LPCT foi na realidade, a primeira liga brasileira a instalar um dispensário modelo para a profilaxia da tuberculose. O primeiro dispensário foi inaugurado em 10 de janeiro de 1904, localizado na Rua Gervásio Pires, e o segundo foi inaugurado em 21 de janeiro de 1913, construído na Rua Conselheiro Peretti. O primeiro dispensário foi batizado pelo nome de Octávio de Freitas, em reconhecimento à sua ativa atuação e preocupação no combate à tuberculose em Pernambuco. Para o cumprimento dos objetivos da instituição foi criado, por Freitas, um questionário para ser aplicado pelos médicos e que se constituía de fontes para medidas médicas e higienistas no combate a respectiva moléstia. As informações coletadas no questionário eram as seguintes:

**Quadro 7** - Questionário do Dispensário da Tuberculose

|   |  |
|---|--|
| <b>Informações gerais</b>   | Número, Residência, nacionalidade, naturalidade, nome, estado civil, idade, profissão, cor, por quem foi enviado para o dispensário  |
| <b>Situação social e pecuniária do enfermo, meios de subsistência, natureza de seu trabalho, etc.</b> | Vive só? Tem filhos? Quantos? Idade dos filhos. Tem perdido filhos? De que idade? Quanto ganha por dia quando pode trabalhar? Termo médio das horas de trabalho diário. Trabalha atualmente? Desde quando não trabalha? Que ofício exerce a mulher e os filhos? Quanto ganham? Nome e domicílio dos patrões: Do marido? Da Mulher? Dos filhos? Tem doente parente a sustentar? Tem dívidas? Pertence a |

|   |   |
|---|---|
|   | alguma sociedade de socorros mútuos? Qual? Os seus filhos vão à Escola?   |
| <b>Situação higiênica da habitação do enfermo</b> | Ocupa cama separada? Quantas pessoas dormem no quarto com o doente? Possui a casa do doente pátio ou jardim? O seu quarto de dormir dá para estes? Dispõem a casa de águas correntes e latrinas? No caso contrário que água emprega? A latrina a que distância fica a habitação? Estado e limpeza da habitação.                                       |
| <b>Pesquisa clínica</b>                           | Data do início da moléstia; a moléstia começou por; antecedentes mórbidos, individuais, colaterais e na descendência; existem sinais clínicos de alcoolismo; tem tido hemoptises e em que época? Frequência e natureza da tosse; tem febre? Estado Geral aparente? Deformações torácicas; estado da pele, cor dos cabelos; da barba; talhe do doente. |
| <b>Medida do perímetro torácico</b>               | Expiração forçada: a entrada, 3, 6, 12 meses depois. Inspiração forçada: a entrada, 3, 6, 12 meses depois   |
| <b>Peso do doente</b>                             | A entrada, 3, 6, 9, 12 meses depois   |
| <b>Expectoração</b>                               | Por 12 meses  |
| <b>Estado das funções</b>                         | Renais, circulatórias, digestivas, cutâneas, respiratórias.   |

Fonte: FREITAS, 1909. p. 17-20.

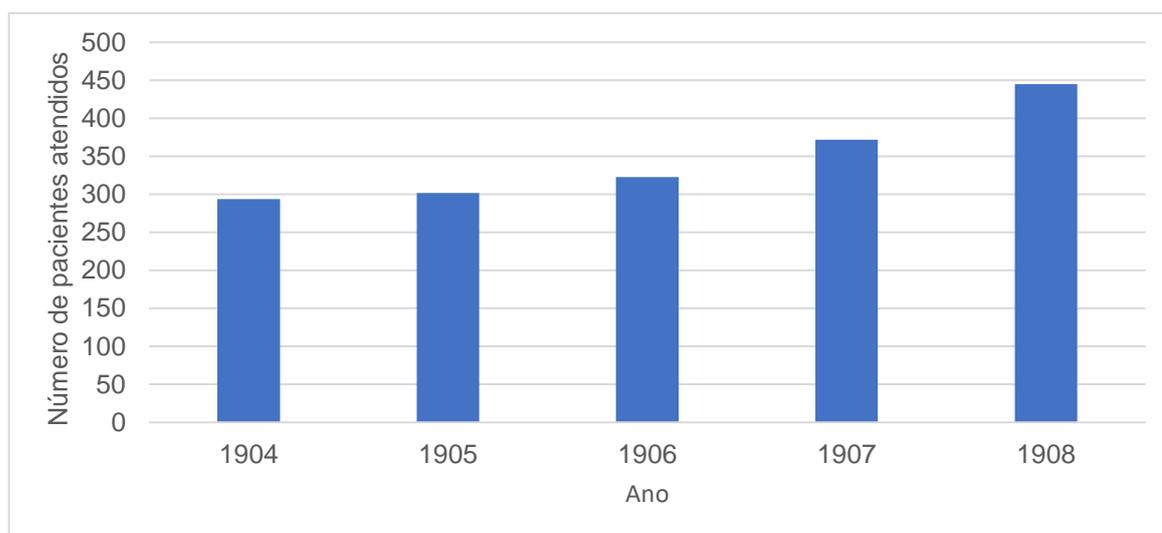
Esse questionário da LPCT nos permite perceber não só a investigação minuciosa do estado de saúde do paciente, das condições socioeconômicas em que os indivíduos estavam inseridos, mas investiga também a localização dos comunicantes da doença, no intuito de realizar o diagnóstico precoce para evitar novos casos. A situação higiênica das habitações influía bastante na proliferação da tísica, visto que era muito comum a convivência de muita gente em pouco espaço, na população com menor poder aquisitivo.

Durante os quatros primeiros anos de funcionamento do Dispensário, ou seja, de 1904 a 1908, o número de atendimentos chegou ao número de 1.736 pacientes, aumentando a cada ano (ver gráfico 1)<sup>269</sup>. Freitas não informa em seus relatos a quantidade doentes que vieram a óbito durante o tratamento na instituição. Em relação ao perfil dos pacientes é observado que a procura se dava pela classe trabalhadora

<sup>269</sup> FREITAS, 1909, p. 21.

com menor poder aquisitivo, em vista de que a instituição possuía o caráter beneficente e se destinava ao atendimento da população pobre que não possuía recursos necessários para o tratamento da tuberculose, na medida em que não são listados nos relatórios da instituição pacientes com profissões ligadas às classes elitistas, em vista de que tais indivíduos se tratavam com médicos particulares.

**Figura 1** – Frequência anual do Dispensário Octávio de Freitas (1904-1908)



Fonte: FREITAS, 1909, p. 22

Como observamos, outra prerrogativa importante eram as condições das residências dos pacientes atendidos na instituição (ver tabelas 1). O tipo de abastecimento d'água<sup>270</sup> (ver tabela 2) também era considerado um elemento importante para à investigação sobre as condições em que viviam o doente.

<sup>270</sup> As problemáticas sobre o abastecimento d'água no Recife serão detalhadas em 4.1.

**Tabela 1** - Arejamento das casas dos pacientes atendidos pelo Dispensário da Tuberculose (1904-1908)<sup>271</sup>

| Situação                      | Quantidade |
|-------------------------------|------------|
| Possuem jardim                | 204        |
| Não possuem jardim            | 1534       |
| O quarto do doente tem janela | 135        |
| O quarto é alcova             | 1601       |

Fonte: FREITAS, 1909, p. 25.

**Tabela 2** - Abastecimento de água das residências dos pacientes atendidos no dispensário da Tuberculose (1904-1908)

| Tipo de abastecimento | Quantidade |
|-----------------------|------------|
| Chafariz público      | 768        |
| Encanamento           | 400        |
| Cacimbas              | 456        |
| Rio                   | 400        |
| Poço artesiano        | 51         |

Fonte: FREITAS, 1909, p. 25.

Os dados acima refletem que os pacientes pobres, que procuravam tratamento na instituição, viviam em condições insalubres, habitando espaços sem circulação de ar e sem estrutura para oferecer conforto aos moradores da residência. Os quartos,

<sup>271</sup> Segundo o dicionário de medicina popular escrito por Chernoviz “As alcovas têm grandes vantagens e grandes inconvenientes. Servem para o asseio, separando a cama da sala. Mas o ar renova-se nelas com dificuldade: os miasmas que se exalam das camas, mesmo das pessoas mais sadias e mais asseadas, contribuem para viciar o ar; as pulgas e os percevejos desenvolvem-se e multiplicam-se. Quase todas as casas do Rio de Janeiro têm alcovas: não pretendemos poder destruir esta moda na construção das habitações: diremos somente que no interesse da saúde devem as portas das alcovas estar abertas o mais tempo possível, de dia e de noite, para que o ar possa renovar-se facilmente. CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Dicionário de medicina popular**. 6. ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00756310>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

muitas vezes, ocupados por várias pessoas, facilitavam a transmissão de doenças infectocontagiosas. Freitas, por sua vez, ressalta que

[...] Estas casas são edificadas em lugares úmidos aterrados quase sempre com lixo e cercadas de pântanos ou alagadiços, invadindo, as águas grandes das marés interior de muitas delas e aí temos palidamente esboçado o habitat comum destes pobres infelizes<sup>272</sup>.

Com o objetivo de estender a atuação da LPCT, em 21 de janeiro de 1913 foi inaugurado o Dispensário Lino Braga. Em 1911, a imprensa já publicava a seguinte notícia sobre sua construção: “Realizou-se ontem, a hora anunciada, o assentamento da primeira pedra do Dispensário Gotta de Leite, que passou a se denominar Lino Braga, como um preito de homenagem à memória do benemérito ex-presidente desta associação caridosa”<sup>273</sup>.

Com uma oferta de serviços de saúde mais abrangente em relação ao Dispensário da Tuberculose Octávio Freitas, esse dispensário atendia às mulheres, inclusive no período da gestação, e estabeleceu tratamentos como a sífilis e alcoolismo, além de buscar instruir as mães nos riscos da amamentação dos seus filhos por outra mulher<sup>274</sup>. Essa conduta estava em sintonia com as novas prerrogativas da higiene<sup>275</sup> e dos princípios da medicina microbiana, no intuito de evitar a proliferação de doenças. Esses novos conceitos e preceitos podem ser vistos como parte de uma estrutura de poder vinculado a uma Biopolítica e, que segundo Foucault<sup>276</sup>, tal prática se concretizou a partir da elaboração e execução de tecnologias sobre o corpo. Nessa ótica, o biopoder estaria preocupado com a execução de mecanismos que objetivassem manter a vida da população.

---

<sup>272</sup> FREITAS, 1909, p. 25.

<sup>273</sup> DISPENSÁRIO Lino Braga. **A província**, Recife, anno XXXIV, n. 189, p. 1, 11 jul. 1911. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

<sup>274</sup> FREITAS, 1948.

<sup>275</sup> De acordo com Sidney Shalhoub, o surgimento da “ideologia da higiene” se desenvolveu a partir do século XIX, centralizando suas ações na população pobre, considerada como perigosa na disseminação das epidemias. A ociosidade foi combatida, pautada nessas diretrizes higienistas, nas quais os maus hábitos levariam aos vícios e a perpetuação familiar deles. Dessa maneira, as ações políticas no Brasil, do final do século XIX e início do XX, contaminaram-se dessas ações higienistas, baseadas em discursos moralistas e de cunho civilizatórios, por sua vez, influenciadas por teorias advindas do continente europeu. Ver: CHALHOUBY, 1996. p. 29-35.

<sup>276</sup> FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Nesse novo dispensário Lino Braga foi inaugurado um serviço chamado de Gota de leite, destinado a atender crianças cujos pais não possuíam recursos para a aquisição de leite de boa qualidade. Eram previstas também medicações e visitas domiciliares caso fosse necessário. Essa instituição funcionou por 12 anos, atendendo cerca de 12 mil crianças<sup>277</sup>. Vários eventos<sup>278</sup> foram promovidos em favor desse serviço, como concertos para arrecadar recursos em prol da instituição.

Em 1924 o Lino Braga foi transferido para as instalações anexas ao Grupo Escolar Amaury de Medeiros. Todavia, houve a ruptura do acordo criado entre o Departamento de Saúde e Assistência, quando Amaury de Medeiros se desligou da direção desse órgão, o que acarretou o fim do serviço Gota de Leite.

A LPCT atuou ativamente no combate à doença, por meio desses dois dispensários. O contato com as técnicas laboratoriais que Octávio havia adquirido nas suas viagens à Paris possibilitou o aprimoramento da realização do diagnóstico da tuberculina. Por meio da atuação de Octávio, dos médicos e dos associados da Liga contra a Tuberculose foi possível a criação de medidas legais que objetivassem impedir o contágio da doença em Pernambuco. O sanitarista, ainda em 1901, solicitou às autoridades que fossem estabelecidas medidas legais para a utilização de escarradeiras higiênicas em diversos espaços públicos. Foi, então, sancionada a Lei N° 205 que não pôde ser colocada logo em prática; entretanto, ao assumir interinamente a Diretoria de Higiene do Estado, em 1905, enviou um ofício endereçado ao prefeito Coronel Martins de Barros assinalando a falta de aplicação da lei que havia sido estabelecida quatro anos antes<sup>279</sup>. Após esse ofício, o higienista publicou um edital convocando os interessados em cumprir com a instalação das devidas escarradeiras higiênicas, que começaram, a partir de 1905, a ser largamente utilizadas em vários estabelecimentos, como hotéis, restaurantes, barbearias, etc.

Outras legislações importantes foram as leis N° 462 e N° 471, de fevereiro de 1907. Estas leis objetivavam a fiscalização dos estábulos de vacas leiteiras e instituíam

---

<sup>277</sup> FREITAS, 1948, p. 20.

<sup>278</sup> GRANDE concerto em favor do Gota de Leite. **A província**, Recife, ano XXXVIII, n. 239, p. 1, 31 ago. 1915. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

<sup>279</sup> FREITAS, 1909, p. 37-38.

a obrigatoriedade da tuberculinização de todas as vacas, criadas para esse fim no perímetro da cidade do Recife<sup>280</sup>.

No conjunto das conquistas da Liga, encontram-se as medidas antituberculosas aplicadas pela Arquidiocese de Olinda e Recife, por meio das seguintes recomendações, remetidas em ofício por Octávio de Freitas em 1905:

- a) que em todas as igrejas, depois de festas e aglomerações se procedesse a desinfecção do solo por meio de panos ou esponjas embebidos com solução de sublimado a 3 por mil;
- b) que se tire, diariamente, o pó dos bancos, confessionários, paredes, altares, por meio de uma esponja ou pano embebido com água pura;
- c) que as pias de água benta sejam bem cavadas e desinfetadas com uma solução de sublimado corrosivo, sendo suas águas substituídas por frequências;
- d) que se evite, o mais possível, o uso de todo e qualquer ornamento que possa acumular pó;
- e) que se coloque as escarradeiras contendo soluções antissépticas para receptáculos dos escarros, usando tais escarradeiras lavadas todos os dias.
- f) que se conserve aberta as janelas e as portas, durante os atos religiosos;
- g) que os párocos, constantemente, aconselhem aos seus fiéis completa observância aos preceitos higiênicos<sup>281</sup>.

Essas medidas foram igualmente exercidas pelos Arcebispos de Buenos Aires e Rio de Janeiro, seguindo uma tendência que já vinha sendo praticada pelas Igrejas na Europa. Essas instruções buscavam disciplinar os espaços públicos para a disseminação de práticas de salubridade na população e assinalar o risco de uma epidemia grave, como era o caso da tuberculose, não só em Pernambuco, mas em todo o território nacional.

Outra prerrogativa importante para o combate da tuberculose foi a criação do Registro Sanitário das Habitações, em 1908, enquanto Freitas exercia o cargo de diretor da inspetoria de higiene. As insalubridades das habitações eram consideradas pelos higienistas da época como uma das principais causas das epidemias que costumavam dizimar as populações, em diversas localidades do país. Octávio formulou o seguinte questionário, para ser aplicado pelos comissários da Repartição de Higiene nas visitas realizadas pela “vigilância médica”, ou “polícia sanitária”, com as seguintes questões:

---

<sup>280</sup> FREITAS, 1948, p. 21.

<sup>281</sup> Ibid., p. 23-24.

Possui pátio ou jardim?

Número, natureza e local dos aparelhos sanitários (fossa fixa, fossa móvel, latrina de rede de esgoto, descrevendo o estado de qualquer uma destas, sua construção, ventilação, etc.)

Que água usa? (Canalizada da companhia do Beberibe e neste caso a qualidade do encanamento, se de chumbo, ferro, etc., de cacimba, de poço artesiano, de rio).

Estado do banheiro?

Estado da cozinha (sua situação no prédio, sua construção).

Umidade permanente do solo, paredes etc; vaso para depósito de lixos e condições de asseio da habitação e suas dependências<sup>282</sup>.

Além desse questionário os visitantes deveriam anotar se foi necessário a desinfecção da casa e por qual motivo, bem como o número de doentes existentes e se houve isolamento do enfermo. Esse levantamento minucioso, sobre as condições higiênicas das habitações, permite-nos visualizar a relação construída entre o saber médico e as prerrogativas da modernidade urbana, ao mesmo tempo em que nos indica quais variáveis se configuravam importantes para a noção de salubridade, na qual a medicina empreendia, durante as primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, a utilização do termo “polícia sanitária” revela a elaboração de mecanismos coercitivos e autoritários no exercício dessa medicina urbana. O capítulo VII do regulamento sanitário de Pernambuco, datado de 1905, dispunha das atribuições desse cargo em seus artigos 35 a 55: “A Polícia Sanitária de Pernambuco estenderá sua ação por todo o Estado, procurando remover qualquer causa danosa à saúde pública [...]”<sup>283</sup>. O exercício de medidas coercitivas são ressaltados no artigo 38: “As autoridades municipais ou policiais prestarão todo o seu concurso e auxílio às autoridades sanitárias, afim de que não seja de modo algum sofismada a execução dos preceitos sanitários em vigor”<sup>284</sup>.

Nessa perspectiva, Freitas cita qual seria o ideal de habitação salubre, de acordo com o trabalho do engenheiro Domingos Selva intitulado *La habitacion higiénica para el obrero*, apresentado no II Congresso Médico Latino-americano:

[...] Fala-nos na casa ideal a prova de infecção, de incêndios e de terremotos, correspondente ao critério seguinte: encerrar na menor expansão do terreno

<sup>282</sup> DIÁRIO de Pernambuco, Recife, anno 84, n. 127, p. 1, 4 jun. 1908. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 8 jun. 2016.

<sup>283</sup> PERNAMBUCO. **Regulamento para o Serviço de Higiene Pública do Estado de Pernambuco**. Recife: Imprensa Industrial, 1905. p. 13. APEJE. Acervo da Secretária de Saúde do Estado de Pernambuco (1845-1997). Caixa 5, Regulamentos diversos.

<sup>284</sup> Ibid., p. 14-15.

a parte edificada a fim de deixar espaço abundante para jardim que ficará na frente da casa, e para a horta ocupando a sua parte posterior.

A casa compor-se-á de dois andares – o térreo, onde ficará a sala de jantar, bem ampla porque servirá de oficina e de ponto de trabalho para a toda a família, a cozinha, o water-closet e o banheiro; e o superior, unicamente destinado ao dormitório.

Os muros serão feitos de ladrilho, empregando-se sempre areia de qualidade, e o soalho deverá ser construído sobre tirantes de ferro. A altura do andar térreo será de três metros e oitenta centímetros e o andar superior de três metros e meio; banho e W.C. em instalações higiênicas, não esquecendo os sifões interruptores, boa ventilação, etc. O cimento armado como sistema de construção é o mais apropriado<sup>285</sup>.

Considerando importante a presença de jardins nas habitações, com intuito de incentivar melhores condições de salubridade, Octávio de Freitas propôs a LPCT oferecer prêmios para aqueles operários que construísem melhor os seus jardins<sup>286</sup>.

Uma questão importante foi a obrigatoriedade da notificação da tuberculose aberta, incluída no artigo 54 do Novo código sanitário de 1905. O artigo 2º ainda previa multa de 100\$ para quem transportasse os enfermos de doenças transmissíveis de uma residência para outra<sup>287</sup>.

Todas essas medidas legislativas em relação à tuberculose partiam das prerrogativas do trabalho que a LPCT vinha empreendendo, principalmente na figura de Octávio, que via nessa enfermidade um problema de natureza social e que necessitava de intervenções oriundas do poder estatal. Havia, portanto, o intuito de solucionar os problemas decorrentes dos diversos surtos epidêmicos, que assolavam à sociedade pernambucana durante várias décadas.

Por meio desses dois Dispensários, a Liga Pernambucana Contra a Tuberculose conseguiu em sua primeira fase de funcionamento, de 1900 a 1923, atender cerca de 5.000 doentes tuberculosos no Dispensário Octávio de Freitas, totalizando 86.0000 consultas e auxiliou mais de 1.000 crianças no Dispensário Lino Braga durante o período de amamentação, recebendo acompanhamento adequado<sup>288</sup>. Devido à dificuldade de recursos, esses dispensários foram colocados

<sup>285</sup> FREITAS, Octávio de. Importância do registro sanitário das habitações como instrumento de defesa higiênica nas colectividades. In: CONGRESSO MÉDICO DE PERNAMBUCO 1., 1910, Recife. **Annaes...** Off. Typ. Diário de Pernambuco, 1910.

<sup>286</sup> DIÁRIO de Pernambuco, Recife, anno 84, n. 127, p. 1, 4 jun. 1908. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 08 jun. 2016.

<sup>287</sup> SERVIÇO de hygiene. **A província**, Recife, anno XXVIII, n. 163, p. 1, 22 jul. 1905. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

<sup>288</sup> FREITAS, 1948, p. 29.

à venda<sup>289</sup> e transferidos para outras instalações durante a gestão de Amaury de Medeiros à frente do serviço de Profilaxia Rural da Diretoria de Higiene do Estado. O novo gestor criou a Inspetoria de Profilaxia da Tuberculose, sendo Freitas convidado a geri-la<sup>290</sup>, com auxílio do médico Francisco Figueiredo<sup>291</sup>. Assim, em julho de 1923 houve a inauguração de um novo dispensário, funcionando até 10 de outubro de 1930, atendendo o total de 10.784 pessoas, totalizando 48.791 consultas<sup>292</sup>. Com a mudança de governo na figura de Getúlio Vargas e Agamenon Magalhaes, no Estado, a Inspetoria foi extinta, ficando a LPCT desamparada em relação ao apoio estatal.

Desfeito o acordo entre o Departamento de Saúde e a Liga Contra a Tuberculose, a partir de janeiro de 1931, Octávio requereu ao interventor federal um terreno no bairro do Derby, próximo a Faculdade de Medicina de Recife, para a construção de um dispensário. O terreno foi cedido com um documento datado de 5 de junho de 1931<sup>293</sup>.

Após 20 dias da colocação da pedra fundamental e iniciada a construção do edifício, a obra foi embargada, anunciada no Jornal *Diário da Manhã*<sup>294</sup>. Octávio de Freitas mandou para o *Diário de Pernambuco* o seu ofício, enviado à Prefeitura do Recife, em resposta a suspensão das obras do Dispensário. O tisiologista defendia que

Procurando colaborar com o Departamento de Saúde Pública na luta travada contra esse devastador flagelo que mata no Recife cerca de 1400 tísicos cada ano, entendeu a Liga Pernambucana Contra a Tuberculose construir o seu dispensário, o qual servirá também de uma sede social, lembrando-se de se conseguir do governo do Estado um dos terrenos ainda vagos, existentes no

<sup>289</sup> PRÉDIOS a venda. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 99, n. 286, p. 6, 20 dez. 1924. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

<sup>290</sup> DIÁRIO de Pernambuco, Recife, anno 99, n. 157, p. 3, 8 jul. 1923. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

<sup>291</sup> DIÁRIO de Pernambuco, Recife, anno, 99, n. 174, p. 1, 29 jul. 1923. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

<sup>292</sup> FREITAS, 1948, p. 29.

<sup>293</sup> FREITAS, Octávio de. **O Dispensário da Tuberculose, no derby**: notas e documentos. Recife: Imprensa Industrial, 1932.

<sup>294</sup> O Jornal *Diário da Manhã* foi lançado em 16 de abril de 1927 e tinha como proprietário a Empresa Lima Cavalcanti Ltda. Inicialmente o periódico tinha a intenção de ser oposicionista, entretanto, com o governo Getúlio Vargas, assumindo o poder na década de 30, o jornal se tornou um veículo de base governista, assumindo a direção Caio de Lima Cavalcanti, em substituição a Carlos de Lima Cavalcanti, que assumia provisoriamente o governo de Pernambuco. Diante disso, o interventor estadual sofreu pressões vindas da tutela federal que se refletiram na instituição de sua propriedade. Cf. ABREU JÚNIOR, João Batista de. **Diário da Manhã**. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/DI%C3%81RIO%20DA%20MANH%C3%83.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

Derby. O que efetivamente conseguiu. **Nunca lhe passado pela mente que pudesse ser taxado de impróprio para a construção de um dispensário, um local, pelo fato de estar situado em um bairro populoso onde se reunisse, nos seus parques próximos, a elite local.**

Em São Paulo o Dispensário Clemente Ferreira está situado na Rua Líbero Badaró, rua toda edificada e onde moram as melhores famílias daquela capital [...].

A sua clientela será constituída, principalmente, por aqueles que desejarem conhecer o seu mal, ou, melhor ainda prevenir-se contra ele.

Aos doentes contagiantes que lá forem depois de diagnosticados, aconselhar-se-á o isolamento no próprio domicílio, onde receberão de aí por diante, as visitas médicas e os recursos dietéticos, de maneira que todos os doentes contagiantes poucas vezes transitarão pelas ruas à busca do dispensário, obedientes que serão, por tais meios, às medidas de vigilância exercidas sobre eles<sup>295</sup>.

Octávio combate, nesse entrave, a visão considerada por ele como elitista, de segregar os doentes dos sadios e enfatiza nesse documento que já havia enviado uma carta ao *Diário da Manhã* para publicação explicando como seria o funcionamento do Dispensário, entretanto, segundo ele, a correspondência não havia sido publicada.

O *Diário da Manhã*, defendeu-se no dia seguinte, em 17 de setembro de 1931, afirmando que não havia recebido em sua redação a carta mencionada pelo médico, todavia o respectivo jornal manteve sua crítica acerca da construção dessa edificação no Bairro do Derby<sup>296</sup>. Após alguns dias, o mesmo jornal fez questão de reiterar sua postura incisiva, de espectro governista, contra a construção do Dispensário do Derby, ao mesmo tempo em que buscou argumentar contra a acusação de que esse veículo de comunicação estaria almejando assegurar a manutenção dos interesses das classes mais abastadas:

Aqui não se invocou privilégios aristocráticos [...]. O que se demonstramos por outras palavras, foi a impropriedade da localização do dispensário num bairro aristocrático, em cujo parque, bem próximo do edifício em construção, se aglomeram famílias e crianças que ficariam expostas a contaminação dos germens propagadores da peste branca, pela passagem forçada e inevitável, através do parque que demandassem futuramente o mal-aventurado ambulatório<sup>297</sup>.

<sup>295</sup> FREITAS, Octávio de. O novo Dispensário da Liga Pernambucana Contra a Tuberculose. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 210, n. 106, p. 3, 16 set. 1931. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

<sup>296</sup> O DISPENSÁRIO de Tuberculosos. **Diário da Manhã**, Recife, anno V, n. 1338, p. 3, 17 set. 1931. Disponível em: <<http://www.acervocepe.com.br/diario-da-manha.html>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

<sup>297</sup> O DISPENSÁRIO do Derby. **Folha da Manhã**, Recife, anno V, n. 344, p. 3, 24 set. 1931. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 7 mar. 2017.

Freitas ainda enviou outro ofício ao Prefeito Antônio de Góes reiterando sua defesa para a construção do novo dispensário. Cinco dias depois o prefeito enviou uma resposta autorizando o prosseguimento da construção da instituição de combate à tuberculose:

Prefeitura do Recife em 22 de setembro de 1931.  
 Snr. Dr. Octávio de Freitas, presidente da Liga Contra a Tuberculose,  
 Em resposta ao vosso ofício de 17 do corrente, o Exmo. Snr. Dr. Prefeito manda declarar-vos que atendendo as considerações que adnistes no mesmo documento, podeis continuar na construção do Dispensário e sede dessa Liga. Aproveito o ensejo para apresentar-vos os meus protestos de estima consideração.  
 Saudações,  
 Juvêncio Carlos Mariz, secretário.<sup>298</sup>

Assim, as obras tiveram reinício, no entanto, um novo ofício do prefeito, datado de 25 de setembro, embargava novamente as obras do Dispensário, justificando que fazia cumprir as determinações do interventor federal<sup>299</sup>. Desse modo, podemos perceber que havia um desentendimento político em questão entre a esfera federal e a esfera local, visto que o contexto da Era Vargas foi marcado por redefinição nos processos de centralização das decisões governamentais para administrar a sociedade. A saúde pública, no que lhe diz respeito, era parte do rol das novas estratégias adotadas pelo governo varguista<sup>300</sup>.

Ao suspender novamente as obras, Octávio decidiu consultar o parecer de alguns especialistas que pudessem corroborar para a execução do seu projeto de construção do dispensário. O tisiologista obteve a resposta dos seguintes profissionais: professor Alfredo de Brito, professor da Faculdade de Medicina da Bahia e presidente da Liga Baiana Contra a Tuberculose; Clementino Fraga, professor da Faculdade de Medicina no Rio, onde deu um curso de especialização sobre Tisiologia e ex-diretor do Departamento Nacional de Saúde; Belisário Pena, ministro interino da Educação e Higiene e diretor do Departamento Nacional de Saúde.

---

<sup>298</sup> FREITAS, 1932, p. 23.

<sup>299</sup> Ibid.

<sup>300</sup> Para ver as políticas de saúde nesse período Cf. FONSECA, Cristina M. Oliveira. **Saúde no Governo Vargas (1930-1945)**: dualidade institucional de um bem público. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

Obteve também os pareceres das seguintes instituições: Comissão de Higiene da Sociedade da Medicina e Cirurgia de São Paulo; da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro; Academia Nacional de Medicina; Comissão Técnica da Liga Brasileira Contra a Tuberculose<sup>301</sup>. Ao obter respostas de importantes especialistas e instituições ligadas aos conhecimentos sobre a tuberculose e da saúde Pública, compreendemos aqui a importância nas redes de sociabilidades tecidas no campo científico em questão, revelando nuances do corporativismo médico acerca da construção do Dispensário.

Além desses pareceres, o presidente da LPCT publicou um artigo no *Jornal da Medicina de Pernambuco*, intitulado “*Os ricos também adoecem*”, buscando discutir sobre a polêmica em torno da manutenção dos privilégios dos habitantes vizinhos ao dispensário. Polêmica essa que já vinha sendo debatida entre o tisiologista e o *Jornal Diário da Manhã*. Nesse artigo o higienista enfatizou o preconceito que os tuberculosos sofriam a partir dos estereótipos forjados em torno dos doentes, em vista de que em suas palavras, para as classes elitistas “[...] tuberculose é doença dos pobres, dos sem recursos, dos miseráveis, no final de contas dizem eles falaciosamente convencidos”<sup>302</sup>.

Certamente, as imagens sobre o tuberculoso contribuíram para acentuar esse conflito. Esses enfermos eram vistos como promíscuos e praticantes de condutas desregradas. Portanto, todos esses elementos refletiam no imaginário das elites ao defender o isolamento dos tísicos, tendo em vista de que o próprio discurso médico, por diversos momentos, se posicionou de forma contraditória ao agenciar a construção de estigmas sobre o tuberculoso<sup>303</sup>.

Devido a todo esse entrave na construção do dispensário, a obra só ficou concluída em 13 de março de 1937. O prédio possuía uma grande quantidade de janelas e foi construído em dois andares, dividido em duas seções separadas por um pátio. A liga funcionou como consultório para diagnóstico e tratamento da tísica,

---

<sup>301</sup> EM TORNO da localização do Dispensário da Tuberculose no Derbi. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 256, n. 106, p. 3, 18 nov. 1931. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

<sup>302</sup> FREITAS, 1948, p. 53.

<sup>303</sup> Sobre essa questão Cf. BERTOLLI FILHO, 2003; NASCIMENTO, Dilene Raimundo. **As pestes do século XX: tuberculose e AIDS no Brasil, uma história comparada**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

aplicação da vacina BCG, exames radiológicos e centro de estudos para os médicos interessados em se especializar em tisiologia<sup>304</sup>.

Após agosto de 1948, a LPCT passou a realizar um trabalho coadjuvante no combate à “peste branca” no Estado, em vista da criação da Divisão de Tuberculose, coordenada pelo Departamento de Saúde Pública do Estado. A partir de 1991 a Liga Pernambucana passou a ser regida por um novo estatuto e se transformou no Centro Médico Octávio de Freitas (CEMOF) assumindo novas diretrizes<sup>305</sup>.

---

<sup>304</sup> FREITAS, 1948.

<sup>305</sup> Ver 1.

## 4 RECIFE: O SABER MÉDICO DE OCTÁVIO DE FREITAS EM TEMPOS DE MODERNIZAÇÃO URBANA

Neste capítulo buscaremos compreender qual era o cenário da cidade do Recife no período em que Octávio de Freitas atuou profissionalmente. Analisaremos algumas situações em que o higienista teve que lidar, diante de sua carreira pública, na gestão dos serviços de saúde. O destaque para a epidemia da gripe espanhola reflete-se na importância desse evento, na história da saúde pública, devido à amplitude e gravidade que a enfermidade adquiriu, em escala internacional, em 1918.

### 4.1 AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS NO RECIFE

O processo de povoamento e crescimento urbano do Recife esteve intimamente ligado à economia açucareira que inebriava o Pernambuco colonial. Criou-se na sociedade pernambucana uma elite açucareira pautada numa família de natureza patriarcal.

Com a vinda do Conde Maurício de Nassau, para assumir o cargo de Governador Geral do Brasil holandês, foi erguido um novo bairro, intitulado “Mauristad”, no qual foi palco de inúmeras intervenções de melhorias urbanas, como as pontes que interligam o bairro do que hoje é chamado de Recife Antigo. Para Gilberto Freyre, a cidade do Recife seria a primeira da América Latina a ser urbanizada, no que concerne ao propósito de planejamento<sup>306</sup>.

Recife, que no século XIX era considerada uma vila, sob a nova égide do Império, passou a ter o título de cidade, constituindo-se a capital pernambucana no ano de 1827.

---

<sup>306</sup> FREYRE, Gilberto. Artigo na Revista Urbis, 1978. Apud MERCHAM-HERRRERA, Cristóbal Vicente. **A dinâmica da transformação:** memória do resgate do processo de urbanização da Avenida Boa Viagem. 1992. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1992.

Foi no governo de Francisco Rego Barros, durante os anos de 1835 e 1842, que o Recife sofreu intervenções modernizantes importantes, como a implementação da iluminação pública, saneamento e água encanada. Lopes<sup>307</sup> chama-nos atenção para o fato de que as transformações das cidades não tinham como objetivo principal a população, mas sim reportavam-se em primeiro lugar as transformações do ponto de vista econômico e estético, constituindo, desse modo, o redesenho da vida cotidiana das pessoas como consequência das intervenções modernizadoras das cidades. Para entender melhor essa questão, temos o exemplo da existência de uma secretaria da Prefeitura do Recife, denominada Instrução Pública, que era responsável pelo bom funcionamento dos espaços públicos. Foram relatados por esse órgão inúmeras demolições, no intuito de alargar a cidade, no entanto, grande parcela de moradores que residiam nessas localidades teve que se instalar em subúrbios, em favor da melhoria estética e econômica da cidade, cuja a modernidade ensejava concretizar<sup>308</sup>.

De fato, havia uma atmosfera relativa à modernidade, que se manifestava no Recife em fins do século XIX e início do XX. Esse ambiente conectava-se intimamente com as intervenções urbanísticas almejadas. Seguindo essa lógica, Teixeira<sup>309</sup> atesta a cidade como palco da modernidade, nas primeiras décadas do século XX, diante de um movimento que se implantava em várias outras cidades brasileiras, além do Recife. Antônio Paulo Rezende<sup>310</sup>, por sua vez, constata em seus estudos que o diálogo entre o moderno e o tradicional no Recife do início do século XX eram incessantes. As intervenções modernizadoras das cidades estavam relacionadas com o aprimoramento da economia capitalista vigente.

Nessa diretriz, Sevcenko<sup>311</sup> aponta a entrada do Brasil, especificamente o Rio de Janeiro, numa Belle époque que projetava novas imagens a se produzir sobre a capital carioca. O progresso desejado estava intrínseco a um projeto civilizatório oriundo do mundo europeu.

---

<sup>307</sup> LOPES, Maria Aparecida Vasconcelos. **Cidade são, corpo são:** urbanização e saber médico no Recife (final do séc. XIX, início do século XX). 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1996.

<sup>308</sup> HUANG, Maria Tereza Barbosa. **Lembranças do futuro:** Recife a véspera do século XX. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1996.

<sup>309</sup> TEIXEIRA, 1996.

<sup>310</sup> REZENDE, 2002.

<sup>311</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão:** tensões sociais e criação cultural na primeira república. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

Nesse sentido, a vida moderna é projetada a partir de diversos elementos, como as diversas descobertas científicas, o aprimoramento das tecnologias industriais que geram novos serviços e produtos e redirecionam os comportamentos de homens e mulheres, forjando na vida cotidiana um ritmo marcadamente mais acelerado; que demanda novas organizações do ponto de vista corporativo, para tentar solucionar problemas gestados no contexto da vida urbana moderna. Desse maneira, a vida moderna implica na elaboração de mecanismos de contradição nas relações sociais e no exercício do poder político das nações. Marshall Berman aponta que “no século XX, os processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num constante processo de vir-a-ser, vêm a se chamar modernização”<sup>312</sup>.

Em relação ao crescimento urbano do Recife, ele pode ser compreendido em dois grandes períodos:

O primeiro envolvendo os quatros primeiros séculos, se efetiva através de conquistas lentas de terras secas, aproveitando o assoreamento, e ampliando o arruamento primitivo com novas ruas. O segundo vem se concretizar depois de 1907, quando Douglas Fox conclui o grande mapeamento da cidade e imprime em Londres um mapa litografado, colorido, do Recife<sup>313</sup>.

Ao estudar as transformações urbanas ocorridas no Recife no período de 1909 a 1926, Moreira<sup>314</sup> aponta dois momentos decisivos para a modernização do Recife no início do século XX. O primeiro seria a Reforma do Bairro do Recife, entre 1909 e 1913, com o suporte do discurso higienista e a reorganização da Inspetoria de Higiene. O segundo momento é referente ao governo de Sergio Loreto, no qual ocorreram obras de expansão urbana da periferia, dentre essas destacaram-se a urbanização do Bairro do Derby e a construção da Avenida Boa Viagem.

A reforma urbana do Bairro do Recife, realizada entre os anos de 1910 e 1913, no trecho concebido como a zona portuária da cidade foi demolido para a construção de avenidas e ruas largas, que hoje permitem o acesso ao Porto e forma a Praça do

---

<sup>312</sup> BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1986. p. 10.

<sup>313</sup> MOTTA, José Luiz Menezes. **Atlas histórico-cartográfico do Recife**. Recife: FUNDAJ, 1988. p. 45.

<sup>314</sup> MOREIRA, 1994.

Marco-zero. Em torno desse tema, Alessandro Gomes, em sua tese de doutorado, afirma que durante o século XIX houve vários projetos de melhorias do Porto do Recife pela “Lei das Docas”; entretanto, esses projetos não obtiveram êxito no oitocentos, na perspectiva de que o governo imperial não conseguiu tomar uma decisão política a partir das inúmeras opções técnicas em questão<sup>315</sup>.

A reforma urbana do Recife pode ser vista sob a ótica de um grande projeto de modernização nacional, concretizado durante o final do século XIX e início do XX, com base nos novos valores e perspectivas culturais que estavam sendo criados no país. O Rio de Janeiro, capital Federal, constituía-se do centro propagador dessas novas mudanças sociais. As intervenções urbanísticas ocorridas na capital federal eram calcadas nas mudanças realizadas por Haussmann, na Paris do Segundo Império.

Assim, de acordo com Lubambo<sup>316</sup>, as modificações do Bairro do Recife podem ser compreendidas como um projeto vinculado a grupos particulares da sociedade pernambucana, ou seja, pessoas ligadas ao comércio e aos setores financeiros, relacionados aos interesses de grupos estrangeiros, com o objetivo de intensificar o poder das elites, dentro do novo cenário do regime republicano. Dever-se-ia construir uma nova imagem para a cidade, no intuito de viabilizar a atração de fluxo de investimentos, bem como o desenvolvimento do progresso e de modernidade para a cidade.

A partir do final do século XIX o fluxo de investimentos de capital estrangeiro foi aumentando no país, principalmente no que se refere à infraestrutura física. Para dar suporte às novas transformações que o Brasil passava era necessário todo um aparato ideológico, empreendido pelas classes sociais interessadas em exercer seu lugar de privilégio, no usufruto das benesses decorrente do desenvolvimento capitalista que se projetava no país. A teoria positivista, por sua vez, deu suporte aos novos papéis assumidos pelo poder estatal. Por conseguinte, o Estado passava a gerir os serviços urbanos e as prerrogativas da aparência das cidades e da saúde pública,

---

<sup>315</sup> O decreto N 1.746 de outubro de 1869 previa a autorização às companhias privadas de construir docas nos portos, a partir de concessão de taxas sobre a carga, descarga, guarda e conservação de mercadorias, por um período de 90 anos. GOMES, Alessandro Felipe de Menezes. **Das Docas ao comércio ao cais contínuo**: as tentativas de melhoramento do Porto do Recife no oitocentos. 2016. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

<sup>316</sup> LUBAMBO, 1991.

como pré-requisitos para a modernização dos aglomerados urbanos e conseqüentemente do país.

Havia um aumento progressivo da população urbana, ao mesmo tempo em que se reorganizavam as forças produtivas com a nova demanda de trabalhadores livres e assalariados. Dessa reorganização social surgiu a necessidade de reestruturar as condições físicas das cidades, na perspectiva de que elas não possuíam condições sanitárias básicas para atender às necessidades desse novo contexto.

Apesar de ter tido a modernização das tecnologias de seus engenhos e conseqüentemente aumento de sua produção, durante o final do século XIX e início do XX, quando comparadas ao desenvolvimento das economias do centro-sul, as economias produtoras de açúcar estavam, na realidade, estagnadas<sup>317</sup>.

Em face do monopólio das terras, os agricultores puderam controlar todo mercado de trabalho, na transição do trabalho escravo para a mão-de-obra livre, transmitindo as problemáticas da crise econômica da indústria açucareira para os trabalhadores e trabalhadoras sob más condições de trabalho e dificuldades de pagamento. Esses elementos compunham um quadro de crise social no Nordeste<sup>318</sup>.

Efetivamente, a população do Recife cresceu vertiginosamente entre meados do século XIX e a primeira década do início do XX. A acelerada expansão urbana criou a necessidade do surgimento de novos bairros. No Bairro do Recife configuravam-se as atividades relacionadas ao comércio importador e exportador, controle das finanças nacionais e estrangeiras e os serviços públicos essenciais, como é o caso de transportes ferroviários e marítimos<sup>319</sup>. O bairro de Santo Antônio funcionava como um elo entre o Bairro do Recife e as demais regiões da cidade, onde se concentravam atividades de natureza administrativa e cultural da capital pernambucana. No que concerne as habitações, a Boa Vista, seguido do Bairro de São José, constituíam-se das preferências da classe média urbana para morar.

A organização da elite urbana era a seguinte: a primeira parte constituía-se de famílias tradicionais rurais, comerciantes e banqueiros; a segunda era formada por

---

<sup>317</sup> EISENBERG, Peter L. **Modernização sem mudança**: a indústria açucareira em Pernambuco 1840/1910. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Universidade Estadual de Campinas 1977.

<sup>318</sup> Ibid.

<sup>319</sup> LUBAMBO, 1991.

profissionais liberais, além de famílias com menos posses, mas que possuíam bons empregos. Todos esses grupos procuravam guiar-se pelo modelo de comportamento das elites, fundamentado nas influências que vinham da Europa e do Rio de Janeiro, na perspectiva de possibilitar ares civilizados e modernos para sociedade pernambucana<sup>320</sup>. Segundo Flávio Weisntein Teixeira,<sup>321</sup> o fascínio que o ideal de modernidade exercia sobre a elite recifense, não era meramente imbuído de expectativas materiais, constituindo o imaginário desse segmento social, um elemento extremamente importante na dinâmica do processo de modernização da cidade.

Nessa direção, novas sociabilidades foram criadas com a ida dos recifenses a cafés, restaurantes e sorveterias. A influência da gastronomia francesa evidenciava o desejo de criar-se hábitos alimentares em sintonia com os subsídios da modernidade almejada. A capital carioca constituía-se de um espelho dos novos hábitos desejáveis, por meio da grande influência da cultura francesa que recebeu desde os tempos monárquicos. Todavia, a influência dos hábitos alimentares franceses estendia-se ao âmbito da vida privada, como a utilização de produtos e receitas, que aos poucos iam sendo incorporados às rotinas alimentares<sup>322</sup>. É preciso enfatizar que essas mudanças se davam por partes das elites locais, imbuídas da aspiração em serem modernas com a associação de novas condutas e práticas de higiene que possibilitariam, nessa ótica, a fabricação de uma sociedade com hábitos civilizados e desvinculada de seu passado colonial.

Ainda nessa mesma diretriz, Noêmia Luz,<sup>323</sup> em sua tese, investigou o diálogo entre o tradicional e o moderno, entre 1880 e 1914, a partir do processo de urbanização, circulação de pessoas e mercadorias, bem como também percebeu instrumentos de críticas por meio do humor e da propaganda, veiculadas nas principais mídias do Recife, no processo de disseminação do modelo de modernidade em construção. A pesquisadora encontrou na documentação investigada, as modificações, esperanças, desejos, mas também as resistências e desenganos que se produziram num contexto de uma cidade que se queria moderna.

---

<sup>320</sup> LUAMBO, 1991.

<sup>321</sup> TEIXEIRA, 1995.

<sup>322</sup> TOSCANO, 2013.

<sup>323</sup> LUZ, 2008.

Foram feitas várias demolições para pôr em prática o projeto de uma cidade moderna<sup>324</sup>, inclusive a demolição da Igreja do Corpo Santo (ver figura 2 e 3) e do Arco da Conceição (Figura 4). Ocorreram a construção de três grandes avenidas e alargamentos de ruas transversais.

**Figura 2** - Igreja do corpo Santo, 1913.



Fonte: Coleção Benício Dias, 1913. FUNDAJ. Disponível em <http://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/fotografias/item/517-igreja-do-corpo-santo>. Acesso em: 05 ago. 2016.

**Figura 3** - Travessa do Corpo Santo, 1913.



<sup>324</sup> As demolições para propiciar o moderno, limpo e ordenado se mantêm até os dias atuais, como exemplo, a construção do Shopping Paço Alfandega, reestruturação do Bairro do Recife, Via Mangue e o Projeto Novo Recife. O discurso do desordenado a serviço do capital, da especulação imobiliária, das grandes construtoras e também para alimentar os desejos da elite e da classe média são bem atuais.

Fonte: Coleção Benício Dias, 1913. FUNDAJ. Disponível em: <http://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/fotografias/item/585-travessa-do-corpo-santo>. Acesso em: 05 ago. 2016.

**Figura 4 -** Arco da conceição, 1905.



Fonte: Coleção Josebedias Bandeira, 1905. FUNDAJ. Disponível em: <http://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/cartoes-postais/item/2089-arco-da-conceicao>. Acesso em: 05 ago. 2016.

Mário Sette afirma que as demolições dos monumentos históricos do Recife, no início do século XX, foram atos de “desdém e incompreensão”<sup>325</sup>. Como testemunha da época, ele destaca as consequências desse redesenho urbanístico para a história da cidade:

Quem avalia o antigo bairro do Recife torturado de ruas estreitas e becos incríveis de tortuosidade; o Largo do Corpo Santo, o Beco das Sete Casas, a Rua da Cadeia, o Arco do Bom Jesus, a Doca do Arsenal, o Cais da

<sup>325</sup> SETTE, Mário. **Arruar**: história pitoresca do recife Antigo. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1948. p. 242.

Companhia Pernambucana. Tudo isto se sumiu na paisagem da cidade. Ninguém o reconstitui mais sem tê-la conhecido. E mesmo entre os que o conheceram, quantos de memória pouco nítida<sup>326</sup>!

Na implantação da reforma urbana do Bairro do Recife estima-se que entre 3.000 a 5.000 pessoas foram desapropriadas de suas moradias ou locais de trabalhos.<sup>327</sup> No entanto, as pessoas que ocuparam essa nova área construída nos moldes da modernidade arquitetônica europeia puderam usufruir das vantagens econômicas e sociais, diante da valorização desse novo espaço urbano que fora forjado na capital pernambucana. Havia uma faceta excludente nas reformas urbanas, tanto no Rio de Janeiro como no Recife, que colocaram em destaque o preconceito e a exclusão social em relação a população pobre<sup>328</sup>. Com relação a ocupação após a reforma urbana percebe-se que as atividades comerciais se sobrepujam ao uso residencial, situação que já ocorria antes da reestruturação do Bairro do Recife.

A questão da modernização das cidades passava pelo crivo do saber médico-sanitarista, por meio da elaboração de estratégias discursivas pelo poder estatal, a fim de implantar políticas de saúde pública. A figura de Oswaldo Cruz<sup>329</sup>, na capital Federal, colocou em destaque os novos preceitos da medicina experimental e formulou novas políticas no combate às diversas epidemias que assolavam o país. Como abordamos, ao longo desta dissertação, Octávio é visto como pioneiro na aplicação dos conhecimentos microbiológicos em Pernambuco e por essa questão é comparado por seus memorialistas ao seu contemporâneo Oswaldo Cruz. Nos dizeres de um desses memorialistas o sanitarista recifense era um “obstinado realizador”<sup>330</sup>.

Nessa perspectiva, o discurso médico instrumentalizava o redesenho urbanístico, a partir do arejamento da cidade, alargamento das ruas e avenidas, e eliminação dos cortiços. Percebe-se, portanto, que foram criadas novas sociabilidades nos núcleos urbanos, com base em diversas estratégias disciplinadoras em que a

---

<sup>326</sup> SETTE, 1948, p. 16

<sup>327</sup> LUBAMBO, 1991. p. 125

<sup>328</sup> MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. Um urbanismo excludente: o caso da capital federal e do bairro do Recife no início do século XX. **Clio - Revista de pesquisa histórica**, Recife, n. 20, 2002. 141-171.

<sup>329</sup> Ver 3.1.

<sup>330</sup> MARQUES, 1993, p. 129.

população pobre constituía-se do principal alvo dessas investidas<sup>331</sup>. O discurso dos gestores públicos, médicos e cientistas implicam em procedimentos de exclusão e interdição nesse contexto<sup>332</sup>. Seguindo essa tendência, Freitas afirma de forma incisiva sobre essa questão ao dizer que “a picareta faria um benefício incalculável, se empunhada por mão segura e amestrada, destruísse muita coisa ruim que possuímos, alargando ruas, abrindo avenidas e construindo casas confortáveis de acordo com os preceitos de higiene moderna”<sup>333</sup>. Desse modo, em artigo publicado nos anais do I Congresso Médico de Pernambuco, realizado em 1909, o sanitarista mostrava-se empolgado com as reformas urbanas que estariam por vir:

Suas ruas estreitas e tortuosas já estão sendo, desde o governo municipal do Coronel Martins Barros, transformadas em ruas largas e arborizadas, o que mais se acentuará com as obras do porto que alvissareiramente já nos anunciam estes melhoramentos para o bairro do Recife, num recente edital de trezentas e quarentas desapropriações<sup>334</sup>.

Após um hiato de poucas obras durante o governo estadual de Dantas Barreto, e da ocupação da Prefeitura por Manuel Moraes Rego, o início da década de 1920 foi marcado pela atuação incisiva do Governo de Sergio Loreto, que buscou promover ao Recife a modernidade em questão. A respectiva gestão tentou solucionar os problemas econômicos que Pernambuco vinha enfrentando, frente à uma economia ainda calcada na antiga atividade açucareira.

Em relação as transformações urbanísticas durante a Gestão de Sergio Loreto, de acordo com Moreira,<sup>335</sup> ela diferencia-se das intervenções executadas na década anterior, na ocasião da reforma do Porto, quando tais intervenções foram balizadas pelos saberes *haussmaniano*. Nessa nova fase houve grandes obras para a expansão urbana da cidade formulando as diretrizes do Recife moderno atual.

---

<sup>331</sup> BRESCIANI, Maria Stella Martins. Metrôpoles as faces do monstro urbano: as cidades no século XIX. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 5, n. 8-9, set. 1984/abr. 1985. p. 35-68.

<sup>332</sup> Foucault afirma “[...] que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar, sua pesada e temível materialidade”. FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 23. ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2013. p. 8-9.

<sup>333</sup> FREITAS, 1904, p. 20.

<sup>334</sup> Id., 1910, p. 55-56.

<sup>335</sup> MOREIRA, 1994.

Nesse segundo momento de intervenções urbanísticas no Recife, houve a modernização de antigos largos e praças, como a Praça Payssandu, a construção do Parque Sergio Loreto, Largo do Entroncamento e Largo da Paz (Bairro de Afogados). Outras obras foram executadas nas áreas suburbanas com o objetivo de modernizar essas regiões periféricas da cidade, inclusive com a construção de mercados públicos, como foi o Mercado da Encruzilhada e o Mercado da Madalena. As construções desses mercados passaram pelo crivo do discurso higienista para regular esses espaços e o seu entorno, como lugares modernos e saudáveis para a cidade. Claro que para a execução dessas obras foram necessárias desapropriações e demolições de imóveis para dar lugar ao novo redesenho moderno da cidade.

Enfim, durante as três primeiras décadas do século XX, a cidade do Recife passou por transformações urbanísticas importantes, que buscaram modernizar e dinamizar a aparência da cidade, de acordo com os preceitos do higienismo vigente<sup>336</sup>. Houve um considerável crescimento populacional, conseqüentemente, ocuparam-se também, com maior intensidade, as áreas alagadas da cidade. Ao mesmo tempo em que foram criados bairros elitistas, foram construídos os mocambos pela população de baixa renda e que geraram problemas de higiene na cidade, preocupações e investidas dos poderes públicos, chegando a ser criada *A Liga Social Contra o Mocambo*, executada pelo interventor Agamenon Magalhães, a partir de 1939, e que realizou uma verdadeira “cruzada contra o mocambo”<sup>337</sup> no Recife.

Um elemento importante para analisar a modernização da capital pernambucana, no início do século XX, é a contribuição do engenheiro Saturnino de Brito<sup>338</sup>, que estando sob a direção das obras de saneamento de Santos, em junho de 1909, recebeu um convite do Ministro da Aviação Miguel Calmon para ministrar uma conferência junto com o Conselheiro Rosa e Silva sobre os serviços de esgoto da cidade do Recife. O que Saturnino não imaginava era receber o convite pelo

---

<sup>336</sup> A aplicação dos preceitos e técnicas da higiene, nas primeiras décadas do início do século XX, não ocorreram de forma pacífica, muito pelo contrário, os conflitos e os processos de negociação desenvolveram-se de maneira intensa nesse período.

<sup>337</sup> MELO, Marcus André. A cidade dos mocambos: Estado, habitação e luta de classes no Recife (1920-1960). In: **Espaços e debates**, ano V, n. 14. São Paulo: NERU, 1985.

<sup>338</sup> No início do século XX os engenheiros civis já haviam captado os preceitos da medicina higienista e formulado técnicas que visassem atender as prerrogativas desse saber médico de caráter urbano. In: BRESCIANI, Maria Stella. Cidades e urbanismo: uma possível análise historiográfica. **Politeia: história e sociedade**, Vitória da Conquista, v. 9, n. 1, 2009. p. 21-50. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/politeia/article/viewFile/559/556>>. Acesso em: 30 de ago. 2016.

governador do Estado Herculano Bandeira para dirigir os serviços de esgotamento sanitários na cidade. A princípio ele recusou tal convite, devido ao seu comprometimento com as obras de Santos, todavia, posteriormente decidiu mudar de opinião, e aceitou a proposta, vindo a Recife em setembro de 1909, para realizar a inspeção e fazer a encomenda de parte do material necessário para dar início às obras. Foi criado nesse momento a Comissão de Saneamento, sob a direção do respectivo engenheiro.

No ano seguinte, o engenheiro veio, então, definitivamente à cidade para dar início a execução do projeto de esgotamento do primeiro distrito. Mesmo com a troca de governo, Saturnino continuou a chefiar as obras de saneamento da capital pernambucana. Uma questão importante foi a necessidade de reforçar o abastecimento d'água da cidade, na perspectiva de que os trabalhos de esgotamento ficariam prejudicados sem essa condição, entretanto, em 1915, quando Manoel Borba assumiu, recebeu a nova rede de esgotos e necessitou de mais verbas para tentar solucionar o problema de abastecimento d'água que havia ficado incompleta em relação ao plano geral.

Assumindo um discurso de caráter nacionalista e defendendo a modernização por meio da higienização das cidades brasileiras, Saturnino argumentou a seguinte prerrogativa sobre esse período de grandes transformações urbanísticas no Brasil e no mundo:

Esta verdade deve ser bem compreendida, para que se abandone o personalismo e se reconheça que as novas aspirações de ordem e progresso não serão descendentes dos governantes para os governados, e sim por movimentos ascendentes do meio social. Para isto deverá convenientemente educar-se de modo a dar exemplo nas iniciativas quaisquer, - para educação física, intelectual e moral, para a higiene individual e doméstica, para a ordem material e social, para a economia particular, industrial e pública, para conhecer e satisfazer as aspirações de conforto geral, de arte e de progresso e, finalmente para a compreensão e exercício dos deveres cívicos, formando e apoiando os bons governos, independente das personalidades e dos partidos políticos<sup>339</sup>.

---

<sup>339</sup> BRITO, Francisco Saturnino de. **Saneamento de Recife**: descrição e relatórios. Recife: Typografia da Imprensa Oficial, 1917. p. 11-12.

Havia uma propaganda, principalmente nos Estados Unidos da América, em relação ao papel social do engenheiro no redesenho das condições de higiene e salubridade das cidades. Tendo isso em vista, Saturnino criticou a desordem das construções e das ruas nos subúrbios do Recife e ponderou sobre parte da responsabilidade do poder estatal acerca dessa condição, devido a impostos e a legislação especial para a edificação na cidade, que levava a população a buscar terrenos baratos fora da zona urbana para a construção de suas moradias<sup>340</sup>. Seria, portanto, necessária a reestruturação da disposição das ruas e parques da cidade. Consta-se aqui a preocupação de cunho estético sobre o redesenho urbanístico do Recife, alinhado com a dinâmica do discurso higienista vigente.

Nesse sentido, em 4 de novembro de 1913, o governo do Estado de Pernambuco decretou um ato em favor da isenção de imposto predial para os prédios que fossem construídos ou mesmo reconstruídos de acordo com as diretrizes da higiene. É preciso destacar que essa lei não se aplicava aos prédios velhos, com apenas a substituição de uma nova fachada, mas sim, ele teria que estar enquadrado dentro do conjunto de regras da higiene em curso. Saturnino de Brito, no que lhe diz respeito, pontua sobre a importância e a complexidade que seria o saneamento das residências para as condições de salubridade da cidade:

Para sanear um prédio não basta que lhe deem água potável e esgotos perfeitos. A muitas outras condições é preciso atender, e dentre elas citemos apenas a boa iluminação solar e a ventilação natural, em todos os comportamentos e especialmente nos de dormida, nos de trabalhos diurno e nos gabinetes sanitários<sup>341</sup>.

Octávio de Freitas já havia criticado em 1905 a baixa qualidade das galerias de esgotos existentes na cidade do Recife, visto que em 1893 o governador Barbosa Lima necessitou, em sua gestão, remover 5.000 m<sup>3</sup> infectados nas encanações precárias da Recife Drainage Company, constituindo conseqüentemente um dos elementos de transmissão de infecções nas residências<sup>342</sup>. Diante desse ponto de vista, Freitas e Saturnino de Brito apontam a importância do saneamento das

---

<sup>340</sup> BRITO, 1917, p. 23.

<sup>341</sup> Ibid., p. 46.

<sup>342</sup> FREITAS, Octávio de. **O clima e a mortalidade no Recife**. Recife: Imprensa industrial, 1905.

habitações como um dos mecanismos necessários para a salubridade da capital pernambucana, questão essa bastante importante até hoje.

Saturnino cita em seu relatório sobre o saneamento de Recife, a importância da publicação do livro de Octávio sobre a mortalidade e o clima na capital pernambucana, visto que as condições climáticas da cidade influem sobre o planejamento das redes de esgoto sanitária.

Octávio de Freitas havia publicado em seus Anuários Demográficos o resumo anual dos estudos climáticos da Comissão de Melhoramento do Porto do Recife. Baseado nessas análises climáticas e de outros estudos anteriores, o médico sanitaria apresentou as condições climáticas da cidade do Recife. Assim, a temperatura anual média do Recife foi considerada de 26,95 graus, segundo as observações realizadas entre 1876 e 1904, enquanto que as estações eram marcadas por uma estação seca e quente, iniciando em outubro e outra estação úmida e quente que começa em abril. O Mês de julho apresentava a temperatura mais baixa e fevereiro a mais alta, todavia, não havia uma oscilação brusca da temperatura na cidade. Durante os 29 anos de investigação, a máxima média foi de 29º,5 e a mínima de 23º,4 graus<sup>343</sup>.

Quando em 1910 a equipe de Saturnino foi avaliar a capacidade dos esgotos para poder fazer os pedidos das bombas, surgiram algumas problemáticas para diagnosticar a construção da rede sanitária de esgotos para o Recife. O engenheiro recebeu a informação de que haviam na cidade cerca de 17.000 prédios, que incluíam as construções localizadas fora do centro urbano da cidade. Todavia, existia um número considerado de mocambos e que não haviam sido contabilizados pelas autoridades competentes.

Desse modo, outra questão era a concentração de pessoas das cidades vizinhas no centro urbano durante o período da manhã, voltando para suas residências no período da tarde, além da migração dos sertanejos em períodos de seca em busca de trabalho na cidade, além do trânsito intenso de pessoas pela via marítima. Por fim, houve também um aumento do número de operários, diante da execução das obras para a modernização da cidade e que mesmo finda tais construções, muito dos respectivos trabalhadores optaram por morar definitivamente

---

<sup>343</sup> FREITAS, 1905.

no Recife. Foi, então, estimada em 1910 a população de Recife em cerca de 150.000 habitantes<sup>344</sup>.

O sistema de esgoto sanitário adotado por Saturnino de Brito foi o separador completo ou absoluto. Uma rede era destinada para as águas das chuvas, ou seja, esgoto pluvial e a outra destinada para os dejetos, o esgoto sanitário. O esgotamento sanitário foi dividido em distritos (ver quadro 8) com as devidas estações elevatórias. Os dejetos eram despejados no mar.

**Quadro 8 - Divisão dos distritos sanitários no Recife**

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Distrito 1</b> | São José e Santo Antônio  |
| <b>Distrito 2</b> | Afogados e Remédios   |
| <b>Distrito 3</b> | Recife  |
| <b>Distrito 4</b> | Parte da Boa Vista  |
| <b>Distrito 5</b> | Parte da Boa vista, parte do Espinheiro, da Encruzilhada e de Santo Amaro |
| <b>Distrito 6</b> | Caminho Novo, partes de Capunga, Espinheiro e Aflitos                     |
| <b>Distrito 7</b> | Madalena, Torre, partes de Capunga e de Aflitos e Ponte d'Uchôa           |
| <b>Distrito 8</b> | Jaqueira, Parnamirim, Cruz das Almas, Tamarineira, Arraial                |
| <b>Distrito 9</b> | Santo Amaro   |

Fonte: BRITO, Francisco Saturnino de Brito. **Obras completas de Saturnino de Brito**: pareceres. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944. vol. XVI. p. 182-185.

Apesar da rede de esgotamento projetada e executada por Brito não atender a todos os arrabaldes do Recife, ela foi muito importante para o processo de implantação de medidas higiênicas e de modernização da cidade, que estava em processo de crescimento populacional.

Em um parecer no ano de 1923, Saturnino avaliou de forma positiva o funcionamento da rede sanitária, entretanto, fez ressalvas sobre as melhorias necessárias em relação ao abastecimento d'água e devidos ajustes no cumprimento da regulamentação do plano geral de saneamento<sup>345</sup>.

<sup>344</sup> BRITO, 1917, p. 67.

<sup>345</sup> Em sua tese de doutorado, Juliana Burger avalia a obra do engenheiro no Recife afirmando que “a contribuição mais significativa, está relacionada a visualização de uma nova paisagem que seria articulada pela arborização das avenidas laterais a cada Canal”. Em vista disso, mesmo não sendo o

De fato, o problema de abastecimento d'água no Recife vinha desde o período colonial, em que água do Rio Beberibe era transportada em canoas pelos escravos ou retiradas de poços de água (denominadas cacimbas) que atendia Olinda e Recife. Essa água era vendida ao consumidor ou armazenada em tanques particulares para sua posterior venda à população. Em meados do século XVIII a água de Recife começou a ser substituída, de maneira parcial, pelas águas do Rio Capibaribe. Em linhas gerais, o sistema de abastecimento “era ineficiente na distribuição e carente de condições sanitárias adequadas, mantêm-se nos mesmos padrões de inoperância por quase trezentos anos, nas duas principais cidades pernambucanas”<sup>346</sup>.

Para tentar solucionar o problema de fornecimento d'água foi promulgada a Lei Nº 46 de 14 de junho de 1837, que autorizou o contrato da Companhia Beberibe, firmado em 11 de dezembro de 1838 para o abastecimento d'água da cidade do Recife<sup>347</sup>.

Durante o período de 1837 a 1912, o abastecimento d'água da capital pernambucana esteve a cargo da empresa particular Companhia do Beberibe. Durante essa trajetória foi necessária a execução de obras de melhorias para atender as novas demandas da cidade. Em 1881, por exemplo, sob a direção do engenheiro inglês Oswald Brown, buscou-se aproveitar as águas subterrâneas do Vale de Dois Irmãos. Decorre que a finalização da obra destoava de seu projeto original, que previa a capacidade de 15.000 m<sup>3</sup> diários, contudo, ao ser concluída, constatou-se que os poços e as galerias só dariam vazão para 5.000 m<sup>3</sup> diários. Para solucionar esse problema, a Companhia usou as águas impuras do Açude Dois Irmãos, de forma clandestina, para aumentar sua capacidade junto com as águas limpas do Prata e de Germano<sup>348</sup>.

Constituindo objeto de críticas pela qualidade, e também por não atender a demanda da população Recifense, a Beberibe precisou ampliar sua captação de água, apresentando um projeto pelo engenheiro José Augusto Devoto, que previa a

---

eixo central de seu plano, as questões estéticas faziam-se presentes em seus projetos. BURGER, 2008, p. 138.

<sup>346</sup> MELLO, Virgínia Pernambucano. **Água vai! História do saneamento de Pernambuco 1537-1837**. Recife: Companhia Pernambucana de Saneamento, 1991. p. 103.

<sup>347</sup> A chegada do engenheiro francês Vauthier em Pernambuco, na década de 1840, marcaram também as tentativas de resolver o problema de fornecimento d'água no Recife. FREYRE, Gilberto. **Um engenheiro francês no Recife**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1960. 2 v.

<sup>348</sup> BRITO, 1917.

captação de água de 10.000 m<sup>3</sup> oriunda do Ribeirão Utinga a cerca de 26 km. Esse projeto foi revisto em 1892 por outro engenheiro, de nacionalidade francesa, chamado L. Chapron, que em vista do alto preço das canalizações de ferro diminuiu para 23 km o aqueduto que ligaria a Dois Irmãos.

Em 1910, apesar de tentativas de melhorias, a Companhia Beberibe não conseguia atender a demanda necessária para a instalação da rede de esgotamento sanitário na cidade, visto que para Saturnino seria necessária grande quantidade de água para a lavagem do serviço de esgotos, casas e ruas. Foi publicado, então, um documento intitulado *Abastecimento d'água de Recife: Exposição aos snrs. Accionistas da Companhia Beberibe*. A comissão de Saneamento apresentou duas soluções para resolver o problema do volume de água necessário para o Recife.

1ª solução - A distribuição unitária de água potável, isto é distribuída em uma única rede; 200 litros por habitantes para todos os serviços, ou 400 m cúbicos por dia.

2ª Solução – A distribuição separada, ou estabelecimento de dupla rede; uma delas compreenderia a atual desenvolvida pelas zonas não servidas e distribuiria 25.000 m. cúbicos de água potável por dia; a outra distribuiria 23.000 m cúbicos de água salgada destinada a certos serviços domiciliares e públicos; total 48.000 m. cúbicos<sup>349</sup>.

No entanto, com o falecimento do dono da Companhia, o dr. Cecliliano Mamede, a diretoria foi inflexível em realizar as devidas mudanças necessárias para atender as demandas do saneamento e abastecimento da cidade, dessa forma, a solução foi, em 1912, o governo adquirir a Companhia pelo valor de 15.000 contos. A participação de Saturnino no processo de aquisição da Companhia Beberibe foi um elemento fundamental para sua concretização. A empresa ficou sob a tutela da Diretoria de Obras públicas até que fossem incluídas nas novas obras que seriam realizadas pela Comissão de Saneamento, visto que para atender as prerrogativas do esgotamento, o fornecimento d'água necessitava de uma melhoria considerável.

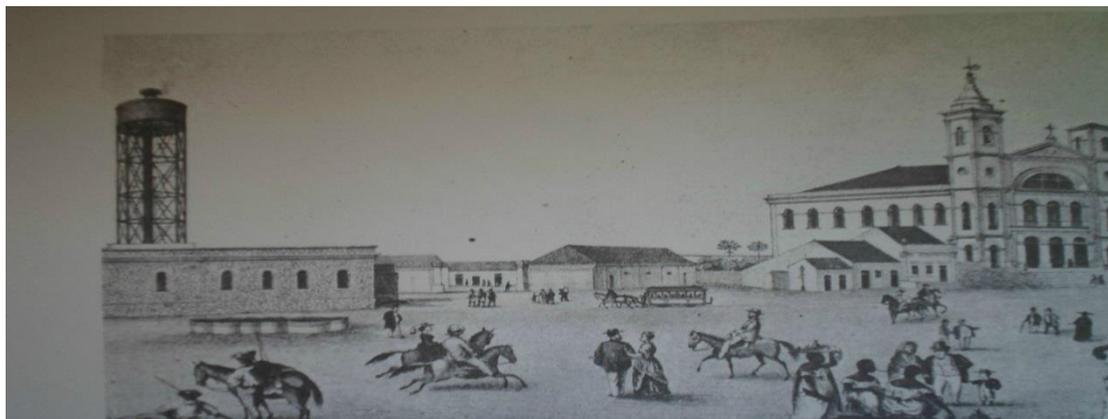
Assim sendo, em maio de 1918, foi criada no Recife a Repartição de Saneamento, em substituição a Comissão de Saneamento, como também os serviços da Recife Drainage Company - esgotos – e a Companhia Beberibe – abastecimento

---

<sup>349</sup> BRITO, 1917, p. 107.

d'água. A Drainage (ver figura 5) foi criada em 1858 e funcionou até o ano de 1918. Nesse período, a Companhia tornou-se anexa à repartição de Obras Públicas desde 1908. A partir de 1910, quando se iniciaram as obras da Comissão de Saneamento, o serviço da empresa vinha paulatinamente sendo desnecessário para a cidade, além da Companhia encontrar-se em estado debilitado<sup>350</sup>.

**Figura 5** - Drainage Company – Estação das cinco pontas - Matriz de São José, Pernambuco



Fonte: Atlas histórico cartográfico do Recife, 1988.

É preciso destacar que no início do século XX a preocupação maior era com o esgotamento sanitário geral, deixando-se um pouco de lado o cuidado com as instalações dos esgotos das residências, que muitas vezes eram instalados de maneira descuidada. Dessa maneira, Saturnino de Brito fez a seguinte comparação dos esgotos das casas, no intuito de defender a sua importância para a saúde pública:

O médico muito pode influir para melhorar as precárias condições de insalubridade das casas e da educação higiênica na família. O esgoto de uma casa é comparável ao organismo do animal, o médico ao tratar de um doente, cuida logo do desembaraço intestinal; é preciso também, em certos casos, indagar do funcionamento intestinal do prédio. A casa doente faz os moradores doentes, e não há drogas que curem estes sem que seja aquela previamente curada, isto é, saneada<sup>351</sup>.

<sup>350</sup> OLIVEIRA, José Apolinário. **Águas e exgottos no Recife**: antigos serviços. Recife: Imprensa Oficial, 1919.

<sup>351</sup> BRITO, 1917, p. 322-323.

O discurso acima, exemplifica os meandros da tentativa de medicalização da sociedade, na qual engenheiros e médicos, por meio das ações estatais, buscaram analisar e gerir a sociedade.

A reorganização do sistema de fornecimento de águas e a instalação das redes de esgotamento, com a aplicação de novos preceitos da engenharia sanitária, implicam na produção das cidades enquanto objeto técnico e estético por meio de novas políticas de planejamento urbano<sup>352</sup>. De acordo com Burger, em relação ao Recife, Saturnino não pôde realizar um plano geral mais amplo e detalhado como fez em Santos e Vitória, visto que a cidade já possuía uma malha urbana estabelecida<sup>353</sup>.

Tendo isso em vista, na realidade recifense, do início do século XX, as figuras de Saturnino e de Freitas foram importantes para o planejamento e execução de práticas higienistas, que visavam a criação de uma cidade que se desejava limpa, disciplinada e moderna, mas que passava, sobretudo, pelo crivo do autoritarismo.

Nesse sentido, as greves de 1917 e 1919 são, por exemplo, reflexos do descontentamento das situações precárias do trabalho e da vida cotidiana dos trabalhadores no Recife e projetava as prerrogativas de uma cidade que se idealizava moderna<sup>354</sup>. As manobras políticas procuravam desmobilizar as articulações sindicalistas. As relações de poder e a capacidade de participação política das elites visavam manter as estruturas de dominação vigentes, à medida que as transformações urbanísticas modernizadoras tinham facetas autoritárias em seus planejamentos e execuções.

O discurso moderno influenciou, portanto, as ações do poder público na gestão dos serviços de saúde e no redesenho urbanístico da cidade do Recife no início do século XX. O governo buscou, desse modo, criar os mecanismos de infraestrutura com saneamento, serviços de saúde e higiene, na perspectiva de implantar ares modernizantes na cidade. Em outras palavras, tornar a cidade salubre significava saneá-la a partir de uma distribuição de água e rede de esgotamento eficazes. Por

---

<sup>352</sup> LOPES, 2013.

<sup>353</sup> BURGER, 2008.

<sup>354</sup> REZENDE, 1997.

consequência, era também necessária a pavimentação das ruas, arborização e eliminação de lixo de forma adequada.

Por esse motivo, a execução do projeto de uma cidade moderna demandava a elaboração de novas subjetividades para os habitantes dessa cidade, que se queria planejada, limpa e embelezada. Para a execução de tais objetivos, era necessário o descolamento das estruturas coloniais que ainda perpassavam a maioria dos traçados urbanos, das cidades brasileiras, em princípios do século XX.

Dessa forma, entendemos que, tanto Octávio de Freitas como outros cientistas e intelectuais das primeiras décadas do início do século XX, estavam propondo projetos e disputando espaços, diante da dualidade entre o velho e o novo.

#### 4.2 A CIDADE INSALUBRE: A REORGANIZAÇÃO DA DIRETORIA DE HIGIENE NA GESTÃO DE OCTÁVIO DE FREITAS

Convidado por Manoel Borba, governador do Estado na época, Octávio de Freitas assumiu o cargo de diretor de Higiene Pública, em 15 de outubro de 1918, devido ao falecimento do dr. Abelardo Baltar, que ocupava o respectivo cargo. Octávio propôs reformas administrativas que, em sua visão, aperfeiçoariam a implementação de medidas higienistas mais eficazes em Pernambuco. O higienista formulou a seguinte estrutura administrativa para o órgão:

- A Diretoria geral de higiene, compreendendo a secretária;
- B Seção de estatística demógrafo-sanitarista;
- C Serviço de verificação de óbitos;
- D Delegacias de saúde e inspetorias sanitárias;
- E Serviços de engenharia sanitária;
- F Serviço de desinfecção;
- G Serviço especial de saneamento urbano;
- H Serviço especial de higiene e profilaxia rural;
- I Laboratório microbiológico;
- J Laboratório químico;
- K Instituto vacinogênico;
- L Serviço especial de fiscalização das farmácias, drogarias, laboratórios, fábricas de produtos químicos e farmacêuticos e casas de instrumentos cirúrgicos;
- M Serviço especial de fiscalização dos gêneros alimentícios, inclusive o leite;
- N Serviço de inspeção médica das escolas públicas e particulares;

- O Serviço de exames de ama de leite;
  - P Serviço especial de profilaxia das moléstias venenosas;
  - Q Hospital do isolamento;
  - R Assistência médica de urgência;
  - S Junta médica;
  - T Conselho geral de saúde pública;
2. – Fica instituído o Juízo dos Feitos de saúde Pública para o exame e decisão de todas as questões judiciais suscitadas em virtude da ação das autoridades sanitárias<sup>355</sup>.

Freitas justificou a necessidade de reorganizar a Diretoria de Higiene Pública e os regulamentos sanitários, na perspectiva de ampliar e redirecionar, ou mesmo criar serviços necessários para a execução de uma prática sanitária mais pertinente, tanto em relação ao desenvolvimento dos conhecimentos médico-sanitários como das novas demandas que surgiam no Estado. Essas novas diretrizes propostas e implantadas permitem-nos compreender o seu pensamento dentro da dinâmica do discurso higienista e sanitarista do início do século XX.

O movimento sanitarista do Brasil, da primeira República, é dividido na historiografia em duas fases importantes, a primeira seria calcada nas ações de Oswaldo Cruz, sob a direção dos serviços federais de saúde (1902-1909), a segunda seria a ênfase no saneamento rural, entre as décadas de 1910 e 1920, com atenção especial ao combate de três endemias rurais: ancilostomíase, malária e mal de chagas.

Enfatizando a criação de uma política nacional de saúde, Gilberto Hochman denomina a segunda fase (1910-1920) do sanitarismo brasileiro, como sendo a “era do saneamento”. Alguns acontecimentos foram importantes para esse novo direcionamento das políticas de saúde. A primeira reporta-se a repercussão do discurso de Miguel Pereira, pronunciado em outubro de 1916, no qual ele descreveu o Brasil como um imenso hospital, lançando ali as diretrizes para a criação de um movimento sanitarista. O segundo impacto tem ligação com a publicação do relatório da expedição médico-científica do Instituto Oswaldo Cruz, que havia sido chefiada por Belisário Penna e Artur Neiva, em 1922, ao interior do Brasil. O Terceiro evento seria a repercussão dos artigos de Penna, acerca da saúde e do saneamento e que foram publicados, em 1918, sob o título de *O saneamento do Brasil*. E por último, houve a atuação da Liga Pró-saneamento, entre 1918 e 1920, período em que se iniciou a

---

<sup>355</sup> FREITAS, 1919, p. 10.

reformulação dos serviços de saúde em escala nacional<sup>356</sup>. Outro acontecimento importante foi a criação do Departamento Nacional de Saúde (DNSP), em 1920, que tinha o objetivo de centralizar as ações dos serviços de saúde, inaugurando uma nova fase no âmbito da saúde pública brasileira, sob a direção de Carlos Chagas.

Octávio foi escolhido por Belisário como representante da Liga em Pernambuco<sup>357</sup>. Desse modo, buscando implantar medidas relativas à Liga Pró-saneamento, em 2 de junho de 1919, promoveu a fundação da Sociedade de Medicina e Higiene Tropical, na qual foi eleito presidente. Os objetivos dessa sociedade era estudar as principais doenças tropicais e as respectivas profilaxias e medicamentos necessários ao combate dessas enfermidades. Essa sociedade, em conjunto com os seus sócios<sup>358</sup>, deveria auxiliar nas medidas sanitárias empreendidas pelas autoridades competentes, tanto na capital como no interior do Estado. Apesar da importância dessa instituição, sua atuação deu-se até 1922 quando o sanitarista deixou o cargo de diretor de higiene<sup>359</sup>.

Fundamentado nas novas diretrizes que os serviços de saúde demandavam, no ano de 1919, Freitas, à frente da Diretoria de Higiene e Saúde Pública, tornou público um relatório detalhado sobre o estado de higiene da cidade do Recife. Nesse documento criticou mais uma vez, de forma veemente, as condições insalubres que a cidade ainda se encontrava. Mesmo ao elogiar a competência do engenheiro Saturnino de Brito, o sanitarista emitiu a seguinte crítica sobre as obras executadas: “Encarando-as, logo verifica-se que são elas medidas mais do domínio da engenharia sanitária do que da medicina higiênica, determinando, por outro lado, a execução de todas elas, gastos excessivos e extraordinários<sup>360</sup>”. Ao tecer essa crítica, de maneira ácida, o sanitarista deixa evidente as disputas construídas no interior do campo da saúde pública, visto que nos revela rivalidades pelo monopólio da autoridade científica, especificamente nesse relato, entre engenheiros e médicos.

Um elemento importante, nessa reorganização da Diretoria de Higiene, foi a descentralização das delegacias de saúde que ficavam concentradas no mesmo

---

<sup>356</sup> HOCHMAN, Gilberto. **A era do saneamento**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

<sup>357</sup> TÁVORA, 1993.

<sup>358</sup> Dentre os sócios da instituição estavam os seguintes médicos: Edgar Altino, Mário Ramos, Joaquim Pimenta, Francisco Clementino, Felinto Vanderlei, Adalberto Cavalcanti e Adatao Brandão.

<sup>359</sup> FREITAS, 1943, p. 148-150.

<sup>360</sup> Id., 1919, p. 8.

prédio, em 1918, quando Octávio assumiu a diretoria. As quatro delegacias contavam com a cooperação de 20 inspetores na capital e 4 inspetores para todo o interior do Estado. No intuito de defender a importância desse mecanismo de controle sanitário, mesmo necessitando da contratação de mais inspetores, Freitas apresentou (ver tabela 3) a atuação das delegacias de saúde em 1918, que, segundo os dados contidos no relatório, realizou muitas ações:

**Tabela 3 - Atuação das delegacias de Saúde no Recife em 1918**

| <b>Serviços efetuados</b>                      | <b>1º</b> | <b>2º</b> | <b>3º</b> | <b>4º</b> | <b>Total</b> |
|--|-----------|-----------|-----------|-----------|--------------|
| <b>Visitas de policias sanitárias</b>          | 6060      | 5570      | 10451     | 5774      | 27855        |
| <b>Visitas de vigilância médica</b>            | 737       | 132       | 732       | 90        | 1691         |
| <b>Intimações para medida de higiene</b>       | 912       | 779       | 47        | 246       | 1984         |
| <b>Intimações verificadas</b>                  | 268       | 114       | 27        | 52        | 441          |
| <b>Interdições de casas</b>                    | 141       | 70        | 8         | 9         | 228          |
| <b>Vacinações</b>                              | 127       | 10091     | 3689      | 1423      | 16530        |
| <b>Revacinações</b>                            | 173       | 220       | 338       | 446       | 1177         |
| <b>Informações sobre prédios e construções</b> | 104       | 13        | 33        | 23        | 173          |
| <b>Petições informadas</b>                     | 161       | 158       | 4         | 28        | 341          |
| <b>Notificações recebidas</b>                  | 9         | 53        | 2         | -         | 64           |
| <b>Desinfecções ordenadas</b>                  | 172       | 53        | 2         | 1         | 28           |
| <b>Multas impostas</b>                         | 49        | 53        | 2         | 8         | 113          |
| <b>Outras medidas de higiene</b>               | 48        | 29        | 12        | 98        | 97           |

Fonte: Extraída de FREITAS, 1919, p. 18.

Os dados contidos na tabela acima indicam os possíveis caminhos trilhados pela medicina experimental em Pernambuco, durante as primeiras décadas do século XX, na busca de realizar um possível controle acerca das condições sanitárias da população, por meio de mecanismos de vigilância e controle sobre os hábitos de homens e mulheres. As formulações de mecanismos legais, com base em leis e regulamentações, colocam em destaque a associação fabricada entre o Estado e o saber médico nesse contexto.

Nessa perspectiva, o regulamento sanitário do Estado, datado de 1913, normatizava as ações empreendidas por essas delegacias e pelos inspetores sanitários, em diversos aspectos. A polícia sanitária era exercida pelos inspetores sanitários com superintendência dos delegados de saúde. Competia a esses profissionais realizar visitas às habitações tanto particulares como coletivas, estabelecimentos comerciais, logradouros públicos e terrenos. A finalidade da polícia médica, de acordo com artigo 54 era “[...] evitar a manifestação ou propagação das moléstias infetuosas, prevenir e corrigir os vícios das habitações e abusos de seus proprietários ou procuradores destes arrendatários e moradores que possam comprometer a saúde pública [...]”<sup>361</sup>.

No que se refere as visitas de vigilância médica, essas deveriam ser executadas diariamente aos comunicantes no período máximo de incubação de uma doença infectocontagiosa. Aos indivíduos que não aceitassem submeter-se a esse procedimento, o artigo 451 previa multa ao chefe da família ou ao responsável pela residência<sup>362</sup>. Durante as visitas da vigilância médica ou polícia sanitária, os inspetores sanitários deveriam, pela lei, vacinar e revacinar os indivíduos acometidos de doenças, como a peste e a varíola. A regulamentação sobre a vacinação na capital pernambucana, seguia o seguinte regimento:

Art. 537 - Para o serviço de vacinação e revacinação serão observadas as prescrições abaixo:

1º - A vacinação é obrigatória no município de Recife – Lei Municipal nº 4, Título II, capítulo 12., e o decreto legislativo nº 120.

- a Para crianças até seis meses de idade;
- b Para as pessoas que não provarem que foram vacinadas com proveito nos últimos seis anos, ou tiveram varíola nos últimos 10 anos ou que, por moléstia não puderam ser vacinadas;

---

<sup>361</sup> PERNAMBUCO, 1913, p. 58.

<sup>362</sup> Ibid., p. 58.

- c Para as pessoas vacinadas com êxito a primeira vez;
  - 2) A Revacinação é obrigatória;
    - a) para crianças que frequentaram os estabelecimentos de ensino, públicos ou particulares, orfanatos, asilos etc., no decurso do 7º e 14º anos;
    - b) para todas as pessoas no fim de cada septênio depois da primeira vacinação<sup>363</sup>.

Havia também regulamentações sobre as construções realizadas no Estado. Eram estipuladas orientações desde a preparação dos solos, até questões referentes a iluminação e circulação de ar no interior das residências<sup>364</sup>. Embora houvesse aplicação de multas para as construções irregulares e possíveis interdições, inúmeras edificações faziam-se de modo descuidado, principalmente pela falta de recursos das camadas populares da cidade.

Nessa direção, diante da concepção de que as condições sanitárias da capital pernambucana facilitavam a proliferação de diversas doenças entre os habitantes da cidade e regiões adjacentes, em seu relatório, Octávio de Freitas apresentou inúmeras vezes a utilização de dados estatísticos para realizar suas análises acerca do impacto das doenças no Recife. Dessa maneira, elencou e analisou as principais doenças que vinham assolando a cidade, durante as primeiras décadas do início do século XX. Sobre essa questão, Roberto Machado afirma que a partir do século XIX “o médico torna-se cientista social integrando à sua lógica a estatística, a geografia, a demografia, a topografia, a história; torna-se planejador urbano: as grandes transformações da cidade estiveram a partir de então ligadas à questão da saúde”<sup>365</sup>.

Defendendo a necessidade de medidas de engenharia sanitária para a construção de espaços de salubridade mais efetivos no Recife, Octávio apontou que seria necessária a realização de obras de drenagem de pântanos, calçamentos, e higienização das moradias, comércios e indústrias<sup>366</sup>. Com base nesse discurso é perceptível visualizar a necessidade de novos hábitos que deveriam ser aprendidos e incorporados pela população, inclusive no âmbito privado. Assim, a família foi investida desde o século XIX de instrumentos pedagógicos, objetivando redirecionar os hábitos sexuais, físicos, morais e intelectuais dos seus indivíduos. “A ordem médica

---

<sup>363</sup> PERNAMBUCO, 1913, p. 72-73.

<sup>364</sup> Ibid., p. 37-40.

<sup>365</sup> MACHADO et al, 1978, p. 155.

<sup>366</sup> FREITAS, 1919.

vai produzir uma norma familiar capaz de formar cidadãos individualizados, domesticados e colocados à disposição da cidade, do Estado e da pátria”<sup>367</sup>.

Ainda sobre essa questão, Margareth Rago afirma que “instituir hábitos moralizadores, costumes regrados, em contraposição às práticas populares promiscuas e anti-higiênicas observadas no interior da habitação operária, na lógica do poder significava revelar ao pobre o modelo familiar a seguir”<sup>368</sup>. É necessário ressaltar que a construção de mecanismos de controle sobre os costumes da população, não se deu de forma pacífica, os desencontros e desacertos na tentativa do exercício do controle do cotidiano dos indivíduos encontrou resistências, inclusive dentro do próprio campo da medicina experimental em construção, gerando conflitos dentro da própria estrutura estatal, na missão de higienizar a sociedade.

Seguindo essa diretriz, a nova divisão da atuação da Diretoria de Higiene foi reflexo dos progressos do saber médico e de suas diversas áreas de atuação especializadas. Havia setores responsáveis pelas questões de natureza pública, como também setores relacionados ao âmbito da vida privada. Assim, constrói-se em Pernambuco a proposta de um “serviço de profilaxia urbana”.

Todavia, houve conflitos em torno da reorganização dos serviços de saúde pública em Pernambuco, por meio de polêmicas na imprensa, como por exemplo, o jornal *A província*<sup>369</sup> que publicou, em maio de 1919, um artigo em que Octávio respondia sob o estranhamento em relação a reorganização dos serviços de higiene, que haviam sido questionados por um jornalista da instituição. Tal querela demonstra o embate da imprensa na oposição ou no apoio aos políticos que ocupavam o governo da época, evidenciando as ligações que essas instituições possuíam com a política local. O respectivo conflito deu-se em torno do questionamento sobre o valor das verbas aplicadas ao órgão. Freitas afirma que “no domínio Manoel Borba as verbas são solicitadas para 1.175:\$00\$000, com o aumento de 400 contos sobre o anterior, mas também devem ser atacados com o máximo rigor o saneamento rural [...]”<sup>370</sup>. O Jornal rebateu os argumentos do higienista questionando a desonestidade do governo

---

<sup>367</sup> COSTA, 1999, p. 48.

<sup>368</sup> RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar Brasil1890-1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 61

<sup>369</sup> O jornal *A Província* era marcadamente oposicionista, principalmente, nesse período, em relação à gestão do governador Manoel Borba.

<sup>370</sup> O PORQUÊ das estranhezas. **A província**, Recife, anno XLII, n. 125, p. 1, 10 maio 1919. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Manoel Borba em comparação ao Governo de Dantas Barreto, utilizando-se da ironia ao escrever que

O ilustre dr. Octávio de Freitas, não sabe por exemplo que por conta da verba da mobília do palácio se pagaram até laranjas oferecidas pelo governador do Estado a um transeunte ilustre que o visitara?  
 Não sabe que por conta da verba de concertos de pontes e edifícios públicos só fez presente ao general Joaquim Ignácio, inspetor do 2º distrito militar, de uma instalação elétrica no valor de 3:500\$000<sup>371</sup>?

Em relação as ações que já foram desenvolvidas em Pernambuco, Octávio elogiou, em seu relatório, a brigada sanitária contra a febre amarela, epidemia que havia levado muitos pernambucanos a óbito. O dr. Gouveia de Barros criou no regulamento do serviço sanitário, a “polícia contra o mosquito” contando com uma equipe especializada para tal atividade. Essa brigada sanitária não teve atuação meramente contra a febre amarela, na perspectiva de que realizou fiscalizações e intervenções, eliminando focos de mosquitos nas residências, além de aterros de pântanos na cidade. De acordo com Freitas, essas medidas contribuíram para a melhoria das condições gerais de salubridade na cidade do Recife. Ainda sobre a polícia sanitária, Freitas complementa:

Mais extremado ainda sou nas minhas simpatias, pois que eu proponho o alargamento de seus desígnios, permitindo e exigindo a sua intervenção na luta contra muitas infecções. Deste modo, eu proponho a sua transformação de elemento combativo especial à febre amarela em serviço especial de profilaxia urbana<sup>372</sup>.

Com essa característica nova, o órgão teria competência de barrar a entrada não só de febre amarela, como também contribuir para a luta contra a tuberculose, além das inúmeras outras epidemias que poderiam desenvolver-se em Pernambuco.

Ao analisar algumas epidemias na história da saúde pernambucana, Freitas aborda sobre a peste bubônica, que deixou um saldo de 26 mortos, no período de

---

<sup>371</sup> O PORQUÊ das extranhezas. **A província**, Recife, p.1, anno XLII, n. 125, 10 maio 1919. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

<sup>372</sup> FREITAS, 1919, p. 23.

março a julho no ano de 1902, entretanto, as medidas de profilaxia urbana no Recife com a impermeabilização dos solos das casas possibilitaram um decréscimo no número de infectados, contabilizando apenas 1 óbito em 1918. Essa situação de melhoria nas condições de combate à peste bubônica não se constituía a mesma nas cidades do interior pernambucano, visto que, em 1918, por exemplo, na cidade de Garanhuns, o número de óbitos contabilizados oficialmente, em decorrência da peste, chegou ao número de 23 indivíduos<sup>373</sup>.

A lepra era outra doença que preocupava as autoridades governamentais, na medida em que vinha aumentando o número de casos na década de 1910. O saber médico desse período ainda não tinha clareza de como a doença era transmitida, dificultando, assim, a sua profilaxia. Apesar dessas limitações, Octávio decidiu introduzir no regulamento sanitário medidas rígidas em torno dessa doença:

1. - O governo do Estado com a possível brevidade um ou mais asilos de leprosos, obedecendo ao tipo de colônia agrícola, onde achar conveniente.
2. - Será obrigatório, o isolamento dos leprosos, da seguinte maneira:
  - a) o isolamento será feito nos asilos coloniais criados e mantidos pelo governo.
  - b) excepcionalmente em seu próprio domicílio, se o doente dispuser de recursos para seu eficaz isolamento.
  - c) O isolamento domiciliário será fiscalizado pelas autoridades higiênicas que ajuizarão da sua eficácia.
  - d) Os leprosos em domicílio só poderão mudar de residência mediante prévio aviso as autoridades sanitárias.
  - e) ficará estabelecida a multa de 500\$000 progressivamente crescente até 2:000\$000 aos leprosos abastados que não quiserem se submeter ao isolamento em seu próprio domicílio ou nos asilos coloniais<sup>374</sup>.

Essas medidas contra a lepra denotam mais uma vez a face autoritária do saber médico, na tentativa de disciplinar e normatizar os espaços públicos e privados, por meio de fiscalizações e multas, que possuíam o caráter coercitivo a quem não obedecesse aos regulamentos higiênicos que estavam, inclusive, sendo reformulados no início do século XX, em face também da construção do campo médico no país.

As medidas elaboradas por Octávio, inserem-se no contexto em que a Lepra vinha emergindo como preocupação, tanto do campo médico como dos governos em

---

<sup>373</sup> FREITAS, 1919, p. 35.

<sup>374</sup> Ibid., p. 68-70.

âmbito internacional, desde as últimas décadas do século XIX. Sendo assim, a criação do Laboratório Bacteriológico, em 1894, no Hospital dos Lázaros no Rio de Janeiro, inaugurou uma nova fase nas percepções sobre a doença, visto que a descoberta de *Mycobacterium leprae* refletia o contexto da introdução dos conhecimentos microbiológicos no país. Em vista disso, a criação da Inspetoria de Profilaxia da Lepra e Doenças Venéreas, sob a responsabilidade do DNSP, formulou a construção de uma política de amplitude nacional, no controle dessa enfermidade, na realidade brasileira<sup>375</sup>.

Uma das preocupações de Freitas era a profilaxia das endemias nas zonas rurais. No Congresso dos Prefeitos, ocorrido em dezembro de 1917, o sanitarista já havia exposto sua preocupação com essas áreas enumerando os principais problemas que assolavam essas regiões esquecidas pelo poder público:

Haja vista esta derrama intempestiva de caldas das usinas no leito dos rios, matando os peixes, impedindo que suas águas se prestem a alimentação dos animais e mefitisando as circunvizinhanças das populações ribeirinhas.  
Haja Vista este espraiamento da famerosa peste branca pelos nossos lugarejos mais saudáveis sem que tenham tomados medidas acauteladoras contra os riscos de contágio certo que estes doentes vão determinando.  
Além destas pestes que foram para aí transportadas, pode-se dizer reinar em nossos centros o paludismo e ancilostomose, o tracoma, e a leishmaniose, para falar somente as quatro grandes endemias que com maior rigor devem ser combatidas<sup>376</sup>.

Nessa perspectiva, constata-se que o paludismo era uma das doenças que atingia praticamente todo o Estado de Pernambuco, sendo registrado em 32 municípios. A leishmaniose e a tracomatosa também tinha uma considerável incidência nos centros pernambucanos. Apesar da gravidade e da grande quantidade de enfermos com essas doenças, elas não tiveram investimentos do poder público para solucioná-las de forma efetiva. A única que teve um serviço especial de profilaxia foi a ancilostomose, inspirada no modelo da Comissão Rockefeller no Rio de Janeiro, no combate a essa doença<sup>377</sup>. Na realidade, 11 Estados, durante o período de 1916 e

<sup>375</sup> CABRAL, Dilma. **Lepra, medicina e políticas de saúde no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013.

<sup>376</sup> FREITAS, 1919, p. 51-52.

<sup>377</sup> A fundação Rockefeller foi criada em Nova York, no ano de 1913, a partir de um importante grupo econômico formado pela Standard Oil, em parceria com a Igreja Batista. Iniciou sua atuação voltada para programas de educação e saúde no sul do Estados Unidos. Foi cooptada pela International Health

1923, entre eles Pernambuco, estabeleceram acordo com a Fundação Rockefeller para o combate à ancilostomíase e a execução de práticas de profilaxia rural<sup>378</sup>.

Nesse sentido, em 1 de agosto de 1918, foi inaugurado na ilha do Pina, na região sul do Recife, o posto para o combate a ancilostomose, sob a direção do dr. João Rodrigues. A instituição foi batizada de Posto Miguel Pereira, em homenagem ao professor que primeiro demonstrou a urgência em criar mecanismos de combate à respectiva doença. Freitas aponta que, apesar do trabalho contra a ancilostomose ser relevante, ele não conseguiria sanear todo o interior do Estado. Tomando por base essa percepção, o higienista, quando em exercício dos serviços de saúde, optou por mudar o título da seção de Profilaxia de Ancilostomose para Profilaxia e Higiene Rural, com os seguintes objetivos:

- 1 O serviço de profilaxia e higiene rural terá por fim:
  - a) A aplicação de medidas de higiene geral que visam melhorar as condições de habitabilidade no litoral e nos campos;
  - b) a difusão de preceitos higiênicos, individuais e coletivos, aproveitáveis à garantia sanitária das populações rurais, compreendendo a propaganda escolar pelos professores públicos, para isso preparados em cursos especiais;
  - c) a profilaxia específica das doenças endêmicas e epidêmicas, nas zonas rurais do Estado;
  - d) a difusão, no Estado, dos medicamentos necessários ao combate de grandes epidemias e de soros e vacinas destinados a premunir o homem e os animais contra diversas infecções;
2. O serviço de profilaxia rural visará essencialmente o combate as seguintes moléstias: - Paludismo, ancilostomose, leishmaniose, tracomatosa e tuberculose.
3. Outras quaisquer doenças que aparecerem com caráter epidêmico serão também consideradas nas medidas de profilaxia.
4. Os trabalhos de profilaxia rural serão realizados de acordo com o critério das necessidades regionais, sendo progressivamente tratadas as grandes endemias de maior valor econômico e mais densa população.
5. As zonas saneadas ficarão sob fiscalização sanitária, a fim de que possam, nelas, ser garantida a eficácia das medidas sanitárias de caráter permanente já estabelecidas.
6. Os municípios do Estado que concorrem com a terça parte das despesas necessárias ao seu saneamento, terão preferência para o serviço de profilaxia.

---

Comissão, criada nesse mesmo ano, para atuar na América Latina, África, Ásia e Europa. A sua atuação inicial nos Estados Unidos deu-se pela tentativa de erradicação da ancilostomose que acometia o rendimento da força de trabalho no país. No Brasil a atuação da Rockefeller ocorreu no momento da estruturação do movimento sanitário no país, alicerçado nas ações de Oswaldo Cruz, seu sucessor Carlo Chagas e de Belisário Penna. Cf: BENCHIMOL, Jaime Larry (coord.). **Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

<sup>378</sup> KORNDÖRFER, Ana PAULA. Para além do combate a ancilostomíase: o diário do Norte Americano Alan Greg. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, out.-dez. 2014. p. 1457-1466. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v21n4/0104-5970-hcsm-21-4-1457.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2016.

7. Para a boa execução das medidas de profilaxia e higiene, todas as empresas importantes, tais como estradas de comércio, indústria e agricultura com sede no Estado, desde que funcionem com mais de 100 trabalhadores, empregados e operários, e fornecer trimestralmente, à diretoria de Higiene Pública, informações amplas sobre o estado sanitário das mesmas.

8. Os médicos dos serviços de profilaxia e higiene rural se incumbirão de organizar mapas de distribuição geográfica das doenças, determinando o seu índice endêmico para cada região do Estado, os quais servirão de base para a imposição das medidas constantes deste regulamento<sup>379</sup>.

Outra causa de incidência das doenças, abordadas no Relatório de 1919, foi a alimentação. Não havia fiscalização eficiente para o controle da qualidade das carnes e leites. As carnes muitas vezes eram vendidas com indícios de putrefação visíveis. Os procedimentos de abatimento do gado eram realizados de forma precária. Dessa maneira, a transmissão de doenças por intermédio da alimentação era recorrente no Recife de fins do século XIX e início do XX.

Aos poucos, a atuação do serviço de fiscalização de alimentação foi fortalecendo-se e, segundo Octávio de Freitas, baseado no relatório do Dr. Francisco Clementino, profissional responsável pelos serviços de bromatologia, durante o ano de 1918 foram realizadas 504 visitas aos armazéns de comestíveis existentes no Recife. Os resultados dessas visitas foram 80 inutilizações de lotes alimentícios em más condições e a solicitação de 40 análises complementares ao laboratório químico para uma melhor investigação. Houve um saldo de aplicação de 10 multas a vendedores de gêneros alimentícios<sup>380</sup>.

Esses avanços na fiscalização de gêneros alimentícios, também devem ser analisados dentro do contexto dos avanços do saber médico em Pernambuco, por meio da instalação e funcionamento de laboratórios especializados. O laboratório de microbiologia apesar de ser uma reivindicação constante da Diretoria de Higiene de Pernambuco, só entrou em funcionamento em 13 de novembro de 1918, visto que quando Freitas assumiu a diretoria, em outubro de 1918, de acordo com seu relato, ele não mediu esforços para o funcionamento do laboratório procurando vencer os obstáculos que dificultavam a abertura do respectivo órgão. Outro laboratório importante foi o de química, que teve seu funcionamento a partir de 1894. Os exames

---

<sup>379</sup> FREITAS, 1919, p. 54-55.

<sup>380</sup> *Ibid.*, p. 88.

bromatológicos, importantes para a fiscalização dos gêneros alimentícios, condenou, em 1918, “10 amostras de vinagres, 4 de azeite comestível e 6 de gasosas”<sup>381</sup>.

Outro ponto importante, que Octávio abordou em seu relatório, foi a questão do serviço de amas-de-leite. O higienista via a necessidade de um modo eficiente para a intervenção dos poderes públicos, no caso a Diretoria de Higiene, na regulamentação das amas-de-leite como parte integrante da profilaxia infantil e defendia que

O aleitamento materno é extremamente importante e a mãe se estiver com uma doença como tuberculose, a febre tifoide ou mesmo não desejarem amamentar seus filhos devem, pois, alimentá-los pelas nutrizes e em último caso alimentação artificial. As amas-de-leite devem estar isentas de tuberculose, sífilis, de cancro, de lepra, e de alcoolismo<sup>382</sup>.

A preocupação com o aleitamento materno deve-se ao contexto em que a medicina buscava investir na família por meio de seu aparato pedagógico. A família nesse momento foi posta em xeque em relação à educação e à saúde das crianças. Havia nessa situação a fabricação de mecanismos que disciplinassem o corpo, logo, a reestruturação dos hábitos alimentares era um desses elementos de caráter normatizador. Jurandir Freire Costa<sup>383</sup> enfatiza que a casa se tornou palco por excelência, da inspeção de saúde, por meio do controle de doenças e vigilância de hábitos morais. A família higiênica constituía-se, portanto, de um laboratório da medicina urbana, essa, por sua vez, era um modelo almejado e que estava intimamente associada aos novos interesses do Estado brasileiro que encontrava, acima de tudo, inúmeras resistências da sociedade.

#### 4.3 A EPIDEMIA DA GRIPE ESPANHOLA EM 1918

Ao assumir a Diretoria de Higiene de Pernambuco, devido a morte de Abelardo Baltar em decorrência da gripe espanhola, Octávio de Freitas, em 1918, viu-se imerso

---

<sup>381</sup> FREITAS, 1919, p. 74.

<sup>382</sup> *Ibid.*, p. 90-91.

<sup>383</sup> COSTA, 1999.

na eclosão da epidemia da influenza. Todavia, antes de iniciarmos a análise da atuação do sanitarista no combate a essa moléstia é necessário realizarmos um breve panorama da epidemia no Brasil desse ano.

Quando a pandemia da gripe espanhola eclodiu no segundo semestre de 1918, a comunidade científica internacional viu-se diante de uma grande problemática, na perspectiva de solucionar, como uma enfermidade de caráter banal e que possuía, no geral, forma branda, havia assumido as proporções devastadoras em escala mundial. Os jornais noticiavam a epidemia nos diversos continentes e a movimentação das tropas que circulavam no continente europeu, em decorrência da primeira guerra mundial, facilitava a contaminação e proliferação do vírus em escala internacional. Na realidade, a gripe constituía-se de uma enfermidade pouco estudada pela comunidade científica e daí a dificuldade com a eclosão da espanhola em explicar de imediato a sua epidemiologia, diante das proporções que havia adquirido.

Quando a influenza se disseminou, o campo médico já estava impregnado pelas teorias bacteriológicas, entretanto, ainda havia inúmeras controvérsias em relação as suas causas e a profilaxia da enfermidade que, por sua vez, não apresentava um conjunto de sintomas homogêneos. Tendo isso em vista, as incertezas em responder às questões suscitadas em torno da pandemia da gripe foram encaradas, inclusive pelos seus contemporâneos, como “o maior tropeço da bacteriologia”<sup>384</sup>. Dessa forma, o agente etiológico da influenza colocou em xeque a noção de que as doenças infecciosas logo estariam prontamente extintas<sup>385</sup>.

Foram feitos experimentos médicos para descobrir a epidemiologia da gripe. Coletaram o muco de pessoas contaminadas e tentaram contaminar um grupo de voluntários da marinha que havia sido levado para Boston, nos Estados Unidos. Outras experiências foram feitas em São Francisco e no Japão. Acontece que vários cientistas ao redor do mundo fizeram experimentos sobre a influenza, houve inclusive um caso de um pesquisador, de nacionalidade alemã, que tentou contaminar-se para realizar o respectivo estudo. Algumas pesquisas foram pautadas na resolução da dúvida se a gripe era transmitida por um vírus ou uma bactéria.

---

<sup>384</sup> SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. A medicina e a influenza espanhola de 1918. **Tempo**, Rio de Janeiro, p. 91-105, 2005. p. 13. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v10n19/v10n19a07.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

<sup>385</sup> BENCHIMOL, 1999.

No histórico das pesquisas sobre a gripe, contém a última epidemia antes de 1918, um elemento importante, que foi a pesquisa do Dr. Friedrich Johann em Berlim, na qual achou que se havia concluído definitivamente qual microrganismo era responsável pela doença. O cientista afirmou ter isolado uma bactéria que ele denominou de *Hemiphilus influenzae* ficando conhecida também como bacilo de Pfeiffer, porém, essa certeza foi abalada com a espanhola de 1918<sup>386</sup>.

O mistério da gripe só seria resolvido mais tarde, fundamentado nos experimentos de Richard E. Shope, ao estudar a gripe suína associado com os resultados dos estudos de pesquisadores britânicos. O trabalho de Shope criou bases para as pesquisas da gripe, descobrindo o vírus da gripe suína e fazendo a ligação com a gripe humana de 1918. O vírus da gripe humana foi isolado em Londres, pela primeira vez, no ano de 1933, por Christopher Andrew, Wilson Smith e Patrick Laidlaw.

A espanhola é considerada uma das epidemias que mais devastou a humanidade no século XX, infectando cerca de 600 milhões e causando a morte entre vinte e quarenta milhões de pessoas. A Influenza espanhola teve manifestação em três momentos: a primeira em março de 1918, onde não houve registros de muitas mortes; a segunda em agosto do mesmo ano e que causou um grande número de óbitos; a terceira teve emergência a partir de janeiro de 1919 e foi até meados de 1920 em alguns lugares, no entanto, foi um surto epidêmico mais brando<sup>387</sup>.

A gripe espanhola tem seus primeiros registros no Brasil entre o fim de agosto e início de setembro de 1918. Os primeiros casos ocorreram na região Norte e em meados de setembro já houve notificações de casos na capital Federal, Rio de Janeiro.

O contexto da influenza espanhola no Brasil refere-se a retomada do nacionalismo para modernizar a sociedade, devido à guerra mundial. E para o grupo vinculado ao movimento sanitário da época, as melhorias das condições de saúde eram um dos mecanismos necessários para proporcionar a modernização do país, principalmente das áreas rurais que eram vistas como esquecidas pelo poder público.

---

<sup>386</sup> KOLATA, Gina. **Gripe: a história da pandemia de 1918**. Rio de Janeiro: Campus, 2008.

<sup>387</sup> SOUZA, Christiane Maria Cruz de. A epidemia da gripe espanhola: um desafio à medicina baiana. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 945-972, out. – dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v15n4/04.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

Segundo Goulart,<sup>388</sup> as condições sanitárias do país sob o surto epidêmico da influenza fizeram com que a imprensa cobrasse uma atuação mais efetiva da Diretoria Geral de Saúde Pública, no combate à epidemia e na sua respectiva profilaxia. O jornal *O Paiz*, no fim de setembro de 1918, já cobrava a atuação do governo no combate à gripe, afirmando que

O governo já anunciou que está providenciando no sentido de evitar que a infecção se propague nos portos brasileiros visitados pelos navios vindos de Dakar. Mas, é evidente que não basta desinfetar os navios e internar nos hospitais de isolamento os doentes cujo caso seja suspeito. Cumpre que a Diretoria Geral de Saúde Pública explique a população as medidas que devem ser adotadas como precaução contra um possível surto epidêmico da influenza espanhola<sup>389</sup>.

Em outro artigo, o Jornal *O Paíz* criticou as condições sanitárias do Brasil as vésperas do final do quadriênio do governo Wenceslau Braz, demonstrando a urgência em reformular os mecanismos de controle sanitário do país e ponderando que

Infelizmente, a confiança em que embalava o nosso público, certo de que com a obra de Oswaldo e de seus esforçados companheiros, estava encerrada a missão de higiene pública no Brasil, acarretou um retrocesso na nossa organização sanitária<sup>390</sup>.

Essa problemática não refletia somente problemas do ponto de vista burocrático, mas também se constitui como parte do abalo da confiança na teoria bacteriológica, diante do poder devastador e veloz da espanhola.

Em São Paulo, no início de outubro, foram noticiados inúmeros casos suspeitos da gripe e que foram depois confirmados oficialmente com a entrada de um estudante oriundo do Rio de Janeiro, infectado pela espanhola. Artur Neiva, diretor do Serviço Sanitário, anunciou a presença da influenza na cidade. Foram, então, publicadas

---

<sup>388</sup> GOULART, Adriana da Costa. **O cenário mefistofélico**: a gripe espanhola no Rio de Janeiro. 2003. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

<sup>389</sup> A INFLUENZA hespanhola. **O Paiz**, Rio de Janeiro, ano XXXIV, n. 12.405, p. 4, 27 set. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

<sup>390</sup> A DEFESA sanitária. **O Paiz**, Rio de Janeiro, ano XXXIV, n. 12.410, p. 4, 2 out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso: 16 jul. 2017.

medidas de higiene que se deviam providenciar para combater a proliferação da doença. A epidemia modificou, portanto, os hábitos da população paulista, entretanto, em muitos casos houve resistência da população, nas suas relações socioculturais, em relação às autoridades médicas e aos efeitos devastadores da epidemia<sup>391</sup>. Bertolli Filho destaca que a hierarquização do atendimento sanitário, diante de um momento dramático, como o surto da influenza de 1918, revelou com mais clareza as desigualdades sociais vigentes em São Paulo<sup>392</sup>.

Na Bahia, de acordo com Souza, a classe médica reagiu da seguinte maneira em relação a epidemia:

No período de incidência da gripe espanhola, pressões políticas e econômicas, nacionais e internacionais, faziam com que doenças como a peste, a varíola, a cólera e a febre amarela, ocupassem lugar de destaque na agenda das autoridades médicas e sanitárias da Bahia. Assim, ao serem solicitados a explicar o mal que grassava de forma epidêmica em Salvador desde a primeira quinzena de setembro de 1918, os médicos trataram de tranquilizar a população e de minimizar os riscos, reforçando a ideia de que aquela era uma doença familiar e benigna<sup>393</sup>.

Diante das controvérsias, inclusive vindas da classe científica europeia, criou-se na Bahia uma comissão de caráter clínica e epidemiológica para o estudo da epidemia que se espalhava pelo Estado. A comissão concluiu que se tratava realmente da influenza e buscou recomendar medidas de higiene, tanto do ponto de vista individual como coletivo, no intuito de minimizar a disseminação da enfermidade. Consta-se que o posicionamento da classe médica esteve condicionado também ao contexto sociocultural, econômico e político, do momento da eclosão da epidemia<sup>394</sup>.

Houve, todavia, controvérsias em torno da influenza também na realidade pernambucana, que havia tido os primeiros registros da gripe no final de setembro, após a entrada de passageiros contaminados pela espanhola, vindos no “Vapor Piauhy”<sup>395</sup>. O deputado Andrade Bezerra, que era representante pernambucano na

<sup>391</sup> BERTUCCI-MARTINS, L. M. Entre doutores e para leigos: fragmentos do discurso médico da influenza de 1918. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 14-157, jan. – abr. 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12n1/07.pdf>>. Acesso em: 6 jul. 2016.

<sup>392</sup> BERTOLLI FILHO, 2003.

<sup>393</sup> SOUZA, 2008, p. 967.

<sup>394</sup> SOUZA, 2008.

<sup>395</sup> DIÁRIO de Pernambuco. Recife, anno 94, n. 302, p. 4, 2 nov. 1918. Disponível em: < <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso: 16 jul. 2016.

câmara, recebeu o seguinte telegrama do governador do Estado, preocupado com a epidemia que chegava a Recife em fins de setembro de 1918:

A moléstia ainda indeterminada, surgida intensamente na Espanha e Portugal [...] levou a diretoria de higiene a tomar as medidas necessárias a fim de evitar a sua entrada em nosso território. Em conferência com o inspetor de Saúde dos Portos, o diretor de higiene, apresentou a inconveniência de serem recolhidos no Hospital de Santa Águeda situado no coração da cidade [...]<sup>396</sup>.

Devido à impossibilidade do recolhimento dos doentes no Hospital Santa Águeda, o inspetor de saúde dos portos do Recife ficou insatisfeito com tal medida, proposta por Abelardo Baltar e afirmou que “[...] abandonaria os doentes no cais caso não fossem recolhidos no Santa Águeda”<sup>397</sup>. A partir dessa querela, o governador do Estado, Manoel Borba, remeteu um telegrama ao ministro da justiça, explicando a respectiva problemática. Em resposta ao Inspetor de saúde dos portos, O diretor geral de saúde, dr. Carlos Seidl, enviou a seguinte resposta, em que destacamos alguns trechos:

Todos os navios mesmo os que tiverem inspetor sanitário marítimo, de procedência europeia, africana, asiática, embora tenham já tocado em outro porto nacional, deverão ser atentamente visitados. Todos os passageiros, principalmente os da 3ª classe, examinados individualmente, para seleção dos doentes e suspeitos, deverão ser internados no hospital de isolamento, e no ato da remoção, acompanhados de guia explicativo dessa medida [...]. Como se trata de afecção epidêmica, imperfeitamente caracterizada, portanto não pode satisfazer aos intuítos da nossa defesa sanitária os dados controversos que possuímos, deveria usar de todos os meios de profilaxia indeterminada, julgando possível a contaminação pelas pessoas, pelas roupas, pelo ar, pela água, pelos alimentos, pelos insetos<sup>398</sup>.

A afirmação imprecisa, do diretor geral de saúde, sobre a contaminação e a profilaxia da epidemia da espanhola, reflete justamente as limitações do saber médico e sanitário da época, em lidar com a doença, que durante longo tempo não se constituiu de uma preocupação mais apurada do campo médico-científico.

<sup>396</sup> A INFLUENZA hespanhola. **O Paiz**, Rio de Janeiro, anno XXXV, n. 12.413, p. 6, 5 out. 1918. Disponível em: < <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso: 16 jul. 2016.

<sup>397</sup> A INFLUENZA hespanhola. **O Paiz**, Rio de Janeiro, anno XXXV, n. 12.413, p. 6, 5 out. 1918

<sup>398</sup> *Ibid.*, p. 6.

De acordo com as investigações dos inspetores sanitários do Recife, durante os primeiros relatos da epidemia da gripe no país, os responsáveis por disseminar a espanhola na cidade seriam os trabalhadores das docas, visto que eles residiam em diferentes localidades da cidade e haviam contraído a doença nos armazéns do porto do Recife, de onde a moléstia aportava por excelência<sup>399</sup>.

A incidência e o combate à epidemia da gripe foram documentados num relatório apresentado ao secretário geral do Estado, em 25 de novembro de 1918, por Octávio de Freitas, que exercia nesse momento o cargo de diretor de higiene. Nesse documento foi apresentado como a epidemia eclodiu no Recife, analisando os dados estatísticos e descrevendo quais foram as medidas adotadas pela diretoria no combate a moléstia.

Esse relatório sobre a epidemia foi também publicado na mídia impressa<sup>400</sup>. Alexandre Farias<sup>401</sup> busca analisá-lo sob a perspectiva jornalística, investigando os discursos construídos em torno da epidemia. O pesquisador aponta duas formações discursivas: a governamental e a oposicionista. A oposicionista enfatizava as condições de insalubridade da cidade, enquanto que a governamental, materializada nos relatos e análises de Octávio de Freitas, buscava elaborar explicações do ponto de vista da ciência médica, destacando, sobretudo o que a epidemia teve de modo inesperado e imprevisível, inclusive para os construtos teóricos e práticos da ciência da época.

Nesse sentido, o periódico *A província*<sup>402</sup>, que era um órgão do partido liberal, fundado em 1872; havia tido vários embates desse veículo de comunicação com o *Diário de Pernambuco*. O *Diário* é o jornal mais antigo em circulação na América Latina, fundado em 7 de novembro de 1825. O episódio relacionado ao cenário

<sup>399</sup> FREITAS, Octávio. **Relatório dos serviços effectuados durante a epidemia da “influenza”**. Recife: Typ. da Imprensa oficial, 1918.

<sup>400</sup> Em 4 de dezembro de 1918 os Jornais *Diário de Pernambuco* e *A ordem* também publicaram em suas páginas esse relatório.

<sup>401</sup> FARIAS, Eduardo Alexandre de. Ilustre doutor: o discurso médico como notícia através do relatório final da gripe espanhola no Recife. In: CONGRESSO MULTIDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL, Universidade metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP. **Anais...** São Bernardo, SP, 2006. Disponível em: <[http://www.projedoradix.com.br/arq\\_artigo/IX\\_23.pdf](http://www.projedoradix.com.br/arq_artigo/IX_23.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2011.

<sup>402</sup> NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco (1821-1954)**. Recife: Imprensa Universitária UFPE, 1966. V. 2. Disponível em: <[http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia\\_da\\_imprensa\\_v02.pdf](http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia_da_imprensa_v02.pdf)>. Acesso em: 14 abr. 2017.

eleitoral em 1911 acarretou conflitos para a imagem da instituição. A oposição a candidatura de Dantas Barreto foi estampada nas páginas do jornal, ao apoiar o candidato Conselheiro Rosa e Silva, seu proprietário na época. Com o resultado das eleições favoráveis ao candidato apoiado, o *Diário de Pernambuco* publicou um editorial intitulado “*Vitória digna*”, em novembro de 1911, afirmando que “o pleito eleitoral travado no dia 5 do corrente, e cujo resultado está agora plenamente conhecido, passará a história como a mais bela afirmação dos sentimentos liberal dos homens que, em Pernambuco, tem as responsabilidades do poder”<sup>403</sup>.

Esse posicionamento do periódico acarretou diversos conflitos com ameaças de depredação, espancamento e morte dos apoiadores do outro candidato, forçando o *Diário de Pernambuco* a suspender sua circulação diária por alguns momentos, culminando com seu empastelamento em 27 de fevereiro de 1912. O Diário voltou a circular, em 26 de janeiro de 1913, e buscava construir uma imagem de neutralidade, na tentativa de distanciar-se dos episódios ocorrido em 1911, ao dizer que

O Diário de Pernambuco entra de novo no ciclo de sua atividade Jornalística, depois duma longa interrupção motivada pelos graves acontecimentos que convulsionaram esta capital quando, sendo ainda seu proprietário o conselheiro Rosa e Silva, defendia, debaixo dos maiores perigos, a bandeira do partido chefiado por aquele nosso ilustre conterrâneo, sob a direção do intemerato pernambucano dr. Elpidio de Figueiredo". Adiantou não ter "compromissos de natureza alguma com o partido apeado do poder pelo movimento de 1911", nem "ligações partidárias com qualquer dos três grupos políticos que presentemente servem sob as ordens do honrado governador do Estado"<sup>404</sup>.

Nos anos seguintes, o jornal buscou reiterar sua imagem de imparcialidade, contudo, por trás desses veículos de comunicação havia demarcações políticas, mesmo que não fossem declaradas, como no *Diário de Pernambuco*. Desse modo, para analisar a atuação de Octávio, no episódio da gripe espanhola, utilizamos dentre as fontes, esses dois jornais de grande circulação e de posicionamentos diferenciados na construção das narrativas sobre a gripe. *A província*, declaradamente

---

<sup>403</sup> NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco (1821-1954)**. Recife: Imprensa Universitária UFPE, 1966. v. 1 p. 127. Disponível em: <[http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia\\_da\\_imprensa\\_v02.pdf](http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia_da_imprensa_v02.pdf)>. Acesso em: 08 maio. 2017.

<sup>404</sup> NASCIMENTO, 1966, p. 132.

oposicionista, possibilita-nos o confronto com outras vozes em relação à epidemia da espanhola.

Nessa perspectiva, a imprensa no contexto em que estamos estudando, era palco por excelência dos debates políticos e caminhos para inserção no campo intelectual. Octávio era, portanto, um homem de imprensa e de posicionamentos políticos.

Mencionado isso, constata-se que, aos poucos, no mês de outubro, a imprensa recifense começou a publicar artigos sobre a epidemia na cidade, todavia, esses artigos possuíam variações em suas abordagens, mostrando diversas facetas da mesma epidemia, de acordo com a produção jornalística vinculada<sup>405</sup>.

Assim, em 4 de outubro de 1918, o *Diário de Pernambuco* publicou receitas para a prevenção e o combate à influenza:

Preservativo: Deixar enxofre na água que beber e cozinhar. A um litro de água adicionar: cascas de dois limões e uma colher de chá de erva doce, uma colher de sopa de tintura de bryonia.

Pra usar 6 gotas em um cálice d'água 2 vezes ao dia. Tomar de preferência na volta dos passeios ou trabalho. Sendo atingido pelo mal no uso deste medicamento será o mesmo de forma benigna.

Curativo: Uma purgante d'água vienense deve ser tomado imediatamente se a pessoa se sentir doente. Duas horas depois fará lavagens intestinais com um litro de água morna ou cozimento de pimenta d'água, adicionando uma colher de sopa de glicerina. No dia seguinte ao do purgante, o doente usará o seguinte remédio: um vídeo de magnésia fluída, adicionando-lhe 20 gotas de tintura de bryonia, 10 gotas de tintura verde, 10 gotas de tintura de ipecacuanha, e 10 gotas de tintura de beladona.

Para tomar uma colher de 2 em 2 horas. Sendo a lavagem de ½ litro, a glicerina entrará na dosagem de ½ colher de sopa. As crianças usarão os medicamentos pela metade<sup>406</sup>.

Com a epidemia da gripe espanhola, algumas teorias, inclusive consideradas ultrapassadas, foram resgatadas em meio ao pânico que a enfermidade havia instalado. As controvérsias e limitações do conhecimento médico sobre a influenza fizeram aparecer explicações e remédios diversos, como instrumento para a sua cura.

<sup>405</sup> FARIAS, Eduardo Alexandre de. **Jornalismo a espanhola**: um olhar sobre o noticiário recifense da epidemia da gripe de 1918. 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

<sup>406</sup> A GRIPE hespanhola. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno, 94, n. 27, p. 3, 4 out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Ao descrever os sintomas da doença, o *Diário de Pernambuco*, no início de outubro, ainda não afirmava com precisão sobre a gravidade da epidemia para a cidade:

Conforme se tem dito trata-se da influenza nas suas formas conhecidas. O acesso começa ordinariamente por uma sensação de fadiga e amolecimento acompanhado de dores de cabeça, calafrios, irritação das vias respiratórias e febre. Cessa ordinariamente ao fim de três ou quatro dias, deixando os doentes conforme a resistência pessoal de cada um, mais ou menos abatidos.

Nesta capital ela se tem difundido bastante, sendo já considerável o número de casos (“não de vítimas), confusão deplorável a que tem dado lugar a extrema exploração que aqui vem se fazendo na imprensa em torno dessa epidemia<sup>407</sup>.

Para prevenir e combater a epidemia foram usados alguns mecanismos disponíveis na época, como a vacinação antivariólica, apesar de poucas experiências terem sido realizadas; de acordo com Freitas, essa vacina tem sua justificativa na atenuação dos efeitos da gripe, na medida em que ela causava a imunização contra os estafilococos e os estreptococos, micróbios esses que vinham agravando o estado de saúde dos infectados com a espanhola<sup>408</sup>.

No que se refere aos medicamentos, foram utilizados os sais de quinina, que já eram empregados em larga escala contra a gripe e no Recife também foram utilizadas injeções de sais de mercúrios, em vista de que muitos pacientes de Octávio de Freitas e de alguns outros médicos, terem sido observados que, ou não contraíram a gripe ou a tiveram de forma muito branda<sup>409</sup>. Outras medidas paliativas foram muito utilizadas para atenuar os sintomas da espanhola, como “[...] injeções de óleo canforado, de água salgada, de esparteína, de adrenalina, de digitalina e outras”<sup>410</sup>. A população pobre também recebeu gratuitamente medicamentos nos postos de socorros para o atendimento da gripe<sup>411</sup>.

A Diretoria de Higiene esteve em bastante atividade durante o surto epidêmico, e mantinha em sua sede médicos das 6 h da manhã às 18 h da tarde para atender e

<sup>407</sup> A INFLUENZA hespanhola. *Diário de Pernambuco*, Recife, anno 94, n. 277, p. 1, 8 out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

<sup>408</sup> FREITAS, 1918, p. 18.

<sup>409</sup> Ibid.

<sup>410</sup> Ibid., p. 20.

<sup>411</sup> A INFLUENZA hespanhola. *Diário de Pernambuco*. Recife, anno 94, n. 301, 1 de nov. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

orientar a população sobre a influenza, chegando inclusive a realizar o atendimento em domicílio quando necessário<sup>412</sup>.

Levando-se em conta essa situação, a influenza modificou o cotidiano da população recifense afetando até mesmo a economia, diante dos grandes números de trabalhadores doentes nas empresas. Foram também suspensas as aulas das escolas municipais e de outras instituições de ensino, como a Liga Pernambucana Contra o Analfabetismo e a Academia de Comércio, com o objetivo de evitar ainda mais a proliferação da doença pela cidade<sup>413</sup>. Algumas escolas públicas foram utilizadas como Delegacias de Saúde durante o surto epidêmico<sup>414</sup>. Tendo isso em vista, em relação ao medo proporcionado pelas epidemias, Philippe Ariés<sup>415</sup> aponta que, em contextos de peste, as relações entre os vivos transformam-se.

A morte do diretor de higiene Abelardo Baltar, em 13 de outubro de 1918,<sup>416</sup> colocou em evidência a gravidade da epidemia da gripe. Ao assumir a Diretoria de Higiene, em 15 de outubro, a atuação de Octávio de Freitas, durante a proliferação da gripe espanhola, é vista nos relatos sobre a gripe, presentes na imprensa ou nas narrativas de seus memorialistas, como um elemento crucial no combate a essa enfermidade, que assombrou a população recifense e suas adjacências. O *Diário de Pernambuco* utilizou as seguintes palavras sobre a posse de Freitas no dia anterior:

A convite do Exmo Sr. Governador do Estado assumiu, ontem em comissão, as funções de diretor de Higiene Pública do Estado, **o ilustre cientista Dr. Octávio de Freitas, nome que, por si só, é garantia de uma competência, zelo e dedicação pela causa pública.** Sendo como é, **o Dr. Octávio de Freitas, um dos mais brilhantes e reputados bacteriologista do Brasil,** e como tal unanimemente reconhecido e atacado em todo o país, nenhum outro nome, poderia melhor encontrar-se neste momento, à altura espinhosa missão que lhe confiou o governo; nenhum poderia ser mais bem recebido, quer pela classe médica, quer pela população em geral<sup>417</sup>.

<sup>412</sup> A INFLUENZA hespanhola. *Diário de Pernambuco*, Recife, anno 94, n. 280, p. 3, 11 out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

<sup>413</sup> *Ibid.*, p. 3.

<sup>414</sup> FREITAS, Octávio de. *Ofício da Diretoria de Higiene e Saúde*. Recife, 30 nov. 1918. APEJE. Acervo da Secretária de Saúde do Estado de Pernambuco (1845-1997).

<sup>415</sup> ARIÉS, Philippe. *História da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

<sup>416</sup> A INFLUENZA hespanhola. *Diário de Pernambuco*, Recife, anno 94, n. 283, p. 3, 14 out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

<sup>417</sup> DR. OCTÁVIO de Freitas. *Diário de Pernambuco*, Recife, anno 94, n. 285, p. 1, 16 out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 25 jul. 2016. (grifos nossos).

No mesmo dia o Jornal *A Província* também noticiou a nomeação de Freitas:

A população inteira do Recife estava receosa que a escolha do novo diretor da Higiene não recaísse sobre um profissional competente e de responsabilidade.

Desta escolha dependeria certamente a continuação dessas medidas incompletas da Higiene, que pouco ou nada têm produzido a bem da saúde pública, ou então mudança radical naquela rotineira repartição.

**Foi nomeado ontem o Dr. Octavio de Freitas, médico de merecimento, cuja competência é incontestada.**

Ele vai ocupar um cargo de grande responsabilidade, mormente no tempo atual, em que a cidade está a braços com uma terrível epidemia.

O Dr. Octavio de Freitas certamente há de emprestar, há de empregar o melhor de sua inteligência e esforço para debelar este mal que apavora a capital, empregando medidas eficazes de higiene. É o que o povo espera, a bem de sua saúde, que até ontem não mereceu a devida atenção dos poderes competentes<sup>418</sup>.

Na nossa visão, a fabricação de uma autoridade no campo da medicina científica, no qual Octávio estava inserido, permitia a construção de narrativas que o colocavam numa perspectiva de prestígio no exercício de suas atividades públicas. Tanto o *Diário de Pernambuco* quanto o Jornal *A Província*, ao noticiarem sobre a posse do higienista, utilizaram-se de adjetivos que indicam o reconhecimento de sua figura pública e revelam a influência que sua autoridade no campo da saúde pública possuía, ao contaminar as páginas, não só da imprensa, mas também das narrativas esboçadas por seus memorialistas a posteriori, como por exemplo, ao utilizarem a seguinte afirmação de que “como diretor de higiene e Saúde Pública do Estado combateu a mortífera epidemia da Gripe espanhola (1918-1919) [...]”<sup>419</sup>.

Uma das primeiras medidas realizada pelo novo diretor de higiene foi tornar obrigatório a notificação dos casos de gripe e dos respectivos óbitos, em decorrência dessa enfermidade, para que possibilitasse acompanhar melhor a disseminação da doença<sup>420</sup>. Nesse mesmo dia em que assumiu, Freitas solicitou, em ofício, a Secretária Geral do Estado que todos os médicos, funcionários do Estado e do município do Recife, fossem colocados, em caráter de urgência, à disposição da Diretoria de

<sup>418</sup> A INFLUENZA. *A Província*, Recife, ano XLI, n. 285, p. 1, 16 out. 1916. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 21 abr. 2017

<sup>419</sup> FREITAS, 1993, p. 97.

<sup>420</sup> DIÁRIO de Pernambuco. Recife, anno 94, n. 285, p. 1, 16 out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Higiene para intensificar o combate à epidemia da influenza<sup>421</sup>. Os armazéns, o cais do Porto e suas adjacências foram desinfetados<sup>422</sup> para o combate ao respectivo surto epidêmico<sup>423</sup>.

Outras medidas foram executadas para enfrentar a proliferação da gripe, como a proibição de visitas aos hospitais e cemitérios, incluindo o acompanhamento dos enterros<sup>424</sup>. Essas medidas passavam pelo aumento do autoritarismo construído pelo saber medico-científico no exercício de sua autoridade, diante de uma população que estava vitimada por uma epidemia de grande magnitude e que ia de encontro às práticas cotidianas da população, visto que eram “grandes as multidões que aguardavam os cortejos fúnebres”<sup>425</sup>.

O medo produzido pela gripe provocou mudanças abruptas no cotidiano na população, até porque as incertezas e o desencontro de informações sobre a doença eram fatores importantes na reavaliação de medidas higiênicas necessárias para evitar a contaminação pelo vírus da influenza.

Devido a amplitude da gripe, durante o mês de outubro de 1918, o número diário de óbitos (ver tabela 4) no Recife subiu repentinamente, de acordo com os dados do relatório de Freitas, e o medo alastrou-se pela cidade em decorrência da influenza. Houve problemas na contabilização dos números de mortes, decorrentes da epidemia, visto que muitos diagnósticos dos médicos foram imprecisos, algo que inclusive já era um problema recorrente nas estatísticas de óbitos da cidade; e que numa epidemia dessa magnitude, como foi a espanhola, esse problema havia ampliado-se. Na tentativa de minimizar os obstáculos dessa questão, Octávio de Freitas decidiu considerar os 642 óbitos indeterminados como casos suspeitos da gripe espanhola<sup>426</sup>. Outra medida importante, quando Octávio já estava no cargo de

---

<sup>421</sup> FREITAS, Octávio de. **Ofício da Diretoria de Higiene e Saúde Pública**. Recife, 15 out. 1918. APEJE. Acervo da Secretária de Saúde do Estado de Pernambuco (1845-1997).

<sup>422</sup> Não encontramos na documentação consultada quais eram os procedimentos utilizados para tais desinfestações.

<sup>423</sup> A INFLUENZA. **A Província**, Anno XXI, n. 286, p. 17, out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

<sup>424</sup> FREITAS, 1918.

<sup>425</sup> A INFLUENZA. **A província**, Recife, anno XLI, n. 281, p. 1-2, 12 out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

<sup>426</sup> FREITAS, op cit.

diretor de higiene, foi a criação do serviço de verificação de óbitos, anexa ao órgão, para tentar diminuir o problema das estatísticas sobre a gripe<sup>427</sup>.

**Tabela 4 – Mortalidade diária pela gripe no Recife em outubro de 1918**

| Dias | Influenza | Suspeitos | Total |
|------|-----------|-----------|-------|
| 1    | 4         | 4         | 8     |
| 2    | 6         | 5         | 11    |
| 3    | 4         | 3         | 7     |
| 4    | 6         | 3         | 9     |
| 5    | 6         | 0         | 6     |
| 6    | 12        | 4         | 16    |
| 7    | 12        | 6         | 18    |
| 8    | 17        | 8         | 25    |
| 9    | 20        | 11        | 31    |
| 10   | 36        | 45        | 45    |
| 11   | 44        | 23        | 67    |
| 12   | 70        | 38        | 108   |
| 13   | 42        | 23        | 65    |
| 14   | 87        | 22        | 109   |
| 15   | 60        | 35        | 95    |
| 16   | 100       | 42        | 142   |
| 17   | 92        | 36        | 128   |
| 18   | 86        | 44        | 130   |
| 19   | 86        | 39        | 125   |
| 20   | 62        | 45        | 107   |
| 21   | 57        | 2         | 59    |

<sup>427</sup> FREITAS, Octávio. **Ofício da Diretoria de Higiene e Saúde Pública**. Recife, 29 out. 1918. APEJE. Acervo da Secretária de Saúde do Estado de Pernambuco (1845-1997).

(continuação)

| Dias | Influenza | Suspeitos | Total |
|------|-----------|-----------|-------|
| 22   | 59        | 75        | 134   |
| 23   | 51        | 29        | 80    |
| 24   | 42        | 37        | 79    |
| 25   | 43        | 23        | 66    |
| 26   | 20        | 16        | 36    |
| 27   | 29        | 3         | 32    |
| 28   | 21        | 26        | 47    |
| 29   | 27        | 10        | 37    |
| 30   | 32        | 11        | 43    |
| 31   | 18        | 10        | 28    |
| Soma | 1251      | 642       | 1893  |

Fonte: Extraída de: FREITAS, 1918, p. 11.

O jornal *A província* questionou os dados fornecidos pela Diretoria de higiene em torno do número de óbitos durante o auge da epidemia. Segundo o periódico, os números oficiais fornecidos de morte por dia ficavam em torno de 45, 42 e 34, algo que não correspondia à realidade de 100 ou mais enterros que estavam ocorrendo diariamente. Apesar de criticar as estatísticas da Diretoria de Higiene, o respectivo jornal não acusa Octávio de Freitas diretamente sobre essa problemática e reitera a confiança em sua competência científica na gestão dos serviços de saúde, ao proferir as seguintes observações:

Não quer isto dizer que ponhamos em dúvida a existência dos atestados da repartição competente. Não.

Se o Dr. Octavio de Freitas, cuja **probidade científica** nós proclamamos em altos sons, diz que existem, na sua mesa, 30 ou 50 atestados de óbitos da epidemia, é que 30 ou 50 atestados são os que foram passados naquele sentido pelos médicos respectivos.

**E então o iminente diretor do Instituto Pasteur, nosso velho amigo de sempre, o ilustre diretor da Higiene está sendo iludido e a estatística que lhe estão preparando é falsa<sup>428</sup>.**

Em artigo publicado, em 25 de outubro de 1918, *A província* criticou o uso do termo Thanatomorbia, o qual seria um neologismo utilizado para atestados de óbitos em que a causa da doença não era definida. “Assim, a thanatomorbia significa que o defunto morreu de **doença mortal**, e mais nada; **thanatos**, morte; **morbus**, doença<sup>429</sup>. Octávio, por sua vez, também se posicionou contra o emprego dessa terminologia nos atestados de óbitos.

Apesar da problemática nas estatísticas em relação aos óbitos, Octávio de Freitas estimou que a Gripe, em 1918, acometeu cerca de 120.000 pessoas no Recife e teria levado a óbito cerca de 1.250 enfermos<sup>430</sup>.

Foram observados que a maioria dos óbitos vinham de complicações decorrentes da associação da gripe com estreptococos e a sua presença na corrente sanguínea, podendo acarretar infecções pulmonares e intestinais aos acometidos com a gripe. Se essas infecções aparecerem no quinto ou sétimo dia da influenza, segundo as observações médicas da época, a morte era quase certa aos enfermos<sup>431</sup>.

O *Diário de Pernambuco* afirmou em 19 de outubro que o ritmo de contaminação da gripe vinha declinando e era perceptível o aumento do número de pessoas nas ruas, em restaurantes e cafés, todavia, as casas destinadas às diversões permaneciam fechadas e recomendava-se que as pessoas não saíssem durante a noite para evitar resfriamentos ou possíveis reinfecções decorrentes da espanhola<sup>432</sup>. No dia seguinte, O jornal *A Província* também afirmou que era visível a volta da movimentação da população nas ruas e o número de óbitos no cemitério de Santo

---

<sup>428</sup> AS ESTATÍSTICAS. **A província**, Recife, anno XLI, n. 293, p. 1, 24 out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 21 abr. 2017. (grifos nossos).

<sup>429</sup> A THANATHORMOBIA. **A província**, Recife, anno XLI, n. 294, p. 1, 25 out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 21 abr. 2017. (grifos do autor). Acesso em: 05 jun. 2017.

<sup>430</sup> FREITAS, 1919, p. 15.

<sup>431</sup> Ibid..

<sup>432</sup> A INFLUENZA hespanhola. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 94, n. 288, p. 1, 19 out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

Amaro, com casos da gripe, havia diminuído<sup>433</sup>. Ao mesmo tempo o dr. Carlos Seidl, Diretor Geral de Saúde Federal, era criticado ferozmente pela imprensa, chegando a ser chamado de “médico de besunto formidável e causador da propagação da epidemia”<sup>434</sup>.

Na mesma data de 19 de outubro, Octávio concedeu uma entrevista ao Jornal *O Pequeno* e buscava aparentar confiança nos resultados das medidas postas em prática para tentar solucionar o problema da epidemia, ponderando que

O Obituário pela Influenza baixou de anteontem para ontem, não tenha dúvida. Não lhe afirmo com segurança o número de óbitos, por que a notificação não está sendo feita com a regularidade necessária. Quero, porém, deixar-lhe patente que não tenho nenhum interesse em ocultar o obituário da influenza. O meu interesse é que ele diminua de verdade, para o que eu estou intensificando o serviço de visitas domiciliares, não somente de profilaxia, como também de socorros médicos<sup>435</sup>.

Octávio procurava ser enfático no seu papel de gestor de Saúde e no combate à epidemia da influenza espanhola. Buscava frisar na imprensa que estava cumprindo com rigor as determinações do regulamento de higiene vigente, em meio a questionamentos da imprensa local. No entanto, é preciso questionarmos até que ponto se deu a importância de suas medidas no declínio da gripe, visto que o seu posicionamento na imprensa, deu-se após apenas 4 dias de sua posse. Assim, os dados estáticos oficiais devem ser compreendidos com a devida cautela, devido às limitações da ciência médica no contexto da epidemia. Dessa forma, é preciso ponderar que o conhecimento médico da época, sobre a gripe, ainda não compreendia que o declínio da epidemia também pudesse estar associado não só em relação as medidas adotadas por Octávio de Freitas, mas também ao fato de que aos indivíduos

---

<sup>433</sup> A INLUENZA. **A Província**, Recife, anno XXI, n. 289, p. 1, 20 out. 1918. A PROVÌNCIA, Recife, anno XLI, n. 302, p. 21, 02 nov. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

<sup>434</sup> A INFLUENZA hespanhola. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 94, n. 288, 19 out. 1918. Telegramas, p. 1. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

<sup>435</sup> A INFLUENZA hespanhola. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 94, n. 289, p.3, 20 out. 1918. A PROVÌNCIA, Recife, ano XLI, n. 302, p. 21, 2 nov. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

que contraíram a gripe e curaram-se, eles estariam imunizados, com aquele tipo de vírus da influenza, antes de uma possível mutação<sup>436</sup>.

Enfim, a epidemia da gripe revelou conflitos e tensões naquele contexto. O abalo do saber médico colocou em destaque as limitações desse saber, Octávio, enquanto gestor da saúde, esteve sob pressão em diversas situações. A imprensa, no que lhe concerne, foi o território de críticas e divergências entre posições políticas, ao noticiar e avaliar a espanhola no Recife.

Desse modo, em artigo publicado pelo Jornal *A província*, em 2 de novembro de 1918, fica aparente a querela e os posicionamentos antagônicos entre esse veículo de comunicação e o *Diário de Pernambuco*, durante o episódio da espanhola. Com críticas aos posicionamentos do *Diário* e as ações governistas, o periódico emitiu a seguinte opinião:

**Os nossos colegas do 'Diário de Pernambuco' estão com vontade de, agora que a epidemia vai francamente declinando, passar as responsabilidades do governo do Estado, para a cabeça do médico da Saúde do Porto [...].**

Mas não esqueçamos que o 'Diário' já disse também que a imprensa, isto é, os jornais independentes estavam fazendo a epidemia.

Temos que lamentar essas duas mil mortes, ou mais, porque se não tomaram as providências necessárias; porque não tínhamos higiene, por que não se ligou a importância as reclamações dos dois jornais independentes da cidade. 'A Província' e 'o Jornal', por que **o Diário**, em vez de fazer coro conosco, **procurou fazer crer que a epidemia era uma criação dos oposicionistas**, e ainda porque não tenham morrido alguns amigos ou parentes do governo. Não fosse isso ainda estaríamos como no primeiro dia: o povo morrendo e o 'Diário' a dizer que era política e o governador a telegrafar para o Rio, dizendo que não era nada.

É preciso ir oferecendo embargos a esta outra epidemia que parece querer surgir da politicalha governista, e que acabaria querendo convencer ao público de que, se houve epidemia, foi todo mundo o culpado, menos o governador do Estado.

Todas estas mortes caem sobre suas cabeças. Porque muitos não teriam morrido se ele não tivesse estragado a Higiene do Estado entregando-a a parentes.

**Quando o flagelo foi combatido seriamente, quando a higiene saiu das mãos dos incompetentes**, o tio inclusive, a epidemia cedeu<sup>437</sup>.

<sup>436</sup> Sobre o ciclo do vírus da gripe ver: RODRIGUES, Bruno Furlaneto et al. Vírus influenza e organismo humano. **Revista APS**, São Paulo, v. 10, n.2, p. 210-216. Jul/dez. 2017. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/nates/files/2009/12/13virus.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

<sup>437</sup> A PROVÍNCIA, Recife, anno XLI, n. 302, p. 21, 2 nov. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 15 abr. 2017. (grifos nossos)

A crítica acima, feita pela *A província*, referia-se também a matéria publicada no dia anterior pelo *Diário de Pernambuco*, no qual posicionava-se sobre a responsabilidade da gravidade da gripe, da seguinte maneira:

Passada a fase aguda da epidemia que tanto mal nos fez e que tanta justiça e maldade tem dado pretexto, cabem aqui algumas considerações sobre as **pretensas responsabilidades da *influenza* nesta capital [...]**.

**Ninguém ignora ter sido a Saúde do Porto que introduziu na cidade os primeiros doentes de *influenza***, tripulantes do Piauí; e a maneira como o fez, sem notificação prévia a Repartição de Higiene do Estado, sem qualquer precaução que fosse, deu lugar a que aquela repartição pelo seu então diretor, protestasse contra o fato [...]. Foi ainda a Saúde dos Portos que, dias depois, fez acostar ao cais da rua da Aurora, um escaler cheio de doentes, alguns em estado melindroso. Novo protesto da higiene do Estado, pelo seu novo diretor Dr. Octávio de Freitas.

**Se fosse lícito admitir que a ausência daquele primeiro fato (entrada de doentes do 'Piauí') nos teria evitado a epidemia, é claro que ninguém deveria ser por ela responsabilizado senão o dr. Inspetor da Saúde do Porto**<sup>438</sup>.

Mesmo ao criticar o governo, A Província não deixa de ressaltar, em sua visão, a seriedade no combate à gripe espanhola após a mudança de gestão dos serviços de saúde no Estado. Com o declínio do número de óbitos pela gripe, no início do mês de novembro de 1918, a importância da atuação de Octávio de Freitas, parece ser um dos poucos elementos concordantes pelos dois veículos de comunicação, no que se refere ao episódio da gripe espanhola.

No fim de outubro, a imprensa pernambucana já noticiava, com mais precisão, tomando como base os dados fornecidos pela diretoria de higiene, o declínio do surto epidêmico,<sup>439</sup> que vinha solapando o ritmo cotidiano da cidade do Recife com a suspensão de atividades escolares e de divertimento, além do impacto na economia; contudo, em 31 de outubro já era anunciado que “o movimento das ruas voltou a ser numeroso, estando reabertas todas as casas de diversões”<sup>440</sup>.

É significativo ressaltar a importância dos jornais, que naquele momento, constituíram-se de fontes de informação para a população Recifense sobre a

<sup>438</sup> DIÁRIO de Pernambuco, Recife, anno 94, n. 301, 1 nov. 1918. Várias, p. 3. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15. Abr. 2017.

<sup>439</sup> A INFLUENZA espanhola. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 94, n. 294, p. 1, 26 out. 1918. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 22 jul. 2016.

<sup>440</sup> A INFLUENZA hespanhola. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 94, n. 300, p. 3, 31 de out. 1918. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 22 jul. 2016.

espanhola. Apesar dos embates políticos dos diversos veículos de comunicação, foram eles que informaram os primeiros casos de enfermos acometidos pela gripe, à medida em que a cada dia a epidemia alastrava-se pela cidade e ganhava espaço nas páginas dos periódicos em circulação. É por meio dessas narrativas construídas por essas fontes que se pode perceber com mais clareza as mudanças ocorridas no cotidiano da cidade do Recife, em um momento delicado, no qual nosso protagonista esteve envolvido na gestão dos serviços de saúde. As notícias veiculadas nesse período demonstram as atividades da cidade estagnarem aos poucos, durante o mês de outubro de 1918, modificando a vida do recifense, que estava sendo tomada pelo medo e insegurança que o surto epidêmico trazia consigo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao narrarmos a trajetória de Octávio de Freitas contamos várias histórias, dispersas em diferentes temporalidades e espaços, a partir da escolha dos fragmentos e vestígios deixados por nosso protagonista. Partindo das narrativas de traços autobiográficos pudemos conhecer melhor os marcos referenciais compartilhados por ele, com suas escolhas e silenciamentos sobre suas memórias. Sua vasta produção no universo da escrita, levaram-nos a buscar fontes arquivísticas institucionais e outras memórias que nos indicassem caminhos para relatar, fragmentar e produzir uma narrativa histórica factível.

Nosso primeiro contato foi com sua autobiografia e as narrativas memorialísticas sobre Octávio. Ao narrarmos sua trajetória foi necessário recorrer a outros documentos como periódicos, atas e ofícios, na tentativa de compreender com mais clareza as perguntas que iam surgindo no processo de pesquisa documental e na respectiva escrita do trabalho dissertativo. O aporte teórico-metodológico sobre a produção autobiográfica e biográfica deram-nos suporte para compreender melhor os limites e desafios em narrar uma história de vida, e fizeram-nos realizar escolhas das histórias que poderíamos contar, sem a pretensão de fixar uma identidade totalizante de nosso personagem.

Com a nossa pesquisa documental e bibliográfica foi possível mapear a trajetória científica e intelectual de Octávio de Freitas. Os múltiplos papéis que exerceu em sua vida pública possibilitaram-nos contar em três partes sua carreira profissional. Referimo-nos aqui as funções de médico, higienista, sanitarista, escritor, cronista e professor. Nos capítulos, objetivamos entender quais foram as prerrogativas que o tornaram uma figura emblemática na história da saúde pernambucana.

Desse modo, buscamos compreender Octávio como um profissional partícipe do campo da medicina experimental, em construção no Brasil de fins do século XIX e início do XX. Sua formação acadêmica e intelectual, bem como suas redes de sociabilidade foram importantes para compreender quais eram suas influências teóricas e práticas no ramo da medicina e quais foram suas estratégias de negociação para inserção e deslocamentos realizados na sua trajetória.

Encontramos no cruzamento das fontes pesquisadas a figura de um homem de imprensa com posicionamentos políticos. Localizamos a construção de redes de contatos, ao participar de diversas sociedades científicas que lhe davam subsídios para sua palavra escrita circular, não só em Pernambuco, como também a nível nacional e até internacional.

Consideramos que a preocupação com a prática médica esteve presente em seus escritos e práticas. Denunciou inúmeras vezes as condições insalubres e epidêmicas de Pernambuco e a cada escrito construía sua autoridade no ramo científico e intelectual. Demarcou, portanto, seu lugar de cientista, obtendo prestígio com homenagens e premiações que extrapolam sua existência e criaram mecanismos memorialísticos de imortalização de sua personalidade.

Assim, Freitas buscou divulgar os conhecimentos microbiológicos escrevendo em livros ou crônicas em jornais, bem como ensinando aos seus alunos nas instituições de ensino em que passou. Os esforços em implantar a Faculdade de Medicina do Recife e a preocupação com o fazer médico durante sua carreira, possibilita-nos entendê-lo como um dos cientistas que contribuíram para a autonomização do campo da medicina científica no Brasil. O seu encontro com os livros e os construtos teóricos da ciência de sua época permitiram que ele fabricasse suas próprias ferramentas para analisar o mundo.

Nesse sentido, o seu legado textual com narrativas autobiográficas, crônicas, relatórios técnicos, resultado da diversidade de atividades que exerceu durante sua trajetória de vida, tornaram-no uma figura importante na história de Pernambuco no século XX. Diante dessa diversidade, nossas investigações não tiveram a pretensão de findar os estudos sobre Octávio de Freitas, pelo contrário, esperamos contribuir para que outras janelas se abram em torno da instigante trajetória de vida que aqui narramos e analisamos.

## REFERÊNCIAS

### 1 - Jornais

1º CONGRESSO Afro-brasileiro. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 253, n. 109, p.2, 15 de nov. 1934. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

ÁGUA envenenada. **A província**, Recife, anno XXIII, n. 28, p. 1, 7 fev. 1900. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 9 maio 2016.

DIÁRIO de Pernambuco, Recife, anno 78, n. 223, 1 out. 1902. Movimento Policial, p. 2. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

A DEFESA sanitária. **O Paiz**, Rio de Janeiro, ano XXXIV, n. 12.410, p. 4, 2 out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso: 16 jul. 2016.

AS ESTATÍSTICAS. **A província**, Recife, anno XLI, n. 293, p. 1, 24 out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 21 abr. 2017.

DIÁRIO de Pernambuco. Recife, anno 81, n. 179, p. 1, 10 ago. 1905. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 13 set. 2017.

DIÁRIO de Pernambuco. Recife, anno 84, n. 127, p. 1, 4 jun. 1908. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 08 jun. 2016.

DIÁRIO de Pernambuco, Recife, anno 86, n. 206, 18 ago. 1910. Vida social, p. 2. Disponível: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso: 05 jun. 2016.

DIÁRIO de Pernambuco. Recife, anno 94, n. 285, p. 1, 16 out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

DIÁRIO de Pernambuco. Recife, anno 94, n. 301, 1 nov. 1918. Várias, p. 3. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

DIÁRIO de Pernambuco, Recife, anno 94, n. 302, p. 4, 2 nov. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso: 16 jul. 2016.

DIÁRIO de Pernambuco, Recife, anno 99, n. 157, p. 3, 8 jul. 1923. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

DIÁRIO de Pernambuco, Recife, anno, 99, n. 174, p. 1, 29 jul. 1923. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

DIÁRIO de Pernambuco, Recife, anno 111, n. 49, 28 fev. 1936. Várias, p. 3. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

DIETAS e remédios de Octávio de Freitas. Recife, imprensa industrial. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 90, n. 171, p. 1, 2. Jul. 1914. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

O DISPENSÁRIO de Tuberculosos. **Diário da Manhã**, Recife, anno V, n. 1338, p. 3, 17 set. 1931. Disponível em: <<http://www.acervocepe.com.br/diario-da-manha.html>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

O DISPENSÁRIO do Derby. **Diário da Manhã**, Recife, anno V, n. 344, p. 3, 24 set. 1931. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 7 mar. 2017.

DR. OCTÁVIO de Freitas. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 94, n. 285, p. 1, 16 out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

DISPENSÁRIO Lino Braga. **A província**, Recife, ano XXXIV, n. 189, p. 1, 11 jul. 1911. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

EM TORNO da localização do Dispensário da tuberculose no Derbi. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 256, n. 106, p. 3, 18 nov. 1931. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

ESTATUTO da Liga Pernambucana Contra a Tuberculose. **A Província**, Recife, anno XXVI, n. 111, p.2, 19 maio 1903. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

FREITAS, Octavio de. Ao sr. dr. Francisco Cabral. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 4, n. 174, p. 2, 1 ago. 1908. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 17 set. 2017. (Grifos do autor).

\_\_\_\_\_. Estatística demógrafo-sanitária da cidade do Recife pelo doutor Octávio de Freitas, ajudante da Superintendência de Hygiene. **Jornal do Recife**, Recife, anno XXXVIII, n. 4, p. 2-4, 20 fev. 1895. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. Estatística demógrafo-sanitária da cidade do Recife. **Jornal do Recife**, Recife, anno XXXVIII, n. 47, p. 3, 26 fev. 1895. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. Faculdade de Medicina. **Jornal Pequeno**, Recife, ano XVI, n. 294, p. 1, 23 dez. 1914. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 23 maio 2017.

\_\_\_\_\_. O novo Dispensário da Liga Pernambucana Contra a Tuberculose. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 210, n. 106, p. 3, 16 set. 1931. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 7 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Relatório dos trabalhos havidos em 1901 no Instituto Pasteur de Pernambuco. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 78, n. 6, p. 2, 14 fev. 1902. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

GRANDE concerto em favor do Gota de Leite. **A província**, Recife, ano XXXVIII, n. 239, p. 1, 31 ago. 1915. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

A GRIPE hespanhola. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno, 94, n. 27, p. 3, 4 out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

O HOMEM da Rua Padre Muniz. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 82, n. 39, p. 1, 18 fev. 1906. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

HYGIENE. **Jornal do Recife**, Recife, Anno LI, n. 170, p. 1, 29 jul. 1908. De Relance..., p. 1. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 17 set. 2017.

HYGIENE. **Jornal do Recife**, Recife, Anno LI, n. 172, 31 jul. 1908. De relance..., p. 1. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 17 set. 2017.

HYGIENE pública. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 84, n. 126, p. 2, 3 jun. 1908. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso: 10 jun. 2016.

A INFUENZA. **A província**, Recife, anno XLI, n. 281, p. 1-2, 12 out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

A INFLUENZA. **A Província**, Anno XXI, n. 286, p. 17 out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

A INLUENZA. **A Província**, Recife, anno XXI, n. 289, p. 1, 20 out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

A INFLUENZA hespanhola. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 94, n. 277, p. 1, 8 out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

A INFLUENZA hespanhola. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 94, n. 280, p. 3, 11 out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

A INFLUENZA hespanhola. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 94, n. 283, p. 3, 14 out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. A cesso em: 23 jul. 2016.

A INFLUENZA hespanhola. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 94, n. 288, p. 1, 19 out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

A INFUENZA espanhola. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 94, n. 294, p. 1, 26 out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

A INFLUENZA hespanhola. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 94, n. 289, p.3, 20 out. 1918.

A INFLUENZA hespanhola. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 94, n. 300, p. 3, 31 de out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 22 jul. 2016.

A INFLUENZA hespanhola. **Diário de Pernambuco**. Recife, anno 94, n. 301, 1 de nov. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

A INFLUENZA hespanhola. **O Paiz**, Rio de Janeiro, ano XXXIV, n. 12.405, p. 4, 27 set. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 17 jul. 2016.

A INFLUENZA hespanhola. **O Paiz**, Rio de Janeiro, anno XXXV, n. 12.413, p. 6, 5 out. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso: 16 jul. 2016.

O INSPECTOR de Hygiene dos Honyhuhms. **Jornal do Recife**, Recife, Anno LI, n. 174, 2 ago. 1908. De Relance..., p. 1. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 17 set. 2017.

MAMEDE, Ceciliano. Questão da água. **A província**, Recife, ano XXIII, n. 89, p. 1, 22 abr. 1900. <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 10 maio 2016.

MANDA quem pode. **A província**, Recife, ano XXIII, n. 103, p. 1, 10 maio 1900. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

MOSCOSO, Eugenio. Ao público. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno LXXI, n. 46, p.4, 24 fev. 1895. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

NOTAS indiscretas. **Diário de Pernambuco**. Recife, anno 80, n. 90, p. 1, 22 abr. 1904. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

O PORQUÊ das extranhezas. **A província**, Recife, ano XLII, n. 125, p. 1, 10 maio 1919. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

PEREIRA, Cosme de Sá. A pedidos: ao ilustre professor bacteriologista Dr. Rodolpho Galvão. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 77, n. 45, p. 2, 14 jun. 1901. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

A PROVÍNCIA, Recife, anno XXIII, n. 32, p. 1, 11 fev. 1900. <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 9 maio 2016.

A PROVÍNCIA, Recife, p. 1, ano XXIII, n. 104, p. 1, 11 maio 1900. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

A PROVÍNCIA, Recife, anno XXIII, n. 161, p. 1, 20 jul. 1900. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

A PROVÍNCIA, Recife, anno XXXII, n. 20, p. 1, 26 jan. 1904. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 3 abr. 2017.

A PROVÍNCIA, Recife, ano XLI, n. 302, p. 2, 2 nov. 1918. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

A QUESTÃO do micróbio. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 78, n. 191, p. 1, 8 dez. 1901. . Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

REPARTIÇÃO de Hygiene. **Diário de Pernambuco**, anno 81, n. 258, p. 1, 15 nov. 1905. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 13 set. 2017.

SERVIÇO de higyene. **A província**, Recife, anno XXVIII, n. 163, p. 1, 22 jul. 1905. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

SOCIEDADE da Medicina. **Diário de Pernambuco**, Recife, anno 80, n. 77, p. 2, 7 abr. 1904. <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

## 2. Documentos impressos e manuscritos

FREITAS, Octávio de. **Ofício da Diretoria de Hygiene e Saúde Pública**. Recife, 15 out. 1918. APEJE. Acervo da Secretária de Saúde do Estado de Pernambuco (1845-1997).

\_\_\_\_\_. **Ofício da Diretoria de Hygiene e Saúde Pública**. Recife, 29 out. 1918. APEJE. Acervo da Secretária de Saúde do Estado de Pernambuco (1845-1997).

\_\_\_\_\_. **Ofício da Diretoria de Hygiene e Saúde**. Recife, 30 nov. 1918. APEJE. Acervo da Secretária de Saúde do Estado de Pernambuco (1997).

PERNAMBUCO. **Regulamento do serviço sanitário do Estado de Pernambuco**. A que se refere o decreto legislativo n. 1201 de 12 de junho de 1913. Recife: Emp. D'O Tempo, 1913. p. 77. APEJE. Secretária de Saúde do Estado de Pernambuco (1845-1997). Caixa 5, Regulamentos diversos.

PERNAMBUCO. **Regulamento para os serviços de higiene Pública do Estado de Pernambuco**, 1894. p. APEJE. Secretária de Saúde do Estado de Pernambuco (1845-1997). Caixa 5, Regulamentos diversos.

PERNAMBUCO. **Regulamento para o Serviço de Hygiene Pública do Estado de Pernambuco**. Recife: Imprensa Industrial, 1905. APEJE. Secretária de Saúde do Estado de Pernambuco (1845-1997). Caixa 5, Regulamentos diversos.  
SESSÃO DA SOCIEDADE DA MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1911, Recife.  
**Ata...** Recife, 3 abr. 1911.

SESSÃO DA SOCIEDADE DA MEDICINA DE PERNAMBUCO, 11., 1914, Recife.  
**Ata...** Recife, 20 jul. 1914.

SESSÃO ORDINÁRIA DA SOCIEDADE DA MEDICINA DE PERNAMBUCO, 1911, Recife. **Ata...** Recife, 1 abr. 1913.

## 3. Documentos on-line

ARCO da Conceição. Coleção Josebedias Bandeira, 1905. FUNDAJ. Disponível em: <http://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/cartoes-postais/item/2089-arco-da-conceicao>. Acesso em: 05 ago. 2016.

BRASIL. Congresso. Senado. **Código Penal (1890)**. Decreto 1847, de 11 de outubro de 1890. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

IGREJA do Corpo Santo. Coleção Benício Dias, 1913. FUNDAJ. Disponível em: <http://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/fotografias/item/517-igreja-do-corpo-santo>. Acesso em: 5 ago. 2016.

Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Repertório estatístico no Brasil, quadros retrospectivos**. Rio de Janeiro: IBGE, 1986. v. 1. p. 13. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv17983\\_v1.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv17983_v1.pdf)>. Acesso em: 14 abr. 2017.

Senhores membros da Assembleia Legislativa da Província, p. 3. In: Falla com o exm, sr. presidente, desembargador José Manoel de Freitas, abriu a sessão da Assembleia Legislativa Provincial de Pernambuco no dia 1 de março de 1884. Recife, Typ. De Manoel Figueira de Faria 7 Filhos, 1884. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/701/>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

TRAVESSA do Corpo Santo. Coleção Benício Dias, 1913. FUNDAJ. Disponível em: <http://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/fotografias/item/585-travessa-do-corpo-santo>. Acesso em: 05 ago. 2016.

#### 4. Livros, dissertações, teses e artigos

ABATH, Guilherme Montenegro. José Octávio de Freitas e a universidade. IN: TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas: um homem à frente do seu tempo**. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993.

ABREU JÚNIOR, João Batista de. **Diário da Manhã**. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/DI%C3%81RIO%20DA%20MANH%C3%83.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

ADIVÍNCULA, Chyara Charlotte. **Entre miasmas e micróbios: a instalação de redes de água e esgoto na cidade da Parahyba do Norte (PB) e outras medidas de salubridade (1910-1926)**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

AGUIAR, Antônio Soares. Octávio de Freitas: um homem à frente do seu tempo. In: TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas: um homem à frente do seu tempo**. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993.

ALMEIDA, Marta de. Circuito aberto: ideias e intercâmbios médicos-científicos na América Latina nos primórdios do século XX. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v. 13, n. 3, p. 733-757, jul. /set. 2006. Acesso em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3861/386137991010.pdf>>. Acesso em 2 jun 2016.

ARAÚJO, Rita de Cassia de. **As praias e os dias: história social das praias de Recife e Olinda**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2007.

ARIÉS, Philippe. **História da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ARTÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida/escrita da história. **Estudos históricos**, n. 21, 1998.

BARROS, Souza. **A década de 20 em Pernambuco: uma interpretação**. Rio de Janeiro: s.n., 1972.

BASSALA, George. The spread of western Science. **Science**, vol. 156, n. 156, 5 may 1967. p. 611-622. Disponível em:< <http://faculty.rmu.edu/~short/research/science-centers/references/Bassala-G-1967.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2016.

BASTOS, Nilo de. Octávio de Freitas, meu patrono. In: TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas: um homem à frente do seu tempo**. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993.

BASTOS, Othon. José Octávio de Freitas Júnior: uma apresentação aos jovens psiquiatras. TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas: um homem à frente do seu tempo**. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993.

BERTOLLI FILHO, Claudio. **A Gripe espanhola em São Paulo, 1918: epidemia e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

\_\_\_\_\_. **História social da tuberculose e do tuberculoso: 1900-1950**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

BERTUCCI-MARTINS, L. M. Entre doutores e para leigos: fragmentos do discurso médico da influenza de 1918. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 14-157, jan. – abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12n1/07.pdf>>. Acesso em: 6 jul. 2016.

BENCHIMOL, Jaime Larry. Domingos José Freire e os primórdios da bacteriologia no Brasil. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, II, Mar. /Jun. 1995. p. 67-98. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v2n1/a05v2n1.pdf>>. Acesso em 25 maio 2016.

\_\_\_\_\_. **Dos micróbios aos mosquitos: febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Editora UFRJ, 1999.

\_\_\_\_\_ (coord.). **Febre amarela: a doença e a vacina uma história inacabada**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pereira passos: um Haussmann tropical: a renovação da cidade urbana do Rio de Janeiro no início do século XX**. Rio de Janeiro: Secretária municipal de Cultura, Turismo e Esporte; Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, divisão de Editoração, 1992.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica: arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1986.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velho**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. A ilusão biográfica. In: AMADO, Ferreira Marieta de Moraes (org.). **Usos e abusos de História oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.

\_\_\_\_\_. **Sociologia**. Org. Renato Ortiz; trad. Aula Monteiro e Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1998.

BRANDIM, Ana Cristina Menezes de Souza. **Escrita de movimentos interiores: escrita de si e construção de uma trajetória de intelectualidade e distinção em A. Tito Filho. (1971-1992).** 2012. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidades e urbanismo: uma possível análise historiográfica. **Politeia: história e sociedade**, Vitória da Conquista, v. 9, n. 1, 2009. p. 21-50.

\_\_\_\_\_. **Metrópoles as faces do monstro urbano: as cidades no século XIX. Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 5, v. 8-9, set. 1984/abr. 1985. p. 35-68.

BRITO, Nara. **Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

\_\_\_\_\_. **Saneamento de Recife: descrição e relatórios.** Recife: Typografia da Imprensa Oficial, 1917.

BURGER, Juliana Bandeira. **A paisagem nos planos de Saturnino de Brito: entre Santos e Recife (1905-1917).** 2008. (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

CABRAL, Dilma. **Lepra, medicina e políticas de saúde no Brasil.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013.

CARDOSO, Edmilson. Cem anos de uma tese médica. In: TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas: um homem à frente de seu tempo.** Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993.

CARRETA, José Augusto. **“O micróbio é o inimigo”:** debates sobre a microbiologia no Brasil (1885-1904). Campinas, 2006. Tese (doutorado). Universidade Campinas. Instituto de Geociência, 2006.

CARVALHO, Gilberto da Costa. Um pernambucano de ação. In: TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas: um homem à frente de seu tempo.** Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da república no Brasil.** 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. Cidadãos ativos: a revolta da vacina. In: **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CASTRO, Celso. **Proclamação da República**. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PROCLAMA%C3%87%C3%83O%20DA%20REP%C3%9ABLICA.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

CHALOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Dicionário de medicina popular**. 6. ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00756310>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

CODECEIRA, Alcides. Da profilaxia da loucura. In: CONGRESSO MÉDICO DE PERNAMBUCO 1., 1910, Recife. Annaes.. off. Typ. Diário de Pernambuco, 1910. p. 330-343.

CONGRESSO MÉDICO DE PERNAMBUCO 1., 1910, Recife. **Annaes...** Off. Typ. Diário de Pernambuco, 1910.

CORBIN, Alain. **El perfume o el miasma**: el olfato e lo imaginário social siglo XVIII y XIX. trad. Carlota Vallée Lazo. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a cidade**: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer no Recife dos anos 1920. Recife. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

COUCEIRO, Sylvia Costa. “Médicos e charlatães”: conflitos e convivências em torno do poder de ‘cura’ do Recife dos anos 20. **Clio – Revista de Pesquisa Histórica**, v. 2, n. 24, 2006. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistaclio/index.php/revista/article/viewFile/645/491>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

CZERESNIA, Dina. **Do contágio à transmissão**: ciência e cultura na gênese do conhecimento epidemiológico. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997

DANTES, Maria Amélia (org). **Espaços da ciência no Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DIVAN, Pietra. **Raça pura**: uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2007.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma história de vida. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2009.

EDLER, Flávio Coelho. Medicina brasileira no século XIX: um balanço historiográfico. **Asclépio**, v. 2, 1998. p. 169-186. Disponível em: <file:///C:/Users/PCBIB03/Downloads/341-341-1-PB%20(4).pdf>. Acesso em: 25 maio 2016.

\_\_\_\_\_. O debate da medicina experimental no Segundo Reinado. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v. 3, jul./out. 1996. p. 284-299. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v3n2/v3n2a05.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2016.

EISENBERG, Peter L. **Modernização sem mudança**: a indústria açucareira em Pernambuco 1840/1910. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Universidade Estadual de Campinas 1977.

FARIAS, Eduardo Alexandre de. **Jornalismo a espanhola**: um olhar sobre o noticiário recifense da epidemia da gripe de 1918. 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008.

\_\_\_\_\_. Ilustre doutor: o discurso médico como notícia através do relatório final da gripe espanhola no Recife. In: CONGRESSO MULTIDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL, Universidade metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP. **Anais...** São Bernardo, SP, 2006. Disponível em: <[http://www.projedoradix.com.br/arq\\_artigo/IX\\_23.pdf](http://www.projedoradix.com.br/arq_artigo/IX_23.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2011.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. As doenças dos escravos: um campo de estudo para a história das ciências da saúde. In: CARVALHO, D. R.; CARVALHO, D. M.; MARQUES, R. C. **Uma história brasileira das doenças**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

FONSECA, Cristina M. Oliveira. **Saúde no Governo Vargas (1930-1945):** dualidade institucional de um bem público. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade:** curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. **Ética:** sexualidade e política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e escritos V).

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2015.

\_\_\_\_\_. **O nascimento da Clínica.** 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 23. ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FREITAS, Celso Arcoverde de. Octávio de Freitas na Saúde Pública. In: TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas: um homem à frente de seu tempo.** Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993.

FREITAS NETO, José Theofilo José de. Octávio de Freitas na família. IN: TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas: um homem à frente de seu tempo.** Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993. p. 317.

FREITAS, Octávio de. **O clima e a mortalidade no Recife.** Recife: Imprensa industrial, 1905.

\_\_\_\_\_. **De calouro a médico.** Recife: Imprensa industrial, 1915a.

\_\_\_\_\_. **Dietas e remédios.** Recife: Imprensa industrial, 1915b.

\_\_\_\_\_. **O Dispensário da Tuberculose, no derby:** notas e documentos. Recife: Imprensa Industrial, 1932.

\_\_\_\_\_. **Doenças Africanas no Brasil.** Rio de Janeiro Companhia Nacional, 1935.

\_\_\_\_\_. **História da Faculdade de Medicina no Recife: 1895-1943.** Recife: Ed. Universitária, 2010.

\_\_\_\_\_. **Histórico da Luta antituberculosa em Pernambuco.** Recife: o autor, 1948. Manuscrito. Lapeh-UFPE.

\_\_\_\_\_. **Ideias e conceitos.** Recife: Imprensa industrial, 1913.

\_\_\_\_\_. Importância do registro sanitário das habitações como instrumento de defesa higyênica nas collectividades. In: CONGRESSO MÉDICO DE PERNAMBUCO 1., 1910, Recife. **Annaes...** Off. Typ. Diário de Pernambuco, 1910.

\_\_\_\_\_. **A luta anti-tuberculosa em Pernambuco.** Recife: Typ. A VAPOR, 1909.

\_\_\_\_\_. **Medicina e costumes do Recife antigo.** Recife: Imprensa Industrial, 1943.

\_\_\_\_\_. **Meus doentes, meus clientes.** Recife: Imprensa industrial, 1923.

\_\_\_\_\_. **Minhas memórias de médico.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

\_\_\_\_\_. **Os nossos médicos e a nossa medicina.** Recife: s.n., 1904.

\_\_\_\_\_. **Problemas médicos.** Recife: Imprensa industrial, 1912.

\_\_\_\_\_. **Os trabalhos de hygiene em Pernambuco:** relatório apresentado ao secretário geral do Estado. Recife: Officinas Graphicas da Imprensa Oficial, 1919.

FREYRE, Gilberto. Artigo na Revista Urbis, 1978. Apud MERCHAM-HERRRERA, Cristóbal Vicente. **A dinâmica da transformação:** memória do resgate do processo de urbanização da Avenida Boa Viagem. 1992. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) -Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1992.

\_\_\_\_\_. **Um engenheiro francês no Recife.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1960. 2 v.

GEISON, Gerald. **A ciência particular de Louis Pasteur**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

GOMES, Alessandro Felipe de Menezes. **Das Docas ao comércio ao cais contínuo**: as tentativas de melhoramento do Porto do Recife no oitocentos. 2016. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

GOMES, Ângela de Castro; PANDOLF, Dulce Chaves; ALBERTI, Verena. (coords.). **A república no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2002.

GOULART, Adriana da Costa. **O cenário mefistofélico: a gripe espanhola no Rio de Janeiro**. 2003. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Trajetórias de vida, trajetórias de ofício. [Entrevista]. João Pessoa (PB). **Revista de História: Saeculum**. nº. 23. jul./dez. 2010. p. 175. Entrevista concedida a Telma Dias Fernandes e Vilma de Lourdes Barbosa. Disponível em: <[http://www.academia.edu/22451237/Saeculum\\_-\\_Revista\\_de\\_Hist%C3%B3ria\\_-\\_no\\_23\\_\\_Dossi%C3%AA\\_Hist%C3%B3ria\\_e\\_Mem%C3%B3ria\\_-\\_jan.\\_jun.\\_2010](http://www.academia.edu/22451237/Saeculum_-_Revista_de_Hist%C3%B3ria_-_no_23__Dossi%C3%AA_Hist%C3%B3ria_e_Mem%C3%B3ria_-_jan._jun._2010)>. Acesso em: 20 mar. 2017.

HORA, Bionor. Octávio de Freitas na Literatura não médica. IN: TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas**: um homem à frente do seu tempo. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993.

HOCHMAN, Gilberto. **A era do saneamento**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

HUANG, Maria Tereza Barbosa. **Lembranças do futuro**: Recife á véspera do século XX. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1996.

KELNER, Salomão et al. **História da Faculdade de medicina do Recife (1915-1985)**. Recife: UFPE, 1985.

KOLATA, Gina. **Gripe**: a história da pandemia de 1918. Rio de Janeiro: Campus, 2008.

KORNDÖRFER, Ana PAULA. Para além do combate a ancilostomíase: o diário do Norte Americano Alan Greg. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, out.-dez. 2014. p. 1457-1466. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v21n4/0104-5970-hcsm-21-4-1457.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2016.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto Editora; Editora PUC Rio, 2006.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LOPES, André Luís Borges. **Sanear, prever e embelezar**: o engenheiro Saturnino de Brito, o urbanismo sanitário e o novo projeto urbano do PRR para o Rio Grande do Sul (1908-1929). 2013. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

LOPES, Maria Aparecida Vasconcelos. **Cidade sã, corpo são**: urbanização e saber médico no Recife (final do séc. XIX, início do século XX). 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1996.

LORIGA, Sabina. A tarefa do historiador. In: GOMES, Ângela de Castro Gomes; SCHMIDT, Benito. Bisso (org.). **Memórias e narrativas autobiográficas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

LUBAMBO, Cátia Wanderley. **O bairro do Recife**: entre o corpo Santo e o Marco Zero. Recife: CEPE / Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1991.

LUZ, Madel. **Medicina e ordem política brasileira**: políticas e instituições de saúde (1850-1930). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

Luz, Noêmia Maria Queiroz Pereira. **Os caminhos do olhar**: circulação, propaganda e humor, Recife (1880-1914). 2008. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008

MACHADO, Roberto et al. **Danação da norma**: constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

MARQUES, Ruy João. Octávio: um obstinado realizador. In: TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas**: um homem à frente de seu tempo. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993

MELO, Marcus André. A cidade dos mocambos: Estado, habitação e luta de classes no Recife (1920-1960). In: **Espaços e debates** n. 14, ano V. São Paulo: NERU, 1985.

MELLO, Virgínia Pernambucano. **Água vai! História do saneamento de Pernambuco 1537-1837**. Recife: Companhia Pernambucana de Saneamento, 1991.

MERCHAM-HERRRERA, Cristóbal Vicente. **A dinâmica da transformação: memória do resgate do processo de urbanização da Avenida Boa Viagem**. 1992. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1992.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **A arte de curar nos tempos da colônia: limites e espaços de cura**. 3. ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2017.

\_\_\_\_\_. Um urbanismo excludente: o caso da capital federal e do bairro do Recife no início do século XX. **Clio - Revista de pesquisa histórica**, Recife, n. 20, 2002. 141-171.

MIRANDA DE SÁ, Dominich. **A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

MIRANDA, Waldemir. Octávio de Freitas na Academia Pernambucana de Letras. In: TAVORA, José Geraldo (org). **Octávio de Freitas: um homem à frente do seu tempo**. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993.

MOREIRA, Fernando Diniz. **A construção de uma cidade moderna: Recife (1909-1926)**. 1994. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1994.

MOTTA, José Luiz Menezes. **Atlas histórico-cartográfico do Recife**. Recife: FUNDAJ, 1988.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo. **As pestes do século XX: tuberculose e AIDS no Brasil, uma história comparada**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

NASCIMENTO, Luiz do. **História da imprensa de Pernambuco (1821-1954).**

Recife: Imprensa Universitária UFPE, 1966. v. 1 p. 127. Disponível em:

<[http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia\\_da\\_imprensa\\_v02.pdf](http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia_da_imprensa_v02.pdf)>. Acesso em: 8 maio. 2017.

\_\_\_\_\_. **História da imprensa de Pernambuco (1821-1954).** Recife: Imprensa Universitária UFPE, 1966. Disponível em:

<[http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia\\_da\\_imprensa\\_v02.pdf](http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia_da_imprensa_v02.pdf)>. Acesso em: 14 abr. 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Proj. História,** São Paulo, n. 10, dez. 1993. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>>. Acesso em 29 maio 2016. p. 13.

OLIVEIRA, José Apolinário. **Águas e exgottos no Recife:** antigos serviços. Recife: Imprensa Oficial, 1919.

OLIVEIRA JÚNIOR, Rômulo José F. Intelectuais à pernambucana. Literatura, Direito e História nos periódicos locais (1865-1914). ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** Rio de Janeiro, RJ, 2012. Disponível

em:<[http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338515054\\_ARQUIVO\\_INTELECTUAISAPERNAMBUCANA.pdf](http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338515054_ARQUIVO_INTELECTUAISAPERNAMBUCANA.pdf)>. Acesso em: 14 fev. 2017.

OLIVEIRA, Paula Maria de. **Hospital São Sebastião:** um lugar para a ciência e um lazareto contra as epidemias. 2005. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, Rio de Janeiro, 2005.

PARAHYM, Orlando. Octávio de Freitas, o escritor. In: TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas:** um homem à frente de seu tempo. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993.

PEREIRA, Geraldo. A medicina e os médicos de Pernambuco: o pioneirismo na ciência e a procrastinação. Recife, **Clio – Revista de Pesquisa histórica,** n. 24, v. 2, 2006. Disponível em:

<<http://www.revista.ufpe.br/revistaclio/index.php/revista/article/viewFile/655/499>>. Acesso: 18 maio 2016.

\_\_\_\_\_. O traço francês na arquitetura do Recife: o hospital Pedro II. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 18, sup. 1, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v18s1/17.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2016.

PEREIRA NETO, André. **Ser médico no Brasil: o presente no passado**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

PENNA, Belisário. **Saneamento do Brasil**. 2. ed. Rio, 1923.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em:<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

PORTO, Valdêncio. Octávio de Freitas na casa de Tobias. In: TÁVORA, José Geraldo et al. **Octávio de Freitas: um homem à frente do seu tempo**. Recife: Ed. Octávio de Freitas, 1993.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar Brasil 1890-1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

REMÓND, René (org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

REZENDE, Antônio Paulo. **O Recife: histórias de uma cidade**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. Lições para história da ciência no Brasil: Instituto Pasteur de São Paulo. **História, ciências, saúde – Manguinhos**, n. 3, nov. 1996 / fev. 1997. p. 467-484. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v3n3/v3n3a05.pdf>>. Acesso em: 2 jun 2016.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. trad. Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, Leduar de Assis. **História da medicina em Pernambuco século XIX**. Recife: Arquivo Público Estadual, 1962.

\_\_\_\_\_. **Instituição do ensino médico de Pernambuco**: achegas à sua história. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1974.

ROSEN, George. **Uma história da saúde pública**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

ROY, Peter. História do corpo. In: BURKER, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 2011.

SANTOS, Lycurgo Filho. **História geral da medicina brasileira**. São Paulo: Hucitec; Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

SETTE, Mário. **Arruar**: história pitoresca do Recife Antigo. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1948.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na primeira república. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

\_\_\_\_\_. **A revolta da vacina**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. As faculdades de medicina ou como sanar um país doente. In: \_\_\_\_\_. **O espetáculo das raças**: instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARTZMAN, Simon. **Formação da comunidade científica no Brasil**. Brasília: Ministério da Ciência e da tecnologia, 2001. Disponível em: <<http://www.schwartzman.org.br/simon/spacept/espaco.htm>>. Acesso em: 16 maio 2016.

SINGER, Paul. CAMPOS, Oswaldo; OLIVEIRA, Elizabeth M. **Prevenir e curar**: o controle social através dos serviços de saúde. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. A medicina e a influenza espanhola de 1918. **Tempo**, Rio de Janeiro, p. 91-105, 2005. p. 13. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v10n19/v10n19a07.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

SIMÕES JÚNIOR, Alvaro Santos; CAIRO, Luiz Roberto; RAPUCCI, Cleide Antônia (orgs). **Intelectuais e imprensa**: aspectos de uma complexa relação. São Paulo: Nankin, 2009.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: REMÓND. René (org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SKOLAUDE, Mateus Silva. Identidade Nacional e historicidade: o 1º congresso Afro-brasileiro de 1934. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA ANPUH / RS, 12., 2014. São Leopoldo. **Anais...**São Leopoldo: UNINISNOS, 1994. Disponível em: <[http://www.eeh2014.anpuhrs.org.br/resources/anais/30/1404752235\\_ARQUIVO\\_Texto-MateusSilvaSkolaude.pdf](http://www.eeh2014.anpuhrs.org.br/resources/anais/30/1404752235_ARQUIVO_Texto-MateusSilvaSkolaude.pdf)>. Acesso em: 8 jan. 2017.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. A epidemia da gripe espanhola: um desafio à medicina baiana. **História, Ciência, Saúde – Mangueiras**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 945-972, out. – dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v15n4/04.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego. **Cuidar, controlar, curar**: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004

\_\_\_\_\_. Gênese e evolução da ciência brasileira: Oswaldo Cruz e a política de investigação científica e médica. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1976.

\_\_\_\_\_. **Hora da eugenia**: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

TEIXEIRA, Flávio Weistein. **As cidades enquanto palco da modernidade**: o Recife em princípios do século. 1994. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1994.

TEIXEIRA, Luís Antônio. **Ciência e saúde na terra dos bandeirantes**: uma trajetória do Instituto Pasteur de São Paulo 1903-16. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

\_\_\_\_\_. O Instituto Pasteur de São Paulo: uma contribuição à história das instituições biomédicas do país. **Physis** – Revista de Saúde Coletiva, v. 3, n. 1, 1993. p. 147-180. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v3n1/08.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2016.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre as relações entre história oral e as memórias. **Proj. história**, São paulo, n. 15, abr. 1997. p. 57-58. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11216>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

**ANEXO A – OCTÁVIO DE FREITAS (1871-1949)**

Fonte: VAINSENER, Semira Adler. Octávio de Freitas. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em 13 jun. 2017.

## ANEXO B – MEMORIAL DA MEDICINA DE PERNAMBUCO



**Fonte:** Disponível em: <[https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g304560-d4377134-i143376390-Pernambuco\\_Medicine\\_Memorial-Recife\\_State\\_of\\_Pernambuco.html](https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g304560-d4377134-i143376390-Pernambuco_Medicine_Memorial-Recife_State_of_Pernambuco.html)>. Acesso em: 13 jul. 2016.

**ANEXO C – INSTITUTO PASTEUR DE PERNAMBUCO NA RUA DO HOSPÍCIO**

Fonte: ALMANACH de Pernambuco para 1910. Recife: [s.n.], 1910. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jn001271.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2017.